



BELLO *mentiroso*

A N E P I M E N T E L



SUMÁRIO

SINOPSE:

Um

Dois

Três

Quatro

Cinco

Seis

Sete

Oito

Nove

Dez

Onze

Doze

Treze

Quatorze

Quinze

Dezesseis

Dezessete

Dezoito

Dezenove

Vinte

Vinte e um

Vinte e dois

Vinte e três

Vinte e quatro

Vinte e cinco

Vinte e seis

Vinte e sete

Vinte e oito

Epílogo

Bônus - Natalie

Bônus - Maurício

NOTAS DAS AUTORAS

AGRADECIMENTOS

BELO MENTIROSO

COPYRIGHT © 2018 ANE PIMENTEL

Diagramação Digital: Karen Dorothy

Essa é uma obra de ficção, seu intuito é entreter pessoas, quaisquer semelhanças entre nomes, datas e acontecimentos reais, são mera coincidência.

Todos os direitos reservados.

É estritamente proibida a reprodução e/ou armazenamento de qualquer parte desta obra, parcial ou completa, através de quaisquer meios sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

BELO *mentiroso*

ANE PIMENTEL

SINOPSE:

Para Eva a cozinha é muito mais que o seu local de trabalho. É a sua paixão. Em meio a temperos e sob o calor do fogão, ela se sente completa. Coincidentemente, foi através do seu ofício que Eva o conheceu. Era uma noite comum, dentro da rotina do restaurante quando o Maître surgiu na cozinha para informá-la de que estava sendo solicitada no salão principal: mais um cliente satisfeito. Eva e Maurício se conectaram através da primeira troca de olhar. Juntos eles descobriram gostos e provaram da paixão na mais alta temperatura. Mas nem todo amor é perfeito, alguns trazem dissabores.

A verdade depende do ponto de vista?

Conheça a história de Eva e Maurício e descubra se vale a pena se queimar.



Capítulo 1



Algumas coisas nunca mudam.

O aroma que inalo enquanto preparo o pedido da mesa sete — robalo ao vapor com emulsão de *Chardonnay* e aspargos — continua sendo o meu cheiro favorito. A emulsão do vinho *Chardonnay*, pimenta moída, sal e creme de leite

preenche o ambiente e se junta aos aromas dos outros alimentos preparados. Inspiro lentamente absorvendo o cheiro típico da cozinha e me perco em pensamentos.

Desde pequena a cozinha sempre fora meu lugar favorito. Enquanto minhas primas saíam para andar a cavalo, tomar banho de cachoeira e aproveitar a natureza da casa do interior da nossa avó, eu preferia ficar ali sentada no banquete da cozinha. Acompanhando cada movimento dela, desde a escolha dos ingredientes, passando pelo preparo da comida, até terminar na mesa posta. Tudo isso acompanhado pelo seu cantarolar sereno e risonho.

Fui criada pela minha vó materna Dulce, meus pais morreram num acidente de carro quando eu tinha cinco anos. Não tenho muita recordação deles, apenas através das fotografias. Nelas sempre aparece um casal sorrindo segurando uma criança. Essa criança sou eu. Cresci ouvindo minha avó contar sobre minha mãe, sobre como pareço fisicamente com ela e como meus pais eram felizes... A ausência desse lado maternal foi preenchida pela vó Dulce e pela Lorena – minha prima-irmã. Minha tia foi mãe solteira, então ela e a filha sempre moraram com a vovó. Eu e a Lorena temos a mesma idade, nossa diferença é de apenas alguns meses, ela nasceu em janeiro e eu em agosto. Crescemos juntas e nunca nos desgradamos uma da outra.

Já na adolescência, passei a participar ativamente do preparo da comida da casa. Eu ouvia atentamente as recomendações da minha avó sobre o tempo correto para deixar a massa do pão descansar ou as batidas perfeitas para fazer claras de neves... Com o passar dos anos passei a transcrever esses seus ensinamentos para um caderno. A curiosidade juvenil me fizera explorar novos ingredientes. Eu frequentava o mercado municipal junto com ela e experimentava os temperos e as frutas exóticas e assim passei a realizar as mais loucas combinações, tornando a cozinha o meu laboratório.

Quando as pessoas me perguntavam o que eu gostaria de ser quando crescer eu respondia de imediato: *Chef* de cozinha! E eu estava quase lá. Hoje Eva Prado é *Souschef* – auxiliar direto do *chef* e sua substituta imediata.

Trabalho arduamente no *Torriceli* desde o estágio no curso de Gastronomia. Comecei como a menina que picava legumes e limpava os peixes e cheguei a elaboração dos pratos assinados pelo *chef*. Aos vinte e cinco anos me sinto praticamente realizada, pois tenho um emprego com perspectivas de crescimento e pela primeira vez na vida tenho um carro zero. E daí que ele foi financiado para infundáveis prestações e que era um modelo popular? Pelo menos tinha ar-condicionado e cheiro de carro novo.

— Eva, terra chamado Eva.

— Desculpa, senhor Torriceli não vi o senhor se aproximar.

Luiz Torriceli é o dono do restaurante onde trabalho. Um brasileiro de coração, nascido na Itália, que largou sua vida lá após se apaixonar perdidamente por uma mulher do país do samba.

— Estava sonhando acordada?

— Estava recordando da época que cozinhava com minha vó... Ela era uma excelente doceira.

— Não duvido — ele concorda, sorrindo — antes de ir embora, passe no meu escritório. Ana e eu temos algo para te dizer — assinto e continuo cozinhando.

O que será que eles querem comigo?

Não era raro o dono do restaurante aparecer na cozinha. O senhor Torriceli construiu sua empresa “engordando o gado com o olho”, expressão que usamos para dizer que estava sempre verificando cada detalhe. Ele tem orgulho de monitorar cada uma de suas partes e a cozinha é o coração que mantém vivo qualquer restaurante. Mesmo assim eu me pergunto o motivo do chamado. Será que finalmente meu sonho se realizará?

A porta da sala já está aberta quando me aproximo. Respiro fundo e aperto a *dólmã* contra meu corpo, como um escudo de proteção, mas quase me desarmo ao ver o casal abraçado intimamente. Ana é uma mulata, alta, cabelos cacheados volumosos e dona de um carisma impressionante. Luiz é branco, estatura mediana, cabelos levemente grisalhos, dono de olhos verdes atentos. Os dois juntos se completam, são amorosos e carinhosos um com o outro, as demonstrações de carinho permanecem mesmo após quinze anos de casados. Um fato raro para os dias atuais.

— Perdão Eva, mas sou completamente apaixonado por esta mulher. — Luiz diz sorrindo ao notar minha presença.

— Eu que peço desculpas. Não tive coragem de interrompê-los. Vocês são lindos juntos, vejo cumplicidade, carinho, tudo isso somente no jeito que vocês se olham.

— Sabe Eva, eu tive muita sorte de conhecer o *Lui*. Há pessoas que passam por essa vida e não encontram um verdadeiro amor. Aquele amor que te vire de ponta a cabeça, que mude seus planos, que se faça presente mesmo na ausência. Se um dia encontrar um homem que te faça sentir tudo isso agarre-o e não solte nunca mais.

Apenas sorrio em resposta, não que eu seja descrente no amor, apenas não encontrei ainda um homem que mudasse minha vida por inteiro. Sempre vivi namoros baseados no “gostar” e não no “amar”, com doses de desejo e atração. Hoje digamos que estou solteira, mas não sozinha.

— Mas não foi para falar de amor que te chamei aqui.

Finalmente. Esse suspense está me matando.

— Eva querida, você sabe que o Oliviê já havia pedido demissão. Só estava aguardando seu restaurante inaugurar para sair e isso acontecerá essa semana.

Sim, eu sabia! As apostas sobre quem seria seu substituto pairavam no ar. Eu sou a mais preparada para assumir a função, esses anos trabalhados ao lado do *chef* me renderam um ótimo aprendizado. Além disso, me sinto mais do que pronta para finalmente assumir a cozinha.

— Desculpa, o atraso — pede o *chef*, juntando-se a nós — já contou a ela?

— Estávamos esperando você chegar.

— Então Eva... Como eu dizia, o Oliviê vai alçar voos maiores e vai nos abandonar.

— Não seja dramático! — o *Chef* diz.

— Enfim, de qualquer modo, precisamos encontrar uma pessoa para colocar no lugar dele e não fomos muito longe.

— Isso quer dizer...

— Que precisamos de você para auxiliar o novo *chef* — Oliviê completa — é um amigo meu da época da faculdade, excelente profissional, já trabalhou para muitos famosos e vai trazer muito prestígio para o restaurante.

— Precisamos que auxilie o novo chef na adaptação. Você conhece esse restaurante como poucos — Luiz diz, sorrindo.

— Ânimo Eva, você será *chef* por algumas semanas que é o tempo do Jorge acertar sua mudança para cá.

— Claro! — respondo, tentando processar as informações.

— Continue com essa sua dedicação que em breve serás a dona do seu próprio restaurante — Ana fita-me com carinho, provavelmente é a única ali que nota que eu esperava algo mais.

Consigo menear a cabeça em concordância.

Eu não serei a nova chef...



Saio do restaurante e sigo, de modo automático, a minha rota de todos as madrugadas: a cafeteria que funciona vinte e quatro horas. Eu sempre passo ali antes de desabar na minha cama. Sigo a mesma rotina há anos, sem tempo para noitada com amigas, cinemas ou qualquer outra atividade que não envolva o restaurante. Eu me dedico tanto aquele lugar para quê? Para continuar sendo a droga da auxiliar de cozinha, aquela que trabalha duramente e não é reconhecida.

Merda, estou frustrada! E enquanto aguardo na fila para realizar o meu pedido, recebo a mensagem que eu espero que possa salvar a minha noite.

O Ap tá liberado hoje. Quer comemorar lá em casa?

Era o Ramon, garçom do restaurante. Eu havia comentado com ele a respeito da minha possível promoção. Se eu tivesse sido promovida estaria em êxtase e aceitaria prontamente o convite, mas agora tudo que penso é em me aconchegar nos meus lençóis e apagar.

Segundos depois, envio a resposta:

Não rolou =(

Como assim?

Você é a melhor, eles estão cegos ou burros? Tá no café?

A atendente grita “*próximo!*” e ergo os olhos do celular para solicitar o meu pedido habitual: um frappuccino de chocolate meio amargo. Acrescento ao pedido uma dose extra de chantilly, pago pela bebida e aguardo ao lado ser chamada. Meu celular vibra mais uma vez em minhas mãos.

Quer conversar?

Tudo que eu menos quero é conversar, Ramon.

Nos vemos amanhã então. Sonhe comigo rsrs

Ele envia.

Pensei que dormiria com você.

PS: sim, ainda estou no café

Chuto a hesitação para escanteio e decido seguir meu instinto. Transar com o Ramon tornará o dia mais saboroso.

Chego aí em dez minutos.

Faça valer a espera! =)

Provoco-o.

Sim, chef!

Ramon envia e eu sorrio para a tela do celular.

E a história se repete: termino a minha noite saboreando meu frappuccino, mas dessa vez aliando o gosto do chantili na minha boca ao sabor de Ramon. Quando me aninho em seu peito, suada e ofegante, constato o que eu já sei: o sexo casual com o Ramon continua sendo o ingrediente mais picante da minha vida.



Capítulo 2

A maioria das pessoas que desfrutam os jantares servidos nesses ambientes não possuem a mínima ideia de como ele é preparado. Não me refiro, somente a construção do prato – os ingredientes adicionados à receita principal – mas a todo o ambiente complexo que é a cozinha de um grande restaurante.

A atmosfera é hostil e não é permitido errar. As cobranças são constantes

e os atritos permanentes. Entre pratos e panelas, não sobra espaço para amenidades, somos escravos do alimento. Ele é o astro principal e a cada pedido que nos chega temos que fazer o melhor. Sempre o melhor.

É quase uma orquestra. A faca que desliza sobre a peça de picanha soa como acordes de uma canção, o triturador de grãos é a nossa bateria, o tilintar do garfo, o bater das claras em neve e o som de refogar de verduras compõem a sinfonia que é da cozinha em ação. O *chef* é o maestro, não podemos desafinar.

Seria piegas dizer que esse turbilhão de sons soa como música para os meus ouvidos? É a mais pura verdade. É nesse ambiente árido, repleto de sons e sabores, que eu me sinto completa.

Cozinhar é minha paixão. Meu tesão constante é testar ingredientes e criar receitas. Minha maior fantasia é levar o outro ao orgasmo gustativo com a mistura de sabores e texturas. É o que me faz sorrir mesmo em um dia de caos como o de hoje: sábado à noite.

Como diria Lulu Santos “*Todo mundo espera alguma coisa de um sábado à noite*” e nos restaurantes não é diferente. É o dia de maior movimento, no qual os casais celebram noivados, amigos se reencontram e empresários ricos comemoram mais alguns dígitos em suas contas. E nós, reles mortais, trabalhamos arduamente enquanto eles se divertem.

Hoje é o meu último dia como *chef* e nessa curta experiência de três semanas apenas confirmei o meu amor pelo ofício. Não me vejo em nenhum lugar que não seja uma cozinha e se isso implicar em passar anos como uma auxiliar, farei isso com um enorme sorriso no rosto, pois sei que um dia terei meu próprio restaurante e quando esse dia chegar serei a mulher mais realizada do planeta.

— Pessoal, último prato da noite já saiu. Vamos começar a organizar as coisas e depois casa! — Informo e recebo o habitual “*Sim, chef*” como resposta.

Das vantagens de ser *chef* está em poder sentar por alguns minutos. Enquanto uma parte da equipe já começa a limpar a bancada e guardar os ingredientes, a outra se dedica a limpeza dos utensílios e eu listo os ingredientes que deverão ser comprados para abastecer a dispensa.

— Eva, um grupo de executivos fazem questão de agradecer pessoalmente a *chef* — Diego fala todo animado, invadindo a cozinha.

— Eu posso facilmente me acostumar com isso — falo descendo do balcão e caminhando em sua direção.

— Aproveita que seus dias de madame estão acabando! — ele abre a porta para que eu passe.

— Enquanto esse dia não chega, irei brilhar! — Faço uma cara esnobe. Retiro a touca dos cabelos e solto os fios vermelhos, ajeito a *dólmã* e confiro

minha imagem no pequeno espelho de bolso.

— A *chef* gostaria que eu solicitasse uma equipe de cabeleireiro e maquiadores? — Diego perturba.

— Se puder acrescentar um massoterapeuta ficarei imensamente feliz!

— Vamos adiantar logo isso que tenho uma festa para ir depois daqui.

Assim que adentro o espaço do restaurante, avisto os últimos clientes. Um grupo de cinco homens que, a julgar pelo tom elevado das vozes e dos risos, tinham bebido além da conta. Respiro fundo e assumo a postura de *chef*.

— Boa noite senhores, sou Eva Prado a *chef* de cozinha.

— A mão de fadas que preparou esse delicioso banquete... — diz um dos homens me fitando de cima a baixo.

— A própria — sorrio, ignorando o seu olhar de cobiça.

— Estava tudo perfeito — elogiou um homem de cabelos grisalhos e olhos castanhos.

— O seu restaurante acaba de ganhar um cliente habitual — completa o um homem que usa óculos, ele tem um sorriso amplo e amigável e eu sorrio de volta.

— Será um enorme prazer recebê-lo! — Respondo e seu sorriso se amplia ainda mais, fazendo com que eu me atenha um pouco mais a ele. Ao contrário dos demais, ele está vestido em um estilo mais despojado, usa uma camisa de botão preta enrolada até o antebraço, deixando seus bíceps definidos a mostra. Volto ao seu rosto e encontro olhos escuros como a noite fitando-me longamente.

— Rapazes, a Eva já deve ter recebido todos os devidos elogios, portanto vamos embora para que ela possa descansar.

Sou hipnotizada pelo tom de voz rouco do homem a minha esquerda, ainda não tinha reparado nele, até que os nossos olhares se encontram e meu coração acelera. O par de olhos azul turquesa captura não só o meu olhar, mas todos os meus sentidos. Sinto meu rosto esquentar enquanto meu coração saltita contra meu peito, quando acho que estou começando a me acostumar com a profundidade daquele olhar, ele sorri, um sorriso discreto de meia boca que foi o suficiente para me fazer esquecer meu próprio nome.

— Boa noite, Eva! — Alguém fala e eu pisco atordoada saindo do torpor daqueles olhos.

— Boa noite — minha voz sai fraca e baixa.

Um a um os homens começam a se levantar e caminhar em direção à saída. Continuo sorrindo enquanto eles se despedem. O último homem do grupo, o dono dos olhos hipnotizantes, se levanta e elimina a nossa distância com três passos.

— Achei que nada superaria o prato principal, até a sobremesa aparecer — diz no mesmo tom rouco de outrora, e minha pele se arrepiava — boa noite, Eva — ele toca delicadamente a minha mão e pousa um guardanapo na palma.

Antes mesmo que ele saia do restaurante abro o papel e vejo um número escrito, seu telefone provavelmente, ergo a cabeça e vejo ele próximo a saída me observando com um sorriso nos lábios. Dessa vez, é um sorriso amplo, ele me olha em expectativa e eu pondero por alguns segundos perdida naquele olhar.

Eva, você já gastou a sua conta de insanidade por esse mês.

E com um aperto no coração, faço o que considero correto, amasso o papel e o jogo sobre a mesa. Volto para a cozinha sem aguardar a reação do homem parado a porta.



Já em casa e após um banho relaxante, estou na minha cama lendo um e-book no meu celular. Agradeço aos céus pelos livros digitais, pois posso ler no escuro do meu quarto enquanto o sono não chega. Meu celular vibra e interrompe a minha leitura, com uma notificação na tela. Um torpedo SMS. Devia ser a minha operadora dizendo pela décima vez que posso ganhar até 500 mil reais se eu fizer uma nova recarga nesse exato momento. Esse pensamento não impede que eu abra a mensagem para conferir. Ledo engano, é de um número desconhecido e me surpreendeu:

**Ainda sinto o sabor da noite.
Tem gosto de quero mais...**

Não reconheço o destinatário, mas deve ser algum cliente engraçadinho, antes que eu processe a informação, meus dedos são mais rápidos e enviam a resposta.

**O restaurante funciona de terça a sábado,
as reservas são feitas pelo site ou pelo telefone
do próprio restaurante.**

O restaurante pode ser fechado para eventos particulares?

**Pode sim, Sr. Torriceli achará excelente,
mas costuma ser cobrada taxa extra.**

Dinheiro não é problema...

Digito a resposta e apago sem enviá-la. Já fui longe demais nessa

conversa, provavelmente é algum babaca esnobe que não merece que eu perca meu tempo. Desligo o aparelho e adormeço minutos depois.



No dia seguinte quando acordo por volta das onze da manhã, sou surpreendida por mais uma mensagem do número desconhecido:

Andei pensando... dinheiro pode não ser a solução de todos os males, mas ajuda muito. Concorda?

Não posso negar.

Respondo e me arrasto para a cozinha em busca do meu vício matinal: café. Encontro minha prima Lorena, esparramada no sofá.

— Caiu da cama? — digo numa voz arrastada.

Assim como eu, Lorena trabalha a noite, é DJ, portanto o dia aqui em casa só começa depois do meio dia.

— Como as pessoas vivem, acordando antes de duas da tarde? — Resmungo com o rosto escondido pela almofada.

— Café, essa é a resposta — estendo para ela uma xícara. A bebida fumegante desperta seus sentidos.

— Te amo! — Ela sorri.

— Você ama o café, isso sim — sento ao seu lado.

O celular vibra novamente e eu reviro o olhar para a mensagem do meu fã misterioso:

E um almoço comigo, pode negar?

Não almoço com desconhecidos que conseguem meu número sem o meu consentimento.

Envio e a resposta chega rapidamente:

Mas troca mensagens com ele...

Filho da puta!

**Mensagens não arrancam pedaços, mas posso parar agora mesmo.
Não pare!**

— Alguém está namorando... — Lorena insinua sorrindo — Troca de mensagens e risinhos para o celular.

— Quem, eu? — discordo — é um babaca que conseguiu o meu número e está me enchendo com mensagens.

— E você gostando, pelo visto.

— Respondi a primeira e quando vi estava numa conversa. Mas já parei!

— É gato pelo menos?

— Não sei, estamos trocando torpedos.

— Quem troca torpedos nos dias atuais? Me dá — ela pega o celular das minhas mãos e seus dedos frenéticos salvam o número na agenda. Depois, ela abre o WhatsApp e busca o nome “meu fã”. Para nossa frustração não há nada no perfil, nenhuma foto, frase, ou qualquer indicativo de quem é o misterioso.

— Alguém não quer ser descoberto — ela devolve o meu celular.

— Eu também não queria saber quem era.... — Dou de ombros.

— Anhan... Preciso ir tenho um almoço com meu empresário. Beijinhos — Lorena praticamente pula do sofá.

— Beijos — Ela sai apressada carregando a bolsa a tira colo.

— Eva — minha prima coloca a cabeça para dentro, antes de fechar a porta — se o gato mandar nudes, encaminha.

— Tchau, Lorena! — Arremesso a almofada em sua direção, mas ela é mais rápida e o objeto bate contra a porta de madeira.

Meu celular volta a sinalizar o recebimento de uma mensagem.

Eva?

Como conseguiu meu número? E como sabe meu nome? Estou começando a ficar assustada.

Digo a verdade. O mistério é legal, mas meu pensamento começa a vagar pelas notícias mais loucas que vemos na internet. O cara é um *stalker*?

Calma rs estava escrito na sua dólmã. Eu nem sabia que a roupa de chef tinha nome. Por sua causa me dei ao trabalho de descobrir.

Quando leu isso? Vou perguntar novamente: como conseguiu meu número?

Eu não sou um Serial Killer, se esse é o seu medo.

Quais são as minhas garantias, senhor... senhor...?

Maurício. Sem o “senhor”, por favor. Me senti velho.

Quantos anos você tem, *guri*? (melhorou?)

Você me fez rir! Mas não sou guri, nem senhor. A não ser que a melhor idade chegue por volta dos 36...

Um homem da sua idade não deveria bancar o misterioso.

O que um homem da minha idade deveria fazer, então? Aparecer no restaurante com flores e me apresentar? Posso fazer isso hoje à noite.

Faça o que bem entender, Maurício. Desde que não me mantenha nesse joguinho de esconde-esconde.

Não estou jogando com você. Te convidei para almoçar...

Não vou sair com um desconhecido. Estou em desvantagem, você sabe quem sou e eu só tenho um nome e um número que podem ser falsos.

Quarenta minutos depois, nenhuma resposta é enviada de volta. O senhor Maurício desistiu da brincadeira e eu solto um suspiro que deveria ser de alívio, mas não é.



Capítulo 3



Pode parecer loucura, e eu tenho certeza que é, mas passo boa parte da tarde esperando que meu celular indique o sinal de mensagem. Isso nunca tinha acontecido, eu não me distraía assim tão facilmente, mas me vi apertando a tecla de desbloqueio cerca de trinta vezes.

Hoje é domingo e ao contrário da maioria das pessoas, eu vou trabalhar.

Meu turno termina relativamente cedo nesses dias, se tudo correr bem, se inicia às 16h e vai até a meia-noite, uma vez que jantar fora aos domingos é comum, mas é preciso chegar cedo em casa para estar preparado para o início da nova semana.

Faço uma coisa que eu nunca tinha feito desde que comecei a trabalhar: levo meu celular para a cozinha. Aumento a intensidade da vibração e deixo o volume no máximo, para o caso de receber alguma mensagem. Não, eu não pretendia largar as panelas para responder ao chamado, mas precisava da tranquilidade de saber o momento em que seria notificada. Concentro-me em executar tudo que me cabia, tinha voltado a ser somente a assistente, mas naquela noite parece que fui rebaixada. O novo *chef*, Jorge Oliveira, estava assumindo seu posto e, ao contrário do que o Luiz achava, ele não tinha me requisitado para ajudá-lo a se ambientar.

Ele já chegou senhor de si, como se aquele ambiente fosse dele desde o nascimento. Provavelmente havia estado no restaurante antes para conhecer o cardápio, pois não perguntou nada sobre a maneira ou o ponto de preparo ideal de prato algum.

— Boa noite, pessoal. Como vocês devem saber, sou o *chef* agora. Para quem não me conhece, acho pouco provável, jogue meu nome no *Google* antes de vir trabalhar no próximo expediente. Faltam 10 minutos para o restaurante abrir e o que eu vejo aqui me deixa extremamente preocupado. As bocas dos fogões estão desligadas? — ele pergunta, mas não quer a resposta. Mesmo assim eu tento responder.

— Senhor, nós costumamos ligar tudo cinco minutos antes. É tempo suficiente.

— Não na minha cozinha! Liguem agora.

— Sim, *chef*! — respondemos em coro e passamos a executar cada ordem gritada.

Rapidamente minha ansiedade em receber uma mensagem de texto é substituída pela sensação de não falhar. O técnico do jogo tinha mudado e eu posso sentir que ele está louco para me substituir.



Meu travesseiro treme. Juro por Deus que acho que estou no meio de um terremoto quando arregalo os olhos em meio ao quarto escuro. Demoro alguns segundos até perceber que o celular está debaixo do travesseiro e, mais outros, para lembrar que aumentei a intensidade da vibração.

Mensagem um: **Se não quer almoçar, podemos fazer um lanche da tarde. Que tal?**

Mensagem dois: **Meu nome realmente é Maurício.**

Mensagem três: **Estive no restaurante hoje, mas o *chef* não foi do meu agrado. O que aconteceu com você?**

Três mensagens seguidas causaram o tal terremoto sob minha cabeça cansada e confusa.

Você sabe que horas são?

Digito sentindo o sono abandonar o meu corpo.

Três da manhã, uma hora mais cedo do que quando nos falamos ontem.

Sorrio com a resposta. Parece que temos um homem atento, afinal. Apresso-me em responder:

Mas aos domingos eu durmo cedo.

Anotado na minha agenda de coisas sobre a Eva. Fui te ver e acabar com o jogo do qual me acusa, não te achei.

Vide mensagem anterior: dormi cedo.

Saio pela tangente.

Mandou outro *chef* falar com um cliente? Estrelismo, Eva.

Ah, se ele soubesse... Não sabia o que responder. Contar que eu não sou *chef* e que agora havia um idiota ocupando o lugar que deveria ser meu é íntimo demais. O meu companheiro desconhecido já tem muitas informações, não daria novas assim, de bandeja. O celular vibra novamente.

Será que um café você aceita?

Café é um ponto fraco.

Você não desiste?

Enrolo na resposta.

Não quando insistir vale a pena.

Ele é realmente bom!

Tudo bem, podemos tomar um café qualquer dia.

Perfeito. Podemos avançar uma etapa, então.

Etapa? Como assim?

**Sou um homem com uma boa imaginação.
Desde que te vi, pensei muito nas suas mãos e nas maravilhas que você
cozinha...**

Obrigada! =D Mas não vou fazer o café da manhã.

Testo a sua paciência, saindo pela tangente.

Eva...

Ok. Foi mal, pode continuar...

Onde você está? Na sua cama?

Sim, na minha cama.

Posso saber o que está vestindo?

Estou vestindo uma calça de moletom rosa (manchada de água sanitária) e uma camisa GG preta e meias de corações.

Minto, costumo dormir completamente nua. E é isso que ele quer saber, mas eu não diria. Não ainda.

Sabe o que é mais engraçado? Você deve estar uma delícia...

Delícia não é bem a palavra rs

Gostosa?

Essa é a hora que eu pergunto o que você está vestindo???
Exatamente.

Ok: o que você está vestindo, Maurício?

A simples pergunta gera uma onda de pensamentos. Ele podia ser um homem incrivelmente gostoso, mas também poderia ser alguém não compatível comigo. Ele podia ter uns 60 anos, ou ainda, podia não ter nenhum dente na boca...

Cueca box preta. Espero não te decepcionar, mas segui a sua moda e também estou de meias, pretas. Posso retirá-las...

E simples assim eu esqueço completamente as teorias e o imagino forte, com músculos definidos e um pau enorme. Quem vai imaginar um homem pequeno nessas horas, *pelo amor*? Se é para imaginar, vamos alto!

Tirar?

As meias, Eva. A não ser que...

Gargalho. O cara realmente é interessante, está fazendo o mesmo jogo que eu. É óbvio que não é sobre meias que ele está falando.

A não ser que... ?????

Posso te ligar?

Ligar? Acho que não.

Ele podia desfazer meu homem imaginário com uma ligação. Vai que é fanho ou gago? Ou ainda, vai que nem homem é! O melhor do desconhecido é que ele pode ser quem você quiser que ele seja.

Tímida?

Vamos devagar...

Certo. Me manda uma foto, então.

Não seria tão fácil para ele que já sabe quem eu sou. Ainda por cima as nossas mensagens arcaicas são por SMS, já que ele não se dignou a me adicionar no *WhatsApp*.

Passei dessa idade de bate papo do *Uol*.

Nossa, seu senso de humor é incrível.

**Obrigada. Mas falo sério, não curto esses joguinhos com que não conheço.
Não é nada pessoal.**

Quando podemos nos conhecer? Amanhã às 12 é perfeito para mim.

Ele envia e eu quase entrei em pânico.

Tenho compromisso.

Você não vai fugir de mim para sempre.

Não respondo. Eu sei que é verdade.



Ignoro o celular o restante do dia, eu precisava me controlar. Quase liguei para o número desconhecido ao reler todas as mensagens quando acordei, mas acabei guardando o aparelho dentro da bolsa. À noite, no restaurante, as coisas não vão bem. A tensão na cozinha, que já é grande, aumentou ainda mais. Um dos cozinheiros quase errou o ponto da calda de uma das sobremesas e os gritos do *chef* foram estridentes.

Minha mente se fixa nas tarefas, anulando a pressão externa e se concentrando no que eu sabia fazer melhor: cozinhar. Acelero o ritmo, sem perder a qualidade e, segundo a segundo, cumpro todas as tarefas e entrego todos os pratos que vieram para mim com maestria. Mais uma noite se encerrava e eu tinha cumprido minha missão, só quando troco de roupa, respiro aliviada. Ando até o balcão do café totalmente desanimada. Talvez eu precise de um expresso tradicional, se bem que considerando o amargo da noite, é melhor eu me deliciar acrescentando calda de chocolate branco, leite vaporizado e chantilly.

— Boa noite, hoje eu quero um Mocha Branco e pode abusar do chantilly — sorri para o atendente da noite. Antes de sacar a minha carteira para fazer o pagamento, recebo uma estranha informação.

— Seu café está pago, senhora Eva. É só aguardar — antes que eu possa responder, a pessoa impaciente atrás de mim praticamente me empurra para o lado.

Pagaram meu café ou é cortesia da cafeteria? Quase rio sozinha ao imaginar quanto eu já tinha gasto de café todos esses anos. Olho ao redor e encontro o ambiente relativamente cheio, considerando o horário. São quase quatro da manhã, mas a cafeteria funciona vinte e quatro horas por dia, todos os dias. Com certeza devem pagar ótimas horas extra e ainda assim lucram bastante, pois há um hospital particular há duas quadras. Provavelmente estavam ali médicos e enfermeiros que preferiam respirar e tomar um café decente antes de voltar ao plantão, do que cochilar e beber café feito nas máquinas comuns do hospital.

Que bom que são profissionais conscientes que não usavam jaleco fora do hospital para se exhibir, não gosto desse pessoal que leva bactérias hospitalares apenas para ostentar a profissão. É como se eu saísse com minha roupa da cozinha, a contaminasse do lado de fora e levasse tudo para os pratos que preparo. Enfim, sem jalecos tudo não passa de dedução minha, vai ver ali são todas pessoas loucas que acordam no meio da noite e vão tomar café.

— Eva — a atendente ao lado chama meu nome.

— Quem pagou pelo meu café? — pergunto curiosa e a mulher sorri, de maneira cúmplice, para mim.

— Aquele senhor ali — ela aponta para um homem que estava sentado de costas para onde estávamos.

— Obrigada — agradeço e ando em direção ao pagador de café.

Geralmente eu pego o café e vou para casa, não costumo ficar na cafeteria, mas eu me sentia na obrigação de agradecer ao sujeito. Além disso, estava curiosa: quem observaria que eu tomo café todo dia? Será que era o Ramon tentando me levar para cama de novo?

Cruzo o espaço a passos firmes, segurando café com uma mão e apertando a alça da minha bolsa com a outra. Quando me aproximo do homem, ele se vira e ergue o olhar, eu paraliso com a intensidade daquela cor. Aqueles olhos... Eu já os tinha visto em algum lugar?

— Eva...

— Hum, oi. Obrigada pelo café — respondo de pé.

— Você deveria sentar para parecer realmente grata.

— É só um café, posso devolver o dinheiro — dou de ombros.

— Dinheiro não é problema... — assim que as palavras saem de sua boca eu lembro que eu as reli diversas vezes. Nas mensagens de texto do desconhecido.

Não é possível.

— Maurício? — pergunto quase querendo que aquilo fosse verdade.

— E então — ele levanta — estou mais para senhor ou guri?

Putá. Que. Pariu.

— Hum... É...

— Perdeu a fala, Eva? Sente-se, precisamos acabar com certo jogo.

Sento-me no sofá ao canto, há uma mesa entre ele e a cadeira onde o Maurício estava sentado. Meu acompanhante volta a sentar, de frente para mim, e eu tenho alguns segundos para analisá-lo. Eu não sabia por onde começar a observar, mas os olhos chamavam atenção de imediato. Não só por serem azuis claros, tão claros que podiam facilmente serem confundidos com verdes, principalmente a essa hora da madrugada e sob as luzes da cafeteria, mas pela

intensidade com que me olhavam. Eu nunca confundiria aquela cor. A boca dele é perfeita para beijar, lábio superior mais fino enquanto o inferior possui a dimensão perfeita para passar a língua. Ele possui traços humanos: marcas de expressão na testa e embaixo dos olhos. Marcas suaves de olheiras indica que não dorme muitas horas por dia — disso eu entendo. E o que é aquela barba? Emoldura o rosto quadrado, bem como a boca que brinca entre os pelos aparados. Os cabelos são castanho escuros, com um outro fio mais claro, talvez pelo sol. Eu chutaria que ele tem 1,85 de altura e que por baixo da camisa de algodão preta, de mangas longas e dobradas até o cotovelo, está um corpo definido e rígido, mas sem muitos músculos como os daqueles ratos de academia. Quanto mais eu o olho, mais sem palavras eu fico para descrevê-lo. A sua beleza não é composta apenas do rosto com traços finos, é algo que ultrapassa o visível. O homem é charmoso, daqueles que palavras não são suficientes para descrever. Ele tem cara de intelectual e o seu charme vai muito além da sua inegável beleza.

— Estou aprovado? — ele ergue uma das sobrancelhas.

— Podemos dizer que você não é bem como imaginei — digo por fim, ao lembrar que ele poderia ser um desdentado.

— Isso é bom ou ruim? — ele sorri.

— Considerando que você poderia não ter dentes? É ótimo.

— Acho que é um elogio, obrigado. Não vai tomar seu café?

— Como consegui o meu número e como sabia onde eu estaria? Estou retomando aquela hipótese de perseguidor assassino, existem psicopatas bonitos.

— Eu consegui o seu número com o garçom do seu restaurante, bem como a informação que você vem aqui todas as noites.

— Quando? — eu mataria o infeliz que estava passando meu número de telefone sem me avisar.

— Na mesma noite em que você jogou fora o guardanapo com meu número.

Eu sabia que já tinha visto aqueles olhos antes.

— Tudo bem, você já mostrou que está interessado.

— Isso é tudo que tem a dizer?

— O que mais você quer que eu diga? Estou surpresa com tudo isso! Não é todo dia que troco mensagens com um desconhecido *stalker* que me paga cafés — solto, por fim, tomando um gole do café para respirar.

— O que eu quero que você diga? Que também está interessada e que, assim como eu, não vê a hora de acabar com essa conversa e chegar na parte que nos interessa.

Uau.

— Eu estou interessada e nós podemos ir para a próxima etapa — digo, de uma vez.

Ele sorri lentamente, mostrando seus dentes alinhados e bonitos.

— Eu estou em um hotel aqui na cidade, você me acompanha até lá?

Sinais de alerta piscam em minha mente, ele ainda é um desconhecido, por mais gato que seja.

— Eu faço uma ligação e nós vamos para o meu apartamento, o que acha?

— Por mim, tudo ótimo.

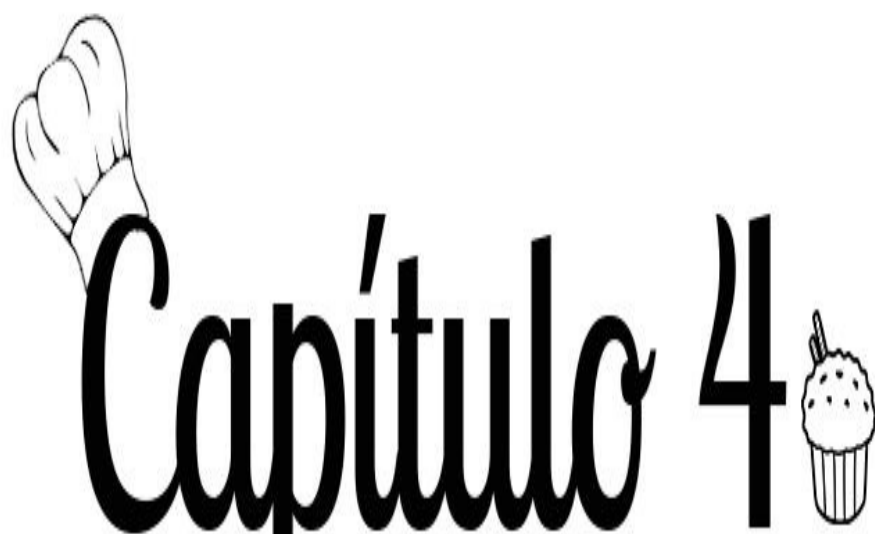
Moro com a minha prima em um prédio simples, localizado na Vila Mariana. Desde que sua mãe faleceu, passamos a ter apenas uma a outra. Somos felizes lá e essa é a primeira vez que levarei um homem até o nosso lar, mas ela com certeza me apoiará, já que eu nunca impliquei com os que ela já levou. Pego o celular e tento ligar para a Lorena, ela provavelmente está terminando de arrumar as coisas depois do trabalho, por isso não me atende. De qualquer maneira, digito uma mensagem no *WhatsApp*:

Lore, tem como liberar o Ap por umas duas horas?

Juro que te compenso. Ps: em duas horas pode invadir, se não me encontrar chama a polícia! Rs

— Vamos?

Não preciso chamar duas vezes.



Capítulo 4



Seguimos em carros separados, eu vou na frente para indicar o caminho até o apartamento. Como a Lorena não está, ao passar pela portaria peço para liberarem a entrada do carro dele que ficaria na vaga disponível. O prédio tinha elevador, mas morávamos no primeiro andar, então eu geralmente subo as escadas. E foi o que fiz, demoraria esperar o elevador chegar e de certa maneira,

eu estava ansiosa. Degrau por degrau eu posso sentir a presença dele por perto, mesmo que ele fosse silencioso em cada passada.

Ao girar a chave na porta, respiro fundo e dou passagem ao não tão desconhecido homem. O Maurício entra e preenche o ambiente com sua presença. É estranho ter um homem daqueles no meio da nossa sala, mas eu posso me acostumar com a sensação. Entro em seguida, trancando a porta, poucos segundos antes de tê-lo em meus braços.

Nos encontramos no meio do caminho, nos chocando de frente. Minhas mãos vão imediatamente para seu peito e as dele seguram a minha cabeça. Não dá para pensar quando o beijo começou, é abrasador. Sugamos os lábios um do outro em frisson, contorcendo línguas e cabeças tentando descobrir como poderia ficar ainda melhor.

Sinto uma de suas mãos escorregar até a minha bunda, apertando sobre a calça jeans e reajo colando meu corpo ao dele. Minhas mãos perseguem a camisa até encontrar a barra e se enfiam por ali, em busca do corpo quente. Ele se afasta, retirando a camisa e eu aproveito o momento para jogar longe as sapatilhas e abrir o botão e o zíper da minha calça jeans. Ele volta a mim, fazendo com que minha blusa se vá e eu finalmente me livro da calça. Pouco me importa se a lingerie que eu estou usando não é tão sexy quanto eu gostaria, se eu não o conhecia bem ou se eu preferia tomar um banho antes de continuar. Naquele segundo a única coisa que passa pela minha mente, eu expresso:

— Me fode!

Não preciso dizer mais nada, tampouco espero que ele diga alguma coisa. Nos beijamos enquanto andamos emaranhados em mãos e braços até chegar ao sofá. Ele abre a calça e baixa junto com a cueca até os joelhos antes de se sentar, e eu me livro do sutiã e da calcinha nesse meio tempo. Corro até a minha bolsa e pego um preservativo, rasgando o invólucro rapidamente e revestindo o seu pau, mais tarde eu me atentaria a cada detalhe daquele membro, nesse instante o que eu mais quero é senti-lo em mim. Por isso, quando eu deslizo sobre ele, sentada de frente, gemo alto. Vou até o meu limite e volto a subir, repetindo o movimento. Acelero, montando-o cada vez mais rápido e me perdendo no calor que aquele contato provoca em todo o meu corpo.

Sinto como se o meu próprio corpo estivesse sendo flambado, riscaram um fosforo sobre mim e agora é o meu sangue que inflama e faz ferver cada um dos meus sentidos. O Maurício aperta firme os meus seios, uma mão em cada, fazendo uma pressão quase insuportável e isso me instiga a cavalgar ainda mais rápido. Somos gemidos e chiado, movimento e sucção.

Ele pega firme nos meus fios, puxando-os até o limite, enquanto sua boca devora o meu peito esquerdo. Eu não consigo parar, por mais que as minhas

pernas já sintam o peso do esforço de subir e descer repetidas vezes, cavalgo em busca da sensação que promete me arrebatara completamente.

— Fica de quatro — o som da sua voz quebra a sinfonia de desejo, mas ascende ainda mais a minha luxúria.

Eu obedeco, rolando para o sofá enquanto ele se levanta, me posicionando em seguida: mãos no encosto, joelhos no assento e bunda para o alto. Ele não hesita, crava seus dedos nos meus quadris e entra forte, batendo lá no fundo, me fazendo gritar. Ele gosta e repete, eu não reclamo e me empino. Ele segura em meus ombros para conseguir ir ainda mais forte. Mais fundo. Eu sinto cada centímetro me preencher para em seguida se retirar. É rápido, quente e avassalador.

Ele chia enquanto me fode. É assim que eu defino os sons que escapam entre os seus dentes e chegam até os meus ouvidos. Não são gemidos, não são gritos, é o som do esforço árduo de quem me martela por dentro sem cessar. De quem está tentando se segurar para prolongar as estocadas sem perder o ritmo, é o som que faz meu coração acelerar um pouco mais, porque naquele segundo eu sei que ele não está pensando só nele e para alguém que nem me conhece, isso é uma aptidão e tanto. Sinto sua mão escorregar do meu quadril para o meio das minhas pernas, acima de onde ele me penetra, tocando meu clitóris para pôr fim aos últimos resquícios de sanidade que existem em mim. Quando ele me toca ali, a sensação de êxtase se espalha por cada partícula do meu corpo e eu grito me entregando de uma vez. Só aí ele grita e sua voz reverbera por cada uma das paredes da sala quando ele goza.

— Uau — são as três letras que eu deixo escapar quando desabo no sofá.

— Uau é uma palavra coerente — ele ri enquanto se livra do preservativo cheio, dando um nó na borracha. — Onde tem um banheiro? — ele indica o objeto entre os dedos.

Eu sorrio ao levantar, planejando o meu tão sonhado banho depois do trabalho. Parece que seria muito mais interessante dessa vez, já que os meus dedos não seriam os únicos a me acompanhar no box. Ando pelo pequeno corredor que leva até o, igualmente pequeno, banheiro social. Vejo, pelo canto do olho, que ele tira o sapato e se livra da calça e da cueca negligenciados, antes de me seguir.

Nunca pensei que fosse agradecer por termos um banheiro tão pequeno. Quando eu e a Lorena dividimos esse espaço, nos arrumando para sair, brigamos por cada centímetro de pia e espelho. Nesse momento, quando abro a lixeirinha apertando o pedal com o pé e ele se aproxima para se desfazer da camisinha, nos tocamos “sem querer” por causa do pouco espaço. Esse toque simples, o resvalar do seu cotovelo na minha barriga, é o suficiente para nos conectar novamente.

Ele se livra do objeto e, em seguida, passa a mão pela lateral do meu corpo que se arrepia. Viro de costas e inclino a cabeça quando ele roça a barba no meu pescoço, beijando até o início do meu ombro. Seus braços me cercam e as suas mãos seguram meus seios, lentamente eu ando com ele colado a mim, eu precisava de água e sabonete para poder dar vazão ao meu desejo de ter a sua boca em mim.

Nós dois preenchíamos praticamente todo o espaço dentro do box quando eu liguei o chuveiro. Os jatos de água morna nos molharam quase imediatamente e eu virei de frente para beijá-lo sob a chuva artificial. O beijo, que antes tinha sido desesperado, estava sendo explorador. Passo a minha língua pela dele antes de sugar o lábio inferior e viro a cabeça quando ele faz o mesmo, aos poucos a sintonia cresce e eleva o ritmo.

Que boca extraordinária.

Afasto para pegar o sabonete líquido e desligar a água. Encho as minhas mãos sob seu olhar atento e espalmo seu peitoral. Como eu suspeitei ao vê-lo na cafeteria, ele não é malhado, mas possui o corpo firme e definido, constato ao passar o sabão pelo peito firme e pela barriga seca. Sinto os gomos do abdome sob os meus dedos quando deslizo por ali até chegar ao seu pau, que já dá sinais de vida novamente.

O Maurício estica a mão e alcança a embalagem com facilidade, despejando o líquido em suas mãos antes de repetir os meus gestos. Ensaboa os meus seios, tocando-os de leve, passa pela minha barriga e usa os quatro dedos abertos para espalhar espuma entre as minhas pernas. Quando a palma da sua mão é inclinada para tocar no meu clitóris, eu seguro firme no seu pau e deslizo intensamente. Não era dada a medir tamanhos, mas o pau que estava em minha mão era o tipo ideal, eu chutaria que tinha entre 17 e 18 centímetros, a largura era daquelas que me fariam abrir a boca um pouco mais do que estava acostumada.

Ligo o chuveiro para livrá-lo do sabão e me contorso sobre a sua mão, me enxaguando também, antes de me agachar em sua frente. Ele desliga a água e me encara de cima para baixo, me apoio em suas coxas firmes e molhadas antes chupar somente a ponta, como fazemos com um pirulito. Seguro seu pau e lambo, desde a bolas até a cabeça. Em resposta, ele abre as pernas e respira fundo. Apoio meus dedos na base e o enfio de vez na boca, começando o boquete de verdade. Movo minha cabeça para frente e para trás, fodendo metade do seu pau com a minha boca.

— Que boca gostosa, Eva — ele elogia e fecha os olhos quando eu o levo até o fundo, sem engasgar. — Ainda não!

Ele me interrompe, puxando meus braços até eu estar de pé e beija a

minha boca antes de sorrir e pegar a ducha. Ele liga a torneirinha e altera o chuveirinho para que saia o jato único e intenso. Abro as pernas imaginando seus planos e ele posiciona a água no meu clitóris. Eu mesma já havia feito aquilo sozinha e adorava a sensação que a água constante e intensa provocava naquela região. Ele me encostou na parede e abocanhou um dos meus seios como se fosse um bebê faminto, sugando fundo. A sensação irradiou pelo meu corpo e se juntou ao formigamento no meio das minhas pernas, me fazendo fechar os olhos e jogar a cabeça para trás. Sua outra mão faz com que dois dedos me invadam e se junte a brincadeira. Eu seguro em seus cabelos molhados e gemo alto aguentando o máximo que posso. O golpe de misericórdia é vê-lo se ajoelhar no chão, desprezando a ducha. Nada me prepara para aquela boca e quando ele passa uma das minhas pernas pelo seu ombro eu sei que será o xeque-mate. Com o polegar ele comanda o meu clitóris, indo de um lado para o outro rapidamente e com os seus lábios e língua ele completa o serviço. Maurício me chupa divinamente, lambendo e beijando, sugando e fodendo todos os espaços possíveis. Eu empurro o box e a parede, fazendo força para não desfalecer de uma só vez sobre ele. Meu orgasmo é arrebatador e o causador dele tem os olhos mais lindos que eu já vi na vida.

Ele levanta ao saber que o seu trabalho foi um sucesso e me põe no colo, apoiando as minhas costas na parede. Passo as pernas em volta da sua cintura e apoio as minhas mãos em seus ombros. Ele se encaixa e desliza para dentro de mim, eu me perco novamente, mas a sua voz me traz de volta a razão e me tranquiliza a respeito de uma dor de cabeça futura:

— Eu não vou te engravidar e te garanto que a minha saúde está perfeita. Confia em mim?

Eu não devia, mas assinto assim mesmo. Ele já está dentro de mim e sentir a sua pele contra minha parece ser a coisa mais certa do mundo.

— Puta. Que. Pariu. Eva. — suas palavras pausadas são ditas quando ela me toca fundo — que boceta gostosa!

Ele acelera, metendo fundo e rápido. Minhas costas deslizam contra o azulejo molhado e eu me aperto contra ele.

— Ahhhhh, porra! — ele urra antes de tirar seu pau de dentro de mim e se masturbar para esporrar comigo ainda em seu colo.

— Sim, definitivamente você pode me pagar café mais vezes — digo quando ele me coloca no chão.

Nós dois sorrimos, exaustos.



Estar nos braços de Maurício tinha sido magnífico. Ele parecia já conhecer cada parte do meu corpo. Cada toque que foi dado estava na medida exata para me levar ao céu e me transportar para um estado de prazer tão absoluto quanto o que eu encontrava na cozinha. Se o Maurício fosse uma refeição, ele seria um banquete completo: entrada, prato principal e sobremesa. Uma refeição que eu degustaria com a calma que ela merece, saborearia cada parte do meu festim por horas, prolongando ao máximo as sensações gustativas.

Todavia, isso ficaria para outro dia. Eu estava exausta e eu precisava descansar, além disso a Lorena já deveria estar a caminho de casa, o prazo de duas horas estava quase acabando. Como se adivinhasse os meus pensamentos, meu mais novo amigo saiu do banheiro completamente vestido. Enquanto eu estou sentada no sofá ainda enrolada na toalha, quando nota minha falta de vestimenta, ele abre um enorme sorriso e meu corpo esquenta novamente.

Talvez dormir de conchinha ajude a pegar no sono mais rápido.

— Eu preciso ir — solta a frase como se fosse um lamento — mas antes reitero meu interesse em um próximo encontro Eva. Podemos repetir a dose dessa vez com mais calma.

Céus! Como eu pude ter tanta sorte? O cara é bom de cama, sorri de forma sensual, fala de um jeito naturalmente sexy e ainda por cima me olha como se fosse capaz de me devorar?

— Eva?

— Claro, vamos nos falando — respondo ainda alheia.

— Então está combinado, teremos um novo encontro — ele sorri e meu coração acelera um pouco.

Levanto para abrir a porta, lutando contra a vontade de me jogar nos seus braços mais uma vez. Ele caminha a minha frente, mas para, me dando passagem para que eu abra a porta. Quando giro a maçaneta, estou quase pronta para me despedir. Mas ele segura meu rosto e me beija apaixonadamente. Quando nossas bocas se separam eu já ofegava.

— Até breve, Eva — afasta-se e eu permaneço colada à porta.

Naquele momento eu desejava que “breve” fosse sinônimo de dez minutos.



Capítulo 5



Desde que Maurício esteve no meu apartamento retornar para a casa, ao fim do expediente, se tornou uma tortura. Eu quase podia sentir a sua presença na minha sala – com ênfase no sofá onde fodemos – no box, na porta fria de madeira e principalmente no meu corpo.

Faz exatos quinze dias que esse homem entrou na minha vida

misteriosamente e bagunçou tudo. E com a mesma facilidade com que entrou, ele saiu. A madrugada em que ficamos juntos era quase um filme na minha mente. Cheguei a ponderar que fosse um delírio ou uma pegadinha do meu pensamento, mas as mensagens de texto estavam ali para provar que tinha sido real. Eu já as decorei de tanto reler, aquilo não tinha sido um sonho erótico.

Mas por que ele não retomou a nossa troca de mensagens?

Por que ele me ignorava completamente depois da noite quente que tivemos? Eu merecia uma dispensa decente pelo menos. Tínhamos combinado que nos veríamos de novo, mas era só dar qualquer desculpa que eu aceitaria, desde que tivesse um retorno seu.

Meus olhos ardem e não é por causa da cebola que corto em cubos. Eu me sinto uma completa imbecil. Maurício havia conseguido o que qualquer homem queria – sexo – e é óbvio que está me evitando depois disso. Será que ele me acha carente ao ponto de propor casamento no segundo encontro? Nada faz sentido, mas eu podia facilmente acreditar que quando estivemos juntos tinha sido especial e não só para mim. Havia um brilho diferente naquele olhar...

— Merda! — Exclamo alto atraindo a atenção de todos na cozinha.

A tábua de corte com as cebolas picadas estava vermelha. Perdida mais uma vez em Maurício, acabei atingindo meu dedo com a faca e agora gotículas de sangue tingia a cebola branca.

— Aqui, Eva — Linda, que está próxima de mim, me entrega um *band-aid*. Acidentes são comuns na cozinha e por isso tínhamos um kit de primeiros socorros guardados por perto.

— Obrigada — agradeço quando ela cobriu o corte com o curativo. Jogo as cebolas no lixo e pego outras para reiniciar o corte. Voltei a picar firmemente e um filete de sangue saiu pelo band-aid.

— Alguém assume a praça aqui! — grito e José ocupa meu lugar imediatamente. Estou agachada trocando o curativo quando o *chef* se aproxima. Ergo-me rapidamente.

— A cozinha funcionando a pleno vapor e você cometendo erros amadores, Eva.

— Não vai acontecer novamente, *chef*.

— Não mesmo! Esta dispensada por hoje.

— Eu já estou pronta para voltar...

— Você é surda? — grita — Eu não preciso de alguém que só está atrapalhando. Ontem queimou a calda de chocolate, hoje cortou o dedo, amanhã colocará fogo na cozinha?

— Não, *chef*... — digo fracamente, com os olhos enchendo de lágrimas.

— Quando assumi a chefia me afirmaram que você era a melhor aqui, e

agora, olhando você... — ele faz cara de desdém — Usa o resto da noite para repensar na sua vida. Talvez a cozinha não seja para você — encerra a conversa e se volta, aos gritos, para os demais funcionários

Limpo as lágrimas que escapam e saio desnorreada cozinha a fora. Uma coisa é não ter controle sobre a minhas emoções, outra é alguém questionar meu ofício. A cozinha é o meu lar e ninguém poderia tirar isso de mim. As lágrimas que molham meu rosto não são apenas pelas palavras do *chef*, são por raiva de mim, por me permitir que um maldito imbecil que eu mal conhecia me fizesse sentir saudades. O filho da puta que me fez dispersar e falhar.

— Eu estava pronto para lidar com a tortura de esperar você por horas. Mas vejo que cheguei na hora exata — escuto a voz, mas só pode ser alucinação.

— Eva... — Ouço novamente, mas o ignoro, apressando os passos em direção ao meu carro, estacionado do outro lado do restaurante. — Estou falando com você! — Maurício segura meu braço, me impedindo de continuar andando.

— Está? — sorrio, com raiva — Tarde demais! — puxo meu braço e entro no carro, batendo a porta com força. Antes que eu consiga dar a partida, ele entra e senta no banco do passageiro.

— Eu trouxe café e um pedido de desculpas.

— Sai do meu carro! — Ordeno.

— Eva, olha para mim — ele toca o meu rosto e viro para observá-lo — você esteve chorando — diz, fitando-me com carinho.

— Não é da sua conta...

— Eu desejei tanto sentir novamente os seus olhos sobre os meus. Sentir sua pele macia... Não sei como é possível, mas eu vivi uma verdadeira tortura sem você — o tom dele é franco e a maneira com que me olha transmite paixão, saudade e traduz tudo o que eu estava negando todos esses dias.

— Eu achei que tivesse esquecido de mim — confesso.

— Eu tentei, acredite — ele sorri — mas você está fixada na minha memória e na minha pele. Senti seu cheiro em cada uma das vezes que fechei os olhos.

Perco a capacidade de racionar quando encaro aqueles olhos.

— Por que não me mandou mensagem? — largo as chaves na ignição e recosto a cabeça no encosto.

— Meu celular foi roubado. Não tinha o seu número salvo na agenda e só hoje consegui resgatar tudo. Eu ia te ligar, mas preferi vir pessoalmente.

— Quinze dias não são quinze minutos, Maurício — suspiro e fecho os olhos.

— Eva, nós combinamos que nos veríamos novamente e aqui estou. Prometi que faríamos tudo devagar e permaneço disposto. Demorou mais tempo

do que prevíamos, mas vou me desculpar dando o máximo de atenção que você merece hoje. O que me diz?

Penso um pouco e chego a conclusão que não tenho nada a perder mesmo. A noite não podia ser pior do que já tinha sido, sexo com ele poderia me fazer relaxar e esquecer os malditos dias em que eu apenas imaginei como seria estar nos braços dele novamente.

Sem expectativas.

Sem promessa de um novo encontro.

Apenas sexo do melhor tipo.

Você merece, Eva.

— Eva, eu... — não deixo que ele termine a frase.

Deixo minhas mãos tocarem seu rosto e sinto a sua barba na minha palma, antes de iniciarmos o beijo. A boca dele toma a minha como se fossem conhecidas de longa data, saudando. Sua língua reconquista cada canto, me lembrando o motivo de aqueles dias terem sido tão tortuosos. O desejo se acende com força, fazendo com que eu o quisesse naquele instante.

— Dirija — pede com a voz rouca — vamos para o hotel. Eu disse que seria mais devagar dessa vez, mesmo querendo fodê-la aqui mesmo.

Quase grito “então fode”, mas um olhar ao redor me lembra que posso acabar encontrando qualquer pessoa do trabalho, ou ainda, um cliente. Ponho o carro em movimento e quando estamos na via, ele vai indicando o caminho que devo seguir.

— Você mora em um hotel?

— Fico hospedado lá, moro em Brasília.

Absorvo a informação devagar, sem poder olhá-lo já que estava dirigindo. Não havia passado pela minha cabeça que ele não morasse na mesma cidade que eu, quicá imaginar que pudesse residir em outro estado. Não que Brasília fosse do outro lado do país, um voo duraria pouco mais de uma hora e meia... Essa novidade fez o meu interior tentar aceitar a justificativa de um sumiço de quinze dias.

— E o que faz longe de casa? — pergunto ao dar a seta para a direita, seguindo a instrução dele.

— Estou trabalhando na construção de um prédio aqui, o que me faz vir todos os meses.

— Você é engenheiro? — Concluo.

— Sim — ele confirma, mas não entra em detalhes, porque indica o hotel — esse aí. Dá sinal e põe na vaga de visitantes.

Estaciono o carro e pego minha bolsa antes de descer. Seguimos em direção ao elevador e não me dou o trabalho de observar todos os detalhes, mas

noto que o hotel é do tipo caro. A maioria dos homens ao redor estão usando ternos e as mulheres também se vestem de roupa social. Olho-me com minha calça jeans de lavagem clara, desfiada em diversos pontos, e percebo que não me encaixo bem ali. Quando as portas do elevador se abrem, um longo corredor se estende diante de nós, mas o quarto dele ficava próximo, terceira porta do lado direito. Ele destrava com o cartão magnético e me dá passagem.

Não é um apartamento, com sala e tudo o mais, apesar de ser uma suíte ampla. Assim que a porta se abre já tenho a visão da cama, mas metade do apartamento que divido com a Lorena cabem naquela suíte. Ando até poltrona no canto e deposito minha bolsa, enquanto ele tranca a porta por dentro e liga o ar-condicionado.

— Quer beber alguma coisa? — pergunta e eu lembro que no meu apartamento fui péssima anfitriã.

— Uma água, talvez.

— Nós nem começamos ainda e você já está com sede... Bom sinal! — ele anda até o frigobar, pega uma garrinha e despeja o conteúdo em um copo de vidro que estava coberto por um guardanapo. Aceito o copo e sorvo todo o conteúdo.

— Senti tanto a sua falta — ele se aproxima — você não faz ideia do quanto. Não parei de pensar em você um só segundo. Quer dançar comigo?

A pergunta me faz sorrir, não está tocando nenhuma música. Ele também sorri de volta e saca o aparelho celular do bolso.

— Essa música tocou no meu carro segunda-feira, quando eu ia trabalhar. Assim que os acordes iniciaram eu pensei em você e em como seria dançar com você.

As palavras dele me atingem. É reconfortante saber que não fui a única a pensar no nosso encontro. Seus dedos apertam alguns botões e a letra, que eu conhecia na voz de Marisa Monte, se iniciou.

*Seja eu
Seja eu
Deixa que eu seja eu
E aceita
O que seja seu
Então deita e aceita eu*

Minhas mãos enlaçam o pescoço dele e os nossos corpos se aproximam, já as dele me abraçam pela cintura. Começamos a nos mover bem devagar. Fecho os olhos e recosto meu rosto em seu peito. Ele beija o topo da minha cabeça e eu viajo na voz suave e sexy do cantor que eu não conhecia.

*Molha eu
Seca eu
Deixa que eu seja o céu
E receba
O que seja seu
Anoiteça e amanheça eu*

Nunca tinha vivido nada tão especial quanto aquilo. Sem plateia, sem bebidas e sem testemunhas, Maurício transformou uma foda no melhor show da minha vida. E com isso, fez o meu coração balançar.

*Beija eu
Beija eu
Beija eu, me beija
Deixa
O que seja ser*

Ele levanta meu queixo com delicadeza e deposita um selinho casto em minha boca. Faço a minha língua contornar os seus lábios entreabertos e eles se afastam para me receber.

*Então beba e receba
Meu corpo no seu corpo
Eu no meu corpo
Deixa
Eu me deixo
Anoiteça e amanheça*

Os passos da nossa dança sem ritmo nos levam até a cama. Nosso beijo se interrompe para que a minha camisa passe pelos meus ombros, assim como a dele. Todas as outras peças nos deixam lentamente, tal qual o ritmo da música ambiente.

Quando me deito, os dedos dele deslizam pela minha pele que se arrepia com a suavidade do toque. Seus beijos deixam a minha boca e provocam o meu pescoço, aliados ao roçar da barba. No momento em que ele decide se dedicar

aos meus seios, meu corpo começa a esquentar, tal qual o cozimento em banho-maria. Sua língua brinca no mamilo pontudo e eu seguro os seus cabelos, tentando enfiar seu rosto ali de uma vez. Ele ri e muda o seio, repetindo a mesma tortura lenta.

A doce e quente boca percorre a minha barriga e beija o lado exterior do meu quadril, arranhando de leve a pele com os dentes. Abro as pernas de uma vez e ele me encara antes de descer sua boca bem no meio delas.

Eu fecho os olhos para me perder na sensação, mas ele me manda observar. Por isso, eu vejo quando ele põe toda a língua para fora para lambe-los longamente, como um cachorro faria com seu dono. Noto em seus olhos quanto aquilo o enche de prazer e gemo quando ele me provoca com um dedo na abertura, sem entrar, arrodando e espalhando a umidade.

— Quero passar dias sentindo o seu gosto em minha boca. Que boceta gostosa, Eva.

Ele se põe a passar a língua no meu clitóris, de um lado para o outro, rapidamente e finalmente permite que seu dedo viaje para o meu interior. Mas um só é tão pouco... Levanto o quadril da cama e ele entende o meu sinal, colocando mais um dedo dentro de mim. Em seguida outro e os três se retorcem buscando aquele canto especial. Maurício fode a minha boceta com os dedos e com a língua me manipula até sentir que eu estremeço.

Ele levanta da cama e eu ouço a embalagem ser rasgada poucos segundos antes de ele se posicionar entre as minhas pernas. Seu pau me preenche. Enrolo as pernas em sua cintura. E os nossos olhos se encontram quando ele sai e entra novamente, permanecendo assim em todas as suas estocadas. Ele não fecha os olhos quando goza e eu me perco naquele mar azul, quase me afogando nele.



Se a nossa relação tivesse um sabor ela seria de felicidade, com calda de romantismo e notas afrodisíacas de tesão. Nunca amar alguém tinha sido tão saboroso. Agora eu compreendo perfeitamente as palavras de Luiz e Ana, agora eu sinto na pele o que é querer tanto alguém, colocar o outro acima de si mesmo... Eu me pego fazendo coisas que jamais pensei em fazer na minha vida, como desejar que o expediente acabe logo para correr para os braços do Maurício, ou ainda, a bobagem de dormir vestindo uma camisa dele para suportar a ausência no tempo que ele passava distante de mim.

A cada retorno seu para meus braços, o sentimento ficava mais intenso. A ausência determinada pelo seu trabalho nos castiga, pois é doloroso demais ficar quinze dias distante de quem se ama, mas toda essa dor se dissipa quando nossas bocas se encontram e nossas mãos tateiam, matando a saudade do corpo conhecido.

Quando Maurício me olha e sorri, eu me sinto completa. É louco pensar nisso, mas é assim: uma vez que encontramos nossa metade, nunca mais seremos completos sozinhos. E é lindo saber que nada disso mudou com o passar do tempo, desde o nosso primeiro encontro as coisas são intensas. Vivemos um ano em um minuto, mas isso não me assusta mais. Seis meses depois, seu olhar continua me provocando arrepios e me fazendo arfar de prazer.

É exatamente esse olhar que eu receberei agora, ao sair de mais um dia exaustivo de trabalho. Avisto o Maurício recostado no seu carro, parado a frente do restaurante, segurando meu café. Quando ele me vê, fita-me como se nada no mundo importasse e eu retribuo na mesma intensidade. Apresso os passos para alcançá-lo mais rápido e ele faz o mesmo ao notar meu andar ligeiro. Quando nos encontramos ele me ergue com o braço livre e rodopiamos juntos, sorrindo.

— Mais um dia longe de você e eu enlouqueceria — sua voz sai rouca e as ondas sonoras reverberam pelo meu corpo.

As palavras me faltam, então recorro ao toque para expressar o quanto senti a sua falta. Grudo nossas bocas e corpos em um beijo incendiário. Dane-se

que estou na frente do meu local de trabalho, o que eu mais preciso nesse momento é sentir Maurício junto a mim. Ele puxa os meus fios e aprofunda o beijo, e eu ouço o baque do copo de café caindo no chão. Não dou importância. Mantenho-me concentrada nas sensações que nosso amasso causa e já o sinto duro contra a minha barriga.

— Parece que mais alguém sentiu minha falta.... — Sorri ao me esfregar contra sua ereção.

— Você não imagina o quanto, me sinto uns 20 anos mais jovem com você.

— Gosto disso — respondo.

— Gosta de me ver bancando o adolescente que fica de pau duro com apenas um beijo, Eva?

— Também — concordo ainda abraçada a ele — mas eu me referia a saber que você se sente tão vulnerável quanto eu.

— Boa noite, Eva — um dos garçons passa por nós, olhando disfarçadamente o nosso agarro, e se despede.

— Boa noite — respondo, sorrindo.

— Vamos embora daqui antes que todos percebam a devassa que você é — perturba — agora ande na minha frente até a gente entrar no carro. Você deve me ajudar a lidar com o problema — indica a calça e sorri maliciosamente.

— Eu ainda quero meu café — olhei para o líquido derramado no chão

— Eva... — Repreendeu, sorrindo.

— A espera valerá a pena! — lambi sua boca.

— Sempre vale — apertou minha bunda — vamos logo.

Paramos na cafeteria ao lado, *nosso amigo* tinha voltado ao normal com relutância. Pedi o meu habitual café e o Maurício uma bebida gelada, solicitando também que a embalagem seria para viagem. Em passos rápidos chegamos no carro e em seguida percorríamos as ruas vazias na madrugada. Mas estranho o caminho que estamos fazendo, não era o que sempre fazíamos até o hotel em que ele ficava hospedado.

— Erramos o caminho? — indago quando reduz a velocidade em frente a um alto prédio.

— Eu queria te mostrar uma coisa...

— Agora? — Não escondo a minha frustração.

— Sim — acena para mim e aciona um controle que fez com que os grandes portões se abram.

Descemos uma rampa e em poucos metros estamos em um estacionamento subterrâneo. Na medida que o carro segue, as luzes se acendem e eu notando que tipo de condomínio é aquele. Os automóveis, com toda certeza,

custavam o triplo do valor do meu carro. E quando ele estaciona ao lado de uma Ferrari, eu não contenho a surpresa.

— Onde estamos? — Minha pergunta o faz gargalhar.

— Em um estacionamento — arqueia a sobrancelha, sorrindo.

— Em um estacionamento *de luxo*, você quer dizer? — exclamo — Maurício, olhe para esses carros — aponto para os lados — até para mim que não conheço todos os nomes e marcas, sei que nenhum deles é popular.

— Hum... Acho que esqueci de dizer que sou um magnata.

— Sêrio?!

— Não — negou, sorrindo — eu queria muito ser um magnata, mas sou um homem normal que precisa trabalhar muito para pagar as suas contas no início do mês. Você acha que eu ficaria quinze dias longe de você se não precisasse?

— Então, quem vamos visitar aqui?

— Tenho muitos amigos e um deles me indicou esse lugar com um preço acessível, para não continuar morando metade da minha vida em um hotel.

— Você vai morar aqui?

— Ainda não sei — moveu o corpo em minha direção — depende de você.

— Juro que não estou entendendo...

— Não imaginei dizer nada disso aqui no estacionamento — sorriu e no mesmo momento meu coração acelerou pelo que viria a seguir — a cada dia que passa eu quero estar ainda mais próximo a você. Quero dormir e acordar ao seu lado, dividir suas alegrias e frustrações... O que eu quero dizer com tudo isso Eva, é que quero compartilhar minha vida com você! Deus é testemunha de que não há nada que eu deseje mais nesse mundo do que ser inteiramente seu.

A enxurrada de palavras que saíram dos seus doces lábios incendiou todo o meu corpo. Eu tinha certeza que ele podia ouvir as batidas frenéticas do meu coração. Não sabia se me atirava nos seus braços e colava nossas bocas ou se continuava ali inerte absorvendo o prazer proporcionado por aquele discurso, ainda estava processando tudo quando o golpe final veio:

— Eu te amo, Eva.

— Eu... — abro e fecho a boca lutando para encontrar as palavras, mas não sei o que dizer. Ou como fazê-lo.

Não atribua a minha ausência de palavras à ausência de sentimentos, eu amava Maurício tanto quanto ele dizia me amar. Mas as palavras que formariam essa frase haviam ficado tantas vezes ali, escondidas no meu coração, que se tornaram reféns do meu cérebro. Todas as vezes em que ele me amava, na cama, em devoção, eu gritava o seu nome e engolia o “eu te amo”, deixando-o

guardado a sete chaves.

Temos o hábito de atribuir o sentimento amor à quantidade tempo, como se fôssemos incapazes de amar no primeiro olhar ou no primeiro toque. Como se a intensidade dos sentimentos ficasse presa a uma linha temporal. Como verbalizar “amo você” com apenas seis meses de namoro, indagariam os céticos? Eu quis gritar desde o dia em que dançamos no quarto de hotel, mas me deixei prender pelo medo do que ele pensaria.

Não dava mais para prender em mim o sentimento que crescia a cada dia, a ponto de me fazer queimar a calda de chocolate que era capaz de fazer de olhos fechados e chorar feito boba assistindo uma comédia romântica. Eu o amo profundamente.

— Eu quero entrar na sua vida da mesma maneira que você entrou na minha: sem reservas, sem receios... — duas lágrimas rolam e ele as enxuga — quero ser sua, porque não existo mais sem você.

— Eu te amo tanto... — Repete, sorrindo e seus olhos azuis parecem dois oceanos derramando emoção. — Eu te amo, Eva! — Grita, antes de colar nossas bocas e selar o nosso amor.

— Eu também te amo, Mauricio.

Mais do que a qualquer outra coisa no mundo.

Capítulo 6



Sorte no amor, azar no jogo. É o que costumam dizer para exemplificar o desequilíbrio natural da vida que, como em uma balança, faz um aspecto pender mais para um lado do que para outro. A luta pelo equilíbrio é o que buscamos cotidianamente e comigo não é diferente. No prato que representa o amor, não poderia estar melhor, aliás até poderia se o Maurício não precisasse retornar a

Brasília a cada quinze dias, fora isso está tudo perfeito! Ele é muito mais do que eu podia querer, um homem apaixonado, dedicado e uma delícia na cama. Já o bendito prato que se refere ao trabalho... Ferra com a minha balança! O atual *chef* é rude e, por vezes, desrespeitoso com a equipe, mas não há muito que possa ser feito a respeito disso. O restaurante recebe, cada dia mais, novos clientes ávidos para experimentar os pratos assinados por ele, então a equação disso não poderia ser outra: *chef* renomado + casa cheia de clientes satisfeitos = dono feliz... Os funcionários que aprendessem a lidar com a intransigência, ou como o babaca mesmo costumava dizer, com seu *grande temperamento*.

O fato é que eu me dedico ainda mais ao restaurante. Apesar de me sentir andando em uma corda bamba diariamente, eu cumpro todas as exigências do *chef* com um falso sorriso no rosto e muita agilidade, para provar que meu desequilíbrio emocional de outrora faz parte de um passado distante. E isso tem trazido um retorno incrível: eu havia sido escolhida para comandar a equipe responsável pelo *buffet* de uma grande festa de inauguração. Seria um jantar para duzentas pessoas com direito a entrada, prato principal e sobremesa. É a oportunidade perfeita para eu provar, de uma vez por todas, que a cozinha é o meu lugar.

Nada podia dar errado essa noite. Absolutamente nada sairia do controle no que dependesse de mim. Por esse motivo, meus dois auxiliares e eu começamos o preparo do jantar cedo, muito antes do horário habitual de funcionamento da cozinha. O cardápio aprovado pelo *chef* tinha como entrada *bruschettas* de salmão com queijo e *gruyère* e geleia de amoras. Seguindo a linha da entrada, optamos por frutos do mar para o prato principal: filé de congro com camarões acompanhado de *Fettuccine* e para sobremesa Verrine de Frutas Vermelhas. Três pratos com muitas etapas, o que demandava tempo.

Sávio inicia a limpeza dos camarões pistola, enquanto Elza corta em filete o peixe congro e o salmão. Enquanto eles preparam os ingredientes, eu preparo a massa do *Fettuccine*. Quando o restante da equipe chega, no horário habitual, a cozinha já está a todo vapor: as *bruschettas* e o *Fettuccine* estavam prontos e aguardavam apenas o recheio, os camarões pistola inundavam o ambiente com o cheiro que exalavam enquanto refogavam no azeite.

O *chef* Oliveira confere alimento por alimento, pronto para achar qualquer defeito, com seus olhos de lince e sua boca exigente. Ele saboreia e avalia nosso trabalho. Quando ele apenas assente com a cabeça, em sinal positivo, eu faço uma dancinha imaginária da vitória.

O relógio aponta seis horas quando Diego invade o espaço acompanhado de quatro homens uniformizados que pertencem a empresa responsável pelo transporte do *buffet*.

— Cuidado em especial com as taças de cristal e os pratos de porcelana — informei ao homem que levantou a caixa escrito “frágil” em vermelho.

— Nada pode dar errado nessa porra, Eva! É o meu nome que está em jogo.

— Está tudo sobre controle, *chef* — respondo.

Os homens necessitam de viagens até a cozinha para finalizar o transporte de tudo. Os alimentos estavam em caixa térmica prontos para apenas serem montados nos pratos no local da festa. Uma das exigências dos contratantes era que o responsável pelo *buffet* estivesse presente para garantir que todas as refeições fossem entregues no momento e na temperatura ideal, e foi por esse motivo que eu fui designada a função. O *chef* Oliveira não pode se ausentar do restaurante em pleno sábado, afinal ele era o queridinho dos artistas que lotavam o espaço naqueles dias.

Enquanto eu aguardo o carro que me levará até o local onde acontecerá o jantar chegasse, assumo o preparo dos pedidos cotidianos que já chegam freneticamente. Éramos muitos na cozinha, mas ainda assim havia dias em que parecíamos insuficientes.

Quase meia hora depois de a comida partir, Diego retorna para informar que o meu transporte havia chegado. Saio carregando uma pequena maleta térmica, com a base do doce pronta e, em poucos minutos, desço no estacionamento de um grande e belo hotel. Assim que os meus pés pisam no chão, sou recepcionada por uma mulher loira, vestindo um terninho preto, presumo ser a organizadora contratada para o evento.

— Eva? — apenas assinto — Queira me acompanhar, por favor.

Seguimos pela área de serviço, não observo atentamente o ambiente ao meu redor, mas vejo que se tratava de um grande empreendimento a julgar pelo número de andares. A cozinha é incrível, revestida em porcelanato e se assemelha a do local em que trabalho, mas com um *quê* mais intimista. Não sei se são os quadros de azulejo na parede ou as luminárias no ambiente que dão essa impressão. Meus olhos brilham ao notar o enorme balcão, todo em mármore preto, as duas pias gigantes e forno a lenha.

— Qualquer coisa só me chamar — a mulher se afasta sorrindo e eu concentro toda a minha atenção em montar a entrada.

Meus auxiliares me ajudam na tarefa e quando finalizamos a montagem do primeiro prato, ele começa a ser servido. A correria é grande, mal acabamos de servir uma refeição e já estou orientando o passo a passo do prato principal: três camarões sobre o filé de congrio posicionados do lado esquerdo do prato e ao lado a massa. monto um prato como exemplo eles logo reproduzem em escala.

Os garçons retornam para pegar o prato principal e já trazem o *feedback*

das pessoas: muitos elogios à entrada. Sinto-me feliz e energizada. Agora é a hora da rainha da noite brilhar: a sobremesa. Início o preparo do Verrine de Frutas Vermelhas. Os morangos e amoras, as frutas escolhidas para o recheio, estão frescos e logo unem-se ao açúcar refinado formando uma calda grossa. Enquanto o recheio descansa em um recipiente com gelo, passo para o preparo do *crumble*, a farofa precisa ficar crocante ou adeus o Verrine. Nesse momento sou tomada por lembranças da minha avó Dulce e dos tempos que cozinávamos juntas, quando ela já me considerava grande o suficiente para mexer o tacho do doce de banana. Meus braços chegavam a doer, mas o seu sorriso fazia o esforço valer a pena... Assim como cada uma das dores de cabeça que tive com o *chef*.

Ufa, fim do jantar! Com a sobremesa finalizada e já sendo servida, aguardo a ligação do gerente me liberando das minhas funções. Estou sentada sob o balcão de mármore, conversando com os outros funcionários, quando um dos garçons se aproxima e informa que estou sendo solicitada no salão onde foi servido o jantar. Desço do balcão, retiro a touca e passo a mão pelos cabelos, enquanto caminho lentamente ao lado da recepcionista responsável por me conduzir até a mesa principal. É a esposa do proprietário do hotel quem me requisita.

Observo atentamente o ambiente ao meu redor, as paredes em tons pastel contrastam com os móveis escuros. A decoração é requintada, abajures de diversos formatos e quadros decoram o espaço, fazendo com que o lugar me remeta à época do romantismo.

— Senhora Natalie — a recepcionista chama por uma mulher que caminha em direção ao salão, provavelmente vindo de um dos banheiros.

A mulher vira-se e sorri ao me ver. Seus olhos são grandes e cor de mel, o seu rosto comprido é emoldurado por um cabelo liso, preto feito carvão. É uma mulher muito bela.

— Essa é a responsável pelo *buffet*, Eva Prado — a recepcionista me apresenta *e a bela mulher me cumprimenta com dois beijinhos.

— Querida, parabéns! A comida estava excelente, por isso fiz questão de te elogiar pessoalmente. Vamos até a minha mesa? Quero lhe apresentar a minha família e já adianto que quero contratá-la novamente.

— Claro — sorrio e ando ao seu lado. A recepcionista segue para terminar seu trabalho.

— Minha filha completará dezoito anos, gostaria de um cardápio tão maravilhoso quanto esse, mas ela quer algo menos formal. Gostaria da sua opinião, talvez você possa influenciá-la — ela diz em tom de segredo.

A conversa segue animada até a mesa. Noto um menino com o rosto lambuzado de doce e sorrio satisfeita, essa é a maior prova que os Verrines

fizeram mesmo sucesso. Uma senhora usa o guardanapo de tecido para limpar o menino com cuidado e beija seu rosto livre do açúcar. Os garçons estão servindo mais champanhe quando nos aproximamos.

— Amor... — Natalie toca o ombro de um homem de terno azul, que estava sentado de costas para nós. O homem se levanta da cadeira e se vira em nossa direção.

Nossos olhares se cruzam e um flash de reconhecimento passa por nós, ao mesmo tempo. De repente é como se todo o oxigênio tivesse sido extraído de mim de uma vez, como em uma embalagem a vácuo. Uma dor aguda atinge o meu peito e minhas mãos gelam. Sinto como se todo o sangue do meu corpo parasse de circular em um milésimo de segundo. Tento falar, mas sou incapaz de proferir uma única palavra. Sinto minhas pernas fraquejarem.

Aqueles olhos...

Eu os reconheceria em qualquer parte do mundo. Olhos que infinitas vezes se fecharam de prazer ao receber meu toque. Olhos que me transmitiram carinho e segurança, que admiraram meu corpo e despiram minha alma.

Deve ser algum tipo de brincadeira.

Onde estão as câmeras?

O que o Maurício fazia ali?

De súbito, como uma onda que se choca contra um rochedo, eu me dou conta de onde estou e o peso da situação me atinge em cheio. Vasculho a mente em busca de evidências que amenizem o momento, que me mostrem que ela se enganou ao chamá-lo de amor. Devo estar boquiaberta e pálida, pois todos me olham como se esperassem que eu caísse a qualquer momento.

— Você está bem, querida? — volto a ouvir a voz doce da Natalie e pisco atordoada.

Maurício faz menção de me tocar, mas eu o repilo levantando as mãos. Sinto-me zozza e prestes a cair de cara no chão. Nada faz sentido. Sinto braços estranhos envolvendo meu corpo e olho, assustada, para o lado. Que porra está acontecendo? Um homem me abraça, como se fôssemos íntimos, mas eu não sei quem ele é.

— Desculpe pelo susto amor, eu deveria ter avisado que minha família estaria aqui — o estranho diz.

Demoro alguns segundos até entender que o estranho está tentando salvar a situação. Sinto meu rosto arder de raiva. Os meus olhos também ardem. Quero me jogar no chão e espedaçar. Quero bater em alguém. Quero matar todos que me olham. Quero gritar, mas sou incapaz de abrir a boca.

— Perdão, acho que ela está cansada demais para interagir — o homem me guia para fora daquele espaço enquanto as lágrimas começam a cair dos

meus olhos.

Isso só pode ser um pesadelo.



Capítulo 7



Sou literalmente arrastada para fora do salão. Minhas pernas não obedecem ao meu comando, mas os braços do desconhecido permanecem ao redor do meu corpo, me mantendo firme. Não reclamo do toque, pois é o apoio que me mantém de pé. E me ajuda a sair daquele pesadelo.

O homem para em frente ao elevador e aciona o botão. Somente quando

adentramos a caixa metálica, seus braços soltam a minha cintura e eu busco a parede como apoio. Ele passa a mão pelos cabelos e solta o ar com força, parece tão em choque tanto quanto eu.

— Eva... — Meu nome nos seus lábios traz o fio de racionalidade que ainda restava em mim.

— Como você sabe meu nome? — pergunto em tom fraco.

— O Maurício... — estreito os olhos, ele hesita — eu só quis ajudar você nesse momento

— Claro, amigos! Um homem sempre acobertará o outro em suas sacanagens — constato tristemente.

— Não generalize. Eu não sou esse tipo de homem! — Discordou de forma enfática, — eu nunca faria o que o Maurício fez.

O peso das suas palavras me atinge em cheio: o homem que eu amava é um filho da puta mentiroso. Maurício havia brincado com os meus sentimentos, tinha acabado de transformar o meu amor em algo sujo. Eu não passava de uma amante na sua vida? Mas os seus olhos sempre me transmitiram verdade...

Desabo no chão do elevador e grito enfurecidamente dando vazão a toda a fúria que cresce dentro de mim desde que o vi naquele salão. Se eu pudesse, eu o mataria. Arrancaria aqueles olhos com as próprias mãos para que ele jamais voltasse a me destinar *aquela* maldito olhar. Eu queria destruí-lo até que não restasse nem o pó da sua existência na face da terra. Eu desejo tanto nunca ter respondido aquela mensagem...

Permaneço no chão, me debatendo aos berros e lágrimas abundantes e feias escorrem pelo meu rosto. O som dos meus gritos se une ao meu soluçar.

— Eva... — O homem se agacha e, com isso, ficamos na mesma altura — me diz como te ajudar — ele estende um lenço de bolso.

— Me conta toda a verdade — seguro sua mão com força e peço em um tom piedoso — a verdade...

O homem me observa por trás das suas lentes com armação preta, e inspira fundo, como se estivesse pesando as possibilidades. No que me parece uma eternidade, ele assente com a cabeça em confirmação. Ele me dirá a verdade e agora sou eu quem busco o ar antes de escutar tudo.

— Há quanto tempo eles estão juntos? — minha voz sai trêmula quando tento conter as lágrimas e me controlar.

— Dezoito anos.

— Dezoito anos? — Levo a mão a boca completamente atordoada com a resposta.

Sinto como se eu tivesse sido acertada no estômago. Primeiro, sinto a sensação de falta de ar que me obriga a inspirar forte para levar o oxigênio aos

meus pulmões. Depois, aquilo quase se transforma em dor física e faz eu me contorcer e abraçar as minhas pernas. E ali, em posição fetal, no piso frio do elevador, eu percebo o quanto o amor pode ser amargo.

As portas se abrem, indicando que o andar havia chegado, mas sou incapaz de me mover. Permaneço no meu mundo de lágrimas e dor. O estranho me ergue com cuidado, como se eu fosse uma criança que precisa de colo, e me mantém aninhada em seu corpo. Ele segue, com passos firmes, por um longo corredor e para diante de uma porta. Sem me soltar, ele a abre com o cartão magnético, e nos conduz para o interior.

Uma cama de casal surge no meu campo de visão e, como se eu fosse de vidro, o homem poussa o meu corpo no colchão macio. Não questiono, sou incapaz de manter um fluxo de raciocínio coerente. Sinto-me como se um buraco tivesse sido aberto aos meus pés e eu despencasse em queda livre. Uma garrafa d'água foi estendida à minha frente, ergo meu corpo e pego-a, para ingerir uma boa quantidade do líquido.

— Eva, quer que eu chame um médico? — Ele indaga, preocupado.

— Quero ir para minha casa...

— Melhor esperar os convidados saírem. O Maurício pode estar te procurando lá embaixo...

Apenas assenti. Não queria olhar para o Maurício nunca mais na minha vida. Se ele aparecesse na minha frente agora eu duvidava que eu mantivesse a minha sanidade. Alguém se machucaria feio.

— Quer que eu peça algo para comer? Ou um café, talvez um chá?

— Quero a história completa!

— Acho que... — hesita — talvez vocês dois devam conversar antes.

— Conversar para que? Para ele me contar meias verdades? Para que ele emita palavras bonitas e eu acredite em cada uma delas novamente? Eu não sei nada sobre ele e duvido que ele seja sincero depois de tudo que aconteceu. Você é o único que pode me dizer a verdade... E nem seu nome eu sei.

— Ricardo — ele se apresenta sem sorrir.

— Ricardo — repito — eu mereço saber a verdade. — Peço aflita.

Ele se afasta de mim e caminha em direção a porta. Quando eu estou certa de que ele me abandonará ali, na teia de mentiras que o Maurício havia me deixado, ele se recosta na porta e fecha os olhos.

— Nicole é minha prima. Ela e o Maurício estão juntos há mais de dezoito anos. Após um breve namoro, ela engravidou e, antes do nascimento da Ju, filha deles, já estavam casados oficialmente. — Ele abre os olhos e me encara como se avaliasse se estou pronta para ouvir o resto, enxugo as lágrimas e balanço a cabeça para que continue — Apesar do casamento rápido, eles

formavam um casal feliz e apaixonado tanto que decidiram ter outro filho quando completaram quinze anos de casados.

Um marido apaixonado e pai de dois filhos!

— Nunca imaginei que ele pudesse... — hesita — trair a minha prima. Não que ele não flertasse com outras mulheres, ele é bonito e sabe disso. Mas daí a manter uma relação extraconjugal — nega com a cabeça — eu conheço o Maurício há anos, duvidava que ele pudesse ter ido tão longe. Eu vi o jeito que ele te olhou naquele jantar quando você se apresentou como *chef*. Todos nós comentamos o quanto você era linda aquele dia.

Ele também estava no fatídico jantar. *Quanta sorte, Eva.*

— Mas eu nunca poderia prever o que aconteceu hoje. Juntei dois mais dois ao notar sua reação. Imagino o quanto você deve estar se sentindo traída, ele provavelmente nunca deve ter dito que era casado. Talvez ele achasse que você não fosse mais do que qualquer outra conquista...

Não processei as últimas palavras, o choro compulsivo não permitia que eu mantivesse minha racionalidade.

Eu era apenas *mais uma* das suas conquistas?

Filho da Puta!

Balanço a cabeça negativamente, como se negar fosse mudar algum fato, o desespero e a sensação de traição consumindo as últimas forças do meu ser. Deito nos lençóis macios e dou vazão a toda gama de sentimentos que eu havia tentando conter por minutos. Feito um cano que se rompe, inundam o meu rosto. Ricardo parece entender que eu queria ficar sozinha com minha dor, pois escuto a porta sendo aberta e, sem seguida, fechada vagarosamente. Ali, instalada no hotel que me fez a mulher mais infeliz do mundo, eu choro até que nenhuma lágrima mais possa rolar e adormeço em meio a todo o pesadelo.



Acordo assustada, isso deve ser um pesadelo. Sento-me na cama, ainda atordoada, enquanto a ficha cai aos poucos e passo a reconhecer onde estou. Até que noto uma presença no quarto. Ergo a cabeça e avisto um claro par de olhos me observando atentamente.

— Precisamos conversar — sua voz preenche o ambiente e meu coração me trai ao acelerar em reconhecimento.

— Não temos nada o que conversar — levanto da cama abruptamente, caminhando em direção a saída. Maurício me segura pelo braço, me obrigando a parar.

O contato das suas mãos na minha pele provoca uma onda de arrepio em meu corpo. Naquele momento, minha mente o odeia com todas as forças, mas meu coração e o meu corpo continuam amando-o desesperadamente. É uma luta insana entre minha racionalidade e a minha emoção e eu sabia que se permanecesse mais alguns minutos ali, sentindo o seu toque, eu fraquejaria. Por isso, me livro do seu contato e caminho para o lado oposto, o mais longe possível dele.

— Você precisa me ouvir... — As palavras saem da sua boca num tom que parece ser de súplica. Seus olhos estão tristes, assim como seu semblante... Ou não? Talvez tudo isso não passe de mais uma encenação e meu coração imbecil está buscando encontrar um fio de esperança para perdôá-lo.

— Vai me dizer que não é casado?

— Eva... — Ele diminui a nossa distância com poucas passadas e para em minha frente

— Dezoito anos... — Emiti sentido as lágrimas surgirem, mas pisquei para afugentá-las. — Não consigo acreditar nisso.

Maurício dá mais um passo e os nossos rostos ficam a poucos centímetros. É possível sentir o seu hálito quente e, instintivamente, fecho os olhos desejando sentir seus lábios novamente. É o suficiente para que ele perceba a minha fraqueza e aja, fazendo sua mão tocar a minha face

vagarosamente, provocando uma corrente elétrica por todo o meu corpo. Seu toque ainda tem a mesma textura e emana as mesmas sensações.

O toque delicado é um afago para minha alma tão dolorida. Quando seus dedos tocaram meus lábios, abro os olhos e me encontro no seu olhar. A força de tudo que vivi com ele passa feito um filme em minha mente e as lágrimas rolam livres por meu rosto. Ele as secou com cuidado.

— Você me fez de idiota durante todo esse tempo... — Constato o óbvio, tristemente.

— Eu amo vo... — No impulso, atinjo seu rosto com um tapa. Toda a minha fúria concentrada naquela ação.

Minha mão arde e ele me encara assustado, a marca dos meus dedos na sua pele branca foi o combustível que faltava para incendiar aquele quarto.

— Eu te... — ele tenta mais uma vez, mas não completa a frase novamente, pois avanço contra ele, com uma fúria que eu nunca havia experimentado em minha vida.

Eu não permitiria que ele dissesse que me amava. Nenhuma palavra de amor seria dita, pois era mentira. Assim como tudo que ele diz. Esbofeteei com vontade o seu rosto lindo, a pele alva e imaculada acima da barba bem-feita estava manchada de tons vermelhos deixados pelas minhas mãos. Maurício demorou alguns segundos para reagir, talvez na esperança que fosse um ataque de fúria passageiro, achando que no segundo seguinte eu me jogaria nos seus braços pedindo perdão. Todavia, quando, mais uma vez, minha mão atinge a região dos lábios, um filete de sangue escorre e ele acorda da sua inércia. Mas é tarde e a fera enjaulada que eu nem sabia que me habitava, tinha sido liberta e nada me faria recuar.

Maurício segurou as minhas mãos e usou a sua força para me manter presa. Seus olhos me encaravam e dessa vez vi um misto de sentimentos ali: raiva, decepção e surpresa. Ele me olha como se não me reconhecesse e ele está totalmente certo. Nem eu sei quem sou nesse segundo.

— Eu te amo, porra! — Grita — E me bater não vai matar esse sentimento!

— Nunca mais repita que me ama — grito de volta, tentando me soltar da pressão das suas mãos. Chuto sua perna, mas ele não se move.

— Eu preciso que você acredite no meu amor! — Se não o conhecesse como o conheço agora, eu acreditaria naquelas palavras e ainda mais na intensidade do seu olhar. Os olhos azuis brilharam quando ele falou. Como alguém podia mentir com tanta facilidade?

— Eu tenho nojo de você — Cuspi na sua face — Nojo! — Mordi seu braço com força, feito um cão raivoso, e nem quando senti o gosto de sangue na

minha boca aliviei a pressão dos meus dentes sobre a sua pele.

— Porra — ele me larga, sem conseguir mais suportar meu ataque.

— Suma da minha vida! — Empurro-o antes de sair correndo do quarto.

O elevador não estava parado no andar e aguardá-lo seria correr um risco de ser alcançada por ele, mas a minha cota de emoções do dia havia chegado ao fim. Sigo em disparada em direção as escadas, não sei quantos andares percorro, mas quando finalmente chego ao hall do hotel a minha respiração está ofegante. Não diminuo os passos e acabo me chocando com um corpo sólido e alto.

— Eva? — Ricardo me segura para que eu não caía.

— Me leva para casa! — Peço e ele assente em concordância.

Seguimos rapidamente até o carro parado no acostamento, em frente ao hotel, quando as portas se fecharam eu pude ouvir meu nome mais uma vez.

— Eva! — ouço Maurício gritar antes de o carro sair em disparada.

Suspirei aliviada recostada no banco de couro. Segundo depois olhei para o lado e vislumbrei o homem que havia se tornando o meu salvador naquela noite.



Capítulo 8



Dentro do carro que me tira do inferno, dito o endereço, em modo automático, e fecho os olhos, lutando para não chorar mais uma vez diante dele. Ricardo dirige em silêncio e eu agradeço aos céus por ele não querer puxar assunto. Quando ele estaciona o carro em frente ao apartamento, quase não tenho forças para encarar o homem que me ajuda.

— Você vai ficar bem, Eva? — Ricardo me encara preocupado.

— Não, mas obrigada pela carona...

— Me empresta o seu celular?

— Deve estar descarregando — digo ao entregar, sem entender para quem ele ligaria naquele contexto.

— Pronto, aqui está — devolve o aparelho — salvei o meu número, pode me ligar quando precisar.

Não respondo. Abro a porta e desço do carro rapidamente, imaginando que posso desabar a qualquer instante. Não noto os andares passando até que as portas do elevador se abrem eu entro no maldito apartamento. Como um zumbi, continuo me movendo em linha reta e, sem que me desse conta, acabo sentada no chão do banheiro chorando de raiva e dor. Olho-me no imenso espelho e o reflexo me dá ódio, a mulher que me olha dá pena. Eu não devia ter ido ali, aquele é um lar de mentira em que um casal de mentira fingia brincar de amor.

Idiota!

Levanto-me com fúria e arremesso o secador de cabelo contra o espelho que se espatifa em infinitos pedaços, um grito feio escapa da minha garganta e atiro todos os objetos da minha bancada no chão.



Apago. Não faço ideia de como me arrastei até a cama, nem de quanto tempo faz que estou ali. As horas correram sem que eu percebesse ou nem um maldito segundo se passou? As cortinas pesadas do quarto não permitem que a luz do sol penetre e eu não faço ideia de quanto tempo passei dormindo. Tateio em busca do telefone sem fio, no criado mudo. Disco os números do restaurante e no terceiro toque a ligação é atendida.

— Diego, boa tarde.

— Diego, preciso falar com o Sr. Luiz.

— Eva? Por que você não deu retorno ontem à noite.

— Diego, por favor passe a ligação.

— Mas...

— Agora! — grito alto.

Ouçó seu suspiro antes de a ligação ser transferida.

— Pois não.

— Boa tarde, Sr. Luiz é a Eva, não estou me sentindo bem...

— Aconteceu alguma coisa?

— Algumas, mas vou resolver... Estou ligando para informar que não terei como ir trabalhar hoje.

— O expediente já começou... Aconteceu algo grave? Você nunca faltou ao trabalho.

— Estou com uns problemas pessoais.

— Ok, não se preocupe. Fique bem.

— Vou tentar. Obrigada. — Encerro a ligação e permaneço sentada na enorme cama de casal.

O ambiente ao redor antes, tão aconchegante, me deixa desconfortável. Não preciso fechar os olhos para recordar as noites de prazer que Maurício e eu compartilhamos aqui. Posso sentir a sua presença. Cada objeto neste quarto me remete a ele... Tudo naquele espaço me aproxima dele. Era o nosso lar. O lugar que escolhemos compartilhar a nossa vida, agora parece um ambiente sujo. Esse

apartamento é o lugar onde ele brincava de homem livre e eu era apenas mais um fantoche do seu teatro.

Recuso-me a acreditar nisso... Não tem como alguém ser tão bom ator! Talvez o Ricardo tivesse razão, eu deveria ouvir as verdades da boca do próprio Maurício. Salto da cama e caminho apressada para a sala, em busca do meu celular, ele deve estar em algum canto da sala... Avisto o aparelho jogado no sofá ao lado das chaves. Tento usá-lo, mas ele não liga, está descarregado.

Droga!

Volto até o quarto com o aparelho nas mãos, em busca do carregador. Encontro-o na segunda gaveta do criado mudo, conecto o celular à tomada e permaneço ali, em pé, esperando carregar o suficiente para que o aparelho inicie as suas atividades. Uma notificação de mensagem faz meu coração acelerar. Com as mãos trêmulas, toco no ícone da mensagem e, para minha decepção, o texto que encontro ali não me traz alívio. Pelo contrário, me deixa com ainda mais raiva.

**Precisei retornar para Brasília.
Depois conversaremos.**

Maurício enviou a mensagem as duas e trinta da manhã. Digito algumas palavras como resposta, mas apago. Tudo que estava preso na minha garganta precisava ser dito, em alto e bom tom, por isso disco para o seu número. Mas não chama. Cai direto na caixa postal, assim como as dez vezes seguidas em que tento ser atendida. Abro o *Whatsapp*, releio a mensagem e clico no ícone do microfone para enviar o meu áudio em resposta:

Por que não me surpreende que você tenha retornado para casa com a SUA família? — Sorrio amargamente — Um homem de verdade, pai de DOIS filhos deve acompanhar a prole até em casa para garantir que todos chegaram bem. E o mais importante: a sua ESPOSA merecia os dias dela, afinal eu já tive os meus quinze dias esse mês e você é um homem justo e divide sua presença por igual a cada uma das suas mulheres. Eu fui tão burra em me entregar para você! Não, na verdade eu fui uma completa idiota. Acreditei nas suas doces palavras, acreditei que o seu amor era verdadeiro — A essa altura as lágrimas já turvavam a minha visão — Você deve ter se divertido tanto as minhas custas, deve ter espalhado aos amigos que estava trepando com uma mulher mais jovem. Uma maldita imbecil que te satisfaz na cama! Você tem noção do quanto eu te odeio? Tem noção do quanto estou enojada com a situação? Não, não tem!

VOCÊ É UM FILHO DA PUTA DE UM MENTIROSO, MAURÍCIO!

Envio e fixo o olhar na tela, quero ver o exato momento em que ele visualizará os áudios e, mais ainda, qual será a sua resposta... Cinco, dez, quinze, vinte, trinta minutos depois eu continuo olhando para a tela fixamente e nenhum sinal dele. Levanto o olhar e me deparo com uma foto minha sorrindo, emoldurada no porta-retratos de vidro. Maurício a havia tirado quando passamos a nossa primeira noite no apartamento, nela eu estou com os cabelos bagunçados, usando uma camisa sua preta. Não é uma foto produzida, pelo contrário, eu tinha acabado de acordar e ele me surpreendeu com o clique. Segundo ele era uma foto linda, pois eu exibia um sincero sorriso de felicidade que o lembrava de que ele tinha tomado a decisão certa.

A mulher da foto, que sorri tão feliz, não tinha ideia de como a história terminaria e me ver naquela foto me trouxe ainda mais dor. Eu exibia um sorriso gigante, pois estava olhando para o homem que eu amava e que jurava me amar também.

— Burra! — Grito para a foto.

As lágrimas reaparecem e o choro se inicia silencioso, mas logo um ruído escapa de minha garganta e o desespero recomeça. Meu corpo todo treme enquanto eu choro compulsivamente, com o celular grudado nas mãos. O aparelho não traz notícias dele, as lágrimas molham a tela e eu continuo ali, olhando a última mensagem não visualizada.

O sono, consequência do choro descontrolado, foi o que me tirou daquela vigília. Há algum tipo de ação-reação entre as lágrimas e o sono, parece que quanto mais seu canal lacrimal trabalha, algo no funcionamento do seu cérebro é acionado e você apaga. Talvez, seja a resposta natural do corpo, ao sofrimento. Só sei que após mais uma crise de choro, das muitas que tive ao longo da noite, acordo quando o aparelho vibra embaixo de mim.

— Alô! — Atendo sem conferir quem me liga, na esperança de que fosse ele.

— Boa tarde, *floooooor!* — A voz da Lorena está animada do outro lado da linha.

— Lore... — Choramingo e sinto que estou prestes a desabar mais uma vez.

— Eva... — chama diante meu silêncio — O que aconteceu?

— Eu preciso de você! — Termino de dizer as três palavras e entro no modo choro mais uma vez.

— Você está no apartamento? — emito um ruído de afirmação — Estou indo para aí!

Minha prima encerra a chamada e eu e me mantenho no lugar, até ela chegar. Quando libero sua subida, destranco a porta e me jogo em seus braços no segundo em que ela entra. Deixo a sensação de segurança que os seus braços me passam, me acalantar. Choro por alguns minutos abraçada a ela, até que ela me traz água e me pede calma. Ela me faz carinho e me incentiva a falar. E eu conto tudo que aconteceu em um único fôlego, quando termino a Lore está de boca aberta.

— Meu Deus, Eva. Que grande filho da puta! Quem diria com aquele olhar de bom moço... Se você quiser, nós cortamos o pau dele e damos para um vira-lata qualquer.

Até que não seria má ideia...

Meu pensamento me faz rir de leve, mas logo o riso se transforma em gargalhada ao imaginá-lo castrado.

— Lore, só você para me fazer sorrir.

— Já comeu?

— Não estou com fome...

— Então vamos embora! Não vou deixar você aqui sozinha sofrendo por causa desse idiota. Se é para chorar, vamos chorar na nossa casa.

— Não sei se quero...

— Você não tem opção, querida. Levanta e anda! — me puxa do sofá e me empurra até a suíte do quarto.

— Acho melhor você tomar banho lá em casa — ela diz olhando o caos de vidros e objetos — Porra Eva, você tem que quebrar a cara dele e não os perfumes importados e a maquiagem caríssima!

Sorrio e pego algumas peças de roupa, a Lorena diz que precisamos sair desse espaço, para começar a desintoxicação, o mais rápido possível.



Não consigo precisar quantos dias se passaram desde que meu mundo entrou em derrocada. Já chorei, esbravejei, gritei, quebrei objetos, desabafei e nenhum sinal de vida dele. Hoje pela manhã Lore, precisou mentir para o gerente do restaurante e informar que eu ainda não havia melhorado da virose que ela alegou ter me derrubado. Eu não tinha ânimo para nada, nem o trabalho me fazia querer ficar de pé.

— Chega dessa *vibe* triste! — Lorena invade meu quarto no início da noite.

— Apaga a luz! — Cubro o rosto com o edredom.

— Nada disso — puxa o cobertor — eu preciso trabalhar e não quero te deixar aqui chorando mais uma noite.

— Eu estou bem... — minto.

— Então está pronta para virar a página. Vamos sair e conhecer outras pessoas...

— Lore...

— Nada de Lore, você lembra de quando éramos adolescentes e eu estava péssima por que meu namoradinho me traiu com a nossa melhor amiga?

— assinto — O que você fez por mim no dia seguinte?

— Te arrastei para a quermesse junina da igreja...

— E me disse que eu já tinha chorado muito por um imbecil e que agora era preciso virar a página. Naquela mesma noite eu dancei com o André, lembra? — sorrio com a lembrança, era o garoto mais gato do nosso bairro — E nós duas terminamos a noite ganhando um selinho dele na barraca do beijo. Aquele dia foi fantástico! — Ela sorri. — Não há um André te esperando mais tarde ou talvez haja — dá de ombros sorrindo. — Eu só quero que você vire a página, quero te fazer feliz como você me fez naquela noite. Por favor... — Lorena me olha com tanto carinho. Suas mãos estão grudadas, em súplica, igual

quando criança, ela fazia isso para me convencer... Golpe baixo.

— Tá, vamos!

— EBA! — me abraçou feliz — Fique bem gata, porque a noite hoje é toda sua!



Estou usando um vestido justo preto e saltos da mesma cor, o batom vermelho é a única cor no meu rosto. Ele, assim como o figurino, foi escolha de Lorena. Ela havia vetado a minha calça jeans e o meu top branco. Assim que pisamos na boate, eu entendi o porquê: homens e mulheres deslumbrantes se moviam ao som da música alta. Atraímos alguns olhares enquanto seguimos de mãos dadas até o bar, Lorena seria o terceiro Dj a se apresentar naquela noite e ficaria ao meu lado até chegar a sua vez.

O barman usando uma regata preta, que deixa seus músculos definidos ao deleite de todos, sorri para Lorena quando ela faz nossos pedidos. Quando ele me entrega o meu copo, nossos dedos se tocam e ele sorri antes de afastar para atender um novo pedido. Minha prima capta o momento e ergue o copo num brinde, balanço a cabeça sorrindo e, em um grande gole, tomo o drink. O álcool desce esquentando todo o meu corpo e, pela primeira vez em muitos dias, eu me sinto viva novamente.

— Mais!

Com o meu novo drink em mãos, minha prima me arrasta para a pista de dança. Quando nos mexemos no ritmo da música, lembro da nossa adolescência quando frequentávamos as matinês e das vezes que fugíamos de casa à noite para frequentar as casas noturnas. Dançamos muito e eu me permiti beber mais um pouco.

Quando Lorena assume a picafe para comandar a festa, eu já me sinto plena, talvez seja efeito do álcool em minhas veias. Já bebi muito mais do que estou acostumada, e mesmo sob protestos da Lore, pedi mais drink ao barman várias e várias vezes. Aguardei até sentir que podia fazer xixi na roupa, mas realmente precisava ir ao banheiro, por isso sigo pelo corredor em busca do espaço e estaquei na fila longa. A mulher a minha frente tirava selfies enquanto aguardava, fazendo inúmeras caras e bocas. Várias tentativas depois, vejo ela

postar em rede social a foto em que faz biquinho sexy para a câmera. Felicidade instantânea registrada em um clique.

Eu também estou feliz. Muito, muito feliz. Tão feliz que sou capaz de fazer xixi de felicidade. Há vários dias estou na merda, essa felicidade também merecia ser registrada. Aciono a câmera do telefone e exibo o meu melhor sorriso, mesmo sem enxergar direito com toda as luzes que piscam ao meu redor. Em um clique, capturo uma foto minha em que estou muito feliz e muito gostosa também... Diferente da mulher pálida e cheia de olheiras que a maquiagem tinha soterrado. Eu deveria ser vista assim e não como a moribunda que realmente estava sendo desde aquela fatídica noite.

A lembrança daquela noite me remete ao Ricardo, o anjo que havia me ajudado e que eu não tinha agradecido... Antes que meu cérebro forme uma linha de raciocínio, clico no número salvo com o seu. Ele atende a ligação antes que eu tenha chance de desligar.

— Eva?

— Oi Ricardo... — minha voz sai arrastada.

— Eva, você está bem? — pergunta em tom de alerta.

— Eu estou ÓTIMA! — Respondo alto — Tá escutando o barulho? Estou na *Saideira*. Como não estaria bem? Se bem que eu duvido que você saiba o que é isso — gargalho — é uma boate bem badalada!

— Eu sei onde é a *Saideira*.

— Sério!? — exclamo.

— Por que a surpresa, Eva?

— Sei lá... Você não parece o tipo de homem que frequenta esse ambiente.

— Que tipo de homem eu pareço ser?

— Do tipo que não se diverte — dou de ombros e ele sorri.

Finalmente chega a minha vez de fazer xixi, entro apressada na cabine, ergo vestido e apoio uma mão na parede e tento me equilibrar. O telefone está entre a cabeça e o ombro.

— Eva, ainda está aí? — Pergunta.

— Estou fazendo xixi. Bebida e xixi formam um casal perfeito — rio alto. — Preciso desligar, Ricardo. Ainda tenho *muuuuuuuitas* horas felizes — encerro a ligação, sem esperar nenhuma resposta.

Lorena incendeia a pista de dança, remixando várias músicas incríveis, fazendo todos os corpos se mexerem. Junto-me a eles, completamente entregue ao ritmo das batidas.

Continuo bebendo e dessa vez, revezo os copos em que afogo as minhas mágoas: os de tequila, de cerveja e whisky. A cada gole, a felicidade e a euforia

aumenta.

Até que não consigo mais distinguir realidade de fantasia. As luzes brilham de maneira intensa e ferem meus olhos, por isso eu os fecho. Danço em um universo paralelo e não diferencio as mãos que percorrem meu corpo. Não sei ao certo quantas são... Muitas. Não recuo, me sinto feliz e desejada. As pessoas costumam tocar naquilo que gostam e estavam me tocando, então sou querida. Sinto uma língua quente em meu pescoço e um beijo molhado na minha boca. Retribuo o beijo da maneira que dá, não tenho muita noção dos meus movimentos, estava me sentindo em câmera lenta. Uma mão aperta a minha bunda. Continuo dançando. As coisas estão bem assim, aliás está tudo perfeito nesse novo mundo em que me encontro.

Os sons diminuem. Acho que estou em movimento. Pé após pé, com passos trôpegos, sou guiada. Há um corpo colado nas minhas costas e outro me puxando pela mão. Abro os olhos rapidamente, mas o mundo gira rápido demais e os fecho novamente, bem apertado para estabilizar o ambiente. Não adianta muita coisa. O barulho da música alta fica aos poucos mais distante, não dá mais vontade de dançar. Escuto vozes e risadas.

— Você é muito gostosa... — Ouço, mas não respondo. Acho que as minhas palavras estão perdidas em algum canto do labirinto que é a minha mente.

Sinto algumas mãos nos meus seios e outras levantando o meu vestido. Não protesto. Uma boca lambe meu peito exposto, outra lambe a minha boca e dedos afastaram a minha calcinha.

— O que vocês estão fazendo? Larguem ela! — Uma voz grita alto fazendo com que os toques no meu corpo cessem. — Eva, está tudo bem? — Mãos macias me tocam, dessa vez em meu rosto. — O que vocês fizeram com ela? Vou chamar a segurança — acho que a voz estridente pertence ao meu salvador, mas não dá tempo de descobrir...

O mundo silencia totalmente.

Eu despenco, apagada.



Capítulo 9



Enquanto me recupero da pior ressaca da minha vida, penso bastante no meu salvador e em tudo que poderia ter acontecido caso ele não tivesse chegado no momento exato. Minha cabeça ainda lateja, mas o meu estômago já parou de tentar expelir a minha alma, pelo menos. Eu não lembro com clareza dos acontecimentos da noite anterior, na verdade a minha mente é um borrão de

flashes sucessivos. Em um momento eu estou dançando eufórica na pista, e no outro há mãos explorando o meu corpo. A escuridão é a única lembrança viva e permanente.

Minha prima foi quem me ajudou a juntar as peças do quebra-cabeça para tentar visualizar o todo. Como eu devia imaginar, a bebedeira da noite anterior foi a causadora do meu desmaio. A equipe de primeiros socorros que estava de plantão na casa noturna que me atendeu, explicou que o álcool em excesso ocasionou o baixo nível de açúcar no sangue, por isso o meu desmaio. Lore disse ainda que, poucos minutos depois do atendimento, eu acordei e o Ricardo me levou para casa... Já que ela precisava terminar sua noite de trabalho.

Hoje, quando despertei, encontrei meus fios ainda úmidos do que deve ter sido o banho da vergonha. Eu vestia meu *baby-doll* estampado, mas não lembrava de ter sequer tomado banho, quiçá trocado de roupa. Lorena jura que não foi ela a responsável pelas atitudes altruístas e que o Ricardo fez mais do que me salvar das garras dos idiotas, ele cuidou de mim até a Lorena acabar o turno. Suponho então que foi ela quem deu nosso endereço e entregou a minha chave para o herói. No fim das contas, não há nenhum resquício de dignidade em mim hoje.

Entre uma enjoada e outra, pergunto-me por que ele tinha ido até a boate. A minha ligação bêbada, que conferi registrada no celular, é um bom motivo para atizar o lado “salvador da Pátria” de qualquer homem bom, mas não sei se eu me daria o trabalho de ajudar uma bêbada insuportável que me liga durante a madrugada. Esses pensamentos fazem a minha cabeça doer ainda mais.

Ultimamente meu único desejo é voltar no tempo e se assim eu pudesse fazer não teria sequer saído de casa ontem.

Que sucessão desgraçada de porcarias, Eva.

Levo as mãos à cabeça para tentar aplacar a dor que intensifica. Um analgésico e uma boa dose de café amenizarão o meu problema, por isso levanto da cama mesmo que meu corpo pareça ter o peso de um elefante e sigo para a cozinha movendo-me feito tartaruga machucada. Coloco três colheres de café em pó na cafeteira e adiciono pouca água, minha avó costumava dizer que café forte é o melhor remédio para a ressaca e eu esperava que ela estivesse certa...

Deus era testemunha que eu nunca havia bebido dessa forma na minha vida e, no que dependesse de mim, não tornaria a repetir a dose. Eu havia usado o álcool para apagar qualquer resquício de racionalidade, desejando aplacar aquela dor latente no meu peito e havia conseguindo, a duras custas. Chega a ser compreensível os vícios humanos... Ontem eu não senti absolutamente nada, era como se meus sentimentos tivessem sido arrancados do meu corpo e não era exatamente isso que eu desejava? Fui apenas um corpo se movendo na multidão,

um corpo que fora tocado, explorado, acariciado e sem nenhum sentimento ser provocado. Por mais deprimente que isso pareça, foi muito melhor que adormecer depois chorar, descontroladamente, por um falso amor.

Agora que o efeito do álcool passou e o meu corpo todo está doendo, sinto o peso das minhas ações. Eu poderia ter sido violentada por aqueles homens, que estavam mais do que dispostos a se aproveitar do meu estado de embriaguez. O choque dessa possibilidade me causa uma sensação de repulsa, como eu pude ter sido burra a ponto de me colocar em perigo? Por mais que eles fossem os culpados e eu a vítima, eu deveria saber como funcionariam as coisas... Assim como o Maurício, aqueles homens não pensavam nos meus sentimentos, queriam apenas curtir o momento e depois me abandonariam ali, sozinha e usada.

A lembrança faz a dor, que eu havia tentado empurrar para uma gaveta cheia de álcool, surgir com força total. E, mais uma vez, num rompante o nó na garganta, é substituído pelo choro cortante. Seguro firme na pia para me manter de pé enquanto a dor de cabeça e a dor no coração se misturam e me dominam. Devo ter gritado mais alto do que gostaria, porque a Lorena aparece desnorreada.

— O que houve? — Pergunta preocupada ao me ver chorando.

— Ainda estou tentando entender o que aconteceu naquela noite — as palavras saem enroladas.

— Não se culpe — ela envolve meu corpo num abraço forte e eu retribuo com a mesma intensidade. — Vamos sentar.

— Aqueles idiotas não merecem as suas lágrimas.

— Eu fui tão imbecil! — Repito quando nos acomodamos.

— Eva — ela afasta nossos corpos para me olhar nos olhos — se tem alguém errado nessa história são eles. Nenhum homem deve se aproveitar de qualquer mulher. Agora repita comigo: a culpa não foi minha!

— Lore... — Fungo.

— Você não pode isentar aqueles filhos da puta pelo ocorrido, você estava bêbada, mas eles estavam conscientes e são os culpados. Repita comigo: a culpa não foi minha!

— A culpa não foi minha! — Repito fracamente.

— Está tudo bem agora! — sorri — Seu anjo da guarda é um moreno forte e musculoso. Ele foi tão atencioso, insistiu em ficar ao seu lado durante o atendimento médico e te trouxe sã e salva.

— Tenho que agradecer a ele depois.

— E a mim, obviamente! Não tenho todo aquele bíceps, mas livreii você de dormir agarrada a privada. — Brinca.

— Obrigada!

— Nada de obrigada, minha barriga está roncando e eu estou com fome. Será que a *chef* me daria a honra de preparar uma comidinha?!

— Depois de um remédio para dor de cabeça, a *chef* até faria isso, mas não há comida nessa casa. Há quanto tempo você não vai ao supermercado?

— Desde que a adulta da casa me abandonou! — Faz beicinho triste.

— Faz tempo então — Arregalo os olhos — Do que você estava se alimentando? Do sol?

— *Fast food* é a resposta!

— Foi um milagre ter café então.

— Você costuma comprar café para um batalhão, garanto que temos café para sobreviver a um ataque zumbi tranquilamente.

— Besta! — Sorrio, já sem lágrimas.

— Também te amo, senhora Cafeína! — sorri de volta — Sério, estou com fome, que horas são? — Pergunta buscando o celular — Quatro da tarde, por isso minhas lombrigas estão agitadas.

— Amanhã irei ao supermercado organizar essa casa, mas vamos aproveitar o último dia de casa de adolescente — ela me mostra o dedo do meio — e pedir pizza!

— PIZZA! — Grita animada, fingindo ser uma típica adolescente — Que tal convidar o Ricardo para comer? Você disse que estava buscando uma forma de agradecê-lo. E amanhã você volta ao restaurante, a vida adulta chata e não terá tempo de agradecer ao anjo da guarda gato.

— Ele deve ter outro compromisso... — nego, não é uma boa ideia.

— Só vamos saber se ligar!

— Meu celular está descarregado.

Sim, eu estava evitando ligar o aparelho e encontrar alguma mensagem do Maurício, ou ainda pior, nenhuma mensagem que é o mais provável.

— Não seja por isso — diz, com o próprio celular em mãos, alguns toques depois, ela põe o aparelho no ouvido.

— Lorena! — repreendo, mas é tarde demais.

— Oi Ricardo, é a Lorena... Não, a Eva está bem vou passar para ela — olho feio para ela, que sorri abertamente.

— Ricardo...

— Como é bom ouvir a sua voz depois de ontem. Está tudo bem?

— Sim, eu me sinto melhor...

— Fiquei preocupado com você até te liguei, mas caiu na caixa postal.

— Está descarregado... Hum, obrigada por ontem.

— Não precisa agradecer você me poupou de assistir a reprise do jogo de

tênis. — Sorri, na verdade ele emite uma onda de energia que chega até o outro lado da linha e me faz sorrir de volta.

— Me sinto menos pior.

— Sinta-se mesmo, você me salvou duas vezes.

— Acho que estamos confundindo os personagens...

— Estava pensando em você — ele sorri e eu permaneço muda — Eva?

— Sei que foi um vexame digno de manchete... Desculpe mesmo. Quer vir comer pizza de “desculpa” comigo e com a Lorena? — pergunto por que a louca está gesticulando como uma macaca de circo em minha frente — Vocês se conheceram ontem.

— Claro! Será muito bom revê-las.

— Até breve, então — encerro a ligação.

— “Até breve”? Um gato herói desses e você não manda nenhum beijo? — mostro a língua para ela.

— Ainda que fosse um abraço... Mas “até breve”, nem pros inimigos a gente diz isso.

— Que assanhamento é esse, dona Lorena?

— Cara, manda um beijo e torce para a resposta ser “vem buscar!” — Gargalho alto e esqueço a dor de cabeça.

— Só você para me fazer rir! Pelo menos a noite será divertida.

— Está com más intenções, dona Eva? Minha definição de diversão envolve explorar aquele corpo sensual — arqueia a sobrancelha.

— A menos que você seja a exploradora, não haverá nenhuma exploração de corpos. Será apenas uma pizza entre amigos. Agora pede a pizza antes que nosso convidado chegue!

— Vou pedir uma porção extra de calabresa — Sorri maliciosamente e eu reviro os olhos — será que ele curte uma calabresa?

— Liga para ele e descobre — Desafio.

— Não, vou perguntar pessoalmente: e aí você ficou de pau duro ao dar banho na Eva?

E eu não posso deixar de pensar nessa situação, não no Ricardo de pau duro, mas nele ter me visto nua. Meu vestido da noite anterior estava todo sujo de vomito no banheiro, ele disse a Lorena que eu havia vomitado no carro e sujado a roupa, e ele não teve outra alternativa a não ser me dar banho. Eu não sou uma mulher com pudores com a nudez, mas ficar nua diante de um homem naquelas condições me faz enrubescer. Ninguém é sexy bêbado, bêbado e pelado então...

— Corou! — Ela apontou para as minhas bochechas vermelhas — você corou, Eva! — Perturba.

— Se você perguntar isso, eu nunca mais falo com você — ameaço.

— O que é uma ereção, Eva? — olho feio — Tá sem perguntas de ereção, afinal quero morrer sua amiga para desfrutar da companhia do Ricardo delícia.

— Eu já começo a me arrepender desse convite.

— Trate de vestir algo que não seja suas camisetas pretas. Se bem que ele já te viu nua...

— Vai se ferrar, Lorena! — Me afasto sorrindo e caminhando para o meu quarto.

Como seria olhar novamente o homem que já me viu pelada? Eu iria descobrir daqui a pouco. Por mais que eu jamais fosse confessar isso para a minha prima, talvez o convite para o Ricardo aparecer não fosse de todo ruim. Pelo menos, alteraria a sequência da minha rotina que consiste basicamente em olhar para o teto enquanto as lágrimas molhavam o meu rosto enquanto pensava em Maurício. Sentia falta do seu toque, do seu cheiro, dos seus olhos nos meus enquanto fazíamos amor... Eu sentia falta da mulher que eu era quando estávamos juntos, intensa e sensual. Com ele eu experimentei uma paixão avassaladora, daquelas que aquecem nosso coração e nos deixam sedentos por mais.

Sem Maurício eu me tornei metade, uma parte oca e sem graça, que vaga pela casa buscando um norte. Numa busca intensa de uma rota alternativa para continuar vivendo sem ele. Maurício era o ingrediente que faltava para eu me sentir viva, como se fosse a base para um alimento. Experimente fazer bolo sem farinha de trigo, você pode adicionar ovos, açúcar, fermento, leite, mas sem a farinha de trigo não conseguirá chegar ao ponto certo. E essa sou eu hoje: uma mulher incompleta. Buscando uma forma de lidar com todo esse sentimento vivo dentro do meu peito.

A campainha tocou, provavelmente trazendo nossa pizza, e eu ainda não estava vestida. Tinha me perdido nos meus pensamentos de novo. Abro o guarda-roupas e nele há apenas algumas peças, as demais ainda estavam no apartamento que eu compartilhava com o Maurício. Eu pediria para Lorena, passar lá e buscar o restante das minhas coisas. Por ora, o short preto e a camiseta branca com estampa da mulher maravilha teria que servir. Ainda secando os cabelos com a toalha, caminho até a sala.

— Lore, preciso que passe no apartamento, estou... — Interrompo a fala quando noto que o corpo sentado no meu sofá não é o da minha prima e sim do Ricardo.

— A Lorena abriu a porta e saiu! — Sorri ao me ver.

— Como assim, saiu? — Pergunto desenrolado a toalha dos cabelos.

— Ela disse que a pizza chegará em dez minutos.

— Eu matarei Lorena mais tarde — penso alto.

Isso é típico dela que vê o mundo feito uma comédia romântica. Com certeza, ela acha que o Ricardo pode ser o homem capaz de curar o meu coração partido, mas ela não pode estar mais enganada.

— Aceita água? É a única coisa que temos disponível.

— Eu trouxe um vinho — indica a garrafa de vinho tinto na bancada da cozinha americana — ganhei e achei que era uma boa oportunidade de passar o presente adiante.

— Você não bebe? — Ergo a sobrancelha.

— Em ocasiões raras. Não conte para ninguém, mas o meu paladar é quase que infantil.

— Seu segredo está guardado comigo. — Sorrio.

— A minha masculinidade agradece. — Sorri de volta.

Eu ainda estou em pé, próximo ao sofá de três lugares. Ricardo ali sentado ocupa grande parte do espaço com seu tamanho. Conversaria com Lorena para comprarmos uns *puffs* para deixar ali, assim evitaria que eu sentasse tão próximo do convidado. Se bem que naquele minúsculo espaço, todo lugar é muito perto. Como uma solução do universo, o interfone soa alto e anuncia que há um entregador lá em baixo. Desço para receber o pedido na portaria.

— Pizza! — Anuncio o óbvio ao retornar para o apartamento — se incomoda se comermos aqui? — Aponto para o tapete da sala.

— De forma alguma — Diz já sentando no chão.

— Costumamos comer com as mãos literalmente, mas posso pegar garfo e faca para você.

— E perder a experiência de comer no típico jeito dos paulistas? Jamais! — Pega uma enorme fatia e leva a boca.

— De onde você é? — Indago nos servindo de refrigerante — Tentei descobrir seu sotaque, mas ele simplesmente não existe.

— Brasília, o sotaque não é a nossa característica marcante.

— Então veio para Sampa herdar um pouquinho do nosso sotaque? — Abocanho um pedaço de pizza e acompanho ele emitir um riso alto e contagiante, quando Ricardo sorri a gente ri junto, mesmo que não tenha motivos para isso.

— Estou instalado aqui há um tempo, vim a trabalho, mas sempre estou disposto a aprender sotaques novos. Sou bom aluno, asseguro! — Pisca em minha direção e eu desvio o olhar, me concentrando nas azeitonas da pizza.

— Você é nascida aqui? O sotaque da Lorena é mais forte que o seu.

— Nascemos no interior — forço o último *r* da palavra — mas ainda

adolescentes nos mudamos para a capital, sou quase um camaleão. Já tive sotaque marcante caipira... Mas passei uns meses morando fora estudando culinária francesa, convivendo com brasileiros de diversas regiões e estrangeiros, meu sotaque foi meio que anulando.

— Deve ser uma experiência incrível, conhecer novas culturas e sabores — Diz animado,

— Demais! — concordo eufórica — Foram meses incríveis. Eu estava ali lado a lado com os caras que eu lia na faculdade... Até as broncas do *chef* eram magníficas.

— Dá para ver o quanto você ama o que faz. No dia em que te vi pela primeira, vez no restaurante, você exibia a mesma expressão de agora, os olhos brilhando, o sorriso gigantesco no rosto. Um sorriso que não deveria sair daí — aponta para a minha boca. — Você fica ainda mais linda quando sorri e olhe que eu achei que isso fosse impossível.

— Eu não ando tendo tantos motivos para sorrir ultimamente... Mas obrigada pelo elogio.

— Como não? Você é a melhor na cozinha! Como um cara solteiro, você deve supor que as minhas refeições são na rua e de comida em restaurantes eu entendo muito bem. O alimento nas suas mãos vira um manjar dos deuses, deveria ser sacrilégio alguém comer algo feito por Eva Prado. Pois, depois que você prova, nenhum outro sabor chega perto de satisfazer.

— Você pode repetir tudo isso quando eu voltar com o gravador? — Sorrio — Sério, eu preciso dessa dose de motivação para ludibriar a minha pobre alma.

— Eu não mentiria para você! — pontua, fitando-me longamente — Todavia, se a minha voz registrada deixar esse sorriso por mais alguns minutos no seu rosto, eu posso te mandar áudios infinitos do quanto você é uma mulher espetacular.

Ele parece ser uma boa pessoa. Maurício havia virado a minha vida de ponta a cabeça, e entre tantas coisas ruins que ele me deixou, Ricardo era a exceção. Conversar com ele está sendo algo tão natural e fácil que parecíamos amigos de longa data. Ele tem um senso de humor contagiante e eu me sinto a vontade para ser eu mesma, dividir as minhas tristezas, falar do meu amor pela gastronomia... Ele é um bom ouvinte, me escutava atentamente como se tudo que fosse sair dos meus lábios fosse precioso. Lorena, havia acertado quando insistiu que o chamasse, estar ali ao seu lado comendo pizza e falando bobagem tinha sido o mais perto da felicidade que eu atingira nos últimos dias.

Não sei dizer como e nem o porquê, mas em um momento estou ainda lidando com o turbilhão de emoções que a sua fala me causou e no outro sinto a

sua mão tocando o meu rosto, delicadamente. Ricardo me olha como se tivesse me vendo pela primeira vez, interessado em descobrir mais de mim com um simples olhar. Como se estivesse em câmera lenta, eu observava tudo. Vejo quando ele inclina o rosto, se aproximando ainda mais... Quase posso sentir seu hálito quente de tão próximo que estamos, mas eu continuo paralisada quando tudo se apaga. Pisco várias vezes para entender o que aconteceu, a luz apagou? Tento me mover na escuridão e acabo chocando minha cabeça contra a dele.

— Ai! — Levo a mão a cabeça dolorida.

— Machucou? — Pergunta acionando a luz da lanterna do celular, um segundo depois, iluminando o meu rosto.

— Acho que faltou energia! — Constato o óbvio.

— Parece que não, veja! — Aponta a luz para a janela que dava de frente para o prédio vizinho.

— Não pode ser... — Digo, já formulando o pensamento. A Lorena não teria esquecido de pagar a conta, né?

— Me empresta o seu celular — peço e ele me entrega. Caminho até o interfone na cozinha, iluminando o caminho com a lanterna. — Aqui é a Eva, do apartamento cento e cinco — digo ao porteiro de plantão. — Houve algum problema na rede elétrica? — Pergunto, torcendo para que o meu pensamento não esteja certo.

— O moço da companhia elétrica acabou de interromper o serviço, dona Eva. Disse que já tem mais de três meses que a conta não é paga.

— Obrigada — Desligo o interfone. E aproveitando que estou ali, busco vela e fósforo... Não foi difícil encontrar o pacote de velas no armário vazio.

— Você não vai acreditar no que acabou de acontecer! — digo de volta a sala — A Lorena esqueceu de pagar a conta de luz.

— Li em algum lugar que iluminação a luz de velas é febre entre os famosos — Ele sorri, fazendo piada.

— Lorena deve ter lido essa notícia, então. — Sorrio.

— Deixe que eu te ajudo. — Pega o pacote das minhas mãos e me ajuda a acender as velas para iluminar a sala.

O celular que eu seguro vibra, e num ato involuntário, olho para a chamada recebida. O DDD 61 faz meu coração acelerar, é o mesmo de Maurício.

— Acho que é para você! — Estendo o aparelho, ele pega e rejeita a chamada. Que logo se inicia novamente. Ele atende, troca duas frases com alguém do outro lado da linha, desliga e se volta para mim.

— Eu preciso ir, é do trabalho — diz após acender a última vela — Você vai ficar bem?

— Sobreviverei a escuridão — brinco — Ricardo, antes de você ir quero

te dizer muito obrigada por ter cuidado de mim. Eu não sei o que teria acontecido se você não aparecesse.

— Eu estou aqui para o que precisar — pisca — pode gritar sempre que achar necessário.

— Espero não precisar ser salva novamente — sorrio — Mas, se eu precisar já sei com que contar.

— Mesmo que não precise, pode me ligar. Estarei sempre pronto para você. Não hesite em me procurar — Beija meu rosto e caminha vagarosamente até a porta.

Quando a porta se fecha, eu me sento no sofá e fico ali na penumbra, perdida mais uma vez em pensamentos.



Capítulo 10



Acordo no dia seguinte dolorida. As pernas de Lorena me atingiram por diversas vezes durante a noite. Dividir a cama com ela é sempre torturante, desde que éramos pequenas, pois ela é daquelas que se mexem a noite toda, empurrando ou jogando os braços e pernas em cima de você, enquanto dorme. Tivemos que dormir juntas, pois minha prima morre de medo de escuro, e a vela

remanescente já estava pela metade... Ela não desgrudou de mim depois que retornou e descobriu o que o seu esquecimento havia causado.

Ainda sentada na cama, me espreguiço para aliviar a dor nos ombros, aquilo me resultaria num torcicolo, justo hoje que eu voltaria para o restaurante. Sigo para o banheiro e quando a água gelada toca o meu corpo, a realidade me atinge em cheio: estávamos sem energia elétrica e isso incluía não poder beber meu tão precioso café. Banho gelado ok, mas sem café eu não sobreviveria.

A caminho da empresa fornecedora de energia elétrica, paro em uma padaria e peço um enorme copo de café, agora eu posso seguir para resolver o meu principal problema do dia. Aguardo pacientemente a atendente me chamar, o que acontece cerca de cinquenta minutos depois, realizo o pagamento das contas em aberto e pago a taxa de urgência para reativar o fornecimento de energia. A atendente, simpática, sugere que eu altere a forma de pagamento para o débito automático em conta e eu prontamente aceito a sua sugestão, assim não correríamos o risco de ficar no escuro novamente.

Problema um resolvido, sigo para a solução do nosso outro dilema: comida. Corri para o supermercado para abastecer aquele apartamento, a Lorena não fez nada enquanto estive morando fora. Estou na sessão de laticínios quando um barulho na minha bolsa chama a minha atenção, é o toque de chamada do celular. Apressada, procuro o aparelho perdido na bagunça da bolsa e o encontro. Na tela, o nome identifica quem me liga: *chef* Oliveira.

— Alô! — Atendo no último toque.

— Esteja no restaurante em, no máximo, cinquenta minutos! — Avisa e encerra a chamada.

Merda! Não contava com essa ligação no meio do meu dia, mas eu deveria estar aliviada por ainda ter um trabalho depois das minhas ausências. Largo o restante das compras e sigo para o caixa com o que já está no carrinho. Há uma pequena fila: três pessoas em minha frente. Aguardo e olho, impacientemente, para o relógio. Dez minutos depois, apenas uma pessoa foi atendida... Quando a caixa me chama, eu tenho trinta minutos para chegar no trabalho, por isso auxilio no empacotamento dos produtos e corro para o carro.

Todos os sinais decidem que eu preciso gastar todo o meu tempo e quando estaciono na frente do restaurante, suspiro aliviada por ter encontrado uma vaga. Prendo os cabelos com um elástico antes de entrar no salão principal, o *chef* Oliveira já me aguarda com cara de poucos amigos.

— Cinco minutos de atraso — foi o cumprimento do *chef*.

— Eu não contava com ter que vir ao restaurante tão antes do meu horário — começo a explicar — estava no supermercado quando me ligou.

— Me poupe desse seu papo — me corta — eu não sou o Torricelli a

quem você engana com a sua cara de boa moça.

Eu estou acostumada a lidar com grosserias, afinal são anos trabalhando em um ambiente hostil e, muitas vezes, machista como a cozinha... Já perdi as contas de quantas vezes tive que “engolir calada” os impropérios de colegas de profissão hierarquicamente superiores, porém algo estava mudado em mim e escutar aquele ataque gratuito me fez reagir, sem que tivesse controle das palavras.

— Foi você que solicitou a minha presença, até onde eu lembro.

— Soltando as garras, Eva? — Arqueia a sobrancelha.

— Estou respondendo ao seu questionamento, *chef*.

— Por incrível que possa parecer as pessoas gostam do seu trabalho — me olha com desdém — e uma cliente especial faz questão da sua presença para fecharmos o *buffet* da festa da sua filha.

Não tenho tempo de responder, Luiz aparece para nos adiantar.

— Natalie nos aguarda para darmos início a reunião, vamos! — Jorge começa a andar imediatamente, mas eu permaneço parada.

Paralisada, na verdade, sentindo o peso que aquele nome traz. Não pode ser a mesma Natalie... O destino não iria me sacanear dessa forma. Recordo das suas palavras naquela noite e a sensação de que poderia ser a mesma mulher, faz minhas pernas fraquejarem. Apoio-me na mesa para evitar que eu caia.

— Eva, você se sente bem? — Luiz indaga, preocupado — Você está branca, sente-se aqui. — Ele me acomoda na cadeira e sai apressado, retornando com um copo de água.

Bebo rapidamente o líquido gelado, sentindo aos poucos a cor voltar ao meu rosto.

— Essa virose está deixando todo mundo assim... Ontem foi a Cintia que passou mal aqui, teve uma queda de pressão... — Ele fala, mas eu não me concentro em suas palavras. Estou perdida com meus demônios internos.

Se for a mesma mulher e ela está contratando os nossos serviços, provavelmente não sabe sobre o relacionamento que seu marido e eu tivemos...

Ou sabe e está ali para me humilhar no meu local de trabalho?

Maurício está ao seu lado?

Ele aparecerá no vídeo e conversará comigo como se nada tivesse acontecido?

— A reunião é para um *buffet* de aniversário? — A minha voz sai fraca.

— Sim, a senhora Natalie nos ligou para fecharmos o *buffet* do aniversário de dezoito anos da sua filha. Como ela mora em outro estado, a reunião acontecerá por vídeo, já acertei valores e outros detalhes desse tipo, ela

faz questão que seja com você e só falta acertar os detalhes do cardápio.

Minha filha completará dezoito anos, gostaria de um cardápio tão maravilhoso quanto esse...

As suas palavras ainda estão vivas em minha mente, é a mesma mulher... A Natalie do Maurício. Todo o meu corpo fraqueja com a confirmação, sinto um arrepio nas costas, seguido de tremores. O copo que eu seguro escapa das minhas mãos e cai no chão dividindo-se em inúmeros pedaços, tal qual meu coração naquele momento.

— Eva, você precisa descansar — Luiz olhou-me preocupado — vou avisar a Natalie que você passou mal e remarcamos a reunião...

— Não, eu estou bem — minto, levantando-me com dificuldade.

— Tem certeza? Sei o quanto você ama o trabalho, mas às vezes precisamos desacelerar, você ainda está se recuperando da virose...

— Foi apenas uma queda de pressão, está tudo bem! — Forço um sorriso.

— Então vamos, será no meu escritório, deixarei você e o Oliveira a vontade.

Levanto e caminho lado a lado com Torricelli, ele fala sobre as vantagens da tecnologia e de como é magnífico acertar detalhes de contrato com alguém de outro estado, através de um aplicativo. A cada passo, minha boca fica ainda mais seca.

Minha cabeça é um turbilhão de pensamentos, imaginando as piores possibilidades para essa reunião, mas não há como evitar, é o meu trabalho. Sento na cadeira vaga, ao lado do *chef* Oliveira, e com receio volto o olhar para a tela do notebook. A mulher de cabelos negros e expressão feliz ouvia o *chef* falar sobre diversos tipos de carnes e acompanhamentos. Meus olhos se fixam na tela e não há ninguém, além de Natalie, sentada numa poltrona.

— Eva, querida. Tudo bem? — Pergunta sorridente.

— Tudo. — Emito com dificuldade.

— Estava elogiando mais uma vez você — sorri — eu e minha família estamos muito felizes em ter você assinando o *buffet* da Ju.

Avisto uma garrafinha de água mineral sobre a mesa e, com as mãos trêmulas, a apanho e levo até a boca, ingerindo uma grande quantidade de uma única vez, mas a minha boca ainda continua seca.

— Está tudo bem, querida? — Natalie pergunta com interesse e eu aceno que sim, com a cabeça. Ao que me parece, uma eternidade depois, as palavras saem dos meus lábios.

— Agradeço o elogio, mas o *chef* aqui é o Oliveira...

— Somos uma equipe — ele me lança um sorriso amarelo — e ter você

assinando o *buffet* dos Torres é como se eu mesmo estivesse o fazendo.

— Então Eva, conversei muito com a minha filha e ela acabou cedendo — diz, animada — vamos mesclar um cardápio formal com salgados finos. Ah, teremos que incluir bolinhas de queijo, meu filho ama.

— Pensei em um escondidinho de carne seca com queijo parmesão por cima... — O *chef* sugeriu,

— Ótimo! — Natalie concorda com um enorme sorriso.

— Também poderíamos ter mini hambúrguer, cone de batata e outros quitutes que os jovens gostam... O que acha, Eva? — Ela perguntou me encarando.

— Claro! — Balbucio.

Os dois conversam empolgados sobre o cardápio, eu acompanho a conversa emitindo “sim” para tudo que me é perguntado, absorta em meus próprios questionamentos e desconfortável em estar ali de frente para a mulher que me tratava com afeto sem saber que eu havia sido a amante do seu marido.

Natalie parecia ser uma mulher, além de linda, gente boa por que Maurício a traía? Será que o casamento deles era apenas de aparência? O que Maurício faria quando descobrisse que a sua esposa contratou o restaurante que eu trabalhava? Ele me procuraria para que eu desistisse?

— Eva, foi um prazer revê-la novamente. Estou ansiosa para que essa festa chegue logo. Vamos nos comunicando, certo?

— *Anhan!* — Concordo balançando a cabeça.

— Foi um prazer conhecê-la, Natalie — Oliveira falou.

— O prazer é todo meu. Esse será apenas mais um dos nossos contratos. Tenham uma boa tarde — Deseja e encerra a chamada em vídeo.

— Comece a elaborar o cardápio para que eu possa aprová-lo! — O tom de voz do *chef* volta ao natural mau humor.

Ele se afasta e me deixa ali olhando para o notebook. Eu não havia feito nenhuma anotação daquela reunião e perguntar qualquer coisa a ele estava fora de cogitação. Respiro fundo e tento conter as minhas inquietações, mais tarde eu lidaria com tudo isso, agora eu preciso me concentrar no meu trabalho. Eu amo cozinhar e não posso permitir que os meus problemas me afetem nesse nível.

Abro uma página no Word e começo a elaborar o cardápio do evento. Busco concentrar toda a minha atenção naquela página em branco, todavia vez ou outra a ideia de reencontrar Maurício me fez devanear.

O meu celular vibra em cima da mesa, indicando uma nova mensagem. Tento ignorar por alguns segundos, mas a notificação venceu a minha curiosidade. Apesar de ter bloqueado o número do Maurício, depois de não receber nenhuma mensagem, meu coração ainda nutre um fio de esperança de que ele entre em

contato comigo... Eu custava acreditar que para ele fosse tão fácil esquecer tudo que vivemos.

Quando clico na notificação sinto um misto de sentimentos. De um lado, um grande pesar por não ser o Maurício, do outro uma alegria genuína por ver que era um áudio do Ricardo. Clico na mensagem e a sua voz chega como música aos meus ouvidos:

Terceiro restaurante diferente que almoço nessa semana e nenhum chega aos pés da minha chef favorita. No dia que você tiver seu próprio restaurante serei um cliente vip! — Ele ri e, automaticamente, o sorriso também surge em meu rosto — Enquanto esse dia não chega, só me resta jantar no restaurante que ela abrilhanta com a sua presença. Alguma sugestão para o meu prato de hoje à noite chef?

Eu ainda sorrio para a tela quando a mensagem chega ao fim. Ricardo havia cumprido a promessa e me elogiou em áudio para que eu pudesse ouvir sempre que precisasse. Apertei em gravar e iniciei a minha resposta.

Se eu não estivesse no meu local de trabalho daria saltos de felicidade — Sorri — Seu áudio será o meu mantra para atrair felicidade. Hum... Quanto ao jantar, recomendo uma massa e uma taça de vinho tinto.

Sua resposta veio logo em seguida.

Você esqueceu que eu não bebo? Estou muito decepcionado em saber que você não presta atenção no que eu digo — diz em tom brincalhão — *Vou comer na concorrência só de raiva.*

Esqueci totalmente que você é um bom moço — perturbo — Que tal um suco de uva, melhorou?

Você sabe como acabar com a auto estima de um homem — gargalha — Eu beberei o vinho só para honrar a minha masculinidade, mas não me responsabilizo pelo teor das minhas mensagens depois da segunda taça.

Para o bem das mulheres da sua agenda, sugiro que desligue o celular antes do jantar e só o ligue no dia seguinte.

Ricardo volta a gargalhar e meu sorriso se junta ao dele. Estava prestes a mandar outra mensagem quando a sala foi invadida pelo senhor Torricelli.

— Eva já finalizou? — indaga — Dê uma pausa e vá almoçar.

— Ainda não! — respondo olhando para a página do Word com apenas uma tabela preenchida — Não estou com fome, vou adiantar aqui.

— Jovens e a sua energia infinita — sorri — eu como um homem de muita idade, estou indo almoçar ao lado da minha esposa, quando sair feche a porta.

— Bom almoço. — Sorrio e espero ele se retirar para enviar:

Estou no meu trabalho e pelo visto minha jornada hoje será longa. Me deseje sorte.

Guarda energia para o meu jantar — brincou — Vou solicitar a sua presença no salão para te elogiar na frente de todos.

Faça isso e depositarei 10% na sua conta no fim do mês!

Vou treinar o discurso para ser ainda mais convincente, depois desse estímulo. Linda! — Ele deixa escapar o elogio, pois o silêncio pairou por alguns segundos até ele completar — Hum.. Até mais tarde, Eva.

Até!

Envio áudio com uma única palavra e observo quando se inicia “gravando áudio” e espero que a mensagem seja enviada, mas ela nunca chegou.

Mais animada, desligo o aparelho e volto a atenção para a elaboração do cardápio. Listo diversos tipos de salgados, acrescento as indispensáveis bolinhas de queijo, elenco os doces caramelizados e finos, assim como duas opções para o jantar e o destaque da noite: o bolo. A minha sugestão é um bolo gelado com recheio de avelã e leite condensado. O clima quente de Brasília combinará perfeitamente com esse tipo.

A essa altura, eu já estou eufórica pensando em todas as possibilidades de doces que eu poderia fazer. Doces são a minha especialidade e ter a oportunidade de assinar um cardápio de festa me dava uma liberdade única. Eu iria me dedicar com afinco a essa festa, encontraria uma alternativa viável entre o meu coração desiludido e o meu lado profissional e tudo sairia da melhor maneira possível. Estou disposta a provar para o *chef* o motivo pelo qual eu fui requisitada pela Natalie: sou a melhor.

Quando finalizo a elaboração do cardápio, sorrio satisfeita, pois tinha em mãos um *buffet* digno das melhores festas. Pego as folhas impressas e sigo para a cozinha, além do *chef*, estavam ali vários funcionários que já iniciavam as

atividades, eu havia perdido a noção do tempo.

— Aqui, *chef* — estendo as folhas — segui as sugestões da cliente e elaborei opções para os mais variados paladares...

— Depois eu olho isso — puxa os papeis da minha mão — temos quarenta quilos de camarão esperando para serem limpos!

— Mas eu pensei que fossemos debater o cardápio....

— Você é realmente burra... — sorri — acreditou naquela ceninha na sala do Torricelli? Como você é ingênua, Eva!

As palavras dele entram em mim e fazem com que os meus olhos ardam. Pisco diversas vezes para não chorar ali na frente dele. Engulo o ódio gratuito e dou meia volta para sair da cozinha, respirando fundo lentamente.

— Acha mesmo que tem capacidade de assinar um cardápio? — ele gargalha — Você não passa de uma mulher iludida que acha que o fato de um cliente ter gostado do seu tempero torna você especial, única — viro para encará-lo, com o coração acelerado, como se a qualquer minuto ele fosse sair pela boca, a vista já embaçada pelas lágrimas furtivas. — Acha mesmo que você é especial para aquela família? — seu sorrisinho é cruel — Você é apenas uma peça para eles, uma peça que poderia ser substituída por qualquer inútil aqui. Eva, você nasceu para ser mais uma na multidão e aqui, nessa cozinha, não seria diferente. — Ele amassa as folhas olhando dentro dos meus olhos e as joga na lata de lixo.

As suas palavras chicoteiam a minha alma. Sem que eu tivesse controle dos meus pensamentos, as associações entre o seu discurso e o meu atual momento são dilacerantes.

Você não passa de uma mulher iludida que acha que o fato de um cliente ter gostado do seu tempero torna você especial, única.

Maurício tinha me conhecido através do jantar que eu preparei aqui, nosso encontro apenas aconteceu por que ele solicitou a minha presença para elogiar a minha comida. E o que aconteceu depois vocês já sabem, com palavras doces e lindas, ele me encantou para depois me descartar como um objeto sem valor.

Ainda tinha a Natalie que repetiu, mais de uma vez, que a família adorou o jantar e que pretendia contratar novamente meus serviços. Todavia, a verdade é que quando eles souberem quem eu realmente sou me desprezarão por completo, eu duvidava que ela mantivesse o contrato com o restaurante se soubesse que seu marido e eu tivemos um caso.

Aquele filho da puta tem razão, é difícil de admitir, mas a verdade é essa: eu sou apenas mais uma na multidão. Uma mulher comum como eu jamais teria chamado a atenção do Maurício na rua. Um homem como ele nunca se

apaixonaria de verdade pela assistente do *chef* de cozinha. No fundo, eu continuava sendo a menina órfã que queria ser amada por todos e encontrou na cozinha uma forma de ser aceita e amada. Eu havia acreditado nas palavras da minha vó quando disse que o mundo me amaria se eu amasse o mundo. Ela não podia estar mais enganada.

— Agora enxuga essas lágrimas e vamos ao trabalho! — Ele estala os dedos, como fazemos para chamar um cachorro.

Eu não consigo me mover, a essa altura meu rosto estava completamente molhado pelas lágrimas, as pessoas me olhavam com pena e com receio de se aproximar e também receber esporro.

— Vamos, Eva — pega uma panela com batatas inglesas e empurra contra meu peito — as lágrimas não impedirão você de descasca-las, não é? — Minhas mãos seguraram a panela antes que ela caia.

— Eu não vou descascar porra nenhuma! — rosno furiosa e recebo um olhar homicida como resposta.

Mas eu ignoro a sua advertência silenciosa. Aquele homem tratou a todos nós com desprezo e arrogância, desde que chegou e eu ouvi calada durante todo esse tempo. Mas hoje algo mexeu com as minhas emoções e não consegui separar o profissional do pessoal... O resultado é uma Eva furiosa.

— Você é um filho da puta babaca que vive se gabando porque já trabalhou diretamente com atrizes famosas e políticos renomados. E sabe o que isso significa para mim? Porra nenhuma! Você não passa de um ser mesquinho, incapaz de compartilhar conhecimento e estabelecer relações cordiais com as pessoas ao seu redor.

— Mais uma palavra e você estará demitida! — Rosna de volta.

— A ameaça é típica dos imbecis opressores — sorrio, debochada — todos aqui — aponto para os colegas que observam assustados — tem medo de você. Medo não é respeito. Respeito é algo difícil de se conquistar quando se é um embuste.

— Fora da minha cozinha, sua moleca! — o Chef grita, ficando quase roxo de raiva.

— Ah, eu vou, as antes eu preciso fazer uma coisa... — pego o *bowl* com molho de tomate e caminho a passos firmes até ele, que me olhava sem entender nada — Eu tive vontade de fazer isso assim que pisou os pés aqui — despejo o conteúdo na sua cabeça e ele bufa irritado com rosto todo vermelho do molho.

— SAIA DA MINHA COZINHA! — Grita a plenos pulmões — Eu vou destruir a sua vida! Difamarei você para todos os meus contatos, você morrerá de fome se depender das cozinhas dessa cidade. Coloquem essa mulher para fora, antes que eu faça isso com as minhas mãos — ordena para qualquer um na

cozinha.

— Não precisa — sorrio — eu mesma irei embora e espero, de todo coração, nunca mais respirar o mesmo ar que você.

— Eva, o que você fez? — o segurança, me pergunta quando passo pela recepção, apressada.

— O que eu deveria ter feito há muito tempo! — respondo, sentindo-me um pouco mais leve.

Aproveito a euforia que corre em mim e saio em disparada, não quero pensar, só preciso sair dali.



Capítulo 11



Quando giro a chave na ignição e acelero, saio em disparada sem saber para onde ir. Apenas coloco o carro em movimento e sigo em linha reta, torcendo para não me chocar contra nenhum outro veículo. As minhas mãos trêmulas seguram o volante com força, enquanto a minha mente parece estar em seu ápice, me desorientando com a rapidez do fluxo de pensamentos.

Praticamente guio às cegas, sem me ater aos lugares por onde passo. A visão do maldito *chef* Oliveira todo vermelho merecia ter sido filmada, eu veria sua cara de pau suja de molho de tomate em um eterno *replay*. Sou contradição de sentimentos, mas o que prevalece nesse momento é a euforia... Há algo que cresce dentro de mim e me faz ter vontade de rir. Deixo o riso vir à tona e, em poucos segundos, ele se transforma em uma risada alta, tipo aquelas de bruxas dos desenhos animados. Quanto mais alto o som da minha risada, mais plena eu me sinto. E é entre gargalhadas que eu estaciono em frente ao prédio em que eu dividi a minha vida com Maurício.

Cumprimento o porteiro e sigo para o nosso apartamento. Dentro do elevador, olho para o espelho e vejo uma Eva diferente... há um brilho no meu olhar que não estava ali quando acordei, assim como o sorrisinho nos meus lábios. Se eu tivesse que me definir em uma palavra, a partir da imagem refletida no espelho, a palavra seria: ensandecida. O meu rompante de fúria trouxe à tona uma mulher impulsiva e disposta a tudo, sedenta para dar vazão aos seus sentimentos e deixar fluir tudo, de bom ou de ruim, que surgisse na mente.

Mas nada me preparou para retornar ao apartamento. Assim que fecho a porta atrás de mim, sinto sua presença ali. O sofá branco me encara como se me desafiasse a esquecer de todas as vezes em que transamos sobre ele... Montada no meu homem, rebojava deliciosamente em cima do seu pau, enquanto ele chupava meus seios com urgência. Meu corpo reage, traindo-me por completo, somente com a lembrança dos nossos sexos se tocando.

O que você fez comigo?

Atravesso a sala em passos rápidos, querendo me livrar da sensação que aquece meu corpo. Mas é inútil, as paredes parecem sussurrar o nome dele, ainda sinto o seu perfume pela casa, castigando-me dolorosamente com a sua ausência. Na tentativa vã de fugir, sigo para a cozinha. Não é novidade o meu amor por tal espaço, é o que mais desejo conhecer quando visito a casa de alguém e Maurício me conhecia tão bem que transformou a cozinha simples do apartamento, na cozinha dos meus sonhos. Ele havia prestado atenção nas nossas conversas e reproduziu o ambiente de forma fidedigna. Desde o balcão de granito escuro até os puxadores do armário em aço, tudo era exatamente como eu sonhei. A lembrança de quantas vezes cozinhei para ele estava viva na minha mente, desde ovos mexidos preparados no café da manhã, até o feijão tropeiro e arroz carreteiro que ele amava.

Quantas vezes tomamos café ali sentados naquele banquinho de madeira, enquanto fazíamos planos para viajar durante as férias? Ele era o mais empolgado, dizia que me levaria para o Nordeste para aproveitarmos as praias da costa litorânea... Chegamos até a pesquisar os *resorts*!

Não havia qualquer indício de que ele mentia para mim. Até agora ainda me custa muito acreditar que foi tudo mentira. As mensagens, os sorrisos, o toque carinhoso, o beijo apaixonado, o sexo incrível... É devastador pensar que para Maurício tudo isso não passou de uma relação carnal, um caso extraconjugal que ele teve para satisfazer as suas vontades.

Na prateleira acima da pia estão expostas as nossas canecas, onde lê-se “super-namorado” na dele e “super-namorada” na minha. Lembro do dia em que ele me surpreendeu com café da manhã na cama, mas não foi o cheiro delicioso do café que me encantou, foi a escolha do presente: canecas de namorados... Aquelas coisas cafonas e bobas que achamos lindas quando estamos apaixonados. Talvez, eu não fosse uma super-namorada, mas ele era. O meu namorado perfeito, capaz de me excitar apenas com a voz. O homem doce que fazia questão de mandar mensagem ao longo do dia para dizer que sentia a minha falta, o companheiro que eu escolhi para dividir mais que o meu corpo, a minha vida. E olhe o que aconteceu? Eu dei meu coração de bandeja e ele o esfaqueou, deixando-o em pedaços. Pedaços tão pequenos que não sei se um dia serei capaz de restaurá-lo.

Nada nos prepara para o amor. Um dia você está andando na rua e descobre que está apaixonada. A primeira reação é a negação, tentamos negar as evidências, diminuir aquele sentimento pulsante dentro de nós. Já a segunda, é gritar para os quatros cantos o quanto você está feliz... Sentimos a necessidade de compartilhar com o mundo. E quando você verbaliza o “eu te amo” é como se o planeta parasse de girar, apenas você e o ser amado importam... E ao receber o “eu te amo” de volta, você é capaz de explodir de felicidade. Borboletas no estômago não são dignas de retratar o sentimento tão gigantesco que te domina.

Entretanto, nem sempre isso acontece. Amar é pular do avião e torcer para que o paraquedas funcione, se não... E é entre o salto e a queda que mora o perigo. Enquanto você compartilha a sua vida com alguém, você está numa eterna queda. Entregando-se, confiando, amando... Não há garantias para o pouso. Até que um belo dia você se choca com força contra o chão e descobre que o seu paraquedas não funcionou, que o amor da sua vida te deixou cair. Justo ele que deveria te segurar.

— Filho da puta! — Rosno, arremessando a xícara de porcelana contra a parede.

A essa altura, lágrimas molham o meu rosto, mas eu não vou sentar ali e chorar. Não dessa vez. Dessa vez eu extravasaria minha fúria, destruindo todas aquelas malditas lembranças. Repito o gesto com a minha caneca, arremessando com força, o som da porcelana se partindo em pedacinhos me dá mais energia. Saio em disparada para o nosso quarto, indo diretamente até o *closet*. Puxo as

suas roupas do cabide e as jogo em cima da cama, recolhendo também as gravatas e camisetas da gaveta.

A pilha alta na cama será o escape da dor que me atinge. Saio em busca de uma tesoura e volto pronta para me dedicar a tarefa. Faço grandes rasgos nos ternos importados, sentindo prazer em destruir cada um. Corto em tirinhas as suas gravatas, deixando todas as cores se misturarem. Rasgo as camisas enquanto sinto meu coração bater freneticamente. Quando finalizo a última peça, contemplo, com um enorme sorriso, as suas roupas destruídas.

Ainda sentada na cama, em meio a confusão de tecidos, avisto o meu notebook no criado mudo e uma ideia surge e toma forma em minha mente. Não basta destruir as suas roupas e quebrar objetos, eu preciso ir além... Preciso descobrir o seu ponto fraco, ir além do que o Ricardo havia me contado. Eu preciso saber tudo sobre ele, descobrir quem é o verdadeiro Maurício.

Pesquiso nas redes sociais pelo seu nome e nenhum resultado é encontrado, pelo menos essa parte é verdade, não havia perfil dele em nenhuma rede como ele me assegurou no início da nossa relação. Estou quase desistindo quando lembro da sua esposa, assim que digito Natalie Torres o *Google* me retorna uma série de resultados, inclusive seu perfil no *Facebook*. Clico e enquanto a página carrega, torço para que não seja fechado para desconhecidos. E *voilà*, o perfil possui muitas postagens públicas para o meu deleite.

Sigo direto para o álbum de fotos e o que vejo me traz uma sensação ruim, como se o meu coração estivesse sendo arrancado do meu peito por uma mão grande e fria. Na nova página aparece um álbum de família. A primeira foto mostra um grupo de pessoas na Disney: uma adolescente de madeixas coloridas segurando no colo uma criança que usa boné com olheiras do Mickey, do lado esquerdo estão a mulher de cabelos negros e o homem de olhos azuis penetrantes. A mão dele envolve a cintura da mulher e todos sorriem felizes para a câmera. Eles formam uma bela família.

Foto após foto, eu acompanho a vida dele através do olhar da sua esposa. Ela registrou todos os momentos dos dois, principalmente a gravidez e o nascimento do filho mais novo, até chegar em fotos do dia em que descobri toda a verdade: a festa de inauguração do prédio que o trouxe até o meu encontro. Ao observar a última foto, a sensação que eu sou a intrusa ali só cresce, enxugo uma lágrima e continuo a minha busca, dessa vez clico no perfil da filha do casal.

A menina é deslumbrante, poderia facilmente ser modelo fotográfica: tem os cabelos escuros como os da mãe e os olhos claros, iguais aos do pai. Assim como o anterior, o perfil é quase totalmente público. Na sua linha do tempo encontro poucas fotos da família, como é típico dos adolescentes, mas inúmeras selfies e fotos com amigos.

Uma das postagens em seu perfil é a marcação em uma foto, nela a menina está abraçada com o Ricardo, sob a legenda: “Sim, eu tenho a afilhada mais gata do mundo!”. Mas a garota não é a única “gata” da foto. Ao contrário de Maurício, que é dono de uma beleza estonteante, Ricardo é extremamente bonito ao olhar mais atento. E é olhando para essa foto que a ideia se fixa em meu pensamento. Eu iria me vingar do Maurício. Ele sentiria toda a dor que eu senti e sofreria ao conhecer o sentido de vulnerabilidade... Somente assim eu conseguiria arrancar aquela página da minha vida.

Abro uma nova aba no navegador de internet e digito a localização que encontro em um dos posts do perfil de Natalie: Park Way. Segundo o *Google*, o local ocupa o segundo lugar na lista dos bairros mais ricos e caros do Distrito Federal. É uma região onde famílias tradicionais moram... De quem seria a família tradicional do Maurício ou da esposa?

Aprofundo minha pesquisa através do sobrenome do casal e chego até uma empresa no ramo de construção civil: Construtora Torres. No site da construtora vou direto a parte dos fundadores e uma fotografia, ainda em preto e branco, revela um casal sorridente. O texto é longo e descreve passo a passo da fundação da empresa, uma lorota que eu leio rapidamente buscando apenas o grau de parentesco do Maurício com os donos da construtora. Através do nome do casal em questão fica mais fácil de descobrir que a paixão do jovem casal gerou muito mais que do que um sólido empreendimento, o enlace de dois jovens sonhadores gerou a doce Natalie, única herdeira e provavelmente a CEO da empresa.

Um novo clique e eu descubro que sobre o casamento relâmpago da Natalie que, grávida e recém-casada, tornou o seu esposo um dos mandachuvas da construtora. Não é bem com essas palavras que as coisas estão sendo ditas, mas é o que interpreto a partir das notícias, do calendário e do organograma da empresa: Maurício ocupa o lugar que foi destinado à sua esposa e tudo isso graças ao casamento dos dois.

Será que se não houvesse um filho eles teriam se casado tão jovens? E esse casamento não passasse de uma farsa para manter o patrimônio da família intacto? Maurício se sujeitaria a esse papel de marido troféu para manter a boa vida? E se realmente ele me amasse como dissera? E se ele estivesse disposto a largar a esposa e abrir mão de tudo que conquistou por mim? Meu cérebro tenta encaixar todas as peças do quebra-cabeça. Todavia, nada é claro naquela situação, porque se o casamento do Maurício realmente estivesse por um fio, ele não precisaria ter ido atrás da esposa logo em seguida, ele teria ficado e lutado pelo nosso amor.

“Apesar do casamento rápido, eles formavam um casal feliz e

apaixonado tanto que decidiram ter outro filho quando completaram quinze anos de casados.” As palavras do Ricardo surgem para me lembrar que ninguém decide ter mais um filho se não houver amor, portanto jogo para o fundo da gaveta os resquícios de esperança que tentam isentar o Maurício de culpa. Ele é um mentiroso. Um hábil mentiroso, e por mais que isso doa em mim, eu preciso tirá-lo totalmente da minha vida e é por isso que mantenho a minha caça por maiores informações sobre aquela família: locais que frequentam, restaurantes favoritos, escolas das crianças, endereço da construtora... Não é tão difícil assim criar um dossiê com informações. Alguém deveria informar aquela família que segurança nas redes sociais é primordial. Clique após clique eu descobri mais sobre Maurício e sua família do que nos meses que convivemos juntos.

Azar deles, sorte minha!



— Eva, onde você está? — A voz de Lorena chega até a cozinha.

— Estou na cozinha! — Grito.

Após revirar a vida daquela família nas redes sociais eu me senti ainda mais agitada. Por isso, voltei para a cozinha em busca de algo para me distrair. Ao som de blues, comecei a cozinhar de maneira aleatória. No meio da minha pesquisa, minha prima havia enviado mensagem para dizer que a nossa energia não havia sido restabelecida, mesmo com o pagamento da taxa de urgência... E eu só resolveria no dia seguinte, dessa forma acabei chamando-a para dormir no Ap depois que saísse da boate, assim teríamos energia e comida pela manhã.

— O que você faz acordada a essa hora mocinha? — Indaga sorrindo — Aqui a sua droga!

Beber café nas madrugadas é um hábito que eu cultivo dia após dia. Além de ser a única coisa que eu podia beber sem correr o risco de me embriagar, por isso enviei a mensagem para minha prima pedindo que passasse na cafeteria e me trouxesse o café, uma vez que não conseguiria mesmo dormir.

— Te amo *Dj Lore*! — Bebo um grande gole — Como foi a noite hoje?

— O seu posto de rainha do porre continua intacto — perturba.

— Não tem graça — Mostro o dedo do meio para ela, que sorri.

— Não mesmo. O que está fazendo?

— Pão de leite — Respondo, sovando a massa.

— A receita da vovó? — Concordo com um aceno — Faz muitos anos que não como. E esse cheiro delicioso?

Ela pergunta abrindo as panelas para averiguar os responsáveis pelo cheiro. Eu preparei um arroz à grega, salmão com batatas ao forno, frango à parmegiana e escondidinho de carne seca.

— Temos convidados? — Indaga, arqueando a sobrancelha.

— Não, seremos apenas nós duas.

— Tudo isso para nós duas? — Aponta para a salada, o pudim de leite e o bolo com calda de chocolate dispostos na bancada.

— Sim — dou de ombros — estava precisando organizar as minhas ideias e cozinhar me ajuda a voltar ao centro. Agora lave essas mãos e desfrute do banquete da *chef*.

— Como eu estava com saudades da sua comida! — Sorri animada.

Entre garfadas e sorrisos, passamos a noite ali na cozinha conversando sem grandes preocupações, como fazíamos quando eramos adolescentes. Perdemos muito das nossas conversas com o passar dos anos, mas a lealdade e o amor que nutríamos uma pela outra é inabalável. Somos a única família uma da outra e isso é o que faz eu me manter de pé mesmo com tantas decepções. Lorena é o meu suporte, é para quem eu ligo e me socorre sem pestanejar.

Ouvi-la falar animada sobre o convite que recebeu para uma turnê fora do país fez meu coração se apertar. Sinto-me triste, quando deveria estar feliz por ela, é algo que ela sempre sonhou. Eu deveria estar sorrindo e incentivando-a, mas não consegui.

— Eu ainda não decidi... — Diz, me fitando com carinho. — Sei que você está passando por um momento delicado e não te deixaria sozinha, Eva.

— É a oportunidade que você sempre sonhou... — Falo com a voz embargada pelo choro contido.

— Eu não estaria feliz sabendo que você está triste — enxuga as minhas lágrimas.

— Eu sei que parece egoísmo, Lore — fungo — mas eu já me sinto tão sozinha...

— Eva... — ela me abraça — Você não está só, somos eu e você até a eternidade, lembra? — Remete-me as últimas palavras da nossa avó no seu leito de morte — ela disse que enquanto tivermos uma a outra nada nos derrubará.

O que minha avó esqueceu de nos dizer é que não deveríamos entregar o nosso coração para nenhum homem, pois são seres ardilosos, que nos conquistam com olhares sedutores e doces palavras, nos guiam por um mundo de descobertas e sensações esplêndidas e depois nos abandonavam. Como um brinquedo do qual a criança perdeu o interesse ao ganhar outro.

Mas se eu ainda estou de pé é porque ainda posso ditar as regras daquele jogo. Maurício seria o último homem que me trataria daquela forma, e para jogar aquele jogo eu precisava, manter a Lorena longe dessa bagunça.

— Você precisa ir! — Digo me afastando do seu abraço e enxugando as lágrimas.

— Eva... — Me olhou sem compreender a minha mudança brusca de comportamento.

— Vá e mostre aqueles gringos a DJ brilhante que você é!

— Eu já conversei com meu agente e não irei até tudo estar bem...

— Pois, então trate de ligar para ele e avisar que tudo melhorou — forço um sorriso.

— Você tem certeza? — Me encara, como se buscando alguma mentira.

— Claro! Eu também passarei um tempo fora do estado, eu vou assinar o *buffet* de aniversário... de quinze anos — minto.

— Sêrio? — pergunta animada. — Estou tão feliz por você! Eu sabia que o seu reconhecimento iria chegar, esse será apenas um dos vários *buffets* que você assinará.

Eu odeio mentir para ela, mas é preciso.

— Agora vamos dormir? — Pergunto para fugir da teia de mentiras que eu havia criado.

— Amanhã poderíamos fazer um programa de menininhas, passar no salão de beleza, fazer unha.... — Levanta-se da cadeira e me segue — e depois poderíamos pegar um cineminha, tem um filme de super-herói gato em exibição.

— Pode ser... — Concordo e ela continua falando do trailer que assistiu do filme e do quanto o herói é musculoso e lindo. Ela só se cala quando entramos no quarto. O seu olhar se fixa no caos das roupas destruídas.

— Definitivamente precisamos ver o herói gato, assim você ocupará as mãos longe da tesoura! — Ri alto e eu acompanhei o seu sorriso.

— Eu me mantereí ocupada, Lorena. Não precisa se preocupar.

Dessa vez, é a mais pura verdade.

Capítulo 12

Passo a noite acordada rolando na cama. O colchão macio parece brasa sob a minha pele, me incomodando, me fazendo recordar do nosso sexo quente e apaixonado. A manta acolchoada abraça meu corpo, mas infelizmente lamento que não seja seu toque a me acalantar.

Sou uma inconstância de sentimentos. Uma parte de mim deseja esquecê-lo por completo, rasgá-lo da minha vida, assim como fiz com suas roupas... Mas a outra clama por um segundo que seja da sua atenção. Talvez seja a falta de finalização completa da nossa relação ou a ausência repentina que faz meu peito doer, e eu chorar todas as noites antes de dormir.

Para não acordar Lorena com o barulho do meu choro, levanto e vou para outro cômodo do assombrado apartamento, levando comigo o notebook. Digito “músicas para curtir um pé na bunda” no *Youtube* e inúmeras *playlists* surgem em resposta, pelo menos não sou a única que sofre de decepção amorosa. Clico aleatoriamente e a voz doce de uma cantora, cantando em inglês, preenche o silêncio do lugar. A cantora indaga numa voz angustiada “*I Have Questions*” que no português correspondia a “Tenho Algumas Perguntas”.

*Do you care, do you care?
Why don't you care?
I gave you all of me
My blood, my sweat, my heart, and my tears*

*Você se importa, se importa?
Por que você não se importa?
Eu te dei tudo de mim
Meu sangue, meu suor, meu coração e minhas lágrimas*

Eu amei Maurício com todo o ardor existente no meu corpo. Nosso amor era sempre desesperado e irracional. Quando estávamos juntos o mundo desaparecia ao meu redor, Maurício era o meu mundo, o meu centro. Era o motivo para eu suportar os impropérios do *chef* com um sorriso no rosto, pois eu sabia que quando eu entrasse por essa porta ele estaria me esperando. Seus braços me envolveriam e eu me sentiria acolhida. Quando seus lábios proferiam que senti a minha falta e seu corpo provava que cada instante de ausência foi realmente doído, eu me sentia a mulher mais amada do mundo. Cada vez que nos amávamos era sempre única. A familiaridade dos nossos toques fazia parecer que nos conhecíamos há séculos.

Ah, Maurício você sabia o ponto certo de me fazer gritar enlouquecida sem eu nunca ter verbalizado, e eu que conseguia levar você ao ápice, arrancando de você urros altos... Eu amei você um pouco mais desde que você passou a chamar meu nome o auge do prazer. Compartilhei meus maiores medos com você. Dividi a minha história de vida com você, a minha adoração pela gastronomia, o meu anseio em ter meu próprio restaurante. Cheguei até a confessar sobre a minha infância, em como eu me sentia sozinha mesmo com todo o amor da vó Dulce e da Lorena... Você soube que nada parecia suprir a ausência dos meus pais em meu ser. Você enxugou as minhas lágrimas e me consolou dizendo que agora tínhamos um ao outro, lembra? Você me fez juras infinitas e me amou lentamente na noite em que te fiz essa confissão. E os meus olhos transbordaram de emoção acreditando em cada palavra sua, em cada toque e em cada olhar destinado a mim. Hoje, tanto tempo depois, ainda está nítido em minha mente a nossa última conversa.

— *Feche os olhos!* — Maurício pede e eu o encaro sem compreender.

— *Como assim?* — Pergunto e volto a beber meu cappuccino.

— *Confia em mim!* — Ele me olha fixamente e mais uma vez sou envolvida pela força daqueles olhos claros. Pouso a xícara na mesa e faço o que ele pede sem hesitar.

— *Leve as mãos aos olhos* — sorri — Não quero que você dê uma espiadinha, Eva.

— *Eu não pretendia espiar* — minto, pois estou muito curiosa para saber o que ele pretende me mostrar em meio a cafeteria. Se ainda estivéssemos em casa.... — *Sério que você não vai me deixar ver?*

— *Não enquanto você não for obediente* — sorri — Vamos Eva, garanto que gostará da surpresa! — Incentiva e mais uma vez faço o que ele me pede.

Levo as duas mãos até o meu rosto, e as uso para cobrir os meus olhos. A expectativa me deixa excitada, em outra ocasião, com outra pessoa, talvez eu ficasse insegura, mas com Maurício ao meu lado meus receios se dissipavam.

Enquanto eu estava de olhos fechados tento pensar o motivo do suspense, minha mente cataloga inúmeras coisas, desde as passagens de avião para a nossa viagem romântica ao Nordeste até uma aliança dourada, simbolizando o pedido de casamento.

— Abra os olhos! — A ordem provoca um arrepio por todo o meu corpo, mais uma das sensações que só ele me causa. — Reconhece?

Na palma da sua mão, dentro de uma caixa de veludo vermelha, está um anel de acrílico amarelo, daqueles que antigamente acompanhavam os chicletes.

No último domingo ensolarado estivemos na Avenida Paulista e aproveitamos para passear entre as barraquinhas ali expostas, comemos pastel de feira e bebemos caldo de cana, observamos os artesanatos locais, e até eu, que não sou das mais vaidosas, me juntei as outras mulheres na barraca de bijuterias de uma moça de cabelos trançados e vestido longo colorido. Escolhi um colar de semente de açaí pigmentadas em diversas cores, o resultado era uma peça colorida e jovial, a cara da Lorena. Para mim, um brinco de palha que eu tinha certeza que não usaria, mas era bonito e eu estava encantada por tudo. Maurício me esperava um pouco afastado daquele emaranhado de mãos disputando peça por peça.

— Amor, a gente precisa encontrar algum lugar para almoçar ou você vai se atrasar para o trabalho — sua voz despertou a minha atenção.

— Só mais cinco minutos — respondi sem fitá-lo — É tanta coisa linda que nem sei o que escolher...

— Esse! — Seu dedo apontou o anel de acrílico — Tenho certeza que ficará lindo em você.

— Tá de sacanagem né? — Virei para ele sorrindo e vi o enorme sorriso no seu rosto — A última vez que eu usei um anel desse eu tinha uns quinze anos a menos. Eu e a Lorena tínhamos vários, de todas as cores possíveis, a vó cada vez que voltava da rua trazia os chicletes que tinham como brinde esses anéis, não sei como não ficamos diabéticas.

— Você sabe que no dia que nossa relação avançar para um patamar mais sério...

— Não temos algo sério? — interrompi, arqueando a sobrancelha.

— Você entendeu o que eu quis dizer... — Coçou a cabeça, sorrindo

— Não entendi senhor Maurício, o senhor pode ser mais objetivo que isso. — Perturbei.

— O que eu quero dizer que no dia em que eu te pedir em casamento...

— Hum... Estamos progredindo — Sorri e ele colou os lábios aos meus num beijo rápido.

— Dá para deixar eu concluir uma frase? — Disse sorrindo e eu acenei

com a cabeça — Obrigado. Quando esse dia chegar não vai ter ouro 18k ou nenhum desses componentes que usam nas alianças. Você escolheu um homem alérgico e terá que se contentar em usar um desses anéis de chiclete.

— Vai usar a sua alergia para justificar a ausência de um solitário na minha mão?

— Desde que suas mãos estejam sempre em contato com o meu corpo — sua mão envolveu a minha cintura e ele me puxou para si — alguma objeção?

— Nenhuma. Sempre amei anel de acrílico — Sorri — Já pode comprar um amarelo que remete a ouro.

— Anotado. Agora, vamos para casa que eu quero suas mãos em meu corpo pelas próximas horas.

— Seu desejo é uma ordem. — Depositei um selinho em seus lábios e paguei pelas minhas bijus. Ao fim daquele dia minhas mãos apreciaram cada parte do seu corpo.

— Você não vai dizer nada, amor? — ele me traz de volta ao momento atual.

— O anel... Isso significa que...

— É o meu pedido oficial de casamento. Eva, e eu não encontrei melhor presente que esse.

— Eu... — Uma lágrima escapou dos meus olhos e ele enxugou — Eu amei!

— Muito provavelmente o anel caberá apenas no seu dedo mindinho — disse segurando a minha mão e colocando o anel no dedo — Mas é o símbolo do meu amor.

— Eu estou ainda mais apaixonada por você, se é que isso é possível.

— Eu te amo Eva, jamais duvide disso.

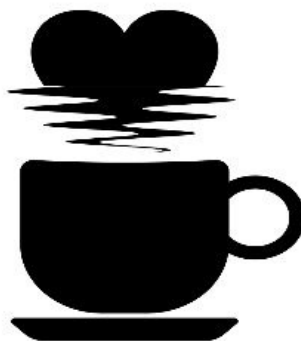
E eu não duvidei de você, amor, em nenhum segundo. Acreditei veementemente na suas palavras e gestos. Hoje, depois que descobri toda a verdade, muitos questionamentos ainda rondam a minha mente. Por que você tentou me fazer de boba?

Eu nunca deveria ter confiado em você, não deveria ter acreditado no seu falso amor. E agora, enquanto as lágrimas molham o meu rosto, eu me entrego mais uma vez aquela dor latente no meu peito e entre lágrimas e soluços, a sua imagem parece fixada na minha memória.

Quando Miley Cyrus começa a cantar, eu me vejo em cada parte da letra de “Wrecking Ball”, mas é o refrão que bate no fundo da minha alma e ressoa, quando eu volto para cama e tento dormir.

*I came in like a wrecking ball
I never hit so hard in love
All I wanted was to break your walls
All you ever did was wreck me
Yeah, you, you wreck me*

*(Eu cheguei como uma bola demolidora
Nunca tive um amor com tanta força
Tudo que eu queria era romper suas barreiras
Tudo que você fez foi me deixar em pedaços
Sim você, você me destruiu)*



Acordamos sem a menor intenção de passar mais tempo ali do que fosse estritamente necessário. Aproveito a presença da Lorena no meu antigo apartamento para esvaziar o guarda-roupa, levando tudo que fosse meu. Enquanto acomodamos as roupas nas caixas, eu me perco mais uma vez nas lembranças vividas naquele lugar. E se não fosse o bom humor matinal da minha prima, falando sem parar, eu não teria conseguido concluir a tarefa. Quando giro a chave na porta, trancando-a, uma lágrima furtiva escapa e eu trato de enxugá-la rapidamente. Essa seria a última vez que eu choraria por Maurício.

Seguimos o combinado no dia anterior, passamos no salão de beleza que eu quase nunca frequentava é bem verdade. Acato a sugestão da manicure e pinto as unhas de vermelho sangue, agora que eu não trabalhava mais no restaurante podia me dar a esse luxo. Hidrato os fios e os escovo, aproveito e faço um teste de maquiagem gratuito... Quando me olho no espelho gigante, noto que as olheiras das noites mal dormidas desapareceram e o meu rosto aparenta um ar mais saudável. Os olhos delineados e o batom vermelho me deixaram com cara de mulher fatal e foi ali, me olhando atentamente, que me senti novamente bonita e confiante. E é essa a mulher que eu quero ser daqui para frente.

Ao fim da tarde nos deliciamos assistindo o filme do super-herói gato. E eu não posso negar que a cada vez que a câmera focava o rosto do protagonista e eu fitava longamente os olhos claros dele, tão parecidos com o do Maurício meu coração errava a batida. Mas, nada que tirasse o meu bom humor e arruinasse a minha tarde.

Consegui me desvencilhar do convite insistente da Lore para estender a noite num barzinho com seus amigos, com a desculpa que precisava finalizar a lista de compras, o que não era uma total mentira.

Quando acabei de guardar todos os itens no armário e geladeira, eu já estava cansada, as caixas de roupa no canto da sala me lembravam que eu

precisava guarda-las também. Isso ficaria para outra hora, agora eu precisava por o meu plano em ação e com o meu notebook no colo iniciei a minha vingança.

Depois de vagar em diversos site de garoto de programa, em busca de um perfil ideal. Encontro um anúncio com o candidato perfeito:

Leó23. Alugo-me para ser namorado.

Abaixo da frase segue a foto do seu perfil, um rosto de um jovem, que aparentava ter no máximo 18 anos. Seria perfeito! Entro em contato imediatamente, premeditando tudo o que faria a seguir.



Olhar o perfil da Natalie é o meu novo passatempo favorito, eu checo se há atualizações a cada meia hora e, de grão em grão, eu consegui ter um panorama da sua vida. O dia dela tinha sido agitado, no primeiro post, as oito da manhã, havia um *check-in* numa faculdade com a legenda: “Retomando os estudos”. Havia inúmeros comentários de pessoas parabenizando-a e um deles, graças a minha sorte, detalhou sobre o que se tratava: “Quero ser você quando crescer: administradora, mãe, gata e agora futura doutora. O mundo é pequeno para você, senhora Torres”. A futura doutora respondeu com um coração vermelho pulsante.

Segui fuçando cada publicação, passei por uma foto sob a legenda “almoço delícia com elas”, na qual continha a foto dela – linda, como sempre – com mais três mulheres igualmente belas. Até que cheguei a sua última publicação, feita há duas horas: “Eu pelos olhos dele.” É uma foto sua sentada na cama, em meio a inúmeros papéis, atenta ao livro grosso depositado sobre as pernas cruzadas. Ela está concentrada e ele a tinha flagrado em um momento de ocupação, mesmo assim registrou...Romântico, não? Diversos comentários povoam a foto, eu os leio um a um e é como se meu coração estivesse sendo espetado com uma lança flamejante. Quando acabo de ler o último, o mínimo receio que eu tinha de ter ido longe demais se dissipa, Maurício merecia ter seu mundo perfeito destruído.



Capítulo 13



O tempo realmente é engraçado, ora corre, ora se arrasta. Cada um dos segundos que passo esperando para embarcar e todos os minutos no voo, se arrastaram tanto que pareceram séculos. Mas quando desço no aeroporto internacional Presidente Juscelino Kubitschek, na região administrativa do Lago Sul, no Distrito Federal, o tempo parece correr mais do que os maratonistas das

Olimpíadas.

Eu me sinto ótima e a dor em meu coração parece mais branda nessa cidade. Talvez aqui seja o meu lugar no mundo, será? Entro no Uber, que chamei pelo aplicativo de celular, e me dirijo até o hotel em que ficarei hospedada, há 13km de distância. Obrigada, *Google Maps*.

Essa viagem não seria barata considerando meu atual estado de desempregada. As diárias nos hotéis na região do Park Way, cidade onde a família feliz vive, custam em média trezentos reais... Nada que o meu cartão de crédito não possa suportar e o principal, meu estado de espírito agradecerá.

Faço *check-in* e subo para o meu quarto apenas para deixar a mala, marquei de encontrar o Léo e estou quase em cima da hora. No bar do hotel, sento em uma das mesas mais afastadas e peço uma água com gás, usando o celular para averiguar o Facebook da minha amiga, Nat. A ausência de post no perfil dela se explica no perfil da filha: correria total por causa da festa. Distraio-me por poucos segundos até que ele chega. Aceno discretamente para que ele saiba onde estou.

O garoto é realmente bonito e quando ele sorri, depois de me cumprimentar com dois beijinhos, eu sei que ele conseguiu. Assim que o vi no site, cliquei no balão de conversa ao lado do seu nome, iniciando a chamada de vídeo. Ele surgiu na tela sem camisa e com os cabelos molhados e se insinuou, achando que eu gostaria de me divertir na *Webcam*. Ledo engano, minha diversão seria outra e me traria bem mais prazer do que ele poderia supor.

— E então, conseguiu?

— Sim, a escola dela não permitiu minha entrada, mas não foi difícil falar com ela do portão para fora. Eu já te perguntei, mas vou repetir: você não é da polícia, é?

— Não sou! E pode tirar essa ruga de preocupação do rosto, ela é a minha afilhada — minto — e a coitada sofre muito com os pais conservadores. Então eu pensei que ela merecia um encontro com um cara legal.

— Não seria mais fácil tentar encontrar um namorado de verdade para ela? Qualquer homem se encantaria por ela.

— Gostou dela?

— Sim, ela é muito gostosa.

— Perfeito, pode me passar o envelope — peço.

Ele me entrega um envelope grande e pardo, já eu o entrego um menor, de cartas, com seu pagamento.

— Seu trabalho acabou, Léo. Obrigada!

— Pode me ligar se precisar, foi divertido — ele ri e levanta, deixando o bar.

É a minha vez de jogar.



O meu coração aperta depois de falar com o Luiz, ele e sua esposa me fazem lembrar da felicidade que eu achava que tinha. Precisei ligar para o restaurante hoje cedo, e como eu sabia que ele não estaria presente aquele horário, a Bia me passou o celular do patrão. Usei a desculpa que teria que falar sobre meu acordo de saída, etc. A maioria dos funcionários não tinham aquele número de telefone, as coisas por lá sempre se resolveram sem que precisássemos ligar para o dono do restaurante. Além disso, ele marcava presença religiosamente, então íamos direto a ele caso precisássemos. Sinto-me mal quando desligo o telefone, mas o mais importante é: descobri onde seria a festa!

Se quando eu trabalhava lá, o *chef* Oliveira expressamente disse que não me deixaria assinar o *buffet*, imagina com a minha demissão? É provável que ele quisesse ver o diabo em sua frente, mas não eu. Logo, eu não tinha como saber onde seria o evento e antes nem me importava com isso, mas agora essa informação era mais do que fundamental e eu a tinha. Sorri triunfante enquanto arrumava tudo que eu precisaria, finalmente o universo conspirava ao meu favor.



O João de Santo Cristo, da música *Faroeste e Caboclo*, estava certo ao se espantar: meu Deus, mas que cidade linda! O pouco que eu estava vendo de Brasília, pela janela do carro que transitava em seu ritmo normal, me fazia concordar com o eu-lírico. Não sei se é por ser um bairro nobre, mas o Park Way é perfeito graças ao contato com a natureza e o silêncio. Havia muitos condomínios e mansões por ali e eu facilmente posso imaginar que faço parte de um livro, porque o lugar é digno dos mais ricos personagens das histórias que eu lia no celular. Lia, verbo no passado, porque acho que nem isso me fará sonhar novamente. O bairro é muito mais organizado do que a minha vida, dividido em quadras que vão do número 01 a 29, além de ser próximo aos principais centros comerciais de Brasília e ao aeroporto. E abrigava muitos salões de festas e locais para eventos, por isso, não preciso ir muito longe para chegar ao meu destino: a Mansão Vivendas está localizada na quadra 8 do Setor de Mansões do Park Way.

O corre-corre no ambiente é perceptível ainda do lado de fora e eu usaria isso ao meu favor. Aproximo-me da portaria e me apresento, mas a minha entrada não é liberada de imediato.

— Meu senhor, é um absurdo eu ainda estar esperando aqui. Sou a *chef* do *Buffet* — levanto meu estojo de facas e itens, que traz acoplado o meu *dólmã*, para comprovar o que digo — estou atrasada e se Natalie Torres reclamar dos dez segundos que estou perdendo aqui, farei com que o senhor seja demitido! Ligue para Natalie de uma vez e pergunte se ela contratou ou não Eva Prado — uso o tom arrogante que tantas vezes ouvi do *chef* e não sinto o menor orgulho de fazê-lo, mas é por uma causa maior. Mesmo que ele ligasse para comprovar, tenho certeza que a Natalie liberaria minha entrada.

— Desculpe, senhora — ele aperta o botão — pode entrar.

Não agradeço, mantendo o personagem, e marcho em direção ao interior do espaço. O amplo salão principal está sendo arrumado, nas mesas de ferro, estão sendo forradas toalhas lilás bem claras, e os carregadores trazem arranjo de flores brancas em vasos de cristal que provavelmente ficarão sobre as mesas.

Sigo, desviando das pessoas que trabalham, até chegar ao fundo, perto da cozinha, mas sem adentrá-la. Guardo meu estojo em um canto e saco meu celular.

Busco na agenda até chegar no nome “ex-amor”. O ex, acrescentei depois de toda essa porcaria, antigamente ele era apenas o meu amor. Desbloqueio o contato e aperto no botão que inicia a ligação. Sinto um misto de pavor e excitação quando os toques seguem, um a um, até que ele atende.

— Eva? — fecho os olhos absorvendo o impacto que a voz no meu ouvido causa...

— Maurício, como vai?

— Preocupado, tentei falar com você várias vezes e não consegui, mas...

— Estou em Brasília — jogo a isca.

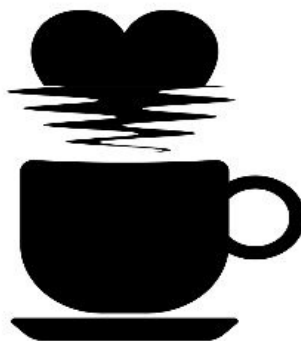
— Achei que não fosse mais ser você a *chef*... — e apenas essa frase fez-me odiá-lo um pouco mais. Ele sabia que eu havia sido demitida? Sabia também que era o filho da puta causador, com certeza.

— Consegui fazer com que voltassem atrás, estou no Vivendas nesse momento. Trouxe o presente da Ju pessoalmente.

— Presente? — o tom dele era preocupado.

— Isso, tão especial quanto o que você me deu. Mas vou deixar que você aprecie primeiro... Em meia hora, aqui — encerro a ligação.

Agora é só aguardar.



Ele demora menos de vinte minutos para atender o meu chamado. Por um segundo, ao vê-lo adentrar o salão, me iludo com a possibilidade de receber um abraço apertado e acordar de um pesadelo. Simples assim, um abraço mágico. Se eu pudesse fazer um desejo, seria exatamente esse: ficar tudo bem entre nós. Mas é impossível e ele comprova isso com o olhar, assim que me avista, quase escondida, perto da cozinha. A passos largos, ele logo me alcança.

— Você não devia estar aqui, Eva.

— Essa é a primeira coisa que você diz para a mulher que ama? — sou sarcástica, mas é exatamente isso que eu sinto.

— Aqui não é o melhor lugar para a gente conversar.

— Perto demais da sua vida perfeita?

— Não tenho uma vida perfeita, há mais falhas do que você pode imaginar... — as palavras me atingem feito um tapa na cara, arregalo os olhos. — Não foi isso que eu quis dizer, você não é uma das minhas falhas e...

— Cale a sua maldita boca — rosno com os dentes trincados para não gritar. Um escândalo seria ótimo, mas a plateia de empregados nem de longe é a ideal.

Eu preciso me controlar.

Respire Eva, apenas respire.

Respiro fundo e controlo as emoções, me afasto dele e vou até o meu estojo. Ali, enrolado na roupa de chefe que eu usava quando o conheci, peguei o envelope pardo.

De frente para o homem que jurou me amar, senti os primeiros gostos da vitória. Vejo-o empalidecer e arregalar os olhos quando encara as fotos que ali estavam. Noto, pela veia que salta em sua têmpora, o exato momento em que o reconhecimento se dá. Ele passa foto por foto, antes de me encarar.

— Dói, né? Você sente como se um punhal fosse cravado em suas costas

quando alguém em quem confia trai a sua confiança?

— O que significa isso, Eva? Por que você tem fotos da minha filha beijando um cara que eu nunca vi na vida? Por que você tem isso?

— Porque eu posso! Porque eu quero que você entenda que o que fez comigo – seduzir, mentir e enganar – também pode acontecer com alguém que você ama. Seria tão fácil acabar com a vida dela, como você acabou com a minha... Tão simples.

— Você está louca? O que aconteceu entre a gente não se compara a essa merda aqui. O que você fez, Eva? Que porra você fez? — ele questiona, elevando um pouco mais o tom de voz.

Está quase no ponto em que eu estava poucos minutos atrás. Maurício enfia a mão no bolso da calça e saca o celular, nervoso. Seus dedos agem frenéticos na tela, antes de levar o aparelho ao ouvido. Aguardo, fingindo uma calma que não sinto, meu sangue ferve tanto por sua presença quanto por todo aquele jogo de poder, enquanto ele anda de um lado para o outro aguardando alguém atender do outro lado da linha.

— Jú, onde você está? — aguarda a resposta — sua mãe está aí? Certo... Por que não me disse que estava namorando? — ele ouve e a resposta não o agrada. — Conversamos mais tarde, Maria Júlia — encerra a ligação. — A minha filha mentiu para mim... — ele se volta para mim — não sei o que você está fazendo, mas eu quero que pare imediatamente!

— Quem você pensa que é para mandar em mim?

— O homem que você ama — ele joga na minha cara. — Vamos conversar com calma, fora daqui, Eva.

A minha vontade é calá-lo com um tapa. Deixar a marca dos meus dedos por todo aquele lindo rosto, enquanto o faço engolir cada uma das suas mentiras. Ele usa o meu amor como uma arma contra mim, mas isso é previsível, afinal não foi o que ele fez esse tempo todo? Manipulou a mim, através dos meus sentimentos, forjando os próprios e me envolvendo até eu não ser capaz de respirar sozinha.

— Você precisa me deixar falar, eu mereço a consideração de ser, ao menos, ouvido — olho para ele, emudecida, aqueles olhos me distraem. Sua beleza ainda consegue me afetar e ele sabe disso. — Por favor, me dê alguns minutos. Por tudo que vivemos juntos, estou implorando, Eva.

— Eu... preciso ir para a cozinha, estou aqui a trabalho.

— Trago você de volta em um instante — olho para baixo, desviando dele — Eva, eu nunca faria nada que você não quisesse.

E essa é a sentença que ele joga para fazer com que eu lembre que tudo entre nós foi consensual, que sou tão responsável quanto ele por tudo que

aconteceu entre nós. Só que não é bem assim. O meu único pecado foi me apaixonar. Tenho culpa por me deixar levar por aqueles olhos azuis? Ou a culpa é dele por tê-los usados como uma arma contra mim?

— Tudo bem, vamos conversar. Mas hoje não, é o aniversário da sua filha. Aposto que tem um monte de coisas que você precisa resolver.

— Não vou deixar você aqui.

— Está com medo que eu arme um barraco, amor? Eu fui convidada pela sua esposa a estar aqui.

— Odeio essa ironia que você destila a cada segundo, onde está a mulher sensível pela qual me apaixonei? — eu rio histericamente.

— Morreu afogada em ilusões, junto com o homem maravilhoso e solteiro que ela amava. Você realmente não tem ideia do que fez? Ninguém pode ser tão cruel assim, Maurício.

— Toda história tem dois lados, Eva. Você deveria ouvir o meu antes de decidir que sou o lobo mal sem caráter.

— Ok, Maurício Torres, você venceu — ando até o canto e apanho minhas coisas do chão, ele indica com as mãos para que eu vá na frente e me acompanha mantendo uma decorosa distância.

Quando estamos do lado de fora, ele assume a dianteira e caminha até o seu carro. O mesmo carro onde fizemos amor certa vez, quando eu assumi que era algo que eu fantasiava e ainda não tinha realizado.

Respiro fundo quando sento no banco dos passageiros. Posso sentir tudo novamente. O meu corpo esquentando quando ele me toca, o arrepio que percorre a minha pele quando a sua barba roça a minha nuca e até o meu estremecimento no ápice, quando ele enterra seu pau bem fundo dentro de mim. Revivo isso olhando para o banco de couro claro em que ele acaba de sentar, naquela ocasião o encosto estava deitado, assim como ele, e eu o cavaleguei até as minhas pernas fraquejarem.

— Onde você está hospedada? — sua voz me retira do transe.

— Aqui perto — informo o endereço e dou um sorrisinho quando reconheço sua surpresa, com certeza ele achava que eu me hospedaria em lugar mais em conta.

Poucos minutos depois, ele para em frente ao hotel.

— Podemos deixar isso para outro dia, Mau.

— Deus... sinto saudades do meu apelido na sua boca, Eva. Eu vou subir, nós vamos conversar de uma vez por todas.

— Certo, vamos nessa então — aceito porque realmente não há mais alternativas.

Seguimos para a minha suíte e nesse trajeto a ansiedade começa a me

consumir novamente.

Respire, Eva. É só mais um passo. Nada do que ele diga mudará o fato de ele ser um filho da puta.

Abro a porta com esse pensamento, mas quando a fecho e me vejo sozinha com ele, já não tenho mais tanta certeza.



Capítulo 14



Ele andou até o meio do quarto amplo. Em tamanho, aquele espaço com uma cama grande de lençol cinza, não se compara com o hotel em que ele se hospedava, antes de morarmos juntos. Mas é igualmente confortável e atende as minhas necessidades, principalmente o móvel em frente a cama, com a Tv enorme e alguns aparelhos eletrônicos. Distração? É, talvez eu precisasse fixar

meu pensamento em algo além dele e da sua família enquanto estava naquela cidade.

— Você quer alguma coisa, alguma coisa com álcool?

— Está bebendo, Eva? — o seu tom mistura surpresa e recriminação.

— Não, mas eu deveria encher a cara todos os dias para apagar você da minha existência — respondo, por fim.

— Não vai funcionar, eu tentei isso uma vez — ele se aproxima — estamos gravados a ferro.

— O que você fez comigo não é justo, mentiu para mim descaradamente...

— Omiti. Nunca conversamos a respeito — cerro as mãos em punho e encaro o chão. Esse joguinho de palavras e significados não vai me amolecer. Passei horas imaginando essa conversa.

— Sinto saudades sua a cada segundo do meu dia, nada mudou. Sinto o seu cheiro tão vivido... Você sente a minha falta, amor?

Eu quero gritar um sonoro e consistente “não”, mas não consigo. Ao contrário dele, não sou uma mentirosa, tudo em mim sente falta dele. Meu cérebro não é capaz de comandar a verbalização sonora, portanto permaneço calada, apertando ainda mais os meus dedos cerrados, as minhas unhas se cravam na minha palma e eu me seguro na linha tênue da dor racional.

Ele segura os meus pulsos e os conduz para o seu peito, meus dedos permanecem firmes e o meu olhar cravado no chão. O meu coração é o primeiro a me trair, acelerando tão rapidamente que seria capaz de me fazer ter uma síncope. Meu tronco é o segundo traidor, se inclina sem que eu perceba, como uma árvore que lentamente se enverga por causa do insistente vento.

Quando ele toca o meu queixo com o indicador, minha pele se arrepia e no momento em que meus olhos encaram os dele, meu mundo encontra a sua órbita. Tudo parece sumir ao meu redor e o meu ponto de equilíbrio é aquele familiar azul.

Você já se afogou? Sentiu suas forças se esvaírem com o esforço de se manter na superfície enquanto uma outra força, muito mais poderosa, te puxa para dentro, para o fundo? A sensação de perder o oxigênio pouco a pouco é desesperadora. E era assim que eu me sentia. Aqui, nesse momento, é como se ele fosse um sopro de ar fresco depois de estar tanto tempo submersa em um lago frio e escuro.

Quando a nossa vida está por um fio, nos agarramos com entusiasmo a esperança de salvação.

Foda-se! Agarro sua cabeça com urgência e recebo sua boca como um balão de oxigênio, trazendo meu corpo de volta a vida. Chupo sua língua e lábios

de uma vez só, ao mesmo tempo em que minhas mãos viajam por seu tronco e puxam com força o tecido da camisa. Sinto seu gemido em minha boca e suas mãos na minha bunda, apertando e me trazendo para ainda mais perto. Esfrego-me inteira contra ele, buscando alívio em cada centímetro de pele.

Ele segura em cada um dos lados da minha blusa de botões e puxa, fazendo com que se abra rapidamente. Mais rápido ainda seu rosto se coloca em meu colo, beijando os dois montes suspensos pelo bojo do sutiã. Sua barba roça com força a minha pele alva e eu desejo que essa força me deixe marcada. Ele abre o fecho frontal do meu sutiã com habilidade, sem precisar parar os beijos desesperados no meu pescoço e colo. Quando a peça se solta, suas mãos seguram um seio, pressionando firme a minha carne enquanto sua boca suga o mamilo. Enfio os dedos nos seus fios e puxo com tudo que há em mim, enquanto jogo a minha cabeça para trás perdida na dolorosa sensação. Ele passa a boca para o peito ao lado e morde o bico, me fazendo gritar alto. Empurro sua cabeça com firmeza, conduzindo sua barba a esfolar a minha barriga. Ele cai de joelhos em minha frente. Abre o botão da minha calça. Faz com que a peça deixe o meu corpo. E aos meus pés, me olha com adoração. Minha calcinha é descartada e sua boca volta a me fazer ver estrelas.

Nada disso é em câmera lenta. É intenso. Veloz. Quente. Desde o primeiro toque, com a ponta da língua no meu clitóris, passando pelos dedos de uma mão que me abrem, até os outros dedos que começam a me foder. Minhas pernas abertas quase não sustentam o peso do meu corpo, por isso seguro firme em sua cabeça e me permito delirar. Mexo-me com sofreguidão, esfregando a minha boceta em sua cara enquanto ele acelera, lambendo fodendo e mamando. Não demora para que eu suba alto e despenque em um orgasmo arrebatador.

Ele me conduz até a beira da cama alta e eu me posiciono com as pernas abertas e os pés no chão. Minha barriga e os meus braços descansam na cama quando ele invade a minha boceta por trás, agarro firme os lençóis e me empino ao máximo, ficando nas pontas dos pés.

Ele vai até o fundo de uma vez e se retira, voltando logo em seguida, tocando lá no fim. Maurício enfia os dedos no meu cabelo e os retorce, segurando firme antes de puxar. A dor faz com que eu levante o tronco e estique o pescoço enquanto ele me come forte e rápido. Eu grito. Ele geme. E os nossos corpos fazem barulho quando se chocam. É enlouquecedor.

Ele solta os meus fios e segura a minha coxa esquerda, movimentando-a para mudar a posição. Seu pau se distancia apenas o suficiente para que eu me vire, sem me deixar por completo. Com as costas na cama, observo o nosso encaixe e a facilidade com que seu pau escorrega para dentro da minha boceta escorregadia. A boca dele voa para o meu peito esquerdo, sugando. Já a mão,

apalpa o direito e ele retoma as estocadas ritmadas. Uma, duas, três... Dez vezes eu o sinto me preencher.

Maurício larga os meus seios. Fica de pé, usando os braços para segurar as minhas pernas, um pouco abaixo dos joelhos que se dobram, e rebola em busca do meu prazer. Seu pau percorre todos os cantos do meu interior, vasculhando cada centímetro quando o seu quadril se mexe e eu gemo ensandecida. Assim que ele reencontra aquele ponto que me faz gritar, investe contra ele furiosamente por diversos segundos.

— Ahhhhhhhhh — grito alto antes de ser beijada pelas labaredas da paixão.

O alívio que percorre meu corpo depois do orgasmo é devastador. Ele me fode algumas vezes antes de tirar seu pau de mim e jorrar seu gozo sobre a minha barriga.

O mundo inteiro parece girar, mas quando Maurício deita ao meu lado e me abraça, me agarro a ele para tentar me equilibrar.



Quando meu corpo traidor se acalma, eu me sinto em queda livre. Minhas ações verbalizaram todo o amor que ainda sinto. As mãos dele deixarão digitais que eu não sei se um dia serei capaz de esquecer. Os seus lábios me sugando e me tomando para si, num ato de posse declarada, vão deixar mais que hematomas.

Continuo despencando rapidamente, mas não vejo o chão. Talvez porque eu esteja caindo em um abismo profundo que era aquele amor. Não há nada firme para que eu me segure e adie o momento em que eu me quebrarei em pedaços. E nesse momento, aperto seu corpo e, em uma prece silenciosa, clamo que impeça o meu choque.

— Está tudo bem, eu estou aqui... — ele profere o que eu tanto desejo ouvir e as lágrimas, que eu vinha relutando em conter, vencem a batalha e molham o meu rosto. — Eu nunca pretendi te fazer sofrer... — Suas mãos acariciam os meus cabelos. — Eu te amei desde o primeiro olhar, Eva. E você não imagina o quanto eu tentei lutar contra esse sentimento.

As batidas descompassadas do coração que bate em mim, não são minhas, pois ele não mais me pertence. Ele passou a pertencer a ele desde o primeiro beijo.

— Por que você amava a sua esposa? — Indago com a voz embargada pelo choro.

— Porque eu sabia que acabaria magoando alguém.

A sua resposta tem a capacidade de me ferir e me afagar ao mesmo tempo. Uma parte de mim lastima por ele não ter dito que não amava mais a Natalie e a outra se regozija em saber que ele também sofreu com tudo aquilo. Nos calamos por alguns segundos.

— Já estava tudo planejado, assim que o prédio fosse inaugurado eu retornaria para Brasília e pediria o divórcio. Não contava com a possibilidade de encontrar você naquela noite... Eu morri no segundo em que você me olhou como se eu me resumisse a um canalha.

— Como você queria que eu reagisse? — me afasto do seu corpo ainda vestido. A nossa situação atual resume bem a nossa relação: eu exposta e marcada, ele vestido e protegido. — Eu estava sendo apresentada a sua família. A família que você nunca contou que tinha. Eu me senti suja! — Abraço meu corpo e deixo as lágrimas correrem livremente.

— Não se sinta — sua mão ergue meu queixo, me fazendo olhar para ele — Você foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida no último ano. Eu não queria que você tivesse descoberto daquela forma, muito menos que outra pessoa fosse portadora da explicação sobre minha relação ou a quantidade de filhos que tenho.

— O Ricardo sabia de nós? — Faço a pergunta que me acompanha desde aquele dia e torço mentalmente pela negativa.

— Desconfiava e chegou a sugerir que eu abrisse o jogo. Segundo ele, você precisaria saber no que estava entrando.

— E por que não seguiu a sugestão dele?

— Você teria ficado comigo? Continuaría ao meu lado sabendo que eu era casado? Mesmo se eu dissesse que estava disposto a abandonar tudo que construí por anos para viver com você?

— Não sei... — Hesito. — Mas eu tinha o direito de escolher, Maurício.

— Eu não poderia correr o risco de te perder. Não depois de ter te conhecido.

— Você só pensou em você!

— Não, pensei em você a cada maldito minuto. Eu queria poder tocar o *foda-se* para estar seu lado esse tempo todo, teria sido tão mais fácil...

— E você acha que foi fácil para mim? Você partiu e levou junto contigo a minha vontade de viver. Passei a desejar que o edifício que você construiu desabasse só para ter a oportunidade de te ver novamente. Eu não consigo dormir à noite, pois cada vez que meus olhos se fecham é a sua imagem que surge. Os momentos que vivemos não estão apenas vívidos na minha memória, estão cravados no meu peito.

— Então vamos acumular novas memórias, amor. O nosso sentimento não pode ser reprimido e já nos demos conta disso.

— O que mudou agora? Por que agora seria mais simples abandonar a sua família?

— Eu não estarei os deixando em um momento delicado — sua voz sai trêmula — você quer mesmo saber por que no dia seguinte ao que descobri tudo, eu não rastejei aos seus pés? — assinto — Meu filho ficou hospitalizado. Foram três dias terríveis pairando sobre nós a suspeita de meningite. Você não imagina o inferno que passei. — duas lágrimas rolaram pelo seu rosto — era

impossível que eu me ausentasse.

— Eu não fazia ideia...

— Me culpei hora após hora, segundo após segundo, durante os dias que meu filho permaneceu naquele maldito hospital. Eu acreditava que era castigo, e eu, que não sou um homem de fé, rezei para que aquele sofrimento fosse transferido para mim. Era eu quem merecia sofrer, não ele.

— Maurício... — enxugo suas lágrimas — queria ter estado ao seu lado.

— Também queria. Desejei tanto seu abraço e o seu sorriso fácil para me fazer acreditar que tudo terminaria bem.

— Estou aqui agora...

— Eu não quero que esteja apenas agora — ele me fita longamente — quero que fique ao meu lado para sempre — abro a boca para protestar, mas seus dedos me silenciam — eu só preciso do seu “sim” e embarcamos amanhã para São Paulo. Vamos retomar nossa vida de onde paramos. Dar continuidade ao que nunca deveria ter chegado ao fim.

— Eu...

— Diga que ainda me ama e me quer ao seu lado, Eva — os seus olhos azuis parecem faróis apontando a direção certa.

— Você sabe o quanto ainda te amo. Está escancarando em mim. Queria tanto ter você sem reticências...

— Eu sou seu, Eva. E amanhã serei *somente* seu. Confia em mim, confia no nosso amor — sua voz rouca dissipa todas as inquietações.

Dessa vez seria diferente. Dessa vez, seríamos apenas nós dois e o nosso amor. E, para selar a promessa, seus lábios tocam os meus delicadamente. A pressão vai crescendo aos poucos até que o beijo lento se transforma em apaixonado e urgente.

O nosso beijo tem gosto de amor e perdão.



Capítulo 15



Nada como um dia após o outro, com sexo de reconciliação entre eles. Nessa manhã, pós-Maurício, acordo melhor do que em todos os dias dos últimos tempos. É quase como se fosse um sonho, de tão feliz que me sinto. As coisas se resolveriam, assim como eu desejei ontem, através de um abraço mágico. Não imagino que vá ser fácil para nós, mas com verdade e amor, passaremos por

cima de qualquer obstáculo.

Quando vou tomar banho, encaro o meu corpo no espelho e sorrio com as provas de que não foi mais um dos meus sonhos. As marcas vermelhas, provocadas pela sua barba, na minha nuca, no meu colo e na minha barriga indicam que tudo tinha sido excitantemente real.

Se eu pudesse escolher, ele não teria ido embora ontem, mas não tínhamos essa opção. Precisávamos fazer as coisas direito para que ninguém mais fosse machucado e era o aniversário da filha dele, afinal. Por isso, mesmo morrendo de saudades antecipada, eu dormi sozinha. Mas essa tinha sido a nossa última noite separados e eu ansiava por cada uma das noites que passaríamos agarrados, tínhamos muito tempo perdido para compensar.

Tomo um banho rápido e arrumo as roupas que estavam espalhadas pela suíte na minha mala. O que me faz lembrar de algumas peças destruídas... não tinha comentado, mas acho que ele compreenderia o que tinha acontecido com as suas roupas no apartamento, *né?* Se ele tinha entendido o que me levou a contratar alguém para se aproximar de sua filha, entenderia o surto raivoso que resultou em farrapos de grife. Depois de nossa conversa e de mais uma rodada de sexo – dessa vez mais tranquilo – eu expliquei que o meu plano não envolvia aplicar boa noite cinderela na menina, nem coisas do tipo. Conforme eu detalhei ao Léo, o garoto que contratei após exigir seus dados para conferir se tinha cometido algum crime, o que eu desejava era que ele adicionasse a garota nas redes sociais e a conquistasse com mensagens, para conseguir marcar um encontro real. No dia do tal encontro, que ocorreria em um lugar público, haveria alguém para fotografá-los. Fui incisiva em dizer que ele não estava sendo pago para forçá-la a nada, se algo acontecesse entre os dois, era para ser consensual, mas o limite daquela contratação eram beijos e foi assim que tudo aconteceu. Ninguém havia se machucado e o meu plano tinha surtido efeito, afinal tinha feito com que ele viesse até mim. Eu seria incapaz de acabar com a vida da Maria Júlia, a garota não tinha culpa das merdas que o pai fazia, mas quando eu arquitetei o plano, era exatamente o que eu sabia que o faria pensar: posso destruir quem você ama.

Visto-me, arrumo os meus cabelos e passo apenas um batom claro, ele sempre elogiava as minhas sardas, por isso eu evito escondê-las com maquiagem nesse momento. Guardo todos os equipamentos eletrônicos que eu havia levado e fecho a mala, correndo para fazer o *checkout* no hotel.



O Aeroporto Internacional de Brasília é gigantesco, o terceiro maior do país, e eu notei isso quando desembarquei aqui, mas agora parecia ainda maior. A ansiedade pode estar contribuindo para essa sensação. Preciso caminhar por quase dez minutos para encontrar o *Starbucks* onde marcamos de nos encontrar. Eu não precisava despachar bagagem, minha mala cabia perfeitamente nas dimensões adequadas para viajar comigo, por isso sento com ela ao meu lado na mesinha da cafeteria. O meu voo de volta está marcado para as onze da manhã, e é nesse mesmo avião que o meu amor irá comigo. Voltar em sua companhia é o final ideal dessa viagem, confesso que era o que eu mais desejava, mas o mais improvável também. Nem todos os meus planos de vingança precisaram ser executados e eu estava muito feliz por isso.



Quando os passos se aproximam de mim, meu coração erra a batida. Levanto o olhar ensaiando o meu melhor sorriso e todas as piadinhas que farei durante a nossa decolagem, mas guardo tudo isso por mais alguns minutos. O homem em questão passa por mim e segue até a mesa de trás, não é o Maurício.

Ele está meia hora atrasado. Já pedi um café e bebi meia garrafinha de água aguardando a sua chegada, será que o carro tinha quebrado? O aeroporto fica no bairro ao lado, eu mesma tinha chegado ali bem rápido. Marcamos de nos encontrar uma hora antes do voo, às dez horas, e eu tinha chegado quinze minutos antes do que combinamos. Estava morrendo de ansiedade pelo começo do nosso “felizes para sempre” e a cada segundo que passava, meu coração se apertava um pouquinho mais. Eu não via a hora de sentir seu abraço mágico novamente.

Pego meu celular e faço *check-in* no voo, pelo site da companhia aérea, para adiantar o nosso lado e eu não precisar ir até o balcão, acabariamos nos desencontrando se eu saísse dali.

Espero até 10h50min para entrar em contato, não queria bancar a surtada que fica cobrando sua presença no primeiro dia da nossa volta. Busco seu número, que voltou a ser registrado por “amor”, e faço a ligação.

Não chama.

A voz da mulher da operadora diz que posso deixar uma mensagem que será cobrada após o sinal.

Desligo antes de começar a cobrança.

Tento novamente.

Recebo de volta a mesma maldita mensagem.

O que está acontecendo, afinal?

Como um raio que ilumina o céu antes do estrondo alto do trovão, um pensamento aterrorizante me atinge e se instala em meu ser: ele mentiu novamente. Quando um pensamento desse penetra a sua densa fumaça de ilusão e dissipa todos os sentimentos bons que você tenta manter, a feia verdade

começa a aparecer. E ela é enorme, assustadora e faz o pior de você vir à tona.

Por alguns segundos, sinto como se uma mão apertasse firme a minha garganta, me impedindo de respirar. Tudo ao redor parece perder o foco, como um borrão, e os sons passam a ficar cada vez mais altos. As conversas que me cercam parecem estar sendo gritadas em meu ouvido, o que me causa uma repentina dor de cabeça. Fecho os olhos e respiro fundo, prendendo o ar por três segundos antes de esvaziar os meus pulmões completamente. O mundo gira quando abro os olhos e eu repito a respiração mais duas vezes até encontrar forças para abrir a garrafa de água. Noto que as minhas mãos estão trêmulas quando levo a garrafa até os meus lábios, mas tento me controlar para não me afogar com o restante da água, menos de 100 ml. Quando esvazio todo o líquido, fixo o meu olhar em um objeto, o copo de café vazio sobre a mesa, e me concentro nele até que tudo pare de girar. No momento em que as coisas se estabilizam, dois sentimentos passam a me habitar: o primeiro é o ódio, do Maurício e principalmente de mim mesma, que tinha sido burra o suficiente para acreditar em suas mentiras; e o segundo é a mais pura certeza de que isso acabaria hoje.

Abro a minha pequena mala e retiro de lá o meu notebook, a pequena câmera e o seu cabo USB. Olho a hora no celular, depois de tentar completar a ligação mais uma vez, e sei que não vou conseguir pegar o voo. Não faz mal, acampo ali e aguardo o próximo avião que me leve embora daquela cidade. Conecto o cabo à câmera e ao notebook e deixo que o sistema faça o trabalho de reconhecer aquele dispositivo. Alguns segundos depois, a janela se abre e eu clico para acessar o conteúdo. Eu ainda não tinha visto a filmagem, uma vez que ela não ia precisar ser usada, mas as coisas tinham mudado novamente e agora eu faria uso do meu plano original, com pequenas e necessárias adaptações.

Dou dois cliques no único vídeo que ali está e ele se inicia com muitos minutos de cama vazia. Adianto usando o cursor do mouse sem fio e chego ao momento em que ele para no centro do quarto. Assisto até o momento em que ele leva as minhas mãos em punho para o seu peito e sinto meu coração apertar ao ver Eva Prado totalmente apaixonada ao segurar a cabeça do Maurício e iniciar o beijo que culminaria na nossa foda selvagem de ontem.

Eu não suportaria reviver aquilo tudo na tela, por isso enxugo a lágrima furtiva que escapa e abro o navegador de internet. Busco o perfil que tanto vigiei e não me atenho as fotos em que marcaram Natalie, o esposo e os filhos na festa da noite anterior. Adiciono a esposa do meu amante como amiga e, em seguida, abro uma nova aba e início uma conversa entre nós duas.

Tento mandar o vídeo ali, mas o arquivo é pesado e extrapola o tamanho que o site permite. Então escolho algumas cenas em que mostra visivelmente o

marido dela e uso a tecla *print screen* para fotografar a tela. Envio a foto em que ele está de joelho enquanto me chupa, a que ele me fode e a que me causa maior dor: nós dois abraçados depois da nossa foda. Não acho suficiente, ela precisa ver quão filho da puta ele é, precisa acordar de uma vez por todas e entender que, nem de longe, seu casamento é tão perfeito quanto ela posta nas redes sociais. Busco um site para compactar o vídeo e diminuir o seu tamanho, assim que encontro o faço, enviando para ela logo em seguida.

Fecho tudo e enfio na mala novamente, são 11h03 minutos, acabei mais rápido do que eu imaginava. Levanto da cadeira e me dirijo a saída, se eu correr, ainda consigo embarcar.

Estranhamente, sinto-me calma.



Capítulo 16



A tal calma dura bem menos de vinte e quatro horas. A pequena mala ainda está me encarando no piso do quarto esperando ser desfeita, trancada. Assim como os meus sentimentos que ficariam trancafiados até que eu finalmente os jogasse fora.

Eu sou boa em ignorar sinais. Não foi o que aconteceu com aquele que

não merece ter o nome pronunciado? Fui tola o suficiente para não enxergar as suas mentiras. Pois bem, eu faria o mesmo com o maldito amor que ainda estava vivo dentro de mim. Iria ignorá-lo por completo, o primeiro passo eu dei assim que desembarquei. Segui até uma pequena banca de revistas, no centro do aeroporto. Lá comprei um jornal e chip para o meu celular, descartando o antigo ali mesmo.

No caminho até em casa detive a minha atenção aos classificados, ignorando a música romântica que saía do rádio do carro do taxista. Circulei quatro anúncios para entrar em contato no dia seguinte, eu retomaria a minha vida. Voltaria a ser a Eva de antes.

Quando finalmente cheguei em casa corri para o banheiro tentando me lavar daquela sujeira toda. Esfreguei meu corpo com força querendo livrar qualquer vestígio seu da minha pele. A espuma e água que escorriam pelo ralo era o símbolo perfeito daquele amor. A minha pele vermelha, causada pela limpeza exacerbada, arde quando deito no colchão macio, mas ela é a única coisa que queimava em mim naquele momento e isso é reconfortante.



Pequenos prazeres, é nisso que tentarei fixar a partir de agora. E acordar sem o toque do despertador é um desses prazeres, foco nisso e cantarolo enquanto sigo para cozinha em busca de encontrar algo para comer. O relógio na parede indica que já passa das onze e trinta da manhã quando bebo o meu religioso café e inicio o preparo do almoço: filé à parmegiana. É a comida favorita de Lorena e sinto a necessidade de fazer bem para alguém que realmente me ama hoje. Ela não dormiu em casa, sei disso porque demorei a adormecer e não ouvi o costumeiro barulho que ela faz.

Quando escorri o arroz, ela abriu a porta do apartamento.

— Pelo visto a noite foi ótima... — Sorrio, mas ela não me sorri de volta.

Olho atentamente para seu rosto e o que vejo ali me deixa apreensiva. As suas pupilas estão dilatadas e a sua mandíbula retesada indica tensão. Não, raiva! Esse é o sentimento, a Lorena parece furiosa.

— Quando você pretendia me contar a verdade, Eva? — Esbraveja.

— Do que você está falando? — Pergunto na defensiva, desviando o olhar e concentrando minha atenção na panela a minha frente.

— Do seu surto no restaurante, da demissão, da viagem a Brasília! — Fala de uma vez, sem tomar fôlego.

— Quem te contou?

— É sério que você está mais preocupada com quem me contou? — Pergunta irritada.

— Lorena eu pretendia te contar...

— Pretendia? — arqueia a sobrancelha — Quando? Quando estivesse numa delegacia detida por assédio a uma menor de idade ou por filmar e compartilhar vídeo íntimo sem autorização? — As palavras saem feito lanças da sua boca e me atingem com força. — Ia me ligar quando estivesse no fundo do buraco que você mesma cavou e se atirou, Eva?

— A esposa dele recebeu o vídeo... — Constato e não consigo conter o sorriso que surge em meu rosto.

Eu queria ser uma mosquinha para invadir aquela casa e ver o circo pegar fogo. Presenciar o que eu conhecia bem: a fúria da descoberta, a decepção de ser enganada e a tristeza em descobrir que tudo que viveu foi uma grande mentira. Adoraria ver o Maurício sendo desmascarado e assistir o seu mundinho desmoronando.

— Então é verdade? — assinto, não há como negar. Minha prima me olha com tristeza. — Maurício me ligou furioso, xingando Deus e o mundo. Acusando você de destruir a vida dele. Eu neguei tudo, ainda nutria esperanças de que você fosse incapaz de uma coisa dessas.

— Incapaz de foder com vida do filho da puta que destruiu a minha? — Sorrio — eu faria tudo novamente só para saber que ele sentiu na pele a mesma dor que a minha.

— Você tem noção do que você fez? Eva, você envolveu a filha dele no meio da bagunça de vocês!

— E no meu lugar, quem se colocou? Lorena, você é prova viva do quanto eu sofri com essa merda toda. E como se não bastasse o sofrimento amoroso, eu perdi o meu emprego! Maurício conseguiu arrancar de mim até o meu amor pela gastronomia, então não venha exigir de mim empatia.

— Será que ao menos você consegue se ouvir? Prima, você está tomada por um sentimento de vingança que a impede de enxergar as coisas com clareza...

— Claro, agora eu sou a ex-namorada transtornada! — Sorrio sarcasticamente.

— Eu não disse isso...

— Mas insinuou, a forma como você me olha é como se eu fosse a grande vilã da história. E você sabe muito bem que eu não sou!

— Sei? — Sorri tristemente. — Eu não sei quem é a pessoa que vejo a minha frente nesse momento. A Eva que eu conheço é uma mulher corajosa, amável e franca...

— Vi que já escolheu o seu lado, Lore... — Desligo o fogo e, antes de me afastar, esbarro no seu corpo parado. Ela não se move enquanto eu me afasto, mas a sua voz me segue:

— Qual a diferença entre você e o Maurício?

A pergunta me pega desprevenida, não porque eu não saiba a resposta, mas porque me comparar a ele chega a ser ofensivo. E isso vindo de alguém que me conhece tão bem me magoa profundamente.

— Acho que não entendi. — Respondo dando meia volta. Minha mente está inquieta e eu não consigo organizar os meus pensamentos.

— Qual é a diferença entre os seus atos e os de Maurício? — repete a

pergunta — Ambos mentiram para os que amam, ambos colocaram o seu desejo em primeiro lugar e...

— Lorena, esse homem manteve uma farsa por quase um ano! Ele me fez juras de amor, chegamos a dividir o mesmo teto e você ainda tem a audácia de nos comparar?

— Entendo que você se sinta magoada com essa mentira, mas...

— E de mentira você entende bem, não é? — interrompo — Ou a santa Lorena já esqueceu do que ela viveu? — Ela me encara estática, uma lágrima solitária escapa e molha o seu rosto — uma mulher que, conhecendo toda a verdade, optou por ser a outra. A válvula de escape de um homem que amava outra... Se tem alguém parecido com o Maurício aqui é você!

— Eu tinha apenas dezesseis anos, estava apaixonada.... — Sua voz sai entrecortada pelas lágrimas.

— Não me olha com essa cara. Foi você quem me acusou de não ser franca e essa é a droga da verdade, Lorena — grito — Você é que não sabe o que é ter empatia, você não sabe o que é respeitar um casamento.

— Você acha que eu me orgulho do que aconteceu? Acha mesmo que eu não me culpo por ter vivenciado uma aventura na adolescência?

— Não importa se você se orgulha ou não, você teve um caso com um homem casado, então não ouse bancar a mulher honrada para cima de mim. Você não tem moral para isso. — Despejo de uma só vez

— Eu não vou ficar aqui para ouvir as suas asneiras... — ela dá meia volta, mas eu a sigo. Tenho muito para falar ainda.

— Dói ouvir a verdade, não é? — sorrio — Não adianta se trancar no seu quarto para fugir, pois quando você encostar a cabeça no travesseiro a minha voz estará se repetindo feito um disco arranhando recordando quem você é.

— Quem eu sou, Eva? — Ela me encara com os olhos vermelhos.

— A pessoa hipócrita que quis me dar lição de moral, mas esqueceu que o seu telhado é de vidro. Você jamais entenderá como eu me sinto!

— Talvez eu nunca consiga mensurar o tamanho da sua dor mesmo, mas...

— Chegamos num ponto que concordamos. Você não valida meus sentimentos, você não sabe o que é ter a sua vida virada do avesso. Não foi você quem foi enganada pelo homem que amava. Então não me venha com seus conselhos superficiais!

— Conselhos superficiais? — Diz, magoada — Sério, que você acha que tudo que eu disse foi fala vazia? Eu estive ao seu lado todas as noites que você chorou por esse homem, eu vi você beber feito uma louca na tentativa vã de aplacar essa dor no seu peito.

— Foi apenas uma vez e eu posso ter exagerado um pouquinho.

— Um pouquinho, Eva? — arregala os olhos — Você exagerou muito. Se o Ricardo não tivesse chegado...

— Agora a culpa é minha por aqueles imbecis se aproveitaram de mim?
— Indago irritada com o rumo daquela conversa.

— Eu não disse isso...

— Mas insinuou! — Rebato — Eu não pretendia beber para ficar disponível para ser abusada, lamento, Lorena se envergonhei você no seu trabalho.

— Não acredito que estamos tendo essa conversa — ela me encara realmente triste — você acha mesmo que a minha raiva é pelo vexame na boate? Você definitivamente não me conhece.

— Agora sou eu que não te conheço? — Sorrio amargamente — justo eu que apoiei você a seguir seu coração. Mesmo que ele a tenha levado a passar as noites em festas cercada de babacas alcoolizadas e chamar isso de trabalho no fim do dia... Eu esperava o mesmo de você: apoio incondicional.

— Dois ataques numa única noite? Dessa vez você se superou — bate palmas ironicamente — Realmente, eu optei em ser uma mera DJ enquanto a toda poderosa Eva Prado estudava gastronomia.

— Não me culpe por suas escolhas, a culpa é sua por estar onde está!

— Onde eu estou? Me diga onde *você* está, Eva? Tão obcecada na sua história de amor que não deu certo que está descontando em mim, a única pessoa que restou ao seu lado. — Na porta do seu quarto, com a mão na maçaneta, ela completa — Não se torne aquilo que te feriu, Eva.

Lorena se vai me deixando sozinha nos meus pensamentos. A sua última frase ecoa em mim... Nem a pessoa com que eu dividia a minha vida conseguia compreender como eu me sentia. Diferentemente de ter um braço quebrado, no qual o ferimento está à vista de todos, a dor de ser traída, não é visível. Não existem palavras no nosso vocabulário para expressar o que eu sinto, é um misto de dor e alívio. Dor por ter sido enganada e alívio por ter descoberto. Entre um e outro há o a vontade de dar a volta por cima, a necessidade de vingança e o desejo latente de ferir quem me feriu.

Ele havia destruído a minha autoestima, a minha capacidade de acreditar nas pessoas e no amor. Será que um dia eu amaria alguém ou até isso ele tinha arrancado do meu peito? Será que eu seria capaz de experimentar outros beijos sem comparar com o seu? Será que algum dia a sua presença não estaria tão viva dentro de mim?

Hoje não tinha essas respostas, mas ainda assim, eu seguiria adiante, apagando qualquer vestígio desse falso amor. Retomaria as rédeas da minha vida

e me tornaria uma nova mulher. Dona de mim e dos seus sentimentos... Usaria toda a minha energia reserva para conseguir um novo emprego.

A Eva do Maurício seria apagada, uma nova mulher surgiria e o rito de passagem dessa mudança estava agendado para amanhã de manhã.



O dia amanhece nublado, combinando com o meu humor. Depois da ávida discussão com Lorena, demorei a dormir. Dissemos coisas terríveis uma a outra. Minha prima parecia incapaz de compreender o meu sofrimento e havia questionado as minhas escolhas.

Magoada, acabei jogando na sua cara o seu envolvimento com um homem casado. Eu sabia que esse era o ponto fraco dela, quando tinha dezesseis anos ela se apaixonou pelo professor de educação física da escola. Ele era jovem e musculoso, todas as meninas eram loucas por ele. Mas Lorena foi a escolhida. Eles ficaram juntos duas vezes apenas, uma paixão tórrida como ela mesma definia.

Todavia, a quantidade de vezes não diminui a gravidade da coisa, ela sabia que ele era comprometido e ainda sim deixou-se guiar pelo desejo. É contraditório alguém como ela questionar as minhas decisões. Lorena deveria ter compreendido as minhas ações, assim como eu a apoiei no seu caso com o professor.

Penso em tudo isso enquanto me arrumo no nosso pequeno banheiro, meus olhos ardem indicando que estou perdendo a luta contra as lágrimas. Não posso borrar a maquiagem ou me atrasarei para a entrevista de emprego. Quando recebi a ligação eu quase corri para o quarto dela para compartilhar a amostra de felicidade do meu dia. Porém, acabei guardando para mim sem ter com quem dividir o momento.

Inspiro fundo e solto o ar vagorosamente aplico mais uma camada de máscara de cílios e olho atentamente para a minha imagem refletida. A maquiagem escondendo as imperfeições. As olheiras da noite mal dormida estavam camufladas, assim como a dor latente no meu peito. O semblante corado e a expressão de plenitude seriam o meu trunfo para o dia de hoje.

Sorrio para o espelho e vou atrás do que faria a minha vida voltar ao eixo.



Depois de dar várias voltas no quarteirão em busca de uma vaga para estacionar o meu carro, encontro uma vaga numa rua deserta a duas quadras do local onde aconteceria a entrevista.

Quando piso em frente ao prédio comercial, localizado no centro da cidade, minhas pernas estão trêmulas e a minha boca seca, o nervosismo de ser submetida a uma entrevista de emprego sempre me deixava assim. A última sido há tantos anos que eu temo gaguejar e colocar tudo a perder.

Recordo do mantra da apresentadora do programa de Tv matutino e reproduzo positivamente: “A força que você precisa está dentro de você”. Se ela repete esse mantra todos os dias e tem uma carreira brilhante, ela deve ser verdadeira. E é mentalizando-a que sigo até o vigésimo oitavo andar, onde a *Job Consultoria e Recrutamento* funciona.

Assim que piso os pés na pequena recepção, descubro que eu não sou a única que busca aquela oportunidade. A pequena sala está abarrotada de homens e mulheres – mais homens, é a verdade – em busca da vaga. Os homens trajam roupas sociais e sapatos impecáveis, assim como as duas mulheres ali presentes que usam terninhos clássicos e cabelos lisos sem um único fio fora do lugar. Enquanto eu estou suada e com alguns fios revoltos... Até a minha escolha de roupa, que julguei correta mais cedo, começo a questionar.

Eu havia colocado meu guarda-roupa de cabeça para baixo e no meio das minhas inúmeras camisetas básicas e jeans, encontrei um blazer preto que eu não uso há muitos anos, a julgar pelo cheiro de naftalina. E esse é o meu look nesse exato momento: calça jeans escura, camiseta básica branca com o blazer preto por cima e nos pés *Scarpin* preto. O último, escolha de última hora, pois achei que as sapatilhas pretas me deixavam com cara de estudante.

— Bom dia — sorrio para a secretária — Sou Eva Prado e tenho uma entrevista...

— Só aguardar! — Ela responde sem levantar os olhos do computador.

O único lugar disponível para sentar é entre dois homens. Um deles tem cara de poucos amigos, usa um terno caro e mantém a expressão séria, olhando para o nada. O outro está concentrado no celular, mas afasta os olhos da tela quando me aproximo e me avalia de cima a baixo com uma expressão esnobe, para então retornar à atenção ao celular.

A seriedade circunda o ambiente e eu me sinto um peixe fora d'água. Ali, sentada na cadeira macia em meio aos outros candidatos, eu destoo. Tanto que preciso conter o meu sexto sentido para não sair de mansinho como se nunca estivesse aparecido.

Olhando ao redor arrisco afirmar que sou a segunda mais jovem naquele lugar, isso contando com a recepcionista. Os demais aparentam ter entre trinta e trinta e cinco anos. Devem ostentar currículos animais, capazes de destruir o meu em poucos segundos. Como acabei sendo chamada para essa entrevista? É o que eu descobrirei em alguns minutos, pois meu nome é anunciado pela jovem recepcionista.

A cada passo que eu dou parece que meu coração vai saltar pela minha boca, aperto a pasta que seguro como um ponto de equilíbrio. Quando a recepcionista abre a porta da sala indicando que eu entre, avisto uma figura amigável sorrindo para mim e solto o ar devagar.

— Bom dia Eva. Tudo bem? — A mulher de cabelos encaracolados e sorriso fácil, indica o lugar à sua frente.

— Bom dia. — Respondo com a voz fraca.

— Pode ficar tranquila que eu não mordo — ela sorri.

— Mas eu, sim! — uma voz grave quase me faz estremecer. Não havia notado o homem sério, de pé e com braços cruzados, que se aproxima e senta ao seu lado.

— Eu sou a Sandra e esse é o Vitor, gerente do Sabores do Brasil. Vamos começar? — Assinto com a cabeça e ela prossegue.

Sandra conduz a entrevista toda, enquanto o gerente faz algumas anotações e, vez ou outra, fixa o olhar enquanto eu falo. Passando o desconforto inicial, respondo todas as perguntas de forma serena. Falo sobre as minhas experiências profissionais, meu tempo disponível, pretensão salarial e outras coisas básicas. Até que finalmente chegamos naquelas perguntas típicas de seleção: quais as minhas ambições, defeitos e qualidades.

— Bom Eva, foi um prazer conhecê-la — a mulher me acompanha até a porta — temos outros candidatos para entrevistar e se você for aprovada entraremos em contato.

— O prazer foi todo meu — sorrio e me afasto.

Quando já estou no meio do corredor noto que a pasta não está comigo,

provavelmente a deixei sobre a mesa, por isso volto para pegá-la. A porta ainda está aberta e ouço a conversa dentro da sala.

— Ainda assim, eu daria um voto de confiança para a Eva — é a Sandra quem fala.

— Não! — Vitor é enfático — ela nem deveria ter sido chamada para essa entrevista para início de conversa.

— O currículo dela era muito bom, não havia como desprezar.

— Não importa — discorda — entrei em contato com o seu antigo *chef*, que por sorte é meu amigo e ele a detonou. A mulher surtou Sandra, ela surtou no trabalho e o agrediu.

— Toda história tem dois lados, Vitor. Eu já selecionei vários candidatos com *feedback* negativo dos empregadores anteriores que eram excelentes profissionais...

— Eu não quero esse tipo na minha rede. De mulher instável e descontrolada basta a minha namorada na TPM.

— Ok, o contratante é você. Vou pegar um café e chamar o próximo candidato.

A porta abre e Sandra deu dá de cara comigo ali, estática.

— Está tudo bem? — Indaga preocupada.

— A minha pasta — falo com a voz embargada — eu a esqueci aí dentro.

— Eu nem tinha percebido — ela retorna com a pasta em mãos — Aqui.

— Obrigada! — Seguro a pasta e forço as minhas pernas trêmulas a caminharem.

Pisco rapidamente para evitar que as lágrimas escapem e eu desabe ali na frente de todos. Arrasto meu corpo até o elevador e a sensação de alívio ao me ver sozinha faz as lágrimas contidas se libertarem para molhar o meu rosto.

O *chef* Oliveira havia levado adiante a sua ameaça. A essa altura todos os grandes restaurantes já devem ter um dossiê completo sobre mim e o meu ataque de fúria. Ninguém jamais irá questionar os reais motivos da minha ação, eu havia perdido a razão quando o atingi com o molho de tomate. Aos olhos de todos eu não passava de uma mulher histérica. Mais uma vez eu tinha estragado as coisas com a minha impulsividade. As minhas chances de retornar à cozinha e me dedicar ao que eu mais amo fazer estão cada vez mais distantes. Na medida em que o elevador desce, as minhas esperanças diminuem.

O que eu faria da minha vida se todas as portas estivessem fechadas para sempre? O dinheiro da rescisão não duraria para sempre.

Atormentada pelos meus pensamentos, me lanço para fora do elevador assim que ele para e esbarro em um tronco duro. O movimento faz meu corpo se desequilibrar e se não fossem braços ágeis e fortes eu teria despencando no chão

feito uma manga madura.

— Ei, cuidado! — O dono dos braços que me segura reclama — Cuidado por onde anda.

— Me desculpa! — Digo ao me afastar, atordoada.

Quando piso os pés fora do prédio, me sinto frustrada e derrotada. A minha volta por cima parece cada vez mais longe... Tal qual meu carro estacionado a muitos metros de distância. Enquanto caminho, penso nas palavras do entrevistador, para ele eu não passo de uma mulher descontrolada. Muito semelhante à forma como Lorena me descreveu ontem.

As pessoas ao meu redor estão me reduzindo a um momento, esquecendo de quem eu realmente sou. Antes de ser a funcionária surtada, eu era a funcionária exemplar que desempenhava minhas funções com afinco. Muito antes de destruir o casamento do Maurício, eu era a mulher apaixonada que fora enganada brutalmente. As pessoas parecem não compreender a minha dor, mas ela está ali pulsante no meu peito feito um machucado inflamado.

As lágrimas que molham o meu rosto se unem as gotas de chuva que despençam do céu cinza de São Paulo. Algumas transeuntes apressam o passo na calçada para se proteger das gotas cada vez mais fortes, mas eu continuo caminhando devagar, deixando a chuva e as lágrimas formarem a simbiose perfeita. Uma nuvem negra cobre os últimos raios de sol, trazendo escuridão em meio ao dia. Fazendo a analogia perfeita ao meu estado atual.



Capítulo 17



É muito difícil seguir em frente quando o mundo inteiro parece conspirar contra você. O “não” que recebi na entrevista de emprego foi apenas o primeiro de muitos que recebi nos últimos dias. Todos os contatos que fiz com diversos restaurantes resultaram em respostas negativas. É como se eu fosse um letreiro no qual lia-se em letras garrafais: Perigo. Quando associavam meu nome a

excelente figura do currículo, me dispensavam com um sorriso amarelo, seguido da desculpa de que não estava contratando. Mesmo que houvesse um anúncio com oferta de emprego na porta do restaurante.

Com o passar dos dias a nuvem negra estava definitivamente instalada sobre a minha cabeça e por isso, decido passar a me proteger em um local seguro. Fecho a porta do meu quarto por vários dias e me envolvo na minha bolha de infelicidade. A minha única distração era atualizar a minha inscrição no site de emprego, a cada cinco minutos, mas não havia nada para mim. Meu celular, que passou os dias ao meu lado na cama, também não recebe nenhuma ligação, a não ser da operadora para oferecer um novo plano.

Nesse período, zero a biblioteca virtual do meu aplicativo *Kindle*, entretanto nenhuma história foi capaz de melhorar o meu humor. Detestei todas as mocinhas estúpidas e apaixonadas dos romances e desacreditei nas juras de amor trocadas pelo casal principal. Os enredos que antes faziam meu coração bater aceleradamente, agora provocavam outra reação: raiva. Como as mulheres podem acreditar nas declarações de amor de um homem que acabou de conhecer? Por que elas abrem mão dos seus sonhos para seguir os de outra pessoa? Por que as autoras compactuam com a mentira do final feliz quando sabemos que a realidade não é essa?

O amor não é sinônimo de felicidade e plenitude, muito pelo contrário, ele traz infelicidade e inquietude. Eu sou a prova viva do quanto acreditar no amor é um erro e jamais permitiria que esse sentimento aflorasse novamente. Não me entregaria de bandeja para outra pessoa. Nunca mais.

— Eva... — Batidas na porta interrompem o meu fluxo de pensamento.

— Pode entrar — Respondo. Lorena abre a porta trazendo nas mãos duas xícaras fumegantes.

— Bandeira branca? — Ela sorri estendendo a xícara em minha direção, o cheiro do café com leite inunda os meus sentimentos e a minha barriga ronca, lembrando que eu não havia me alimentado hoje.

— Obrigada — bebo um grande gole — sente-se — aponto para o espaço em minha frente e assim ela o faz, sentando-se sobre as pernas, seu olhar fixa a xícara em suas mãos.

Aquela é primeira vez, depois da nossa briga, que permanecemos no mesmo ambiente por mais de trinta segundos. Acabamos evitando a presença uma da outra.

Agora, vendo-a na minha frente, eu queria abraçá-la com força e pedir desculpas pelas ofensas. Queria poder voltar no tempo e nunca a ter atacado daquela forma. Lorena é a única família que me restou, minha melhor amiga, confidente, a primeira pessoa com quem eu desejo compartilhar a minha

felicidade e angústia. Eu admiro a forma leve e divertida com que ela lida com os seus problemas, amo escutar a sua risada alta e até das suas provocações bobas sobre o meu gosto musical eu sinto falta.

— Eva...

— Lorena — dissemos ao mesmo tempo — eu preciso te pedir desculpas, eu deveria ter feito isso antes, mas cada vez que eu pensava na possibilidade de você não me perdoar, eu me acovardava.

— Eu relutei muito para te procurar — confessa — não sabia se conseguiria te olhar da mesma forma. Temia que nos tornássemos estranhas uma com a outra, temia que o hiato causado pela nossa briga jamais pudesse ser diminuído.

— E isso mudou? — Pergunto, mas temo a resposta.

— Se não tivesse mudado eu não estaria aqui. Entretanto, eu não posso mentir e dizer que as suas palavras não me machucaram. Mas algumas noites e muitas tequilas, é bem verdade — sorri — me fizeram compreender o seu lado. Você estava se sentindo acuada e quando eu a confrontei, me atacou de volta.

— Eu não deveria ter feito isso, me perdoa.

— Não mesmo... — enfatiza com a cabeça — eu jamais usaria as suas fraquezas contra você. Quando eu questionei as suas escolhas não pretendia te dar nenhuma lição de moral. Muito pelo contrário, eu queria te alertar que o caminho que você estava seguindo era sombrio, queria apenas proteger você, segurar a sua mão e te ajudar a enfrentar a tempestade, assim como fez comigo todas as vezes que precisei.

— Eu sinto muito de verdade — lágrimas molham o meu rosto.

— A gente já passou por tantas coisas juntas, Eva — ela diz com os olhos marejados — e vamos continuar juntas, enfrentando sapos e dragões. Por que a sua felicidade é a minha.

— A minha vida saiu de eixo e me sinto tão perdida — fungo, tentando falar e chorar ao mesmo tempo — não queria te envolver na porra da minha bagunça!

— Não existe essa opção... — diz num tom tenro, segurando a minha mão — Eva, você é a minha família e família é justamente para isso. Não só para compartilhar os bons momentos, como também para dividir as dores, chorar e buscar uma alternativa para solucionar os problemas...

— Eu estraguei tudo, Lore. Nenhum *chef* me aceitará na sua cozinha depois do meu ataque de fúria — enxugo as lágrimas — mas não se preocupe o dinheiro da rescisão será o suficiente para me manter enquanto não consigo um novo emprego. Eu posso vender o meu carro...

— Eu não estou preocupada com as contas. A minha única preocupação

agora é com você. Você está a cada dia mais se fechando no mundinho da Eva, impedindo os outros de se aproximarem. E eu não sou a única que quer o seu bem, o Ricardo me mandou uma mensagem querendo saber se você estava bem, no restaurante informaram que você não trabalhava mais lá. Nós, que queremos bem a você estamos preocupados, Eva.

— Eu agradeço a preocupação de vocês, mas é apenas uma fase ruim.

— Você não precisa passar por isso sozinha... Podemos tentar um psicólogo. Alguém que realmente saiba como te ajudar.

— Eu estou bem...

— Não está — discorda em tom sereno — e não há problema nenhum nisso. Promete para mim que você irá na primeira consulta.

— Você já marcou? Lorena, você não...

— ... Deveria ter feito isso sem me consultar — completa — mas eu já fiz e não aceito “não” como resposta. Se você se sentir desconfortável não precisa voltar lá.

— A ideia de dividir a minha vida com um estranho já é o suficiente para me deixar desconfortável...

— Uma única consulta e não falo mais de terapia — ela me olha com aquela cara de cachorro abandonado. E quando ela faz essa expressão é impossível negar qualquer coisa.

— Tudo bem.

— Você não vai se arrepender. Ouvir dizer que o terapeuta é gato. Na pior das hipóteses você pode se apaixonar loucamente por ele e aí precisaremos buscar outra pessoa para lidar com essa projeção de amor. Mas nada que uma consulta com uma psiquiatra e intervenção medicamentosa não resolva — pisca para mim.

— Eu havia esquecido o quanto a sua mente pode ser fantasiosa — sorrio — Senti falta do seu bom humor.

— Eu posso imaginar — sorri de maneira esnobe — por isso te puni com o meu silêncio dos monges.

— Sua vaca!

— Ok — dá de ombros — eu também senti a sua falta na cozinha. As comidas congeladas acabaram.

— Está explicado o seu súbito interesse em mim...

— Você é sagaz Eva, muito sagaz. E uma mula teimosa na maior parte do tempo. Agora levanta essa bunda da cama e vamos almoçar, eu pago! A menos que esteja realizando algum experimento sobre quantos dias uma pessoa pode passar sem ver a luz do sol e sem se alimentar. Porque se for isso, eu vou pegar a minha câmera e filmar. Conheço um amigo que trabalha com edição de vídeos,

colocamos algum efeito especial e subimos para o *Youtube*. As pessoas assistem coisas bizarras e, pelo visto, dá uma puta grana. Outro dia fui contratada para animar a festa de um milhão de inscritos de um guri que tinha no máximo treze anos... Você precisava ver a mansão onde foi a festa, localizada no Alphaville — ela fala animada — poderíamos criar um canal de música e culinária, você como estrela principal ensinando aos seguidores pratos deliciosos e eu do outro lado responsável pela trilha sonora. Seria massa!

— Obrigada — a abraço com força.

— Deixa o canal bombar que você me agradece.

— Não, sua boba — discordo, sorrindo — eu senti tanto a sua falta, queria compartilhar as minhas derrotas e ouvir as suas aventuras.

— Eu também senti muito a sua falta, Eva. Principalmente da época que você cheirava bem. A quanto tempo você não toma banho, criatura?

— Eu não estou fedendo! — Me defendo, mas ainda assim levanto o braço para conferir o cheiro.

— Se precisou conferir é porque não toma banho a pelo menos um dia — mostro o dedo do meio para ela — deixa de ser porquinha e vai tomar banho. Estou com fome e você sabe que meu humor não é o mesmo quando estou faminta.

— Eu não quero sair, Lore...

— Não existe essa opção, querida. Você tem cinco minutos para entrar no banheiro ou irei jogar um balde de água gelada na sua cabeça, aqui mesmo — ela me encara e eu não duvido da sua ameaça, ela é capaz disso e muito mais.



Acabamos indo almoçar no restaurante da Dona Lili, próximo ao nosso prédio. O lugar não é dos mais atrativos, a fachada precisa ser melhorada, assim como as paredes da área interna necessitavam de uma demão de tinta, na verdade, o local anseia urgentemente por uma reforma completa. Mas isso não impede de que o ambiente seja bem frequentado. Nos finais de semana se forma fila de espera para apreciar os temperos da velha matriarca.

Lili, era uma mulher que no auge dos seus sessenta anos e é quem ainda comanda a cozinha do restaurante, mas já está passando para as futuras gerações todo o amor pela culinária. E esse amor é embutido em cada alimento preparado, a comida caseira daqui tem um tempero único e nos transporta para a casa de nossa avó, e esse é, provavelmente, o motivo de o restaurante atrair pessoas.

— O que você vê? — Lorena pergunta, indicando o ambiente ao nosso redor.

— Um restaurante. — Respondo sem entender a intenção da pergunta.

— Não — leva a colher de doce de leite a boca antes de continuar — o que você vê quando olha esse lugar? Que sentimento ele traz?

— Que pergunta capciosa... — Respondo, mais interessada no doce de banana em calda.

— Vamos, Eva! — Insiste.

— Lar... — pondero — esse lugar me remete a minha infância, é aconchegante.

— Agora imagine que a dona Lili transferiu o restaurante para o Morumbi. Alteraria os seus sentimentos?

— Não, porque não é o espaço em si que me provoca a sensação de bem-estar, a estrutura física é um detalhe. A comida dela é o mais importante, o seu amor com a cozinha é o carro-chefe do restaurante, mesmo que ela ocupe a área mais nobre da cidade, a essência não mudará...

— Aí está! — bate palmas — não é o local que torna a dona Lili uma boa cozinheira e sim o seu tempero. Eva, você não precisa de um restaurante para

continuar vivendo da gastronomia. O que você precisa está aí dentro — aponta para o meu peito — talento você tem de sombra, o que te falta é coragem para desengavetar aquele sonho antigo de abrir a sua doceria.

— Mas eu não tenho dinheiro para investir...

— Pegamos um empréstimo no banco.

— Será que consigo? — indago, já animada com a possibilidade.

Lorena tem razão, eu sempre sonhei em ter meu próprio negócio. Quando voltei da minha especialização em Paris, isso se intensificou, o desejo de abrir uma loja especializada em doces era o meu grande sonho. Sonho esse que acabei esquecendo na gaveta com a rotina e tudo o mais.

— Só iremos saber se tentar! — ela também está animada.

— Eu posso começar com uma pequena produção em casa mesmo, fazendo doces para festa...

— Criamos um perfil nas redes sociais para compartilhar.

— Precisamos pensar numa marca, criar uma logo...

— Vamos anotando tudo — ela abre o bloco de notas e começou a realizar as nossas anotações.

Eu listo, empolgada, tudo que seria necessário. A minha mente é um turbilhão de ideias que saltitam, feito pipoca na panela. As ideias vão criando forma é como sonhar de olhos abertos, a sensação de esperança começa a ressurgir em mim. Nesse momento é como se a nuvem negra que me acompanha já desse lugar ao arco-íris que trará cor aos meus dias sombrios.



Pisco repetidas vezes para ter a certeza de que o que os meus olhos veem é verdade. Não é possível que seja. A curta caminhada do restaurante até o prédio deve ter afetado o meu cérebro e, pelo visto, o meu corpo que paralisa a poucos centímetros da entrada. A figura que atrai a minha atenção continua estática, com os braços cruzados sobre o peito e com óculos escuros escondendo o seu olhar, mas eu posso garantir que ele está fixado em mim.

— Ai, Eva — Lorena, que vem logo atrás de mim atenta ao celular, esbarrou nas minhas costas.

Inspiro fundo e uso toda a minha energia para dar um passo, depois outro, até alcançar o portão. Talvez fosse só uma miragem ou uma confusão mental. O tal terapeuta iria me ajudar nisso.

— A gente precisa conversar! — A voz materializa o que meus olhos veem, mas insistia em negar.

— Não temos nada o que conversar — passo por ela, mas seu braço segura o meu com uma leve pressão.

— Eu ainda não respondi a sua mensagem — ela me solta — preferi fazer isso pessoalmente. Vamos conversar aqui ou vai me convidar para entrar?

— Quem é ela, Eva? — Lorena indaga, preocupada.

— Natalie Torres, esposa do Maurício — a mulher se apresenta.

— Se a senhora veio até aqui em busca de escândalo, já adianto que perdeu a viagem. Vamos, Eva! — Lorena segura a minha mão e me guia até o portão.

— Você me deve o direito de resposta, Eva. Eu mereço isso depois de tudo que aconteceu.

— Não temos nada para dizer além do que já foi dito. — Respondo de costas

— Mas eu não disse nada. Não te contei que visitei o seu antigo endereço e admirei o seu bom gosto na decoração do apartamento. Também não recorde de compartilhar com você que a cada vez que eu fecho os olhos vejo

meu marido entre as suas pernas.

— Eva, vamos! — Lorena me puxa, mas eu não a acompanho. Sigo em direção contrária, retornando até ela.

— O que você quer? Quer me humilhar na frente de todos e gritar para os quatro cantos que eu tive um caso com seu marido?

— Não — discorda calmamente — eu quero ter uma conversa de mulher para mulher, dez minutos do seu tempo e essa será a última vez que você me verá.

— Ok — anunciei e autorizo a sua entrada.

— Eva, você está maluca? — Lorena questiona enquanto andamos.

— Eu preciso ter essa conversa — tranquilizo a minha prima — e é melhor que seja em um local privado.

— Eu estarei no corredor, qualquer coisa é só gritar.

— Seus dez minutos já começaram — Volto-me para Natalie e subo as escadas até o apartamento, ela me segue com passos firmes.

— Quando nos vimos pela primeira vez, na inauguração, você e ele...

— Sim, já estávamos juntos. Mas, eu não sabia que ele era casado, descobri naquela noite, não sei o que dizer para você — esclareço quando cruzamos a porta e entramos em meu lar.

— Quando eu descobri que estava grávida, aos dezesseis anos, me senti caindo em queda livre. E o que me amparou foi o Maurício, lembro que ele segurou a minha mão e me disse uma coisa que eu nunca esqueci: não estou aqui para te amparar apenas, estou ao seu lado para me esborrachar ao seu lado, se for preciso. E assim ele fez, por dezoito anos ele esteve ao meu lado.

O silêncio impera por alguns minutos. Natalie parece perdida nos próprios pensamentos. Ela levanta os óculos, prendendo nos cabelos, para me encarar.

— Se descobriu aquele dia, então você mais do que ninguém sabe sobre a dor que senti ao constatar que o homem que amo não passa de um mentiroso. Nunca houve outro homem na minha vida que não fosse ele.

— Natalie, não fui amante dele por escolha. Não podia imaginar que o homem que me jurava amor era casado — deixo claro mais uma vez.

— Mas você escolheu jogar na minha cara, da maneira mais sórdida que encontrou, e eu me pergunto o que leva uma mulher a ferir outra de maneira tão dolorosa... — não respondo, não sei o que dizer. — Sou tão inocente nisso tudo quanto você, ou você acha que eu apoiava um caso extraconjugal?

— Não...

— Você foi baixa, egoísta e cruel — ela diz olhando nos meus olhos — e destruiu a minha vida.

— O seu marido destruiu a minha também, eu precisava revidar.

— E para isso destrói a mim e aos meus filhos? Você imagina o que eu senti quando vi aquelas imagens? Ele tinha me pedido um tempo, acabei me envolvendo em um acidente e quando volto do hospital sou recepcionada por fotos do meu marido trepando com outra! — ela grita — Não estou discutindo o que ele fez, quebrar a minha confiança e me trair é um assunto que eu resolvo com ele, mas eu precisava dizer para você que você conseguiu.

A essa altura, Natalie chora, mas não se descontrola. Por dois segundos eu desejo ser uma mulher contida como ela, em seu lugar, eu provavelmente já teria partido para cima da amante do meu marido.

— Você conseguiu, Eva — nesse momento, meu nome em sua boca me causa estranheza — conseguiu fazer eu me sentir a pior mulher do mundo. Indigna da fidelidade e do amor. Cega. Burra. Imbecil... Eu vi a minha vida desmoronar em uma fração de segundos, através de uma tela. Eu senti um punhal ser cravado em meu peito, mas quem empurrou a lâmina até o fim, até cortar qualquer traço da mulher que eu era, foi você.

— Sinto muito, Natalie... — digo, sentindo as minhas próprias lágrimas.

— Não, você não sente, Eva. Era exatamente isso que você queria ao me enviar aquelas coisas, que eu me sentisse igual a você. Você conseguiu. Espero que isso faça você se sentir melhor.

Ela sai da sala em passadas rápidas, passando pela porta da frente. Por essa mesma porta, na mesma hora, a Lorena entra. Eu desabo no chão sentindo meu estômago embrulhar. Estou enjoada de tudo isso... As lágrimas, velhas companheiras, inundam meu rosto e me fazem soluçar. Minha prima se abaixa e abraça o meu corpo que treme inteiro...

E nesse momento eu lembro das palavras por trás da motivação da minha discussão com a Lorena: eu e o Maurício somos iguais?

A única certeza que tenho é que me sinto a pior pessoa do mundo.



Capítulo 18



Nunca imaginei que o meu ato pudesse ter tantas consequências. Eu queria sim, machucá-lo, mas havia errado o alvo e isso estava doendo desde o momento em que ela me acertou com as palavras. Foi pior que levar uma surra. Confesso que estava pronta para o um ataque de fúria e gritos histéricos, todavia a postura da Natalie foi outra. Eu me sentia um ser mesquinho e cruel. As

lágrimas que molham o meu rosto, durante toda a noite seguinte, são de remorso, raiva, tristeza.

As palavras de Natalie ecoam em minha mente e afugentam o sono. Logo no dia em que me achei pronta para recomeçar com as ideias da Lore, o meu passado ressurgiu e me fez voltar à estaca zero... Novamente, sinto-me perdida, infeliz e confusa.

Vê-la trouxe tudo de volta, o amor que eu sentia pelo Maurício estava sedado, mas bastava um balançar e ele ressurgia. Ainda continuo desejando aquele homem loucamente e temo acabar me entregando novamente. Maurício é como uma doença e o meu corpo ainda é incapaz de combatê-lo. Como um parasita, que se nutre do meu amor enquanto eu enfraqueço. Eu já vi esse filme... E o final não é feliz.

Com toda essa consciência, não pude negar que talvez Lorena tivesse razão e para combater a doença, nada melhor do que um profissional. Um médico sempre ajuda o paciente a encontrar a cura, certo? Só que eu estou envenenada, o que ele terá que me dar é um antídoto.

É agarrada a essa ideia que chego até o consultório que fica em um movimentado prédio comercial de São Paulo. Sigo de cabeça baixa entre as pessoas quando saio do elevador e, por sorte, não há ninguém na sala de espera. Dou o meu nome e logo sou chamada para a sala do psicólogo. Não me atento aos detalhes do ambiente, quero que tudo acabe bem rápido.

— Boa tarde, Eva. O que te traz aqui?

— Quero apenas a receita para esquecer definitivamente uma pessoa. Uma tarefa simples presumo, pois tenho certeza que essas salas já lidaram com problemas muito mais graves que o meu — solto de uma vez só, sem pausa para respirar.

— Você quer que eu te ajude a esquecer alguém que te magoou profundamente? — Ele repete a minha pergunta em tom cordial.

— Sim. Quero que apague o filho da puta que destruiu a minha vida!

— Como você se sente depois de tudo o que aconteceu?

— Como você acha que eu me sinto? — Devolvo a pergunta.

Ele não diz nenhuma palavra. Permanece sentado na poltrona, a alguns metros do sofá em que eu estou. O homem não traz nada nas mãos, eu esperava caneta e papel, pelo menos. Encaro, pela primeira vez, o homem que me atende. O perfil masculino em minha frente é jovem e bonito, usa calça jeans e camisa social azul, e difere bastante do estereótipo do terapeuta que eu tinha. Lorena não estava brincando quando o definiu como “gato”, aposto que existem muitas falsas pacientes que vão até ali apenas para admirar aquela beleza, ou ainda, para aproveitar aqueles divãs, sofás e mesas. Mas isso me faz lembrar de um outro

tipo “bonitão”, aquele que destroçou meu coração.

— Você é bonito, doutor. O tipo de homem que consegue ter a mulher que quiser... Você também mente para elas?

Espero que ele me confronte, rebata a minha acusação, mas ele não o faz. Dr. Yuri permanece com a mesma tranquilidade, nenhum músculo no seu rosto indica que ouviu as minhas palavras. Depois do que parece uma eternidade, ele rompe o silêncio.

— Por que você veio até aqui, Eva?

— Porque a minha prima me obrigou é uma resposta adequada? — Dou de ombros.

— Por que alguém te obrigaria a alguma coisa? Você pode levantar e simplesmente ir embora — indica a porta com a cabeça — nada te prende aqui.

Ele tem razão. Eu deveria levantar e simplesmente esquecer que tinha estado ali, talvez a terapia funcionasse para outras pessoas, mas não para mim. Eu não me sinto confortável sentada naquele sofá sabendo que preciso compartilhar a minha vida com um estranho.

— Se você ponderou é porque tem algum motivo. Não quer me contar o que aconteceu?

Respiro fundo.

— Você não entenderia. Ninguém parece entender...

— Podemos tentar — busca a confirmação no meu rosto — como tudo aconteceu?

A pergunta imediatamente me remete a primeira vez em que vi o Maurício e passa, como um flash, até o nosso último encontro. Sem que eu pudesse ter controle das emoções, eu revivo toda a angústia de descobrir a verdade. E antes que eu tome consciência, eu estou relatando e revivendo as emoções. Esqueço completamente que ele é um estranho e despejo as palavras. Preciso parar em determinados momentos para conter o choro copioso que faz com que eu atrole as letras, mas ele não interrompe nem tenta me consolar. Ele permite que eu extravase. Quando acabo de falar, ergo o rosto em busca do julgamento, mas a expressão dele permanece igual desde que entrei no consultório. Ele inspira confiança.

— Eu não sou essa mulher desequilibrada — digo ao pegar mais um lenço de papel da caixa, estrategicamente, colocada sobre a mesinha de centro. — Eu era muito diferente antes de o Maurício entrar na minha vida. O amor deveria trazer alegria e não dor.

— O que é o amor para você?

— Um sentimento que eu desejo evitar a todo momento.

— Nenhum sentimento pode ser descartado, Eva. Infelizmente não existe

um botão que acionamos para desativar o medo e a raiva, nem para acionar o amor, ou a alegria... Todos esses sentimentos são importantes em nossa vida. O principal é descobrir quem você é, para assim entender como lidar com os diversos sentimentos. Você falou que a Eva era diferente antes do Maurício. Como ela era, o que gostava de fazer? — Me incentivava a falar.

— Ela era romântica e acreditava em finais felizes, uma ingênua. Não quero voltar a ser essa mulher boba.

— Que mulher você deseja ser?

— Uma que não sucumba ao desejo e volte a ser fraca.

— O amor nos deixa vulneráveis. Quando amamos despimos nossa alma... Diplomas, bens, status nada disso é relevante para o amor, a não ser o próprio sentimento.

— Você fala como se ser vulnerável fosse algo bom.

— A vulnerabilidade em si não é algo positivo, mas o sentimento que a projeta sim.

Como esse homem continua falando que o amor é algo positivo depois de ouvir a minha história? Eu havia chegado ao fundo do poço guiada pelo amor e agora estou pagando para ouvir alguém dizer que havia um lado positivo em tudo isso? Dr. Yuri vê a descrença estampada no meu rosto, levanta da poltrona e caminha até a estante de livros, atrás de onde estava sentado. Pega um exemplar de capa marrom e letras douradas e retorna ao seu lugar.

— Você gosta de ler? — balanço a cabeça de maneira afirmativa. — Abra no capítulo dois e leia por favor — me estende o livro pesado onde se lê “Tudo que eu sei sobre o amor”. Curiosa faço o que ele pede, mas não há nada escrito, além do numeral que indica o capítulo.

— Não tem nada aqui.

— Tenta o capítulo treze.

Repito o gesto e, mais uma vez, encontro a página em branco.

— É alguma pegadinha?

— Epílogo! Leia o epílogo, por favor — não há nada também — Não, o livro não apresenta falhas de impressão. Após anos de pesquisas e estudos, cheguei a mesma conclusão que Sócrates chegou há milênios: “Só sei que nada sei”. O amor não é algo palpável, muito menos facilmente descrito. Alguns alegam serem tomados por um sentimento avassalador e poderoso, outros dizem que o amor dá asas... Há ainda aqueles que atribuem a esse sentimento a culpa dos seus atos. Quem nunca ouviu falar nos crimes passionais? A grande questão é: o que é o amor para você? Essa será a sua lição de casa: observar e relatar exemplos em que o amor, ao seu redor, não é tóxico. Deixe de lado os relacionamentos amorosos e se concentre nas suas relações interpessoais, no seu

hobby...

— Dever de casa? Quem disse que eu pretendo retornar para a próxima sessão?

— Intuição — ele sorri, discreto — por hoje ficamos por aqui.



A intuição dele estava certa, retorno com meu dever de casa escrito e nele relato o amor entre a Lorena e eu, que se fortaleceu desde a nossa discussão, bem como o amor que sinto pela cozinha... O amor sincero da minha vó Dulce por seus netos e vários outros exemplos. Com essa atividade e com a nossa conversa sobre ela, Dr. Yuri me fez ressignificar o sentimento... E esse é o primeiro passo de uma longa caminhada em busca do tal antídoto.

É engraçado lembrar como eu me senti na primeira vez em que estive no consultório do terapeuta, totalmente desconfortável e incrédula, e comparar com o que eu sinto a cada nova sessão. Sei lá, parece que o remédio que eu tanto desejava vem mesmo dali, mas não em forma de uma medicação mágica e forte, como eu esperava. É como se eu recebesse pequenas doses homeopáticas da energia vital de que necessito.

Eu ainda choro. A terapia não faz milagre, ela faz você encarar os seus medos e isso não é fácil. Tomar consciência é até simples, mas implementar maneiras para lidar com o que foi despertado é complicado.

“Quando você se olha, o que você vê?” foi umas das primeiras perguntas que eu tive que responder na segunda sessão. E, de frente ao espelho, eu vi coisas tristes e feias. Vi uma mulher sem emprego, sem amor e sem perspectiva. “Seja mais gentil consigo mesma, Eva, enxergue você sem a cortina que colocou em sua frente”. E aí eu precisei enxergar além, e reconhecer a Eva apaixonada pelo *trabalho* e não pelo *emprego*, delinear perspectivas e o principal: procurar o meu amor próprio. Ir além do simplesmente “ver” e realmente “enxergar” as coisas diariamente foi o meu segundo exercício de casa. E eu cumpri e me senti orgulhosa.

— Fico tão feliz em chegar em casa e encontrar você dormindo feito um anjo, ao invés de estar de olhos arregalados como um zumbi — Lorena diz, pela manhã, algum tempo depois dos meus exercícios.

— Eu já te agradei por ter marcado a primeira sessão sem o meu consentimento? — sorrio.

— É sempre bom ouvir que eu tenho razão — ela gargalha — nada como ter um homem bonito te escutando e dizendo as coisas certas!

— Você não presta — gargalhamos — eu não consigo enxergar o homem embaixo do terapeuta, graças a Deus, tudo que eu não precisava é de uma transferência erótica!

— Qualquer coisa erótica com aquele homem é bem-vinda, querida — ri alto — mas é brincadeira, fico mesmo feliz com as pequenas e sutis mudanças. Acho que está na hora de voltarmos a pensar naquela listinha que estávamos fazendo... Lembra?

— Não dá para esquecer. Ainda mais quando o assunto da terapia foi o quanto eu tenho trabalhado para realizar os meus sonhos! Ai, Lore, estou começando a achar que as coisas vão mesmo melhorar!

— Elas já melhoraram, amor — minha prima me olha com carinho — agora elas vão ficar espetaculares! Como você merece.

— Ainda tenho medo, não tenho grana e...

— Ter medo é normal, você acha que a mulher maravilha não sente medo? A gata máster passou anos escondida naquela espécie de museu ao invés de desfilar com a roupa colada — ela faz referência ao filme que assistimos juntas e eu sinto o meu coração se apertar.

Eu tenho sorte, muita sorte e não há nada mais no mundo que me faça duvidar disso.

— Cadê o caderno em que você antou aquela lista?

— Caderno? Amor, parece que não me conhece, já está tudo em um *checklist* no computador. Mãos à obra!

— Eu te amo, Lorena — digo ao agarrá-la.

— Eu sei — ela me abraça de volta — também amo você.

Juntas, sentamos no sofá da sala e repassamos cada item da lista, anotando as maneiras e o que precisaríamos para tentar implementá-lo. Nessa noite, quando deitei na minha cama, eu mantive os olhos abertos e fitei o teto. Mas dessa vez são os sonhos que eu estou visualizando.



Capítulo 19



Sessão após sessão eu sentia o meu mundo sendo reorganizado. Eu havia compreendido o principal: não dá para apagar tudo, mas dava para aprender e recomeçar. Se a vida era um livro, não tinha como arrancar as páginas em que o Maurício aparecia, tampouco reescrevê-las, já que não podemos alterar o passado. Todavia, o presente está aí pronto para ser escrito. E no que dependesse

de mim, meus dias teriam capítulos felizes.

E o primeiro passo eu já havia dado, com o apoio incondicional da minha prima, tirei do papel e implementei a minha doceria. Uma pequena produção, na minicozinha do nosso apartamento, mas eu estava muito animada a cada novo pedido. Quando eu e a minha prima discutíamos que nome colocar no logotipo, as maiores besteiras e as melhores gargalhadas saiu de nós, até que a Lore fez uma piada infame sobre Adão e Eva e o que poderia ser um nome de funerária acabou sendo adaptado e o escolhido: Paraíso dos doces. A partir daí as coisas mais simples começaram a ser resolvidas, como redes sociais, telefone exclusivo para pedidos, banners e panfletos.

Distribuímos panfletos no nosso condomínio e bairro, entramos em contato com restaurantes, colégios, mercearias e padarias para oferecer os produtos sob consignação. Comecei com bolos de potes, brigadeiros *gourmet*, trufas e o que mais desse para carregar facilmente e em maior quantidade. Com um pouco mais de um mês, consegui como clientes fixos semanais duas cantinas de colégios e uma padaria no bairro vizinho. Logo passei a fazer, principalmente aos fins de semana, tortas e doces para festas, pois os pedidos começaram a surgir e se multiplicar. As dores que eu sentia agora se instalavam principalmente nas pernas, que doíam ao fim do dia, mas o sentimento de dever cumprido e o sorriso que agora emoldurava o meu rosto fazia todo o esforço valer a pena. Quando eu me estabelecesse procuraria uma atividade física para fortalecer meus músculos e me ajudar a segurar o pique do novo empreendimento.

E foi contaminada pela euforia de ver o meu projeto ganhar forma e se tornar lucrativo, que depusitei todas as minhas fichas nesse negócio. O banco havia negado o empréstimo do montante que eu necessitava para investir no espaço da doceria, esbarramos na burocracia, pois eu não possuía carteira assinada e a minha renda atual de autônoma não era o suficiente para que eles concedessem o dinheiro. Segundo o gerente, a ausência de quantia fixa e garantida todo mês era o fator principal para a não aprovação do empréstimo. Lorena também buscou o seu banco, mas recebeu uma negativa semelhante. Como DJ ela não tinha carteira assinada e usaram a mesma justificativa para não conceder o pedido.

Diante das negativas, fiz o que me restou: vendi o meu carro. Agora eu tenho uma empresa com CNPJ e endereço para receber os futuros clientes: aluguei um ponto comercial. O espaço anteriormente havia sido uma lanchonete e precisava ser reformado, mas a cozinha é ampla e o local onde o ponto fica localizado é bastante movimentado. Por enquanto, a cozinha é o único ambiente que utilizo, mas na semana seguinte pintores e pedreiros vão realizar as

mudanças para deixar o local com a minha identidade.

Como ainda não tenho dinheiro para arcar com um funcionário, serei eu mesma a fazer as vezes de atendente, cozinheira e entregadora. Além de monitorar as redes sociais e abastecer a dispensa. Não vai ser fácil, mas vou me esforçar para fazer isso dá certo. Quando a loja abrir, minha prima vai me dar uma mão sempre que puder, mas ela já fez bastante por mim, não dá para abusar.

Por enquanto, estou em mais um dia de entregadora na pele da mulher de negócios, realizando a entrega dos pedidos do meu mais novo cliente: uma academia na zona sul de São Paulo. Acabei colocando em prática um teste que deu muito certo e criei uma linha de doces fitness, com baixo teor calórico e alimentos naturais. O resultado disso foi a conquista de um novo público. Não me atenho aos detalhes da bela academia, nem olho as belas pessoas malhando, o tempo é curto e tudo que eu faço é entregar os pedidos na recepção, com a devida assinatura de quem os recebeu. No final daquela rua, há uma loja de artigos de decoração, e eu ando até lá para ver alguns itens para instalar na doceria. Converso com as vendedoras e fotografo o que eu acho que ficará, mas acabo não comprando nada. A pesquisa é fundamental quando o dinheiro é curto.

Volto a passos rápidos para o carro estacionado em frente academia, repassando os itens que preciso comprar no supermercado, calculando mentalmente quanto tempo tenho para fazer isso e devolver o carro da minha prima.

Mas parece que vou atrasar, afinal. Giro a chave na ignição e o carro não dá sinal de vida. Repito o gesto e nada de o carro ligar. Aguardo alguns segundos antes de tentar pela terceira vez: sem resposta. Saio do carro e abro o capô, não que eu saiba o que fazer, mas não custa nada dá uma olhada nas peças cujos nomes nem imagino. Encaro aquele monte de coisas por alguns segundos, como se meu olhar tivesse o poder de ressuscitar o carro e retorno para o volante, fazendo uma pequena prece para que o carro volte a funcionar. Seja lá qual for o santo dos carros enguiçados, ele não me ouve e continuamos estáticos no mesmo lugar.

Apanho o meu celular para ligar para Lorena e adivinhe? Ele está desligado, para variar. Quando eu fosse uma empresária de sucesso, compraria um daqueles celulares em que a maldita bateria durasse mais de uma hora e não me abandonasse quando eu mais precisasse. *Droga!* Eu teria que voltar a academia para usar o telefone deles e rezar para que a Lorena atendesse e me dissesse que o seguro do carro está em dia e inclui uma oficina ou sei lá, um mágico! Bato a porta do carro com força e antes de virar o corpo para me dirigir ao interior do prédio, ouço meu nome ser chamado.

— Eva?

Viro-me de uma vez e reconheço o rosto e o dono da voz familiar. Há algo diferente nele, não sei se é impressão causada pelo tempo que não nos vemos ou é o traje despojado. Ele usa bermuda de *tactel* preta e regata branca, os fios do cabelo estão levemente molhados e o corpo suado... Parecia ter saído de um comercial sexy.

— Ricardo. — Sorrio aliviada por encontrar alguém que pode me ajudar.

— Algum problema no carro? Estava saindo da academia e vi o carro parado, ofereceria ajuda a quem quer que fosse, mas que grata surpresa ser você.

— Parece que o destino gosta de fazer os nossos caminhos se cruzarem e geralmente estou precisando de ajuda — dou de ombros.

— Fico feliz em poder ajudá-la. Alguma ideia do que seja aí? — nego com a cabeça — vamos começar pelo básico: deixou o farol ou o som do carro ligados?

— Deixei? — pergunto para mim mesma em voz alta — Não sei, saí apressada do carro, não estava ouvindo música, mas o farol... Que burra, será?

— A bateria pode ter descarregado, sabe me dizer se é nova? — ele me olha com curiosidade.

— Não, não sei. O carro não é meu, considerando que a Lorena deixou cortarem a luz de casa, não duvido de mais nada — respiro fundo.

— Ainda lembro do gosto maravilhoso daquela pizza! — ele pisca.

— Nem faz tanto tempo assim — desconverso.

— O tempo é relativo mesmo, para mim parece uma eternidade. Você não tem mais o mesmo número?

— Não — nego, sem maiores explicações.

— Vamos lá, eu vou empurrar o carro e você dá a partida. Mas espere até ter um ritmo bom, ou não vai adiantar se virar a chave assim que eu empurrar, ok?

— Ok — respondo e me sento ao volante.

Preparo-me mentalmente tentando respirar e me concentrar em virar a chave, o Ricardo traz toda uma gama de lembranças esquisitas e não felizes. Sinto o carro se mover e giro a chave, mas ele não liga. O coitado empurra alguns metros e para, vindo até a minha janela.

— Vamos tentar de novo — respira alto — conta até cinco devagar, depois que começar a se mover, e gira a chave de uma só vez. Tudo bem?

— Certo, desculpe por isso.

— Está tudo bem — ele ri e se posiciona novamente.

O carro começa a se mover, conto mentalmente até cinco e giro a chave. O motor dá sinal de vida e eu acelero, desesperada, com medo de ele morrer novamente. Pelo retrovisor vejo o Ricardo correr atrás do carro e reduzo um

pouco a velocidade, sem parar, ele alcança a porta do passageiro e entra, ofegante.

— Conseguimos! — comemoro, feliz.

— Por garantia é melhor passar na oficina e recarregar a bateria, já que o carro não é seu, além disso sugira a dona que veja a possibilidade de trocá-la.

— Realmente não sei como te agradecer.

— Talvez almoçando comigo?

— É que... Eu preciso ir ao supermercado, já estou atrasada e tenho que devolver o carro.

— E se eu for com você ao supermercado ao lado da oficina em que confio, enquanto a bateria recarrega, você ganha tempo?

— Ricardo, eu... — olho para ele quando o sinal fecha e tento enumerar alguns motivos para recusar seu convite: ele me lembra o passado, ele sabe sobre o passo, ele representa o passado. Em seguida, penso em motivos para aceitar: ele é gentil, divertido e não tem culpa do passado. *É um teste do destino, Eva. Siga em frente, não retorne duas casas por medo de visitar o passado. Você é uma mulher forte.* — Aceito.

Deixamos o carro sob os cuidados de um mecânico e fomos a pé para o supermercado na mesma quadra. Eu pretendia ir a um atacado, mas aproveitaria para comprar algumas coisas que estavam faltando em casa, como meu café que estava acabando.

— Acho que teremos que comer em um lugar que não se importe com os meus trajes — ele diz e eu sorrio. — Como você está, Eva?

— Agora estou bem comigo mesma.

— Fico feliz em saber.

— Não consigo olhar para você sem lembrar de tudo que aconteceu, tenho que ser sincera e foi por isso que eu ponderei sobre o almoço.

— Entendo perfeitamente, mas não posso ser condenado por atos que não me pertencem...

— Eu sei e é por isso que estamos indo ao supermercado — sorrio — realmente sinto muito pelo que fiz sua prima passar — ele não responde e nós andamos em silêncio até passar pelas grandes portas de vidro.

— Quer me perguntar alguma coisa? — ele me encara e eu finjo estar interessada nos rótulos das embalagens de café.

Sim, eu queria, mas não o faria. Seguir em frente significa não voltar atrás e perguntar o que aconteceu com Maurício e Natalie é voltar ao início do jogo.

— Quero saber se podemos começar como se tivéssemos acabado de nos conhecer na porta da academia — digo, por fim. — Sem perguntas sobre o nosso

passado em comum.

— É o que eu mais quero, me apresentar como sou e conhecê-la como é.

— Acho que podemos ser grandes amigos! — Comemoro.

— Sim, Eva, nós podemos.

Compro menos que o necessário e pago pelas compras, quinze minutos depois. Voltamos, conversando bobagens, até a oficina, mas a recarga ainda não está pronta. São quase doze horas e o Ricardo sugere que almocemos por ali pelo bairro... Almoçar na zona sul não está no meu planejamento econômico, mas não há como negar que é o melhor a se fazer.

Andamos duas quadras até o restaurante mais próximo. Ele com roupa de malhar, eu de calça jeans e camiseta verde, destoamos completamente do ambiente que não chega a ser um restaurante três estrelas, mas já começa a encher de pessoas que trabalhavam por ali: empresários de terno. Independente disso, somos bem recepcionados e direcionados até uma mesa, o garçom vem logo em seguida trazer o cardápio.

— Acho que preciso usar terno para malhar de hoje em diante — graceja — nunca se sabe quando precisarei ajudar uma dama e acabarei em um restaurante — dá de ombros.

— Você está ótimo com os braços de fora, senhor... — Respondo com uma piscadela — Qual o seu sobrenome?

— Rodrigues Torres — não me abalo ao ouvir o último sobrenome.

— RR, hein? — perturbo.

— Sempre pode piorar, Paulo Ricardo Rodrigues Torres — ele faz cara de coitadinho.

— Paulo Ricardo, igual a cantor do RPM? — Gargalho, fazendo referência a banda de rock nacional.

— *Seu corpo é fruto proibido, é a chave de todo o pecado e da libido, e prum garoto introvertido como eu, é a pura perdição* — ele canta, imitando a voz anasalada do PR e gesticula, me fazendo rir ainda mais.

— Não me diz que essa cantada funcionou com alguém — não consigo parar de rir.

— Se fez você sorrir, já valeu por todas as vezes que deram errado — ele me fita com carinho e o garçom chega para anotar os nossos pedidos.

O almoço corre muito bem. Como duas pessoas que estão se conhecendo, conversamos sobre bobagens leves como sobrenomes, hobbys e profissão. Gosto de saber que ele é arquiteto, tem trinta e dois anos e dois irmãos: um mais velho, dois anos e uma irmã dois anos mais nova casada e com uma filha de quatro anos. Ele sorri feito bobo ao me mostrar os vídeos da menina na rede social da irmã e eu aproveito para esquecer o mundo enquanto conversamos e comemos.

Depois que ele, gentilmente, paga o almoço, seguimos de volta para a oficina, onde eu pago pela recarga. Entramos no carro e eu o levo de volta a academia, onde o dele ainda está estacionado. Antes de descer do carro, ele pede o meu novo telefone e eu canto os números enquanto ele digita na tela. Nos despedimos com promessa de que eu o ligaria para combinar o próximo almoço, que eu prometi, seria por minha conta.

Quando ponho o carro em movimento, lembro de olhar a hora e percebo que demorei quatro vezes mais do que havia prometido a Lorena. Com certeza ela tentaria me matar, mas a culpa não é minha por ela cuidar tão mal do carro dela, é? Faço uma anotação mental para lembrar de desligar os faróis quando descer, só por precaução.

Acelero para ganhar mais tempo, tenho muito trabalho ainda hoje, mas ao contrário do que se imagina, isso me deixa muito feliz.



Capítulo 20



O que seria apenas uns “retoques no visual” da lanchonete para fazê-la se transformar em doceria, mais parece reforma completa dada a bagunça que está quase me enlouquecendo. Enquanto cozinheira, preciso do meu espaço de trabalho organizado com cada item no lugar para agilizar, bem como para que eu não perca o ponto exato de uma massa procurando, por exemplo, o *fuê*. Nesse

contexto, a cozinha eu consegui deixar de uma maneira razoável desde que peguei as chaves do espaço e é nela que eu trabalho a maior parte do tempo, fazendo os doces que envio para os meus clientes fixos. Para falar a verdade, se eu fosse a dona do lugar, mudaria muita coisa, tiraria umas paredes e ampliaria o espaço, mas como locatária, me contentarei em pintar as paredes, colocar mais tomadas ao longo da loja e instalar duas vitrines grandes, uma delas refrigerada. Parece pouco, mas está demorando bastante. Talvez a ansiedade em ter tudo pronto faça com que eu sinta as coisas mais devagar.

Estou quase indo pegar o rolo de pintura para ajudar o pintor quando o vejo entrar pela porta de vidro. Ricardo está usando camisa social branca e blazer preto, além de calça jeans escura. Seus óculos de grau foram substituídos pelo modelo de sol, que ele tira assim que se aproxima.

— Faz três dias que olho fixamente para o meu telefone, esperando a ligação que me prometeram — acusa.

— Como me achou aqui? Deixe-me adivinhar: Lorena! — ele ri, simpático.

— Seu celular nunca atende quando eu ligo, o dela sim. Ela me passou o endereço e disse que eu deveria aparecer...

— Ah sim, se quiser se sujar de tinta está no lugar exato.

— Esse lugar é seu? Abrirá um restaurante? — ele olha ao redor atentamente, com um sorrisinho.

— Aluguei aqui, vou abrir uma doceria — o sorriso dele se amplia.

— Amo doces, com certeza serei um cliente assíduo.

— Minha conta bancária agradece.

— Precisa de ajuda com alguma coisa? — Ele oferece.

— Não, está tudo bem.

— Você tem a planta daqui? Posso dar uma olhada?

— Já adianto que não posso pagar os serviços de um arquiteto — dou de ombros.

— Eva, por favor, eu sou seu amigo. Se não tem a planta me diz o que pensou em fazer aqui — ele aponta para o início do espaço.

— Como o ambiente não é muito grande e eu não sei se terei muitos consumidores aqui dentro, pensei em dispor umas 4 mesas ao longo desse espaço. Já fui em uma loja dar uma olhada naquelas mesas redondas.

— Você está aberta a sugestões? — assinto — e se você colocar dois longos sofás nas paredes, um de cada lado, até aqui — ele se afasta para mostrar — e usar mesas quadradas, com três cadeiras. Acredito que dê para dobrar a quantidade de mesas que você pensou e dar ao lugar um charme de conforto.

— Você tem razão, mas não sei se posso investir em sofás. Estou

começando agora e preciso ir devagar nos custos.

— Não tenha medo de arriscar, vai dar certo e quando isso aqui estiver cheio você vai me agradecer por não ter permitido que os seus clientes ficassem de pé.

Ele tem razão e me passa tanta confiança...

— Posso medir e ir com você pesquisar os melhores preços, podemos ver, inclusive se não encontramos seminovos que dê para usar aqui, talvez um banco de madeira com almofadas? Um lustre simples aqui também fará a diferença.

— Você lê pensamentos, Ricardo? É como se soubesse que cada uma dessas sugestões fossem parte do cenário perfeito que eu desejo ter.

— Somos treinados para dar boas indicações e realizar os sonhos do cliente — ele fala em tom profissional — e não há nada que me deixe mais feliz hoje do que o brilho que estou vendo nos seus olhos.

— É emocionante ver as coisas tomando forma, principalmente depois de ouvir que eu fracassaria.

— Deixe para derramar lágrimas de felicidade quando cortarmos a faixa de inauguração — ele pisca.

— Não teremos faixa, não é obra pública — descontraindo e ele gargalha.

— Oh, droga, quando estourarmos os fogos de artifício?

— Não é ano novo — sorrio novamente.

— Está bem, quando você inaugurar... Estarei aqui para aplaudir o seu sucesso.

— Tem certeza que não é para comer as tortas da vitrine?

— Ah, sim, isso também.

— Você é especial, Ricardo. Obrigada por vir até mim mesmo quando eu não cumpro o que prometo.

— Você acabou de me dar a liberdade de estar no seu pé o tempo inteiro...

— Você não tem cara de esmalte para ficar no meu pé — desconverso. — Você tem carta branca, pode aparecer. Ainda mais agora que é arquiteto do meu espaço sem me cobrar nada.

— Nunca disse que seria de graça — ele se aproxima.

— Deixei claro que não tenho dinheiro.

— Não é dinheiro que eu desejo...

— Certo, abro um crédito para você comer doces aqui — dou um passo para trás quando percebo que estamos perto demais.

— Eva...

— Vai medir para que a gente pesquise ou não?

— Sim, *chef* — ele responde com nós costumamos responder às ordens

dos *chefs* de cozinhas.

Ricardo sai da loja, provavelmente até seu carro, voltando com uma pasta preta. De dentro dela ele tira a trena, lápis, réguas e papéis... Acho que acabei de contratar um arquiteto.



Na semana seguinte convivemos praticamente diariamente e o receio que eu tinha de que a sua presença me levasse de volta ao escuro desapareceu. Ele havia cumprido a sua promessa de me auxiliar na decoração do espaço e entre lojas de móveis e utensílios domésticos, supermercados de atacado e varejo demos vida ao meu *Paraíso*.

Ele e Lorena me ajudaram de maneira indescritível e, literalmente, colocaram a mão na massa. Enquanto eu comandava a cozinha para atender as encomendas que já tinha e aumentava, eles cuidaram da lavagem da louça nova e dos talheres, lustraram o piso e conferiram os últimos detalhes do interior da loja... O mínimo que eu posso fazer hoje, véspera da inauguração, é retribuir da forma que mais se demonstrar amor: cozinhando. Já passa das oito da noite quando retorno até eles carregando o que seria o nosso jantar da noite.

— Estávamos prestes a pedir uma pizza! — Lorena informa quando deposito o prato a sua frente.

— Eu mataria os dois se ousassem a trocar meu *Penne* ao molho branco, por pizza.

— Foi ideia dela! — Ricardo aponta para Lorena que sorri.

— Seu maldito traidor — ela o repreende, sorrindo.

— Cadê o seu prato? — Ele indaga quando entrego o seu.

— Estou acostumada a servir as pessoas para só depois comer. É um velho hábito da cozinha: os clientes em primeiro lugar. Ainda que isso implique em adiar em duas horas o horário de uma refeição.

— Vamos modificar esse hábito, Eva. Sente aqui e coma — indica o seu lugar o sofá.

— Eu sentarei depois que pegar o meu prato e nossas bebidas.

— Eu mesmo farei isso, fica com o meu — diz, já de pé — só preciso que me diga onde está cada coisa.

— O prato sobre a bancada de mármore e o refrigerante na geladeira.

— Ok — ele anda em direção ao fundo da loja. — Não esperem por mim, podem começar a comer.

— É tão estranho... — Confesso.

— A presença dele aqui? — Lore, pergunta já com a boca cheia.

— Não — discordo — Ricardo é uma boa companhia, um amigo leal. É estranho vivenciar essa tranquilidade, é como se uma tempestade estivesse se aproximando devagar, sei lá.

— Já conversamos sobre isso, você mesma não disse que o Dr. Yuri falou que é uma espécie de sabotagem do seu cérebro? — Assinto em concordância.

Após eu relatar em uma das sessões que não sabia lidar mais com os momentos felizes, pois a sensação de que aconteceria algum problema que traria tristeza em doses extras era forte, o terapeuta me disse que era natural que acabássemos estabelecendo conexões. Se por exemplo, você sentir um mal-estar dentro do ônibus, da próxima vez que você entrar em um ônibus, inconscientemente, o seu cérebro acionará um alerta para todo o seu corpo, indicando a possibilidade do mesmo se repetir. No meu caso, passei quase um ano vivendo coisas boas ao lado de um homem e depois da separação tudo ruiu ao meu redor, em todos os aspectos, então meu cérebro faz associações entre felicidade e tristeza, ou o medo dela.

— Está tudo bem, Eva. Você está ao lado de pessoas maravilhosas e que te amam! Amanhã estaremos comemorando o início do seu sucesso — ela afaga a minha mão com carinho.

— Que assim seja! — Sorrio.

— Será — ela enche a boca novamente — agora que seu anjo da guarda está ao seu lado o seu caminho será repleto de coisas boas.

— Para de chamar o Ricardo de anjo da guarda — digo baixinho.

— Ué, não foi você quem descreveu ele assim para o seu terapeuta? — Perturba.

— Eu não deveria compartilhar com você as minhas sessões, senhora linguaruda.

Lorena tem razão, quando o psicólogo me perguntou qual o papel do Ricardo na minha vida eu o descrevi como o meu anjo da guarda, o cara que surgiu para me salvar das maiores enrascadas, que era bom ouvinte e um amigo engraçado e prestativo.

— Estavam falando de mim?

— Não! — Discordo.

— Sim! — Lorena responde ao mesmo tempo e eu a fuzilo. — Eva estava dizendo o quanto é uma mulher de sorte por nos ter na vida dela, não é

prima? — Ela sorri.

— É verdade, Eva? — Ele me olha fixamente, eu desvio o olhar focando o prato.

— Sim — assumo, por fim — vocês são especiais para mim.

— A recíproca é verdadeira. — Ele responde, já sentado de frente para mim e eu posso jurar que os seus olhos não desviam de mim.

— Vamos comer — anuncio.

— Eu já comi — Lorena responde, mostrando o prato vazio — e eu estou de saída, meu trabalho me espera.

— Não vai comer a sobremesa?

— Tentador... — olha para o relógio — mas não vai dar, ainda tenho que passar em casa e tomar um banho. — Nada de juízos, crianças! — Lorena pega a sua bolsa e levanta-se, me dando um beijo.

— Tchau, Lorena — Ricardo sorri.

Conversamos enquanto jantamos, Ricardo elogia minha comida duas vezes durante a nossa conversa e posso acreditar que o elogio é sincero, pois quando pergunto se ele deseja repetir, ele aceita sem cerimônias. Essa é a minha dose de autoestima diária, a minha relação com a gastronomia nunca foi comercial, cozinhar é o oxigênio que eu preciso para sobreviver. Quando alguém elogia a comida preparada pelas minhas mãos sou arrebatada por um sentimento de prazer absoluto. Permanecemos à mesa por um longo tempo, mesmo depois de comer, já que a nossa conversa flui naturalmente. Não notamos o tempo passar.

Por fim, divido com Ricardo a expectativa para o dia seguinte e ele me surpreende ao dizer que alterou os seus compromissos para estar ao meu lado assim que eu abrir a doceria pela primeira vez.

— Você não precisava fazer isso. Mas, não posso mentir que ficarei imensamente feliz em ter você ao meu lado nesse momento tão especial. Sem você e a Lorena eu teria desistido no primeiro problema.

— Nada disso — discorda, no seu tom sempre gentil — a força que você carrega aí dentro é gigantesca — ele aponta para o meu coração. — Sou eu quem fico feliz em ver você aflorar e crescer. Olhe para esse lugar, tudo tem você aqui, apenas você... O mérito é todo seu!

Meus olhos se enchem de lágrimas e contrastam com o sorriso no meu rosto ao ouvir as suas palavras carinhosas.

— Você não existe — toco a sua mão sobre a mesa.

— Existo e estou aqui, Eva. — A sua outra mão cobre a minha e ele desvia o olhar do meu e se concentra nos meus lábios.

Um ruído alto faz com que nossas mãos se separem, é o meu celular que

vibrava na mesa, pego-o e atendo a ligação.

— Paraíso dos doces... Sim, é o número para encomendas. Não, não tem problemas com o horário. Só um minuto que pegarei uma caneta — Ricardo antecipa-se e retorna rapidamente com um bloquinho de anotações e uma caneta para, em seguida, se afastar com nossos pratos, enquanto eu permaneço atenta aos pedidos.

Quando termino de anotar, vou ao seu encontro. Ele está na cozinha enxugando os pratos e guardando-os no armário.

— Ouvi falar que quando não temos dinheiro para pagar a comida de um restaurante, lavamos os pratos. Meu pagamento está realizado — ele sorri, devolvendo o pano de prato para o gancho.

— Não precisava, mas obrigada — sorrio de volta.

— Você precisará estabelecer horários para receber ligações de trabalho, caso contrário, assim que experimentarem o gosto do que você prepara, te ligarão de madrugada. E *chefs* precisam descansar.

— Você é muito gentil, Paulo Ricardo — encaro o homem na cozinha.

— *E pra você eu deixo apenas meu olhar 43, aquele assim de lado, já saindo, indo embora* — ele canta e faz um olhar sensual — *louco por você*.

Com apenas um passo, ele diminui a distância entre nós e aproxima seu rosto do meu. Quando seus lábios tocam os meus, fico imóvel e tudo que passa em mim é o que não sinto. Não sinto a sua barba provocando o meu rosto, não sinto a boca que tão bem conheço, não sinto o Maurício.

— Se você corresponder, isso pode melhorar — ele fala como se soubesse exatamente o que se passa em mim. — Eu não sou ele, Eva.

Apago as lembranças e foco no presente, no homem junto a mim. Movo minhas mãos pelo seu peito e sinto os seus músculos definidos, continuo devagar até chegar no seu rosto. Abro os olhos e os seus, tão escuros atrás das lentes, estão sobre mim. Toco sua face com carinho e sinto a maciez da sua pele, deixo meus dedos tocarem seu nariz e escorregarem até a sua boca. Ele entreabre os lábios e respira fundo. Meu indicador circula a boca lentamente, até que a ponta da sua língua desponta. Sinto o choque em mim ao sentir a sua umidade contrastando com a minha secura e quando ele suga o meu dedo, esqueço completamente qualquer linha de raciocínio.

Rapidamente, substituo meu dedo pela minha boca e incito minha língua contra ele, para que repita o gesto anterior. E ele repete, seus lábios sugam a minha língua e faz com que o meu corpo desperte. Aprofundo o beijo torcendo minha cabeça para o lado, apreciando cada segundo daquela sensação. Sinto suas mãos deixarem os meus ombros e descerem ávidas pelas minhas costas até

chegarem a altura da minha bunda. Não aperta, mas me puxa contra ele, fazendo nossos corpos se colarem e o calor em mim, aumentar significativamente.

— Muito melhor — ele diz ao beijar minha testa, antes de se afastar. — Precisamos parar enquanto eu consigo me controlar — sorri.

Estou em chamas, mas sei que vou agradecê-lo por me dar a chance de decidir. Engulo em seco enquanto tento desacelerar o ritmo da minha pulsação, que bate freneticamente.

— Preciso ir — digo, por fim.

— Eu deixo você em casa — oferece, gentil, me estendendo a mão.

Aceito a carona e as mãos que ele me estende. O caminho até o meu apartamento é preenchido pelo som das nossas risadas enquanto tentamos acompanhar a cantoria das canções feito dois adolescentes, cantamos alto sem se importar em errar a letra. O carro estaciona em frente ao meu prédio e ele desce para abrir a porta para mim.

— Chegamos e você está sã e salva.

— Não teria como não estar, com você dirigindo muito abaixo do limite da via, até o ciclista nos ultrapassou — Sorrio.

— Eu queria passar mais tempo ao seu lado — Ricardo confessa com um sorriso de canto de lábio, capaz de me arrancar um suspiro.

— Você não deveria sorrir assim para as pessoas, como se não tivesse o poder de atingi-las.

— Vou lembrar de sorrir mais vezes para você — eu me aproximo um pouco mais.

Estamos frente a frente, mas ele não se move e aguarda com expectativa. Estico-me e pressiono os meus lábios nos seus e quando seus lábios se abrem para me receber, uma onda de calor surge do meu dedinho do pé até o último fio de cabelo vermelho. Ricardo envolve a minha cintura, enquanto os meus braços arrodeiam o seu pescoço. O beijo que se inicia lento e cauteloso, agora é ditado pelos nossos desejos. Quando nos separamos, estamos ofegantes e sorridentes.

— Boa noite, Ricardo.

— Muito boa noite, Eva.



Um longo banho depois, deitado na cama, meu corpo está exausto depois de um dia inteiro de pé. Fecho os olhos na tentativa de atrair o sono, mas ele não vem. É difícil quando seu corpo cansado luta com a sua mente hiperativa e ansiosa. Rolo de um lado para o outro, tentando não me deixar levar por pensamentos a cerca do beijo que aconteceu e da inevitável comparação entre o Maurício e o Ricardo. Repasso mentalmente receitas inteiras e longas e finalmente adormeço depois de muitas horas insones.

Mas o sono cessa rápido demais, acordo antes de o despertador, morrendo de calor por causa dos confusos sonhos. Em um deles, revi o Maurício com aqueles malditos olhos e senti o meu peito apertar apenas com a sua presença, mas quando ele se aproximou de mim, os olhos escureceram e sua pessoa se transformou em Ricardo que me beijou de maneira suave e fez com que eu me derretesse... Até me levar pra cama. Lá, entre minhas pernas, eu me contorci e gemi alto, mas quando puxei os seus cabelos e ele me encarou, novamente era o Maurício quem me chupava. Acordei desesperada.

— Acho que preciso liberar o tesão reprimido — falo sozinha ao me levantar e me dirigir ao banheiro.

Tomo um banho rápido e afogo a vontade de me tocar em água fria, recorrendo a cozinha para acordar de uma vez. Terei um dia longo e pensar em sexo, seja lá com quem for, não vai me ajudar em nada.



Capítulo 21



Abrir as portas da *Paraíso dos doces* para o público injetou uma dose extra de ânimo e confiança em mim. A concretização do meu sonho me remeteu a minha infância na casa da vó Dulce. Mesmo tantos anos depois, as memórias olfativas e gustativas daquela época ainda estão vivas dentro de mim. Quantas vezes eu acordei no meio da noite para comer escondido as suas balas de leite?

Tantas outras observei, sentada no banquinho de madeira da cozinha, vovó caramelizar o açúcar para os pudins, o cheiro delicioso inundava o ambiente e preenchia os meus sentidos.

A cozinha era o lugar favorito da minha vó e talvez por isso tenha se tornado o meu. Gosto sempre de lembrar da mulher forte que ela foi, mais do que uma avó, ela continua sendo a minha fonte de inspiração diária. Cozinhar é estar conectado as minhas origens, é manter a presença da minha família dentro de mim. E é nela que eu penso quando vejo o meu sonho concretizado. Tenho certeza que onde ela estiver, está sentindo orgulho de mim.

O *Paraíso dos doces* fazia jus ao seu nome, pois representava o meu próprio paraíso pessoal. Eu havia afugentado os meus medos e estava lutando pela causa certa, batalhando pelo que eu tanto sonhei e isso já fazia todo o esforço valer a pena. Sou grata por ter a oportunidade de trilhar novos caminhos, embora eu não saiba o que me espera ao final da trilha, não me preocupo mais com isso e tento aproveitar o caminho que me levará até lá. Eu estou desfrutando esse percurso ao lado de pessoas que me fazem bem e isso já faz o trajeto valer a pena.

Hoje completa oito dias que o espaço havia sido inaugurado e, a passos lentos, o lugar começava a “criar” o seu nome na redondeza. Assim como o número de pedidos de tortas e doces havia duplicado, o que era um ótimo sinal... Mesmo que isso implicasse em dormir pouco para dar conta dos pedidos. Essa semana Lorena precisou fazer as vezes de atendente e caixa enquanto eu fazia o que eu sabia de fazer de melhor: cozinhar. Não tinha a menor condição de eu fazer tudo sozinha, como tinha passado pela minha cabeça antes de abrímos.

Se as coisas mantivessem esse ritmo, em pouco tempo eu precisarei contratar alguém para me auxiliar na cozinha, na limpeza do local e no caixa. Enquanto esse dia não chega, minha prima divide comigo as tarefas.

— Sonhando com o Ricardo? — Lorena me tira dos meus pensamentos;

— Não exatamente... — Sorrio e passo a bandeja para que ela enxugue — Estava pensando em todos os caminhos que me trouxeram até aqui.

— E no delicioso corpo do Ricardo que merece ser percorrido com calma? — ela atira o pano de prato molhado no meu rosto.

— Quem disse que eu não já percorri? — Dou uma piscadela e enxugo o último item do escorregador, o que decreta o fim do expediente.

— Du-vi-do! — pontua com convicção — Se isso já tivesse ocorrido a tensão sexual quando vocês estão no mesmo ambiente já havia evaporado.

— Não existe nenhuma tensão...

— Não? — Arqueia a sobrancelha — Vocês parecem dois adolescentes se provocando e aguardando uma oportunidade de dar vazão a todo o desejo

reprimido. O que vocês estão esperando, afinal? — Vai direto ao assunto.

— Tenho medo de estragar a nossa amizade, sabe? Ele é um cara tão legal, tão amigo. Mas ao mesmo tempo tenho vontade de me atirar nos seus braços e esquecer o mundo.

— E o que te impede?

— Não sei — pondero — e se a gente acabar colocando tudo a perder? Eu não suportaria ver o Ricardo longe.

— Eu não sei o que o doutor Yuri te diria, mas eu acho que você deveria pagar para ver o que rola. Não é todo dia que um gato desses aparece na sua porta cheio de amor para dar. Escuta seu coração e tenho certeza que ele te indicará o meu caminho.

Ela tem razão. Avançar uma casa com Ricardo é algo que ambos desejamos, ele sabe do meu passado e eu nunca menti sobre os meus sentimentos. Ele é alguém muito importante em minha vida e a nossa relação de amizade é algo que me faz bem, assim como os seus beijos. Não dá para ser indiferente a cada vez que nos beijamos. Ele consegue transmitir com os lábios uma gama de sentimentos que faz meu corpo arder em chamas... É cada dia mais difícil voltar para a cama sozinha depois que ele me beija na frente do meu prédio.

— Vamos? — Lorena me chama, com a bolsa a tiracolo.

— Sim — pego a minha bolsa e seguimos em direção a porta — Teria como me dar uma carona antes de ir para a boate?

— Ai meu Deus! — Ela vibra animada — Não me diz que...

— Vai me deixar ou não? — indago após conferir que ele me enviou a sua localização por mensagem, coisa que pedi assim que tomei coragem.

— Só se você prometer me contar todos os detalhes... — enlaça o braço ao meu e me guia em direção a saída.

— Vai sonhando!

— Eu posso te deixar sem carona — ameaça.

— E eu te remoendo de curiosidade para todo o sempre — dou de ombros.

— Tinha esquecido como você é maquiavélica.

— Também te amo, Lorena. — Sorrio.



Acho que nunca demorei tanto tempo na minha vida para escolher uma roupa para sair. Minha cama está com roupas espalhadas por toda a parte. Nada aparece bom o suficiente. Eu não costumo pensar muito no que vestir, para o trabalho e para onde quer que eu vá habitualmente, uso jeans e camiseta e é mais que o suficiente. Mas agora eu estava ansiosa a procura da roupa ideal.

Estou indo até o apartamento do Ricardo e, por mais que eu saiba que não é um encontro amoroso, me sinto em dúvida se apareço como a Eva de sempre ou uma versão sexy. Lorena grita do outro lado da porta ameaçando me deixar para trás e acabo vestindo as peças que estão por cima de todas as outras: calça jeans e blusa frente única preta. Nos pés, as sapatilhas confortáveis de sempre. Complemento o look com brincos dourados e um *gloss* incolor nos lábios. Dou uma última olhada no espelho e gosto do que vejo é um meio termo entre a Eva sexy e a Eva do dia-a-dia.

Recebo um olhar de aprovação da Lorena e me sinto mais confiante na minha escolha.

— O Ricardo vai desejar ser esse top e grudar no seu corpo.

As palavras da Lorena me fazem sorrir.

— Eu conto com isso — pisco para ela, que sorri — pegou o vinho?

— Aqui, está! — Entrega-me a bebida — Vamos que não é de bom tom chegar atrasada em um encontro.

— Não é um encontro.

— *Anhan* — sorri — Vamos logo para visitar a casa do seu amigo.

Seguimos até o endereço com Lorena me provocando sobre a minha “visita noturna”, ela perturba até que eu mostre o dedo do meio para ela que gargalha alto em resposta.



Ricardo abre a porta ao primeiro toque da campainha, alguém também estava ansioso. Ele me olha de cima a baixo, lentamente. Deixando os seus olhos absorverem a imagem de todo o meu corpo. Posso ver o brilho de excitação ali, quando eles voltam a encontrar os meus. É a minha vez de apreciar: ele usa camiseta preta e bermuda branca, os braços definidos estão a mostra e os fios pretos estão molhados, o que indica que ele acabou de sair do banho.

— Não vai me convidar para entrar?

— Claro — coça a cabeça, desconcertado.

Adentro o ambiente e não me atendo aos detalhes, o que me traz ali está bem em minha frente e eu não consigo parar de olhá-lo.

— O que vamos comemorar? — Ele aponta para a garrafa de vinho na minha mão.

— Ainda não sei — sorrio — essa garrafa foi deixada, um tempo atrás, no meu apartamento e eu achei que agora era uma boa ocasião.

— Eu tenho uma sugestão de comemoração — ele dá dois passos e nossos corpos ficam muito próximos. Posso sentir o ambiente começar a esquentar.

— Tem? — Minha voz sai rouca.

— Podemos brindar a você... A mulher que virou a minha vida de cabeça para baixo.

Minha respiração acelera e meu coração bate freneticamente. Ricardo lentamente abaixa a cabeça e encosta os lábios nos meus, de forma delicada, e o toque carinhoso faz o meu coração errar a batida. Nossas línguas se encontram e o toque faz todo o meu corpo despertar. Ele interrompe o beijo e eu solto um suspiro, nossos corpos permanecem colados.

— Você tem certeza disso?

— Não — sorrio — mas quero tentar.

— Vamos tentar juntos então.

Ricardo sorri e tira a garrafa da minha mão, descartando-a no sofá e eu

me jogo contra ele em seguida. Suas mãos me seguram pela cintura e nosso beijo se reinicia, com mais intensidade. Sabemos exatamente onde vamos parar. Saboreio sua língua em minha boca, enquanto seguro sua cabeça para apreciar cada recanto daquela união.

Permito que meu corpo se liberte e se esfregue contra ele, sem a menor cerimônia e o ouço respirar fundo em aprovação. Suas mãos descem até a minha bunda e experimentar um aperto leve, gemo baixinho contra sua boca para que ele entenda que eu não gosto disso e não sou de porcelana. Ele aperta mais forte eu separo nossas bocas para aprovar o gesto:

— Ahhh... — ele aproveita a pausa no beijo para percorrer meu pescoço.

Suas mãos levantam a frente única e os meus seios finalmente são libertados. Desejo tanto sua boca ali que quase sou capaz de pedir “por favor”.

— Você é linda — ele diz ao tocá-los com as mãos — não posso mais esperar — anuncia antes de cair de boca no seio esquerdo.

Sentir-me sugada por ele faz com que eu feche os olhos e jogue a cabeça para trás. Ricardo chupa o bico do meu peito com vontade e alterna lambidas e sucção, sem deixar de provocar o outro bico com os dedos. Quando ele dá a mesma atenção ao seio direito, não preciso que ele faça mais nada, apenas me penetre. Mas não é o que ele faz. Ricardo volta até a minha boca e me beija, antes de me pegar no colo, como uma noiva indo para a noite de núpcias. Enquanto ele caminha para o corredor, livro-me das sapatilhas com os pés.

Noto que a cama está pronta para me receber quando ele me pousa sobre o lençol macio, que geralmente é coberto pelo edredom, e sorrio ao saber que ele quer tanto isso também. Ele tira a camisa por cima e, pela primeira vez, eu noto a delícia de homem que ele é. Sua pele bronzeada cobre músculos definidos e bem distribuídos que me fazem ter vontade de lambe cada centímetro... Mas quase esqueço essa vontade quando ele tira a bermuda. Nunca uma cueca branca me pareceu tão atraente. Sento na cama totalmente disposta a ser eu a tirar aquela peça, mas os planos dele são outros.

— Esperei muito por isso, Eva — diz enquanto faz eu me deitar — quero conhecer cada parte de você — suas mãos vão até o botão da minha calça e trabalham ali — quero descobrir o que faz você arfar e o que faz você gritar — a calça escorrega pelas minhas pernas — e quero repetir cada uma dessas coisas até eu não aguentar mais. Só então vou entrar em você — ele abre as minhas pernas — até o fundo. Vou me perder bem aqui — seus dedos tocam a minha entrada sobre a calcinha — e vou chegar até o céu chamando o seu nome.

Realmente nunca tinha achado que palavras pudessem fazer eu sentir tamanho prazer, quase peço para que ele continue falando enquanto me olha com aquela cara de homem mau, tão diferente do bom moço que me ajuda durante o

dia... Mas se ouvi-lo já tinha me arrepiado inteira, nada me prepara para senti-lo.

Ricardo inspira o meu cheiro antes de beijar por cima do tecido. É um beijo dado com vontade, com bastante saliva, para ensopar a calcinha em poucos segundos. A renda gruda em mim, molhada, com a mistura do meu prazer e da sua saliva. Ele assopra em direção ao meu clitóris e a sensação é alucinante. Arfo alto, levantando o quadril em busca de mais. Ele repete o gesto, dessa vez puxando a calcinha de lado.

Quando ele finalmente me livra da peça, eu flexiono os joelhos e abro o máximo que consigo as pernas. Ele enfia apenas um dedo até o fundo e o retira, fazendo com que eu o encare.

— Passei muito tempo imaginando que gosto você tinha — ele coloca o dedo que retirou de mim na boca e, caralho, é extremamente sexy. — Você supera o seu melhor prato, Eva.

Com isso, sua boca me toma e o seu olhar me prende. Quero fechar os olhos quando sua língua provoca meu clitóris de muitas maneiras diferentes, mas não consigo. Tampouco quando seus dedos passam a fazer parte da dança, indo fundo e se torcendo dentro de mim... Observo sua cabeça entre as minhas pernas enquanto ele me faz subir alto.

— Ahhhhhh — grito quando sinto meu corpo explodir em mil, como fogos de artifício em um céu escuro. — Eu quero você dentro de mim!

— Não há outro lugar onde eu deseje estar, linda — ele responde entre beijos, subindo pela minha barriga até chegar em minha boca — você deveria sentir o seu sabor, é incrível, Eva.

Ele me beija até que eu quase perca o fôlego e é possível me sentir através de sua língua. Ele se afasta um pouco para pegar um preservativo embaixo do travesseiro ao meu lado e, enquanto o observo estender a borracha em seu pau, me prometo que da próxima vez vou vesti-la com a boca.

Ricardo me penetra devagar, experimentando a sensação de estar dentro de mim. Acomodo-o entre as minhas e flexiono o joelho para que ele tenha espaço para ir fundo. Ele beija a minha boca quando começa o vai e vem. Eu seguro em seus ombros quando ele acelera. Encerramos o beijo quando os gemidos precisam escapar. O ritmo dele se torna intenso e os meus quadris se levantam e se chocam contra ele, aumentando ainda mais a sensação de prazer. Eu puxo seu cabelo, ele beija o meu pescoço e dividimos juntos a sinfonia de arquejos que preenchem o quarto.

Ele se afasta e eu o tiro de dentro de mim, desejando mudar de posição. Junto as minhas pernas e engatinho pela cama, me posicionando de quatro. Ricardo me segue de imediato, mas antes que faça o que espero, me abre com as mãos e lambe longamente.

— Ricardoooo — gemo enquanto ele repete o gesto, da minha boceta até o ânus.

Ele me preenche, tocando lá no fundo, e eu ajusto a minha coluna para recebê-lo inteiro. Suas mãos seguram meus quadris e ele passa a me foder com vontade. Fazendo meu corpo chacoalhar e meus gemidos saírem incontidos. Um de seus dedos me invadem por trás enquanto seu pau bate firme dentro de mim e as duas sensações combinadas de maneira intensiva provocam um novo orgasmo que dispara o meu coração. Ele não demora muito para me chamar:

— Evaaa!

Meu nome em forma de gemido saindo de sua boca é um dos meus novos sons favoritos.



Capítulo 22



Mesmo funcionando há nove dias, em cada um deles eu entro na *Paraíso* admirando o espaço e hoje, depois de arrumar os doces, não está sendo diferente. As tortas de vitrine, aquelas que dão vontade de comer só em olhar, estão expostas de maneira convidativa: sonho de valsa, nozes, brigadeiro, floresta negra e prestígio são os sabores mais pedidos. Os brigadeiros *gourmet* também

saem muito, o de farinha láctea banhado com chocolate branco tem sido muito bem pedido. Ajeito as tortinhas de morango, os *Macarons* de diversas cores e recheios, as minis *tartes* de chocolate branco e morango, e os cupcakes e me sinto satisfeita. Não tem como não seduzir com essa vitrine.

São dez da manhã, hora de abrir a loja e quando o faço não demora muito para que a primeira cliente apareça.

— Bom dia — cumprimento animada, enquanto ela olha a vitrine de doces.

— Uma fatia de Floresta Negra e uma coca, por favor. Se tiver algum doce que cause perda de memória, pode trazer também.

A garota se afasta e se senta próximo ao caixa enquanto corto seu pedido e levo até ela.

— Espero que melhore seu dia — entrego o prato de porcelana e o garfo para bolos.

— Obrigada... Por que não senta comigo? Sei o quanto isso aqui vai ficar cheio depois do almoço.

— Já estive aqui antes? — Pergunto, sentando de frente a ela.

— Não, mas já namorei a fachada várias vezes essa semana. Estava procurando emprego aqui perto e hoje decidi que merecia comer uma dessas tortas.

— Conseguiu o emprego?

— Não, em todo lugar dizem a mesma coisa: você precisa de experiência — ela revira os olhos — como terei experiência se ninguém me dar oportunidade?

— Qual é o seu nome? — Pergunto curiosa quando ela leva um grande pedaço até a boca.

— Elizabete — responde com a boca cheia — pode me chamar de Bete.

— E quantos anos você tem, Bete?

— Dezoito.

— Você não deveria estudar ao invés de trabalhar?

— Alguém tem que pagar as contas em casa e estudar é um saco, preciso de dinheiro. Mas relaxe, já terminei o ensino médio.

— Estou precisando de uma pessoa para me ajudar aqui e...

— Você jura?

— Mas ainda não tenho como arcar com isso, mas deixe seu contato e eu te ligo.

— Liga nada! Todo mundo diz isso... E se eu te ajudar por meio salário para começar? Posso lavar a louça e servir as mesas.

— Não é bem o que eu preciso...

— Posso aprender rápido! Minha mãe dizia que eu sou esperta.

— Dizia? — Pergunto, já com pena.

— Sim, ela morreu há dois anos. Meu pai ficou só comigo e meus dois irmãos mais novos.

— Certo, Bete... Podemos fazer um teste.

— Oba, hoje mesmo! Você não vai se arrepender dona...?

— Eva, mas sem o *dona*.

E foi assim que acabei contratando a minha primeira funcionária, seguindo o meu coração. Espero que a razão comande nas próximas contratações.



A Bete acabou sendo uma mão na roda hoje e tinha trazido sorte também. A loja lotou durante a tarde e eu precisei voltar para cozinha para repor quase todos os itens da vitrine. Por sorte, não haviam encomendas externas hoje. Lorena cuidou do caixa, Bete serviu as mesas e lavou as louças com eficiência. Minha prima precisou sair mais cedo e eu estava fazendo a lista dos itens que precisava comprar, quando Bete entrou na cozinha.

— Tem um bonitão aí querendo falar com você. Ele ia entrar direto, mas eu não sabia se podia e mandei ele esperar.

— Obrigada, querida e pode ir. Você fez muito por hoje e meio salário é uma vergonha...

— Não se preocupe, do jeito que as coisas estão, quando minha experiência acabar você poderá me pagar até hora extra!

— Deus te ouça — sorriu enquanto a acompanho.

— Eva, fui impedido de chegar até você — Ricardo sorri.

— Ela não te conhece, Bete, esse é o Ricardo. Um amigo meu — ele me encara ao notar que usei “amigo”.

— Oi, Ricardo. Sou Elizabete, a nova funcionária da Eva — ele sorri.

— Que maravilha, seja bem-vinda, Bete e mantenha todos os homens longe dela como fez comigo — ele pisca e ela sorri.

— Amigo, né? — a garota ri e vai embora.

— Oi, *amiga* — ele usa um tom feminino. — Preferia que tivesse dormido comigo ao invés de ter ido para casa — ele beija minha boca.

— Se eu tivesse ficado com você a última coisa que faríamos era dormir e um amigo me disse que *chefs* precisam descansar...

— Esse seu amigo é um burro, falou besteira. Dorme comigo hoje? — suas mãos percorreram meu corpo quando ele me beijou novamente.

— Pedindo assim com tanto jeito... — sorriu — mas vou precisar sair

bem cedo. Tenho que repor algumas coisas aqui.

— Tudo bem, tenho que trabalhar também.

— Então, vamos!



Passamos em um restaurante para jantar, antes de seguir para o apartamento dele. Assim que entramos, fomos direto para o quarto, os joguinhos tinham chegado ao fim e agora nossa amizade tem um toque de cor que me deixa contente.

— Ontem você teve a oportunidade de me provar, hoje é a minha vez de descobrir que gosto você tem — digo ao me aproximar.

— Acho que é justo — ele ri e anda até o guarda-roupas, quando volta joga três embalagens de camisinha na cama.

— Você enxerga bem sem eles? — questiono ao levar as mãos até a armação dos óculos.

— Sou míope, meu problema é enxergar sem óculos o que está longe... consegui ver cada uma das suas sardas ontem.

— Ótimo, não precisa dessa camisa também — digo antes de tira-la por cima e empurra-lo para cair deitado na cama.

Beijo a boca dele, provando primeiro o lábio inferior entre os meus. Dedico-me ao superior antes de me concentrar no duelo das nossas línguas. Ele afaga meus cabelos quando beijo seu pescoço e os liberta quando sigo beijando seu peito. Deixo minha língua percorrer o caminho até chegar no abdômen. Ali, meus dedos e minha boca brincam com os gomos definidos.

Toco a ereção que marca sua calça jeans, deixando meus dedos massagearem seu membro. Abro o botão da calça e empurro ela e a cueca para baixo, liberando o seu pau. Ele mesmo faz as duas peças deixarem seu corpo. Sorrio ao lembrar que ontem era ele entre as minhas pernas, conhecendo o meu corpo, e hoje sou eu quem me posiciono entre as suas.

Os dedos da minha mão direita envolvem a base e massageiam para cima e para baixo, devagar. Olho para ele quando baixo minha cabeça e o coloco na boca. Movo as mãos e a boca, fodendo o seu pau com os meus lábios. Repito os gestos cada vez mais rápido, fazendo o Ricardo gemer.

— Já chega, Eva... Vou gozar — provoco-o levando quase todo na boca.

Pego e abro a embalagem do preservativo, colocando na ponta do pau dele. Com a boca, desenrolo a proteção até a metade, tomando cuidado com os dentes para não rasgar. Termino de fazer os ajustes com as mãos rapidamente e me livro das minhas peças, ficando nua em tempo recorde.

— Vou considerar que isso seja saudade — ele ri com a minha rapidez. — sobe em mim.

Eu subo, deixando uma perna de cada lado, e desço sobre sua ereção. Apoio minhas mãos no seu peito para subir e descer com vontade. Ele segura os meus seios, massageando, enquanto cavalgo o seu corpo até cansar. Ricardo faz com que troquemos de posição, deitando-me na cama, e me penetra com firmeza e rapidez.

— Você... Acabou... Comigo — diz entre estocadas — não consigo segurar por mais tempo.

Por isso, ele leva sua mão até o nosso encaixe e busca meu clitóris, deixando o seu polegar fazer pressão sobre ele por alguns segundos. Ele me fode e quando movimenta os dedos e me manipula, eu estremeço. Ele se libera nos movimentos seguintes.



Prefiro não lembrar quanto tempo faz que não durmo acompanhada por um homem, mas acordar sob o seu abraço quente quase me faz querer que não tivesse amanhecido. Minha manhã está atolada de coisas para fazer e quanto mais cedo eu chegar em casa, mais rápido eu vou conseguir organizar tudo. Por isso, levanto antes dele e vasculho a geladeira e os armários em busca de café em pó. Não encontro e acabo preparando omelete e um misto quente com queijo e presunto. Quando estou terminando de arrumar os pratos ele aparece na cozinha usando apenas cueca preta.

— Bom dia — ele se aproxima e me beija — café da manhã? Assim eu fico mal-acostumado.

— Café não, né? Não achei nada que contivesse cafeína nessa casa — lamento.

— Vou providenciar hoje mesmo — ele sorri enquanto leva os pratos até a mesa — já está vestida para ir?

— Sim, eu disse para você que sairia cedo — sento e como o meu misto.

— Eu levo você em casa.

— Não precisa, você disse que tem que trabalhar e eu já estou pedindo um Uber — abro o aplicativo para solicitar o carro.

— Quando nos vemos de novo?

— A gente se fala, gato — perturbo.

— Muito engraçadinha, *gata*.

— Vamos devagar, Ricardo — peço.

— Certo, vamos no tempo que você quiser.

— Eu adoro você e não quero que nada mude entre nós.

— As coisas já mudaram, Eva. Para melhor — ele sorri — mas não precisa justificar.

— Um dia de cada vez — digo.

— Um dia de cada vez — ele concorda.

Terminamos de comer e nos despedimos com um beijo carinhoso.



Ao invés de ir direto para casa, passo no supermercado para repor os itens que estavam prestes a faltar. Compro uma sacola grande, daquelas ecológicas, e junto todos os itens em um só lugar. Em frente ao meu prédio, pago o segundo Uber do dia e rezo para que as coisas continuem dando certo para que eu possa logo comprar um outro carro.

— Eva...

Não cérebro, você não vai me boicotar. Que sacanagem, me fazer ouvir essa voz.

— Nós precisamos conversar, Eva — quando eu ouço novamente, sei que não é sabotagem do meu cérebro. Mas o meu coração dispara e indica quem é que pode sabotar minha vida no momento.

Olho para trás e levo um choque ou vê-lo tão perto. Ele continua o mesmo, lindo como da primeira vez em que nos vimos. Lindo e com certeza com um arsenal novo de mentiras, ou não teria vindo até mim.

— Ora, quanto tempo — consigo dizer com a voz firme — não temos nada para conversar, Maurício.

— Precisamos e você sabe. Você me julgou e me condenou sem me ouvir novamente, Eva. Não foi justo.

— Você quer falar sobre justiça? Logo você? O filho da puta que mentiu e me iludiu duas vezes! — aumento o tom da minha voz. Ele olha ao redor, estamos de frente ao meu prédio e algumas pessoas olham para nós.

— Me deixe subir e te explico tudo que aconteceu aquele dia, eu não menti...

— Você não vai subir e não vai me persuadir com beijos, sinto muito.

— Por que você não preparou tudo com uma câmera dessa vez? É por isso que não posso subir?

— Vai se foder, Maurício — grito antes de virar as costas para entrar no prédio.

Ele me puxa pelo braço e em dois segundos estou colada em seu peito.

Sua mão segura a minha cabeça e sua boca se impõe contra a minha. Sinto o choque da familiaridade me invadir e a sensação de voltar para casa me abraça. O cheiro dele continua igual, embriagante. A barba macia roça o meu rosto e me envia ondas de prazer. Sua boca persuade a minha de maneira intensa, sua língua abre espaço e invade, tocando a minha. Em desespero, cerro os punhos e luto contra ele. Luto contra mim. Tento me afastar enquanto o meu cérebro ainda comanda as ações, mas o meu coração bate loucamente querendo que eu fique.

Por cinco segundos, deixo as emoções me levar e retribuo o beijo, abrindo a minha boca. As lágrimas surgem em meus olhos e escorrem em minha face, fazendo a analogia perfeita de tudo o que ele me causa. Quando sente que estou cedendo, ele afrouxa as mãos que me seguram e eu consigo me libertar, interrompendo o contato.

— Eu amo você, Eva — ele diz.

— Fique longe de mim — peço. — Por favor, fique longe de mim.

As lágrimas não cessam, mas meu choro é silencioso.

— Só converse comigo, juro que não toco em você se não quiser.

— Você não vai subir — repito.

— Podemos ir para qualquer lugar que você queira.

— Preciso trabalhar...

— Não vou desistir.

— Vá para o inferno — berro alto.

— Eu já estou nele, Eva.

Saio correndo em direção ao interior do prédio, antes que o meu coração idiota me leve a correr em direção contrária.



Capítulo 23



O trabalho me distraiu do meu reencontro com o Maurício ou ao menos adiou que eu lidasse com as consequências do seu retorno. Entre clientes e pedidos, mantive abafado o torpor que as suas palavras e o seu toque provocaram em mim. Entretanto, eu sei que fingir que nada tinha acontecido não é a melhor maneira de lidar com isso, por isso na manhã seguinte, envio uma

mensagem para doutor Yuri com um pedido de socorro.

Dr. Yuri sei que a nossa próxima sessão está marcada para daqui a três dias. Mas, eu PRECISO urgentemente conversar com o senhor! O meu passado retornou me assombrando e estou com medo.

Espero ansiosa pela resposta que chega minutos depois.

Tenho uma brecha no horário do almoço, o que acha?

No horário que costumamos receber mais clientes... Hesito, mas após lembrar da Bete e confirmar com a Lorena que poderia dar conta dos pedidos e do caixa, mando outra mensagem confirmando a presença.

Não havia contado a ela sobre o encontro com Maurício, mas ela notou a minha agitação e não fez perguntas quando pedi que segurasse as pontas enquanto eu ia para uma sessão fora dos dias habituais – uma vez por semana. Eu não queria ter de lidar com isso agora, não quando a minha vida está seguindo um novo caminho... Falar sobre Maurício era tocar em uma ferida não cicatrizada.

Quando Doutor Yuri chama o meu nome, caminho para a sala sabendo que terei que revisitar os sentimentos em relação ao Maurício e isso me faz temer porque sei que não estou pronta para agir racionalmente.

— Eu achei que estava pronta para encontrá-lo... — Lamento e solto o ar com força. — Mas, bastou alguns minutos ao seu lado para eu ser envolvida pelo seu toque, seu cheiro.

— O que você sentiu após revê-lo tanto tempo depois? Quais os sentimentos vieram à tona?

— Raiva, desprezo, angústia, insegurança, saudade, carinho... Os meus sentimentos são todos inconstantes quando estou ao lado dele.

— O que prevaleceu?

— Saudade e insegurança — confesso — estar ao seu lado fez com que eu lembrasse que nem tudo que vivemos foi ruim, houve bons momentos. Quando os seus olhos azuis me fitaram e disse que me amava o meu corpo me traiu e acreditou nas suas palavras. Mas, ao mesmo tempo, me senti insegura. Não era a primeira vez que ele me dizia palavras bonitas e sumia no dia seguinte. — as lágrimas rolam pelo meu rosto. — Não posso permitir que esse homem me envolva novamente. Não é justo comigo... Muito menos com o Ricardo.

— Por que não é justo com você, Eva?

— Eu estava seguindo a minha vida. Havia substituído as lágrimas pelo

sorriso, estava feliz ao lado do Ricardo com a nossa amizade e agora que há algo mais... — fungo e uso o lenço de papel — Eu mereço ser feliz, entende?

— Entendo e fico feliz que você também tenha entendido — diz com um sorriso nos lábios — mas ser feliz não é não ter problemas. Se atrelarmos a nossa felicidade a uma vida sem percalços jamais seremos felizes. Como você gosta de ler, trago sempre autores para nossa conversa... E Drummond tem um poema que diz “Que a felicidade não dependa do tempo, nem da paisagem, nem da sorte, nem do dinheiro...” E isso pode ser traduzido de várias formas, Eva. Precisamos desconstruir esse modelo engessado de felicidade que a sociedade nos impõe. As frases saudosistas do tipo “eu era feliz quando trabalhava na empresa X” ou “quando eu tiver um carro novo serei feliz” nos levam a auto sabotagem. Acabamos condicionando a nossa felicidade a um momento que não é o presente, ora estamos no passado, ora no futuro, nunca no agora.

Acompanho atentamente as palavras dele e concordo com a cabeça. Muitas vezes na minha vida eu reproduzi esse discurso. A felicidade sempre pareceu algo inatingível e com a terapia estou descobrindo que ela, na verdade, é formada por aqueles instantes que passam despercebidos na nossa vida.

— A chave para a sua felicidade dever ser somente sua. É injusto com o outro ter a obrigação de corresponder as suas expectativas e principalmente, com você, por não ter o poder de escolher o que te faz feliz.

— E se a minha felicidade implicar em trazer dor ao outro?

— Tomar decisões é sempre abrir mão de alguma outra coisa, Eva. É inevitável...

A caminho do trabalho as palavras do doutor Yuri ainda estão ecoando dentro de mim. Eu não poderia fugir de Maurício para sempre precisava enfrentar o meu passado e ainda que eu não saiba como impedir que as suas palavras me atinjam é preciso confrontá-lo, mesmo que isso implique em arrancar os *band-aid* e exibir os machucados.

Assim que piso na doceria encontro o homem que, atualmente, tem feito o meu coração errar a batida e as minhas pernas fraquejarem a cada vez que ele sorri em minha direção. Como se sentindo a minha presença no ambiente, Ricardo ergue os olhos do notebook e encontra os meus. Ele cruza a nossa pequena distância em poucos passos.

— Senti a sua falta! — Ele diz antes de envolver meu corpo num abraço apertado.

A sensação dos seus braços envolvendo o meu corpo me traz o acalento que eu nem sabia que precisava. De forma inconsciente o meu corpo procura o seu e, o que antes são apenas braços que me envolvem, transforma-se no escudo que eu precisava para me manter a salvo. É como se aquele abraço tivesse o

poder de paralisar o mundo ao meu redor, ali recostada ao seu peito eu me sentia protegida e isso fez com que meu coração desacelerasse.

— O que houve? — Ele toca o meu rosto e encontra os meus olhos vermelhos e as lágrimas ameaçando escapar.

— Só me abraça! — Não preciso pedir mais uma vez, Ricardo me envolve novamente em seu peito e eu deixo as lágrimas fluírem.

Antes que o meu choro afugentasse os clientes, ele me guia até a cozinha e eu explodo em lágrimas enquanto conto sobre o meu encontro com o Maurício.

— Eu precisava te falar a verdade... — Digo para um Ricardo estático. Ele manteve o abraço num consolo silencioso. E naquele momento eu vi apenas o amigo que estive ao meu lado durante todo esse tempo. — Diz alguma coisa. — Peço quando ele continua calado fitando o chão.

— Não é como se eu não soubesse que isso fosse acontecer.... Eu só não esperava que a presença dele fosse capaz de abalar você novamente.

— Eu continuo aqui. — Pontuo.

— Até quando? Ele é o homem que mentiu para você. Eu sou o que sempre estive disposto a ficar do seu lado, mas é só ele reaparecer para virar protagonista da sua vida, Eva.

— Eu sinto muito. — Lamento tristemente enquanto as minhas lágrimas nublam a minha visão — Eu não queria que fosse assim...

— Isso é um adeus?

— Era isso que eu temia... Era exatamente por isso que eu preferia manter a nossa relação no campo da amizade. Eu fui sincera...

— Assim como eu jamais menti em relação a como me sinto em relação a você. Você é muito mais do que um simples alguém que eu quero compartilhar a cama. Eu quero muito mais com você, Eva!

— Hum... Desculpa interromper — Lorena coloca a cabeça para dentro da cozinha — Mas, ainda temos brigadeiros trufados?

— Sim. Eu levo em dois minutos.

— Ok — ela fecha a porta.

— Eu vou te deixar trabalhar. — Ricardo se aproxima e deposita um beijo no meu rosto.

— Isso é um até breve — digo quando ele abre a porta, de costas para mim.

— Você sabe onde me encontrar.



Tudo que eu mais quero nesse exato momento é um banho quente, relaxante e demorado, para ajudar os músculos tensos do meu corpo a se soltarem. A tensão inicial se intensificou agora a noite, eu estava com medo do rumo da minha conversa com Maurício. Os meus pensamentos vagavam entre os dois homens, presente e passado, exigindo de mim uma decisão. Eu não queria adiar esse confronto e estender esse sentimento conflitante por mais tempo, por isso entro em contato com o número que eu sabia de cor. Ele atende no segundo toque.

— Alô — tento não me distrair com a sua voz.

— Estou disposta a ouvir a sua história — vou direto ao assunto.

— Você não sabe o quanto eu esperei por ouvir isso. — Sua voz sai rouca — Estou no nosso apartamento.

— Não vou até aí.

— Tem medo de reviver o passado? — Ele questiona.

— Se eu tivesse medo não teria te ligado — rebato. A minha voz sai firme, embora meu corpo todo sinta o impacto das suas palavras

— Ok, Eva. Você diz o lugar.

— Te aguardo daqui a trinta minutos no café de sempre. — Informo e encerro a ligação.

O carro que pedi pelo aplicativo chega e sigo em silêncio, perdida em meus pensamentos. Eu reproduzo o beijo do Maurício na minha cabeça. Foi intenso. Doce. Familiar. Era como se ele nunca tivesse ido embora, como se tivesse ficado ao meu lado durante toda a tempestade. Mas foram as suas palavras no final que me fez decidir ouvir a sua versão dos fatos. “Eu já estou no inferno”... Eu sei como é nesse lugar, a diferença é que ele havia me levado até lá e me deixado sozinha com os meus pecados. Passei muito tempo sozinha e triste, lamentando-me por tudo que poderia ter sido e não foi. Todavia, eu havia atravessado esse longo caminho e encontrado uma mão amiga para me acompanhar nessa jornada.

É impossível pensar no Ricardo e não lembrar do Maurício. O primeiro havia entrado na minha vida por intermédio do segundo. Mas as semelhanças terminavam aí. Ricardo esteve ao meu lado nos meus piores momentos, sempre com uma palavra amiga, um sorriso e seu jeito doce. A nossa relação tinha um elo forte pautado na confiança e no companheirismo. Eu gostava de estar ao seu lado, de ouvir o som da sua risada, do seu toque, do seu beijo doce. Quando eu achava que a nossa relação não poderia melhorar, ela evoluiu e viver o que estamos vivendo é diferente de uma maneira boa.

— Chegamos, senhora — o motorista anuncia e eu respiro fundo depois de pagar, ao descer do carro.

Olho para a cafeteria à minha frente e penso em todas as vezes em que estive ali. Ainda que inconscientemente, parecia ser o lugar ideal para essa conversa. Eu não queria que Maurício invadisse o meu novo mundo que era a *Paraíso*, muito menos encontrá-lo no hotel ou qualquer outro lugar em que estivéssemos sozinhos. A cafeteria é um lugar público e foi lá que ele revelou ser o homem misterioso das mensagens. Além do café ser divino e eu, definitivamente, precisar de uma dose extra de cafeína.

Maurício acena assim que passo pela porta de vidro. E cada passo que dou até ele, me lembra da primeira vez em que nos encontramos nessa mesma mesa em que ele está. Mais uma vez, os meus passos são inseguros, não sei o que me espera.

— Eu fiz o seu pedido. Dose extra de chantili, acertei? — Indaga sorrindo e estende o copo em minha direção. Nossos dedos se tocam e eu afasto a mão rapidamente.

— Como foi o seu dia? — ele rompe o silêncio, quando eu tomo o primeiro gole.

— Você acha mesmo que pode retornar de onde paramos? Acha que pode aparecer na minha frente e simplesmente perguntar como foi o meu dia e esperar que eu compartilhe novamente a minha vida com você? Você é mais egoísta do que pensei.

— Achei que tivesse vindo me dar a chance de defesa.

— Talvez não haja defesa para o que você me fez — baixo os olhos para que ele não veja as lágrimas acumulando.

— Já disse isso uma vez e torno a repetir: toda história tem, pelo menos, dois lados. Posso contar o meu?

Permaneço em silêncio, usando o café para me manter calada.

— Estava tudo certo, nós recomençariamos nossa vida no dia seguinte. Aquele dia, no hotel em Brasília, o meu mundo estava voltando a ter cor. Você faz tudo fazer sentido, Eva — ele me encara, mas eu desvio o olhar — depois

que saí de lá contei os segundos para estar nos seus braços novamente. Eu estava ansioso para que o horário combinado chegasse e embarcássemos para longe de todos.

Ouçó suas palavras como um reflexo de tudo que eu senti naquele dia.

— Depois do aniversário da minha filha, assim que a festa acabou, conversei com Natalie. Pedi um tempo. Dormi no quarto de hóspedes e tudo o mais — busco qualquer traço de mentira nele, mas não consigo encontrar. — Nós combinamos bem antes no aeroporto, lembra? Eu não queria atrasar, saí ainda mais cedo e passei na floricultura, para comprar uma lembrança que indicasse o nosso recomeço. Eu estava a caminho do aeroporto quando recebi uma ligação de casa, me disseram que a Natalie e o Gael, nosso filho mais novo, haviam se envolvido em um acidente.

— Te liguei diversas vezes...

— Eu enlouqueci, Eva. Quando ouvi as palavras hospital e Gael em uma mesma frase, não consegui fazer outra coisa além de dirigir para lá. Posso ter sido egoísta, mas estava desesperado. A mãe dos meus filhos, que sempre foi preocupada com o bem-estar das crianças, entrou no carro e seguiu em disparada em direção a sabe-se lá o quê, carregando o nosso filho no banco de trás. Quando cheguei até a urgência médica eu temia, pois não sabia o que eu iria encontrar. Eu aguardava na sala de espera, aflito por notícias.

— Eu não sabia... — O peso das suas palavras me atinge em cheio. Ele realmente estava indo cumprir a sua promessa, iria ao meu encontro, talvez se eu não tivesse mandado o vídeo nós estivéssemos juntos hoje.

— Horas mais tardes eu descobri o motivo dela ter agido de forma tão imprudente. Natalie havia perdido o controle das emoções quando eu saí de casa para reencontrar você. Ela sabia que não haveria volta e doía muito permanecer na casa que vivemos juntos todos esses anos sem a minha presença. Abalada, ela pegou o nosso filho e entrou no carro, os funcionários tentaram impedi-la dizendo que não estava em condições de dirigir, mas ela os ignorou e saiu pisando firme no acelerador. Ela não foi muito longe, a alguns metros do nosso condomínio, ela perdeu o controle do carro e acabou se chocando contra uma mureta.

Maurício interrompe a sua fala e respira fundo, posso ver a dor no seu rosto, ele se culpa pelo que tinha acontecido. Quando seus olhos encontram os meus novamente eles parecem uma cascata se derramando.

— Meu filho teve o supercílio aberto com o impacto da pancada, o que resultou em seis pontos no local. Quando eu olho para ele hoje vejo uma pequena cicatriz acima do olho direito, registrando feito tatuagem o merda do pai que eu sou. Se tinha uma coisa que eu podia me orgulhar era de ser um bom

pai, de ter acompanhado o crescimento deles de perto. Hoje eu estou impedido até de vê-los sem alguém para nos acompanhar. Eu sou considerado uma ameaça para os meus próprios filhos — as lágrimas molham o seu rosto.

— Por que a Natalie faria uma coisa dessas?

— O que você acha que aconteceu, Eva? — ele me fita longamente — Como você acha que a mulher que recebeu um vídeo do seu marido fodendo com outra mulher reagiria? A minha vida se transformou num verdadeiro inferno.

— Agora você sabe o que eu passei.

— Quando você se tornou essa mulher fria?

— Talvez tenha sido no dia que você entrou na minha vida e decidi omitir uma parte primordial de quem você era — respondo com sinceridade.

— O seu ataque impulsivo me trouxe consequências. Tive que sair da empresa que eu ajudei a construir como se eu fosse um qualquer, enfrentar um batalhão de advogados dispostos a arrancar a minha pele me atacaram sem a menor piedade. Eu te liguei e teria te procurado antes, mas estava sem a menor condição de fazer isso.

— Realmente sinto muito por ter enviado o vídeo, Natalie me procurou e me fez perceber que ela era tão vítima quanto eu.

— Não sou o único que engana aqui, Eva... — ele me acusa — você gravou um momento íntimo sem o meu consentimento. Premeditou cada passo daquele dia.

— Não inverta a situação. Não fale como se eu mesma não soubesse o que é ter a vida destruída. Eu perdi o meu emprego, você conseguiu afugentar até o meu amor pela gastronomia... Passei um tempo sem ter a mínima vontade de fazer absolutamente nada. Você roubou a minha vida, passei a ser uma pessoa que só remoe sofrimento diariamente... Sofrimento ocasionado pela sua teia de mentiras.

— Eu já falei que sinto muito por ter mentido para você — suas mãos tocam as minhas e enviam uma corrente de eletricidade por todo o meu corpo — eu não pretendia me apaixonar por você, eu lutei para não dar vazão a esse sentimento... Acredite em mim, Eva, teria sido mais fácil se eu não te amasse.

— Isso não aplaca o sofrimento que você me causou — retiro a sua mão de cima da minha.

— Vamos continuar andando em círculos? Presos aos desencontros do nosso passado. Merecemos uma nova chance, Eva.

— Você tem razão, temos que seguir em frente — ele sorri — espero que possa ser feliz, Maurício.

— Não há caminho a seguir sem você, Eva.

— Não torne tudo mais difícil do que já é — peço.

— Você quer que eu facilite as coisas? A mulher que eu amo está dizendo que devemos seguir caminhos distintos e você espera que eu sorria e diga que entendo? Desculpa, mas eu não entendo. Eu te amo e estou disposto a reconquistar o seu amor. Eu sei que você ainda me ama... Confia em mim, amor.

— Você fala como se soubesse o que é melhor para mim. Eu mudei muito nesse curto período.

— Sua mudança arrancou o amor que você sente por mim do seu peito? — Posso ver o brilho de satisfação do seu olhar quando não discordo.

— Eu cumpro a minha palavra e ouvi a sua versão. Entendo o que quis me dizer, mas não há como mudar tudo que passou. Boa sorte na sua nova vida, Maurício — desejo e me levanto, saindo da cafeteria rapidamente.

Seus passos me seguem, apressado ele me alcança na calçada aguardo o carro chegar.

— Boa sorte? — Diz num tom de voz elevado.

— Já falamos tudo que tínhamos para dizer um para o outro...

— Olha nos meus olhos e diz que não me ama — ele pede, se colocando em minha frente. Permaneço calada. — Não vou desistir de você, amor — ele dá um passo em minha direção, eu recuo.

— Você disse que não me tocaria — lembro — e eu não quero que me toque.

— Isso só me prova que você ainda me deseja — ele ri.

— Você não é mais o centro do meu universo — respondo, irritada.

— Há alguém ocupando essa posição? — ele estreita os olhos — Quem é o homem que aceitou as migalhas do seu amor?

— Adeus, Maurício — despeço-me quando o carro preto estaciona e eu corro para dentro do veículo, pedindo para que o motorista saia em disparada. Maurício observa eu me afastar, estático.

Ainda não sabia como lidar com todas aquelas informações, mas haveria um modo.



Capítulo 24



Mergulhar no que me faz bem, é o que repito para mim mesma a cada cinco minutos. Concentro-me nos bolos e doces, mantendo meu corpo em movimento e minha mente focada nas atividades de que gosto. A *Paraíso* é a minha melhor fonte de amor e ocupação. Não há um segundo sequer em que eu possa ficar parada e hoje não foi diferente: loja cheia, clientes satisfeitos e *chef*

atarefada.

Estou repondo o estoque de *mousse* de chocolate meio amargo quando a Bete me informa que tem um “gato” querendo me ver. Achava que a essa altura ela soubesse que pode liberar a entrada do Ricardo sem preocupações com minha integridade física. Finalizo a decoração dos copinhos, arrumo na bandeja e saio para colocar na vitrine e encontra-lo. Mas paro assim que o vejo, sentindo o impacto de tê-lo no meu mundo novo. Respiro fundo e termino a tarefa com a vitrine, sob o escrutínio do seu olhar.

— Depois me ensina como faz para atrair tanto homem lindo... — Bete sussurra no meu ouvido.

— É cilada — respondo em um tom audível e ele sorri de lado. — O que gostaria, Maurício?

— Eu vim te parabenizar por essa conquista — ela olha ao redor — esse lugar é a sua cara, amor.

— Obrigada. Posso ajudá-lo em algo mais?

— Um jantar. Vim te convidar para um jantar em comemoração à sua nova fase. Eu queria ter estado ao seu lado nesse momento tão especial, mas você rejeita as minhas ligações e ignora as minhas mensagens. Achei que o tempo fosse um bom aliado, mas estava enganado.

— Faz dois dias apenas.

— Se me lembro bem, cada dia longe de você parecia uma eternidade.

— E mesmo assim você passava quinze dias vivendo outra vida.

— Eva...

— Não dá para esquecer tudo isso — Bete está atenta a nossa interação e vejo que alguns clientes também. — Depois conversamos, aqui não é lugar para isso. É o meu trabalho.

— Não saio daqui sem a sua companhia para jantar.

— A loja só fecha daqui há duas horas.

— Eu espero — ele sorri em êxtase — será que você me daria a honra de me servir uma fatia dessa torta de avelã? — cerro os olhos e atendo ao seu pedido, cortando a fatia e servindo-o. Espero que ele vá sentar, mas ali mesmo, no balcão, ele leva o garfo a boca e abocanha um grande pedaço. — Hum... Senti tanta falta do seu sabor. — A frase nada inocente me traz lembranças dele entre as minhas pernas dizendo essas mesmas palavras. Meu corpo esquenta um pouquinho com isso.

— Boa noite, eu quero uma fatia de torta de limão e dois brigadeiros para viagem! — O pedido me lembra onde exatamente estou e antes que eu possa atende-lo Bete já está fazendo isso.

— Vou terminar umas coisas lá dentro — informo a qualquer um que

possa ouvir e saio dali.



As horas se arrastam até o grande momento em que lavo o último utensílio, quando Bete se despede. Sigo para a frente da loja que está completamente vazia. Sinto-me ansiosa, como se estivesse prestes a ir ao meu primeiro encontro. *Menos, Eva, bem menos!* Repreendo-me mentalmente quando ele levanta e fica ao meu lado enquanto fecho as portas da *Paraíso*.

— Estou sem carro — digo com lamento, seria muito mais fácil se não estivéssemos em um ambiente tão apertado.

— Vamos no meu...

— Não sei se é uma ideia boa — hesito quando chegamos em frente ao carro que eu conheço bem.

— Amor — ele se aproxima — se você tem tanto medo de estar comigo isso deve significar alguma coisa, não acha?

Engulo em seco. Ele tem razão, eu não preciso temer nada.

— Vamos de uma vez — abro a porta do passageiro e me sento, enquanto ele arrodeia o carro e faz o mesmo.

— Fiquei em dúvida sobre o lugar em que a *chef* aprovaria e pensei que o seu antigo restaurante fosse a melhor escolha. Espero ter acertado — Maurício rompe o silêncio que perdurou o caminho inteiro quando para em frente ao restaurante.

— A comida é excelente — limito-me a responder ainda tentando controlar as minhas emoções.

A sensação que me domina quando piso no interior do restaurante é dúvida, esse lugar me traz boas e más recordações. Foi aqui que adquiri experiência e aprendi a lidar com a pressão. A profissional que sou hoje tem dedo de Luiz Torricelli, ele foi um patrão exemplar, sempre íntegro e prestativo. Com certeza será a minha inspiração para o trato com todos que trabalharem comigo. Também foi aqui que eu conheci o Maurício e nossa vida se entrelaçou para nunca mais se soltar...

— Boa noite, senhores. Eva, que prazer vê-la aqui. Como vai? — Diego

aproxima-se nos guiando até uma mesa para dois.

— Bem, obrigada.

— Soube que é uma empresária de sucesso, meus parabéns! — O elogio é sincero.

— Obrigada, Diego. Estou começando...

— Modesta como sempre, ela é realmente um sucesso — Maurício responde.

— Já sabem o que vão pedir? — Entrega-nos os cardápios.

— Vamos começar com um champanhe, estamos comemorando — Maurício sorri — e que tal deixar a escolha do prato ser sugestão do *chef*? — ele busca confirmação em mim, eu assinto em concordância.

— Excelente escolha, senhor...

— Lacerda. — Maurício diz seu outro sobrenome e Diego assente.

— Tenham uma excelente noite. — Deseja, antes de afastar.

— Não me surpreenderia se no lugar de camarões e lagostas viessem baratas e escorpiões. O *chef* não é o meu maior fã — dou de ombros.

— Vocês tiveram problemas?

— Se por problema você entender ele me humilhar e eu revidar jogando uma panela de molho em sua cabeça, tivemos sim.

— Não acredito que você foi capaz — ele deixa um belo sorriso nascer e crescer.

— Você já sabe do que eu sou capaz quando ultrapassam os limites comigo — respondo sem sorrir.

— Sobre as baratas e escorpiões — ele desconversa — seria uma experiência inovadora. Sempre quis visitar países diferentes para degustar dessas iguarias — sorri.

— Eu dispenso essa aventura, prefiro ficar com as massas italianas e os doces franceses.

— Podemos passar por Paris e tomar café aos pés da torre Eiffel. Para quando compro as passagens? — Questiona, levantando uma sobrancelha.

— A minha agenda está lotada pelos próximos cinco anos — dou de ombros, dispensando o convite.

— Um pulinho na Europa não tirará de você o posto de mulher bem-sucedida... Além do mais, é preciso dosar lazer e trabalho.

— E quem disse que não estou fazendo isso? Saí para dançar um dia desses.

— Não sabia que gostava frequentar boates... — seu tom é surpreso.

— Há muitas coisas sobre mim que você não sabe.

— Estou disposto a desvendar cada segredo seu com a calma que você

merece — o garçom chega com o espumante, um dos mais caros do lugar, nesse segundo. Serve as taças e nos deixa a vontade.

O jantar é servido algum tempo depois, eu já havia tomado algumas taças de espumante. Não sei se por causa do álcool ou das tentativas de Maurício de me agradar, mas quando nossos pratos chegam o jantar corre sem constrangimento, de forma leve. Talvez, para qualquer desconhecido que nos observe nesse momento, somos casal feliz jantando em um dia comum.

— Podemos tentar novamente, Eva — seus olhos me fitam e eu mergulho naquela imensidão azul — Vamos construir novas memórias. A gente precisa se dar essa chance.

E eu sei que é assim que o jogo pode se reiniciar, eu só preciso apertar o *play* para começar de novo. Mas o botão mais parece o detonador de um explosivo... Não sei se quero apertá-lo.

— Vamos pedir a conta? — Evito a resposta e ele assente, entendendo o meu recuo. Maurício faz sinal para o garçom se aproximar e trazer a conta, o que não demora a acontecer.

— O senhor Torricelli está aqui? — Pergunto ao Ramon, que continua trabalhando ali. Faz muito tempo que não nos falamos... Ele não havia ficado muito contente quando paramos de transar porque eu estava apaixonada pelo homem em minha frente, logo não mantivemos uma amizade verdadeira ao longo desse tempo.

— Não, ele e a esposa não estão no restaurante hoje.

— Quer cumprimentar o *chef*? — Maurício sugere com um olhar terrível.

Essa seria a minha chance de revidar. Como cliente eu poderia dizer muitas coisas ao infeliz e ele teria que ouvir calado, já que isso aconteceria no meio do restaurante. Mas não vale a pena. Não preciso descer novamente até o nível dele para me vingar. O meu sucesso falará por mim.

— Não, a comida não estava boa o suficiente — digo, com um sorriso — esse recado você pode passar Ramon, diz que a cliente reclamou que tem sal demais — pisco para ele que sorri.

— Fico feliz em vê-la bem, Eva.

— Obrigada mesmo — sorrio e ele acena, se afastando.

Quando saímos do restaurante em direção ao carro, ele entrelaça as nossas mãos e percebo o quanto ainda é vívido em mim todas as vezes que nos beijamos nesse estacionamento. Pé ante pé, chegamos até o carro. Ele se aproxima e eu dou um passo para trás. Encosto no carro. Sinto suas mãos se aproximarem do meu rosto. Meu coração martela em meu peito. Quando finalmente seus sábios tocam os meus, não consigo reagir. Permito que ele aprecie a minha boca fechada e sinto sua língua passar delicadamente sobre os

meus lábios fechados. Sua boca faz pressão contra a minha, que se abre e, aos poucos, meu corpo se deixa levar pelo toque familiar... Mas a minha mente não.

Não é isso que eu quero.

— Desculpa — digo ao manter apenas as nossas testas encostadas — não consigo fazer isso.

Ele me abraça forte e eu me agarro contra o seu corpo, sentindo toda a pressão do momento irromper através da minha força de vontade.

— Eu amo você, Eva — ele sussurra contra os meus cabelos e as lágrimas escorrem pelo meu rosto.

— Eu amei você, Maurício — deixo o choro vir — mas acabei de perceber que me amo mais.

Ele se afasta e me encara, usando as mãos para secar as minhas lágrimas. Vejo os seus olhos marejados e duas lágrimas escorrerem ali.

— Tudo que vivemos foi verdadeiro, eu nunca conseguiria fingir tais sentimentos — ele confessa.

— Eu sei...

— Não me arrependo de ter me envolvido com você — ele afirma.

— Não posso dizer o mesmo — lamento — mas não há como mudar o que aconteceu. Não era pra ser.

— Você sabe que ainda dá pra ser.

— Não dá, não confio em você. Não existe amor sem confiança. Nossa relação seria doentia e eu não mereço isso.

— Me perdoa, Eva.

— Eu perdoo, Maurício. Mas não consigo esquecer — enxugo as lágrimas — existem amores que a gente gostaria que dessem certo, mas nunca darão e esse é um dos exemplos. Essa noite agradável e esse beijo fizeram eu perceber que realmente acabou.

— Você é a mulher da minha vida e continuará sendo...

— Você foi o homem da minha vida, mas não é mais. Por favor, não me faça odiá-lo de novo.

— Vou levar você para casa — ele enxuga suas próprias lágrimas e abre a porta para mim.

— Obrigada — aceito a carona com o coração mais leve.

Ele dirige em silêncio, eu contemplo a paisagem, que nem enxergo, pela janela. Quando ele para em frente ao meu apartamento, olhamos um para o outro.

— Então, é assim que acaba? — ele pergunta.

— Sim, é assim que acaba a nossa relação e que se inicia uma nova fase para cada um de nós.

— Eu não queria fazer você sofrer...

— Mas fez e não há como mudar. Também sinto muito pelo estrago que causei em sua vida. Bola para frente!

— Você é uma mulher incrível, não esqueça.

— Não vou esquecer. Adeus, Maurício.

Ele não responde.

Eu não olho para trás.



Quando entro no meu apartamento e organizo tudo que tenho a fazer no dia seguinte, sei que essa foi a melhor decisão que já tomei. Tomo banho e deito para dormir repassando a nossa conversa final, mas não sinto o desespero que as lembranças me traziam anteriormente. Olho meu celular enquanto o sono não chega e leio uma frase em um dos muitos perfis, sobre valorização pessoal e relacionamentos, que sigo no *Instagram*. A imagem diz basicamente que uma ferida não seria curada enquanto você deixasse que o causador dela a tocasse quantas vezes quisesse, e eu tinha acabado de dar um fim a isso. Maurício não seria um fantasma a me assombrar toda vez que eu pensasse que o estava esquecendo. Ele perdeu esse poder, sou perfeitamente capaz de encarar o medo e acender as luzes.

Acabou.



Capítulo 25



— Posso ir embora, *chef*? — Bete indaga, sorrindo.

— Hum... — Finjo pensar e ela me olha aflita. Minha ajudante havia me confidenciado que um *crush* – é assim que chamam paquera atualmente – a convidou para assistir a um filme juntos e ela estava ansiosa pelo encontro. — Claro que pode ir — sorrio e ela respira aliviada — que a sua noite seja

maravilhosa!

— Obrigada. Mas, acho que eu não serei a única a ter uma noite maravilhosa... — Ela olha para trás e Ricardo aparece, um instante depois.

— Vim só comprar um doce, mas ela insistiu que você ficaria feliz em me ver — ele ergue as mãos sorrindo.

— E estava certa! Veja o sorriso imenso no rosto dela. Boa noite, pessoal.
— Bete se afasta deixando-nos a sós.

Agora de frente a ele, tomo dimensão do quanto eu senti a sua falta, Ricardo havia se afastado esses dias, mais precisamente desde que eu o contei sobre o retorno do Maurício. De certo modo, eu o agradecia por isso.

— Quem é vivo sempre aparece — alfineto e ele sorri.

— Estava aqui por perto e fui atraído pelo cheiro dos doces. Você sabe que eu não resisto a doces.

— Sei? — ergo a sobrancelha, sorrindo.

— Aos doces de Eva Prado, em específico — ele caminha até parar em minha frente.

Estou finalizando a decoração de uma torta, depositando morangos sobre o chantili. Ele fita a minha boca, mas deixa seu olhar baixar até minha mão, para em seguida, abocanhar a fruta. Seus lábios tocam os meus dedos, provocando um arrepio na minha pele. Ricardo os suga e um gemido escapa dos meus lábios.

— Eu senti tanto a falta disso... — sua voz sai rouca.

— Eu também — confesso.

Ele passa os braços sobre a minha cintura e me puxa para si. Sua boca cola na minha e eu me abro para recebê-lo, sentindo mais que o sabor de morango, sinto o sabor de uma doce saudade. Quando ele interrompe o beijo estamos ofegantes. Me esfrego contra o seu corpo e sinto a sua ereção ganhar vida

— Você vai me enlouquecer... — Ele sorri e aperta a minha bunda com força.

— Alguém precisava trazer um pouco de insanidade a sua vida perfeita — mordo seus lábios, provocando-o.

— Isso é uma crítica? — Ele ergue a sobrancelha.

— Não — sorrio — eu gosto de você exatamente assim, senhor perfeito.

— Esse título não é bom — discorda — nas séries, as mulheres não amam os homens perfeitos, esse são destinados a serem amigos — rio alto com seu comentário, pois não deixava de ser verdade. Os *bad-boys* e homens com passados obscuros também são os perfis românticos mais aclamados nos livros.
— Viu só, até você concorda. Não vai ter jeito, terei que revelar o meu segredo obscuro para romper com essa imagem intocável que você tem de mim.

— Qual seria o seu segredo obscuro? — pergunto, sorrindo.

— Não sei você está pronta para lidar com ele — ele fala com um ar de mistério.

— Se eu fosse você arriscaria, afinal o que você tem a perder? Estamos entre amigos. — Perturbo.

— Está bem... — ele pondera — eu coleciono as calcinhas das minhas ex-namoradas.

— Oi? — Ele me pega de surpresa com a revelação.

— Está faltando a sua para a minha coleção.

— Não estamos namorando...

— Se for por falta de convite — Insinua, mas eu não reajo. Estava duplamente surpresa. Eu nunca imaginei que ele colecionasse calcinhas das ex-namoradas. E esse pedido de namoro em tom de brincadeira? Ricardo rompe em uma risada alta que faz lágrimas escaparem dos seus olhos.

— Qual é a graça? — Pergunto sem entender sua reação inesperada.

— A sua cara — ele diz entre risos — você ficou perplexa com a minha revelação.

— Fui pega de surpresa. É difícil pensar que um homem como você faz esse tipo de coisa...

— É brincadeira — ele confessa e eu soco seu braço — mas, eu posso começar a coleção com as suas. O que você está usando?

— Que tal você mesmo descobrir? — insinuo — eu só preciso acabar aqui e serei sua! — Deposito um selinho nos seus lábios e me afasto para lavar as mãos.

Finalizo a torta rapidamente, deixando-a separada, é encomenda de uma cliente para o dia seguinte. Fecho o caixa e a loja, pronta para partir. Estamos caminhando abraçados em direção ao carro do Ricardo, quando uma figura masculina surge em nossa mente. É como se ele se materializasse ali, vindo do nada.

— Então é esse o motivo, Eva? — Maurício indaga e os seus olhos se fixam nos braços de Ricardo em volta da minha cintura, sinto a mão do meu acompanhante me segurar com mais força.

— Já encerramos o assunto, Maurício. — Respondo com calma.

— Vocês estão juntos?

— Não é o que parece? — Ricardo responde com outra pergunta.

— Eva, eu te fiz uma pergunta — Maurício volta a se dirigir a mim, ignorando Ricardo. Eu hesito por que não sei como definir a minha relação com ele.

— Vamos, Eva? — Assinto e damos alguns passos, passando por

Maurício.

— Você me trocou por alguém igual a mim — Maurício acusa — Que belo fura olho você é, Ricardo. Se envolveu com ela sabendo que era minha!

— Não tinha uma etiqueta com o seu nome — Ricardo rebate.

— Não sou propriedade de ninguém — digo aos dois.

— Então foi você o responsável por encher a cabeça dela com coisas negativas ao meu respeito, seu filho da puta — Maurício insiste — você sempre teve inveja de mim, não é? Eu conquistei tudo que você sempre desejou.

— Do que você está falando? — Ricardo recua.

— Você já contou a Eva sobre ser apaixonado pela Natalie na adolescência?

Sou pega de surpresa com a informação. Afasto as mãos dele do meu corpo e o encaro, esperando que ele negue.

— Pelo visto, não — Maurício sorri, vitorioso — o íntegro Ricardo mentiu, por que não estou surpreso? Eu conheço o seu passado, sei como pode você ser um homem mesquinho.

— Eva — Ricardo volta-se para mim — o que eu senti pela Natalie foi uma paixão de adolescente. Nada com importância na minha vida.

— Tão sem importância que você precisou mudar de cidade. Ou vai dizer que foi coincidências você ter ido para o Rio quando nos casamos?

— Claro que é coincidência e você sabe muito bem disso — Ricardo fala com a voz alterada — Eu havia sido aprovado no vestibular da federal.

— Isso é o que você conta — ele dá de ombros — a verdade é que você sempre invejou a vida que eu criei ao lado de Natalie, nunca lidou bem com o fato de eu assumir a empresa da sua família.

— Você só pode estar maluco. Se eu fosse esse cara tão invejoso por que me convidaram para ser o padrinho da Ju? A sua história é mentirosa assim como a forma que você conduz a sua vida.

— O convite foi ideia da Natalie.... Talvez tenha sido a forma que ela encontrou de manter você perto.

— O que você está insinuando? — Ricardo pergunta e vejo a raiva no seu olhar.

— Será que devo pedir um exame de DNA? — Maurício pergunta e Ricardo atinge o seu rosto com força, acertando um soco em cheio na sua face, fazendo-o cambalear. — Seu filho da puta! — Maurício reage partindo para cima dele, devolvendo o golpe.

— Como você pode ser tão cretino? — Ricardo rosna.

— Me diz você que roubou a minha mulher — Maurício diz, avançando mais uma vez contra ele.

— Parem! — Grito, mas eles continuam atracados — O que vocês acham que estão fazendo? Estão se atacando feito dois animais em frente à minha loja.

Eles se separam e olham para mim.

— A culpa foi dele! — Ricardo acusa.

— Não importa quem começou. Vão aparar as arestas de vocês em outro lugar.

— Eu não tenho mais nada para falar com esse verme — Maurício disse com desdém — eu vim conversar com você.

— Ela está acompanhada, não percebeu?

— Não fale por ela — Maurício reage.

— Eu estou cansada, tudo que eu preciso é da minha cama e não ficar no meio de uma guerra imbecil de machos.

— Eu te levo em casa — Ricardo disse.

— Eu posso levar você, Eva — Maurício também oferece.

— Eu pego um táxi. — Respondo e dou as costas, seguindo em direção ao ponto de táxi, deixando-os para trás.



Depois de uma ducha quente e demorada deito para dormir, mas o sono não vem. A minha mente reproduz a briga entre Ricardo e Maurício, as trocas de acusações e a verdade revelada. A inquietação domina todo o meu corpo. Eu quero respostas para perguntas que eu não consigo elaborar.

Sento-me na cama e ligo a luz do abajur, esticando as mãos para pegar caneta e caderno dispostos no criado-mudo. Encontro o que procuro nas primeiras páginas, um exercício que aprendi na terapia. Quando compartilhei com o terapeuta a confusão de sentimentos que o retorno de Maurício me acarretou, doutor Yuri aplicou um exercício que consistia basicamente em eu registrar a situação-problema e descrever as emoções ocasionadas por ela.

É isso que eu faço agora: transfiro para o papel os sentimentos e emoções que atordoam a minha mente. Enquanto eu enumero as reações físicas, emocionais e fisiológicas que o embate causou, quase que posso sentir o peso ser retirado das minhas costas, como se eu largasse no chão uma mochila cheia de pedras. Quando finalizo a tarefa, fecho o caderno e suspiro, aliviada. Conseguir racionalizar aquela situação é um grande passo, em outros tempos eu estaria angustiada, emotiva e me desmanchando em lágrimas. E esse combo resultava em uma Eva impulsiva. A terapia me ajudou a compreender que, embora não tenhamos controles dos sentimentos, podemos aprender a lidar com eles. E eu estou muito orgulhosa por conseguir lidar com tudo isso. Adormeci em seguida, me sentindo bem comigo mesma.



A semana corre rápido e eu trabalho até a exaustão. A *Paraíso* cresce em ritmo acelerado e isso faz com que eu precise concentrar todas as minhas energias no trabalho. Ignoro as ligações de Maurício, deixando claro que realmente não haverá volta, independente de eu estar com o Ricardo ou não. Por falar nele, o dispenso com a desculpa verdadeira de que eu preciso trabalhar. E assim, os dias passaram sem nenhum incidente crítico. Até agora.

Já passa das onze da noite, caminho para o meu quarto com um balde de pipoca para comer enquanto assistia *Nailed It!* – um programa de televisão estrangeiro no qual confeitadores amadores tentam reproduzir bolos de *chef's* renomados e o resultado é uma verdadeira catástrofe, as reproduções são sempre horríveis e a gente se diverte com o mico alheio – quando vozes alteradas chamam a minha atenção. Como moro no primeiro andar, o barulho é facilmente ouvido.

— Eva! — Alguém berra alto, mas não reconheço o dono da voz.

O interfone toca, segundos depois, e eu descubro quem chama pelo meu nome.

— Um homem chamado Ricardo está insistindo em falar com a senhora. Ele está bêbado, tumultuando a entrada e saída dos moradores. Devo chamar a polícia?

— Não precisa, estou descendo para resolver o problema. Obrigada.

Quando chego à portaria, o encontro segurando a grade de ferro, com as duas mãos, gritando o meu nome a plenos pulmões

— Apareceu a margarida! — As palavras saem trôpegas.

— Você não disse que não bebia? — Acuso, de dentro do prédio.

— Não é isso que a gente faz quando leva um pé na bunda? — dá de ombros — eu precisava te ver.

— E não podia esperar até amanhã?

— Não! Esperei demais... Eu nem dormi esses dias todos pensando em você.

— Dá para dar licença, eu quero entrar! — uma mulher mal-humorada esbarra no Ricardo e entra no prédio. Ele aproveita a passagem dela e também entra.

— Você não tem autorização para entrar — o porteiro acusa, irritado. — Ponha-se para fora ou ligarei para a polícia. — ameaça.

— Faça isso, moço — Ricardo estende as mãos — assim terei uma ficha criminal e serei menos perfeito não é, Eva? — ele me alfineta — O senhor sabia que uma universidade americana constatou que as mulheres casam com os certinhos — usa aspas na palavra — mas preferem transar com os bad-boys?

O porteiro move o olhar dele para mim e assinto, deixando claro que está tudo sob controle.

— Você não é mais perfeito, já me provou que é um bêbado chato, agora vamos pedir um táxi. O senhor faria isso por mim? — O porteiro assente e sai para solicitar o carro.

— Como sabe que eu não estou com meu carro?

— Você é racional demais para sair dirigindo embriagado.

— Sou tão previsível assim? — ele dá dois passos até parar em minha frente — Então responde: que vou fazer agora? — Pergunta, sorrindo.

Não chego a formular a resposta, pois a sua boca esmaga a minha. Surpresa, demoro para reagir, mas logo meus lábios se abrem para recebê-lo.

— Eu te amo, Eva! — ele diz quando afasta nossas bocas. — E a menos que você diga que não há, nem haverá lugar para mim em sua vida, não irei embora.

— Ricardo...

— Eu sei da porra do seu passado, mas eu estou aqui disposto a lutar por seu amor... Me deixa contar a minha versão dos fatos.

— Pode deixar que eu mesma chamo o táxi de lá de casa — informo ao porteiro, após ponderar. Eu havia dado a oportunidade de Maurício falar, é o mínimo que posso fazer por Ricardo.

O elevador demora a chegar, provavelmente alguém estava segurando em algum andar, por isso subimos a escada. Ricardo, com seus passos cambaleantes, segue ao meu lado. Peço que ele passe os braços sobre os meus ombros para que eu sirva de suporte para que ele permaneça de pé. É uma ideia absurda, eu sei, pois não tenho como manter esse homem de pé caso suas pernas fraquejem. Se ele tropeçar, seremos dois corpos rolando escada abaixo e essa ideia me apavora. Todavia, não é a minha racionalidade quem comanda. Paramos diversas vezes tornando o curto trajeto, longo. Quando enfim chegamos ao apartamento,

seguimos até o sofá e ele se senta desajeitado.

— Vou fazer um café forte — tento me afastar, mas a sua mão me segura pelo braço.

— Só me escuta...

— Eu farei isso, mas antes você precisa de um café.

— Não. Eu preciso de você, Eva — seus olhos fitam os meus longamente e vejo dor neles, além de um hematoma abaixo no seu queixo, provavelmente resultado da briga com Maurício.

— Você precisa saber que amanhã vai se envergonhar disso, certo? — Brinco para aliviar o clima.

— Eu tinha elaborado um ótimo discurso, mas ele sumiu da minha cabeça quando entornei o terceiro ou foi o quarto copo — ele para e pensa — o garçom me sugeriu Whisky para afogar as mágoas, mas o gosto é péssimo, mas *Pina Colada* tinha um sabor doce, aí bebi vários... A gente podia ir nesse bar qualquer dia desses... Você vai gostar. Eles fazem bons drinks e os garçons são excelentes ouvintes.

As palavras saem desorganizadas, ele fala fazendo inúmeras pausas, tentando organizar o pensamento.

— Quando você cresce em meio a um lar que transborda amor você passa a acreditar na força desse sentimento. Meus pais estão casados há trinta e seis anos — ele vai ao assunto principal — trinta e muitos anos de cumplicidade, respeito, carinho e amor. Em todos esses anos eles nunca deixaram de se admirar e torcer pelo outro... Eles eram grandes amigos. Nós também somos, hein, Eva? — ele ri alto — eles cresceram no mesmo bairro, estudaram juntos e somente muito anos depois meu pai olhou para aquela amiga bonita e viu a futura mãe dos seus filhos. Acho que quero café!

É minha vez de sorrir com a inconstância da conversa. Pego uma lata de refrigerante na geladeira e o entrego, açúcar vai ajudar até o café ficar pronto.

— Hum... Coca é doce! Minha mãe também... Ele conta para todos que no dia que se declarou para ela, temia que ela não retribuísse o sentimento, estragasse a amizade. Quando minha mãe respondeu sorrindo “Até que fim você me notou!”, meu pai disse que nesse dia se apaixonou ainda mais por ela.

— Eles devem ser muito felizes.

— Muito — concorda — quando você os conhecer, presenciará essa felicidade que contagia todos ao seu redor. Meu pai diz que o segredo de um casamento duradouro é casar com alguém que seja seu amigo. Mas também disse que todas as mulheres se atirariam aos meus pés e o máximo que eu consegui foi uma mulher de setenta anos que todos os dias manda mensagens religiosas no meu Facebook.

— Não sabia que você fazia sucesso com a terceira idade — sorrio.

— As *véias* piram em mim — ele gargalha.

— Dizem que panela velha faz comida boa — perturbo.

— Também dizem que toda tampa tem a sua panela ou é ao contrário...

Mas, a minha veio com defeito. Não encontro a maldita tampa e quando eu acho que encontrei, a panela não permite o encaixe — ele se recosta no sofá e fecha os olhos, as mãos atrás do pescoço servindo de apoio.

— Foi assim com a Natalie? — Pergunto.

— O ápice da minha relação com Natalie foi um beijo roubado no Natal em família, foi o presente da prima mais velha.

— Aposto que isso te rendeu várias garotas em busca da sua experiência precoce — ironizo, sorrindo.

— Não, no máximo um safanão da Natalie e uma ameaça de que se eu espalhasse para mais alguém ela iria pôr fim a minha coleção de Cd. E foi assim que tomei a melhor decisão da minha vida: apaguei aquele beijo da minha memória e tranquei a porta do meu quarto quando ela visitava a nossa casa.

— Quando Maurício contou sobre o relacionamento de vocês eu imaginei que fosse algo mais do que uma paixonite de adolescente.

— Quando ele jogou essa informação no seu colo eu vi o meu mundo desabar — ele abre os olhos lentamente e se volta para mim — o que mais me doeu não foi a acusação cretina dele sobre a paternidade da Jú, mas sim a hesitação que vi no seu olhar. Você me olhou como se eu fosse um ser desprezível.

— Eu fui pega de surpresa pela informação...

— Eu merecia o benefício da dúvida.

— Gato escaldado tem medo de água fria — uso a velha expressão para lembrá-lo que já havia confiado em alguém e quebrado a cara.

Ricardo me encarava emudecido, perdido nos próprios pensamentos.

— Naquela noite que eu te salvei — se remete ao dia da verdade — eu não fiz isso por que queria safar o marido da minha prima. Eu afastei você daquelas pessoas por que já estive na mesma situação. Eu sabia qual era a sensação de descobrir que tudo que você viveu foi uma mentira, eu sabia o que era pôr o seu coração na mão de alguém e ter ele destroçado em tantos pedaços que você precisa de um tempo para restaurá-lo.

A confissão dele me pegou de surpresa. Ricardo, era um homem lindo, atencioso, engraçado, íntegro por que uma mulher o enganaria? Que mulher desprezaria o seu amor? Mas não é agora que vou receber as respostas, ele tenta se levantar do sofá, mas cai de volta sentado.

— Estou vendo duas *Evas* — mostrou três dedos — ou seriam três? Você

é linda até quando tudo está girando.

Ele tenta se levantar novamente e segue cambaleante até o banheiro, batendo a porta com força ao entrar.

— Você está bem? — levo a mão até a maçaneta e giro, está trancado — Abre essa porta!

— Já é deprimente vomitar no seu banheiro, você não precisa presenciar isso — diz um tempo depois.

— Realmente não preciso, mas te devo isso para ficarmos quites — ele demora a responder.

Quando a porta é aberta, o encontro no piso frio do banheiro, novamente agarrado a privada, ele ergue o olhar e eu estendo um copo de água e um analgésico, que peguei alguns segundos antes.

— Obrigado — agradece e engole o comprimido, seguido da água.

— Que tal um banho frio?

— Vai tomar comigo? — responde ao estender o copo, ele ocupa praticamente o banheiro inteiro.

— Vamos, Ricardo...

— Já estou melhor. Vou lavar o rosto — estendo a mão e o ajudo a ficar de pé. Ele lava as mãos e o rosto e eu vou pegar café para nós dois.

Ele volta ao sofá e aceita a xícara cheia de café forte, toma vários goles antes de voltar a falar.

— Sinto muito pela cena.

— Já vomitei em você — sorrio — quem machucou o seu coração?

— Sandra. Ela era a minha colega de faculdade... Deslumbrante, alta, loira, sexy. Todos os caras do curso a desejavam, mas misteriosamente ela me escolheu, o garoto que usava óculos e era monitor da turma. Eu mesmo demorei a acreditar que aquela mulher me queria, era perfeita demais. A cada dia que passava eu a amava mais... Eu era capaz de tudo para ver o sorriso naquele rosto. Se ela me pedisse para saltar sem paraquedas, eu saltaria. Se isso a fizesse feliz, eu estaria feliz. E ela me pediu diversas vezes, Eva... — ele toma mais um gole de café — Adulterei a sua nota na disciplina em que eu era monitor, coloquei o seu nome em diversos trabalhos que ela nunca realizou, emprestei dinheiro sem nunca questionar o motivo, menti para os seus pais dizendo que ela havia dormido comigo quando eu nem sabia onde ela estava. Tudo isso já deveria ser o suficiente para me acender um sinal de alerta, não é? Mas eu ignorei todas essas evidências e continuei dizendo “sim” para tudo que ela me pedia. Os meses se passavam e eu continuava amando por dois, parecia o suficiente. Mas adivinha só, não foi! — ele respira fundo e eu repito o gesto, buscando ar para ouvir o resto da história.

— Sandra me traía com o meu colega de quarto e eu descobri da pior forma possível, flagrei os dois... Naquele dia eu sofri um golpe da vida, a verdade escancarada na minha cara. Não tinha como não enxergar... Mas, eu fiz jus a minha miopia e fingi que nada havia acontecido quando ela me procurou arrependida e jurou que me amava. Eu acreditei Eva, acreditei por que ela olhou nos meus olhos e eu vi o arrependimento neles, e mais uma vez eu saltei no escuro por ela.

Ouvindo sobre o seu passado, percebo que o Ricardo falou a verdade quando disse, certa vez, que sabia como eu me sentia em relação ao Maurício. O sofrimento estava presente no seu tom de voz, no cenho franzido, na postura ereta. Ambos sabemos que, ainda que o tempo passe, a marca de viver um relacionamento conturbado não se apaga. Se esquecer alguém leva tempo, começamos a evitar tudo que nos remete a pessoa, até que um dia aprendemos a conviver com essa ausência... Esquecer alguém que te machucou é uma tarefa ainda mais difícil. Eu não sabia como essa história acabava, mas não deveria ter um final feliz, afinal ele estava aqui me contando. Foi inevitável não comparar sua história com a minha, eu também ameí alguém dessa forma, eu também fui enganada e perdoei porque achava que o amor era o suficiente para aplacar o sofrimento.

Enxugo rapidamente a lágrima que escapa dos meus olhos para que ele não perceba, mas foi inútil, ele havia notado.

— Eu sou um merda por te fazer chorar. A droga da minha história não é a sua — aponta para mim — Você ainda tem o poder de decidir o final dela.

— Como a sua história terminou?

— Como toda comédia romântica termina. A mulher explicando ao homem que a ama, que ele não é o homem da sua vida. Para Sandra, eu era um bom amigo, uma cara que ela sabia que podia contar em todos os momentos da sua vida, mas não o homem que fazia o coração acelerar e as pernas tremerem... Como diria a minha afilhada, eu fiquei na *friendzone*. Quando você me ligou naquela noite, bêbada, eu sabia que o correto era não ter ido ao seu encontro. Mas antes que eu pudesse raciocinar, estava na boate procurando por você.

— Você me salvou, não sei o que aconteceria se não tivesse chegado.

— E aconteceu o que mais temia... Mais uma vez eu estava reduzido a ser o salvador, alguém que as pessoas ligam quando precisam de ajuda. Maurício não estava totalmente errado quando disse que fui um traidor ao me apaixonar por você. Mas a minha maior traição não foi me apaixonar pela mulher que ele amava, honestamente eu não pensei em nenhum segundo nele, nunca fomos melhores amigos e ele sabia o quanto eu o desprezava por tudo que ele fez você passar. A minha traição foi comigo mesmo, eu traí o meu coração quando decidi

que ainda que você nunca me amasse, a sua amizade seria o suficiente. Mas a quem eu estava tentando enganar? — sorri tristemente — Eu não quero ser apenas o amigo divertido. Eu não quero ser a droga do salvador que alguém procura porque precisa, quero ser a escolha quando as coisas estiverem bem, quero ser a companhia para os maus e principalmente os bons momentos. Eu quero ver você crescer profissionalmente e estar ao seu lado em todos os momentos. Eu quero dormir e acordar antes de você só para admirá-la enquanto dorme. Quero contar as sardinhas do seu rosto e descobrir o que te arranca a gargalhada mais alta. Quero cozinhar para você e ver você fingindo que gostou do meu macarrão empapado só para me elogiar. Eu quero ser a pessoa que faz seu coração bater mais forte, ser o seu primeiro pensamento ao acordar e o último antes de dormir. Mas principalmente quero que você me queira ao seu lado.

— Ricardo... Eu não sei o que dizer. Gostaria muito que a frase que pisca em minha mente fosse “eu também”, mas as coisas não são assim...

Ele respira fundo.

— Entendo, Eva. Já estraguei a sua noite com todo esse papo, só precisava saber que tentei — ele fica de pé e passa por mim, caminhando em direção a porta — Boa noite — ele diz, antes de fechar a porta.

Eu fico ali, sozinha, ainda absorvendo aquelas palavras.



Capítulo 26



TRÊS MESES DEPOIS

Antigamente quando eu escutava que o tempo era o melhor remédio, eu revirava os olhos e agia. Tentava controlar o tempo e fazer valer as minhas vontades. Ingenuidade minha querer brigar com o tempo, ele é senhor soberano.

Hoje, mais madura, eu compreendo a importância de dar tempo ao tempo, não adianta forçar uma situação, o melhor é deixar as coisas acontecerem naturalmente.

Dediquei esse tempo a minha empresa, trabalhei arduamente e estabeleci contatos que me levaram a expansão dos negócios. A *Paraíso* estava se consolidando no mercado, o número de clientes e pedidos cresciam em ritmo acelerado, o que me levou a contratar três novas funcionárias: uma estagiária de gastronomia, uma garota para ajudar nas entregas e uma mulher para auxiliar na limpeza. Eu estou cercada de mulheres competentes e sensacionais. Juntas tocamos a *Paraíso* e o meu peito inflava de orgulho em tê-las ao meu lado.

Atualmente, estou prestes a abrir uma filial no shopping do Morumbi, zona nobre de São Paulo. A loja é pequena, completamente desproporcional ao montante pago pelo metro quadrado no shopping, mas me traria outro público e outro status.

Meu celular toca e eu vasculho a bolsa até que o encontro entre toda a bagunça ali dentro. Atendo no último toque, pouco antes de cair na caixa postal.

— Oi Lore...

— Eu te ligue dezoito vezes! — Ela grita do outro lado e eu afasto o telefone do ouvido.

— Onde é o incêndio?

— A minha festa de despedida, você esqueceu?

Droga! Esqueci completamente que os amigos da Lorena haviam preparado uma festa para celebrar a sua turnê internacional. Depois de adiar os seus planos por minha causa, agora ela finalmente embarcaria em busca da realização dos seus próprios sonhos.

— Chego aí em vinte minutos — respondo e acelero os passos em direção ao estacionamento do shopping.

— Não precisa correr, queremos você sã e salva aqui! Beijo. — Encerra a ligação.

Demorei bem mais que vinte minutos até chegar ao endereço da boate, quando finalmente estaciono e caminho até a entrada, passo por um longa fila de espera, das vantagens de ser prima da anfitriã, a *promoter* sorri e libera a minha entrada.

Naquele ambiente eu destoo as pessoas, meu jeans rasgado e minha camiseta preta não combinam com o lugar, mulheres desfilam em vestidos curtos e ousados enquanto parece que eu caí ali por acaso. Lorena me avista e acena euforicamente em minha direção.

— Você deveria ter me lembrado que eu precisava trocar de roupa — resmungo no seu ouvido quando ela me abraça.

— Se eu tivesse dito isso, você entraria em casa e não sairia de lá.

— Você me conhece muito bem.

— Mais do que você mesma — ela sorri — pessoal, essa é a Eva, a minha prima e empresária bem-sucedida — ela me apresenta para um grupo de amigos. Sorrio para todos os rostos desconhecidos.

— Um brinde a empresária gata e a sua prima ainda mais gata — um homem tatuado ergue uma taça de champanhe e uma igualmente cheia foi colocada em minhas mãos pela Lorena.

— Viva a Lorena! — Levanto o copo em brinde.

— Viva! — Brindamos felizes.

Seguimos noite adentro sorrindo alto, conversando e dançando. Há muito tempo eu não tinha uma noite tão animada, sair para dançar então estava cada vez mais difícil, o trabalho sempre impossibilitava. É divertido estar ali em meios aos amigos de Lorena, eles contaram as histórias divertidas que viveram com ela, e eu compartilhei os esquecimentos corriqueiros dela, como o dia que ficamos sem gasolina na Presidente Dutra em pleno horário de pico, porque ela esqueceu de abastecer.

O dia já está amanhecendo quando chegamos em casa e a louca ainda precisa arrumar a mala. Seu voo estava marcado para as onze e trinta... Coisas de Lorena. Ajudo-a arrumar a mala, para garantir que não esqueceria de nada, e depois de fazê-la conferir duas vezes se o passaporte estava na bolsa de mão, apagamos no quarto dela.



— Você tem certeza que está levando tudo? — Pergunto pela milésima vez naquela manhã. Lorena está tranquila, tomando seu cappuccino enquanto responde mensagens no celular.

— Ainda tem um lugar na mala, cabe você! — Sorri.

— Estou falando sério Lorena, você estará em outro país não no bairro vizinho que dá para gritar um *help* e eu chegarei para te ajudar — digo tentando não soar como a chata de galocha, mas acho que não consegui, pois ela ergue os olhos da tela e fixou em mim.

A verdade é que eu estou uma pilha de nervos. Uma parte minha, a maior, está imensamente feliz em vê-la alçando voos ainda maiores, mas a outra teme pela distância. A quem ela recorrerá se as coisas saíssem do seu controle? E se ela esquecesse o gás ligado e provocasse um acidente? E se faltasse energia, quem ficaria com ela até a luz voltar? E eu, com quem eu compartilharia as minhas alegrias e frustrações? Um oceano de distância nos separaria daqui a alguns minutos e meu coração já se aperta de saudade.

— Ei — ela passa os braços sobre o meu ombro — não vale chorar antes do embarque, você me prometeu isso.

— Eu prometi não estragar sua blusa cara com lágrimas, é bem diferente — sorri.

— Ok, pode externar todo o seu amor — solta um falso lamento — Agora quero um choro com alarde, daqueles que todos ao redor notam.

— Babaca!

— Eu também te amo e sentirei a sua falta a cada instante que eu estiver respirando o ar londrino ou quando visitar um restaurante italiano, ou ainda quando mergulhar no mar de Ibiza — fala num tom esnobe.

— Como você é adorável — respondo e ela gargalhou.

Pagamos o café e seguimos para a área de embarque, a cada passo dado ao portão de embarque significava menos tempo ao seu lado. O seu voo foi anunciado e ela me abraçou forte, transmitindo naquele abraço toda a gama de

sentimentos que nenhuma palavra traduziria. As minhas lágrimas já rolavam e as suas também.

— Promete que vai ligar para mim no primeiro sinal que as coisas saírem de controle? — Indago, mantendo os braços apertados ao redor do seu corpo.

— Eu quem deveria estar dizendo isso a você — ela se afasta do abraço para me olhar atentamente — não hesite em gritar por ajuda, nada de pensar que estará estragando a minha viagem — franzo o cenho — eu sei o que se passa nessa sua cabecinha oca. Promete que me ligará em qualquer momento, independente do fuso horário? E enquanto eu não chego, jura que vai correr para o seu terapeuta gato ou para o nosso amigo Ricardo.

A menção ao seu nome faz meu coração acelerar, sinto saudades dele.

— Trate de registrar todos os momentos e não ouse deixar de me mandar mensagem diariamente.

— Eu tentei não me meter na sua vida — ela não me deixa fugir — mas não posso embarcar sem colocar para fora algo que está me incomodando há muito tempo.

— Lorena...

— Nada de Lorena — nega com a cabeça para enfatizar — eu vi você ir do céu ao inferno nos últimos meses. Assisti você ressurgir e lutar pelos seus sonhos. Mas também vi você criar uma bolha de proteção em volta do seu coração e temer. Eu não estou dizendo que você não tenha motivos, apenas acho que você merece ser feliz e estar ao lugar de alguém que caminhe ao seu lado, que seja capaz de te fazer sorrir e que enxugue as suas lágrimas quando elas rolarem.

Permaneço em silêncio e ela prossegue.

— Você sabia que o Ricardo esteve na boate pouco antes de você chegar? Ele foi se despedir de mim e eu vi a saudade no rosto daquele homem quando eu falei do seu nome, a mesma saudade que você carrega aí dentro. Eu não sou a melhor pessoa para dizer isso, visto que meus relacionamentos são casuais — dá de ombros — mas quando duas pessoas se gostam, elas devem ficar juntas, nem que isso signifique expor a sua vulnerabilidade. Não foi você quem disse que amar é como saltar de um avião e torcer que para quedas funcione? O Ricardo vale a pena o salto. Fica bem, Eva — ela me abraça — Te amo!

— Eu também te amo, avise quando chegar — beijo seu rosto.

Ela corre em direção ao embarque, dá uma olhadinha para trás antes de passar pelo portão e acena feliz. Retribuo o gesto no automático, ainda absorvendo a despedida e sua fala.



Eu não prego o olho a noite inteira. A ansiedade e os últimos preparativos para a inauguração da loja no shopping me fizeram rodar na cama feito barata tonta. Quando o despertador toca, eu estou em total estado de alerta e é assim que sigo para o grande dia.

Havia acatado a sugestão de Lorena, que avaliou meu look por ligação em vídeo, e trocado o jeans e a camiseta cotidiana por uma calça social preta e um blusa de tecido da mesma cor. Além dos saltos altos. Esses eu abandonaria no primeiro segundo em que estivesse atrás do balcão e os substituiria pelas sapatilhas confortáveis. Segundo minha prima, essa roupa é a cara do sucesso, a verdadeira face de uma empresária bem-sucedida e é essa quem eu quero ser no dia de hoje.

Respiro fundo quando o relógio marca o horário de funcionamento do shopping e as pessoas começam a surgir. Olhares curiosos observam a nova loja aberta e no decorrer da manhã, os primeiros clientes surgem. Recebo alguns elogios e noto alguns cartões serem levados do balcão. De início, eu me dividiria entre as duas lojas, havia traçado uma planilha e se as coisas saíssem como o previsto, logo eu precisaria contratar mais funcionárias para trabalhar na loja do shopping. Por ora, eu ficarei fazendo as vezes de caixa e atendente, traria os produtos já prontos para essa loja.

É início da noite quando um entregador se aproxima com um vaso de girassóis.

— Senhora Eva Prado? — o jovem pergunta.

— Sou eu.

— Entrega para a senhora — me estende as flores — assina aqui, por favor, para confirmar o recebimento — apoio as flores no balcão e rubrico o papel.

— Obrigada — agradeço e o jovem rapaz se despede.

Admiro as flores e vou em busca de quem as enviou, encontro o cartão vermelho entre as flores e sorrio com a mensagem ali escrita.

A vendedora me garantiu que girassóis representam boas vibrações e boa sorte. E eu acreditei nela, como leigo que sou. Embora ela também tivesse dito que rosas eram as preferidas das mulheres... Cá entre nós, tenho a impressão que ela queria me vender as duas opções. Tenho certeza que ela leu esse cartão, pois depois de escrever três vezes e descartar ela deve ter ficado curiosa com o teor da mensagem... Enfim, Tudo isso é para te parabenizar pela loja e te desejar toda a sorte do mundo, Eva.

P. Ricardo.

Termino de ler o cartão com o sorriso fixado em meu rosto. Ricardo tinha o dom de me fazer sorrir. Ele havia lembrado da data da inauguração e mesmo distante, encontra uma forma de estar presente.

Pego o celular para agradecer o presente. Tiro foto das flores decorando o espaço e envio com a legenda:

**Amei as flores,
mas a vendedora deveria ter dito que eu ia gostar mais de receber
pessoalmente.**

Não demora para que os tracinhos fiquem azul e que ele me responda.

**Droga, vou pedir a gorjeta de volta.
Vou considerar isso um convite para matar as saudades
dos doces da Paraíso.**

As portas estão abertas.

**Tem certeza, Eva?
Achei que tivesse fechado as portas para mim.**

Li e reli a mensagem sem saber o que responder. A nossa distância foi ocasionada por mim que não o procurei depois que ele abriu o jogo em relação ao que sentia. Eu recuei porque não era justo com ele eu forçar a minha presença para usufruir da sua amizade, sendo que eu não estava pronta para retribuir seu sentimento. Se tudo fosse fácil, eu me jogaria em seus braços e deixaria as coisas fluírem. Mas não era e eu optei por mim, pelo meu trabalho e pela minha vida.

Preciso guardar o celular quando um casal se aproxima da vitrine e depois disso, também não tenho tempo nas horas seguintes. Entre pedidos e ligações eu olho para as flores e sorrio com o seu significado.

Quando o expediente acaba sinto-me cansada. Precisaria me adaptar aos horários diferenciados do shopping center. Arrasto-me para o meu carro – que na verdade é o carro da Lorena, que praticamente me deu de presente, pois o preço que cobrou foi simbólico – e dou a partida, saindo do estacionamento.

Olho para o meu celular e lembro da resposta que não dei e dos belos girassóis que enfeitam a nova loja. Sigo a minha vontade, deixando de lado qualquer motivo contrário, e dirijo até o apartamento dele. Em frente ao prédio, envio a resposta que eu já deveria ter dado:

**Mesmo estando fechada, você pulou o muro.
E as portas da sua casa estão abertas?**

São dez e quarenta da noite, talvez ele esteja dormindo... Penso em apagar a mensagem um minuto depois de enviar, mas quando seguro na mensagem em busca dessa opção ele fica online e começa a digitar a resposta.

Sempre. Inteforna que eu libero.

É exatamente o que eu faço e, poucos minutos depois, ele abre a porta para mim. Ricardo está usando apenas uma cueca samba canção cinza, com estampas que não consigo identificar. Seus pés estão descalços e seu rosto, livre da armação dos óculos. Seu sorriso começa a despontar quando eu me jogo em seus braços.

Nossas bocas se encontram em um beijo cheio de saudades. Uma de suas mãos segura a minha nuca, a outra percorre as minhas costas. Giramos a cabeça, buscando encaixe, testando os ângulos perfeitos para nossas línguas se entrelaçarem. Nesse encaixe, sinto um sentimento que não estava presente em nenhuma das outras vezes em que nos beijamos.

Minhas mãos percorrem o torso definido, sentindo a temperatura subir embaixo dos meus dedos, antes frios pela brisa da noite. Deslizo as palmas por sua barriga, subindo até o seu rosto para, em seguida, deixar meus dedos apertarem as suas costas. Ricardo empurra a porta com a mão, fazendo-a fechar com uma batida alta e me recosta ali para explorar o meu pescoço.

Minha mão se desloca para o interior da samba canção com facilidade e os meus dedos se fecham em torno da sua ereção. Movimento os dedos para cima e para baixo, apertando de leve para fazer pressão. Ele respira fundo

tomando a minha boca novamente ao mesmo tempo em que me afasta da porta. Suas mãos buscam a frente da minha calça social, mas o zíper invisível fica de lado, e eu mesma abro para facilitar as coisas. Damos alguns passos em direção ao quarto, mas nos agarramos e paramos para nos livrar da minha blusa. Encosto o corpo dele na parede do corredor e viro de costas, me esfregando para tirar a calcinha. Ricardo morde meu ombro e me empurra para o quarto.

Deito na cama e o assisto tirar a cueca samba canção. Seu pau salta deliciosamente livre e eu o assisto andar nu até o guarda-roupas em busca de preservativos. Ele joga várias embalagens na cama antes de deitar ao meu lado. Sua boca acaricia os meus seios enquanto a sua mão se enfia entre as minhas pernas abertas. Eu gemo e levanto os quadris cheia de prazer quando ele me toca.

— Me fode — peço sem querer muitas preliminares.

— Com prazer — ele responde sentindo tanta pressa quanto eu.

Ele se protege rapidamente e me penetra com facilidade. Sinto um misto de saudade e excitação quando ele chega lá no fundo, mas logo passo a sentir apenas um prazer desesperado. Ricardo se movimenta com rapidez, emitindo sons de prazer em cada uma das suas estocadas. Sons esses que se misturam aos meus próprios que escapam entre os lábios abertos. Elevo meus quadris para intensificar ainda mais as arremetidas e ofego junto com ele que se move cada vez mais rápido. Nossa transa é quente, rápida e quando ele levanta minhas pernas para conseguir ir ainda mais fundo, mantendo as investidas, eu me contorço e estremeço pouco depois. Ricardo consegue me foder algumas vezes mais antes de gozar também.

— É isso que vou ganhar sempre que te mandar girassóis? — pergunta ofegante, caindo ao meu lado.

— Imagina o que vou te dar quando você me der uma aliança...

— Não brinca assim comigo, Eva — ele diz ao se virar para me encarar.

— Não estou brincando... Você aceita namorar comigo? — Pergunto sentindo meu coração saltar de felicidades.

O sorriso surge discreto e logo cresce, iluminando o seu rosto. Deixo minha mão tocar sua face, percorrendo os contornos com carinho.

— Eu aceito.

— Que bom, porque eu já estava pensando na frase de efeito que colocaria ao mudar o meu status no Facebook — brinco e ele me beija de leve.

— Podemos resolver isso agora mesmo — ele levanta e sai do quarto, voltando com o celular nas mãos. Arregalo os olhos, notando que ele está falando sério. — O que foi? Não vai me dizer que já se arrependeu...

— Não, mas eu só estava brincando.

— Mas eu não, Eva. E preciso que você entenda, de uma vez por todas. Nossa relação é coisa séria e eu faço questão de gritar para o mundo inteiro que sou seu. Não tenho nada a esconder...

— Nem eu, pode alterar seu status de relacionamento, namorado...

— Por enquanto namorado está bom, mas já fica ciente que pretendo passar pouco tempo nesse posto.

— Eu acabei de te pedir em namoro, não me venha sobrepor o meu pedido com um de casamento hoje.

— Hum... — ele se deposita beijinhos em minha boca — quem sabe amanhã?

— Quem sabe? Por enquanto muda logo isso para largar o celular, ainda estou com saudades — os dedos dele agem de imediato sobre a tela do aparelho.

— Pronto, estou em um relacionamento sério com Eva Prado — ele põe o celular de lado.

— Depois de mais três orgasmos eu aceito a alteração e mudo o meu perfil.

— Temos um acordo — ele me puxa para o centro da cama, abrindo as minhas pernas para beijar ali.

Algumas horas depois ele já havia cumprido a sua parte no acordo e é a minha vez de cumprir a minha. Faço as mudanças no meu perfil e largo o celular antes de ver os comentários... Não importava o que qualquer pessoa tivesse a dizer, agora eu sou namorada do senhor Paulo Ricardo e estou ansiosa para viver cada momento dessa nova relação.



Capítulo 27



Finalmente a minha vida amorosa e profissional haviam entrado em sintonia. A peça que faltava para finalizar o quebra cabeça da minha vida, era o Ricardo. Ele trouxe cor aos meus dias e sorrisos, muito deles. Ricardo sempre tinha uma piada boba pronta para me arrancar as melhores gargalhadas e mãos ágeis para me levar ao mundo do prazer em poucos segundos. Estar ao seu lado

era sempre divertido e carinhoso, ele trouxe um ar de leveza aos meus dias.

Dessa vez, eu não me sinto pulando do avião, torcendo para que o paraquedas funcione. Estamos pulando em dupla, juntos e de mãos dadas, curtindo todo o passeio. Com ele, eu descobri que o amor pode ser doce e sereno. Com cada peça em seu devido lugar, eu me sentia completa. É bem verdade, que vez ou outra o meu cérebro acionava o botão de alerta, uma vozinha irritante e resmungona que insistia em me lembrar que esse momento de felicidade era passageiro e que eu não deveria me acostumar com ele. Mas, logo eu dissipava esse pensamento errôneo com afirmações positivas, eu merecia uma vida feliz em todos os aspectos e os contratempos, normais na vida de qualquer pessoa, seriam superados. Essa era mais uma lição que aprendi com a terapia, lidar com o problema de frente quando ele surgisse e não sofrer por antecipação.

— Amor, cheguei! — Aviso largando a bolsa em cima do sofá e os sapatos no meio da sua sala.

Sigo o rastro do cheiro de comida até que o encontro na cozinha. Ricardo usa um avental com estampa divertida, um homem usando pochete e uma barriga de chope, completamente diferente do seu corpo sarado. Ele mexe no fogo uma mistura de molho de tomate pronto e cebola picada, o que me faz sorrir. Caminho até ele e fico na ponta dos pés para beijá-lo.

— Que cheiro delicioso. — Elogio.

— É o meu perfume natural — dá de ombros sorrindo e eu me junto ao som da sua risada — tome um banho enquanto eu finalizo o nosso jantar.

— Tem certeza que não quer ajuda?

— Não. Está tudo sob controle aqui — ele diz, mas o cheiro de queimado preencheu o ambiente fazendo-o se afastar rapidamente de mim e voltar a atenção a panela.

— Tem certeza? — Estico o pescoço e vejo o tal molho ir para o brejo.

— Você me distraiu — diz, descartando o conteúdo — saia da minha cozinha e volte quando eu te chamar.

— Sim, *chef* — respondo sorrindo.

Quando saio do banho ainda com os fios molhados o jantar está pronto e servido na mesa, a pequena mesa de mármore está incrivelmente arrumada com direito a *sousplat*, guardanapos e taças de cristal.

— Tudo isso é para mim? — pergunto observando cada detalhe — Ficarei mal-acostumada assim.

— Você merece o melhor — puxa a cadeira para que eu sente — e o melhor sou eu, um namorado perfeito.

— E nada modesto — sorrio — o que temos para comer hoje?

— Arroz ao alho e óleo, frango grelhado, macarrão e salada de alface e

tomate. Para beber um delicioso suco de uva produzido na vinícola da Itália. — olho para ele desconfiada — mentira, é da rede de supermercado — confessa sorrindo.

— Tenho certeza que está tudo uma delícia, o cheiro está maravilhoso.

Ricardo me serve e eu observo a comida, além do cheiro agradável ela tem uma boa aparência. Levo a primeira garfada a boca, sob o olhar atento e cheio de expectativa dele. O macarrão havia cozinhando demais, o arroz está duro e o frango está salgado e tem um leve apimentado que eu não consigo identificar o que é. Talvez tenha sido apenas o pedaço, tento novamente levando mais uma garfada a boca e... O frango está muito salgado mesmo. Bebo um grande gole do suco de uva e, nossa, como a bebida é ruim. Parece uma garapa de água e muito açúcar. A bebida consegue superar o frango salgado... Ricardo observava tudo atentamente.

— E aí? Está bom? — Pergunta em expectativa.

— Sim — minto — talvez o frango tenha uma pitada de sal a mais...

— Vou provar — ele leva o garfo cheio a boca e, dois segundos depois, uma careta surge em seu rosto. Ricardo repete o meu gesto e leva a taça a boca — eu achava que a comida estava ruim até provar esse suco. Que grande merda!

— Não está tão ruim assim — digo e ele arqueia a sobrancelha — mas também não é a melhor coisa que eu já comi na minha vida... — assumo.

— Onde eu errei? — Solta um lamento — eu segui a receita da internet. Acrescentei até uma pitada a mais de umas especiarias que achei no supermercado, para deixar o frango com um tempero melhor, entende?

— Então foi isso que deixou o frango apimentado.

— É, acho que exagerei na pitada... Eu tentei adiantar o jantar e acabei estragando tudo.

— Você não estragou nada, amor. A salada está com uma cara boa, teremos um jantar fitness.

— Anhan — ele sorri — vamos pedir um delivery, o que você quer? — Pergunta com o aplicativo de pedidos aberto.

— Fritas e hambúrguer! Faz um tempão que não como.

— Que comida saudável para um início de semana — sorri — Já que é para enfiar o pé na jaca vamos acrescentar o refrigerante.

— Siiim! Porque somente uma boa dose de Coca-Cola para apagar os resquícios desse sabor terrível.

— Pedido feito, espero que não esteja falando da minha comida.

— Não, ela estava apenas ruim. Para ser terrível você precisa ser menos perfeito, o que é impossível para você, namorado.

— Repete!

— Que a comida estava apenas ruim?

— Não, do que você me chamou.

— Namorado? — arqueio a sobancelha sorrindo — Namorado, namorado, namorado, namorado — cantarolo e ele sorri.

— Só uma coisa melhor que você me chamar de namorado — a voz dele sai rouca — ouvir você gritando o meu nome quando goza — inclina-se para lambar minha boca — temos quinze minutos antes do pedido para eu me redimir da comida ruim.

— O cronômetro está rolando — respondo o agarrando pela camiseta.

Ele avança sobre mim como se eu fosse um brigadeiro de festa infantil, daqueles que você tenta abocanhar de uma vez, louco para degustar cada partícula do doce. E foi assim que Ricardo fez, me provou até se lambuzar.



Sábado à noite e tudo que eu mais quero é estar ao lado do meu namorado. Ele está em Brasília para comemorar o aniversário da sua mãe e eu não pude acompanhá-lo, havia recebido o convite para assinar o *buffet* de casamento de uma empresária rica que havia conhecido meu trabalho através da loja no Morumbi por acaso e desde então havia se tornado cliente assídua. A mulher é do ramo dos cosméticos, uma busca no *Google* me informou que a sua empresa estava na lista de maiores faturamentos do primeiro semestre do ano passado e sua festa de casamento será para trezentas pessoas. Confesso que hesitei inicialmente, primeiro por que coincidiria com a data do aniversário da minha sogra e segundo porque seria uma responsabilidade imensa, mas o Ricardo me incentivou a aceitar a proposta e foi o incentivo que precisava para confirmar o convite.

Contratei três funcionários temporários para conseguir dar conta do pedido. Trabalhamos até a exaustão nos últimos dias, o grande dia havia chegado e nada poderia dar errado. No salão onde ocorrerá a festa há uma cozinha e foi dentro dela que passei o meu sábado inteiro, acompanhando de perto o trabalho da equipe. Minhas pernas doíam e eu só me imaginava recebendo uma mensagem, mas o meu massagista oficial estava em Brasília. Mando uma mensagem em forma de áudio:

Estou com saudades, daria tudo para estar ao seu lado e isso não tem nada a ver com estar morrendo de vontade de receber sua massagem.

Guardo o celular no bolso quando a cerimonialista informa que uma das sobremesas especiais, preparadas na hora, deveriam ser servidas agora. E isso encerrava o meu trabalho, o resto era com a equipe de garçons e o cerimonial. Enfim, seguiria até a minha cama e apagaria segundos depois. Mas antes eu preciso deixar a Bete em casa.

— Aconteceu algo, chefe? — Bete pergunta enquanto eu encaro a tela do celular.

O semáforo está fechado e eu confiro se o meu celular está com sinal, Ricardo não havia sequer visualizado a minha mensagem, muito menos atendido as minhas ligações.

— Estou tentando falar com o Ricardo e não tenho resposta.

— Hoje não é aniversário da mãe dele? — assenti — ele não deve ter ouvido com o barulho da festa.

— Deve ser... — disco mais uma vez o seu número e chama até que a ligação cai na caixa postal. O sinal abre e largo o celular.

Deixo a Bete em casa e sigo até em casa. Quando chego ao meu apartamento, Ricardo ainda não havia dado sinal de vida. Dez ligações! Dez ligações perdidas e ele não tinha se dado ao trabalho de retornar. E se tivesse acontecido algo grave e eu precisasse dele? E onde ou com quem ele estava que não atendeu as ligações? Minha mente cria os piores cenários possíveis. E a cada minuto que passa, tenho certeza que ele está me evitando. Ele deve ter encontrado uma amiga ou talvez uma ex-namorada e depois ressurgiria como se nada tivesse acontecido. Usando seu sorriso e seu toque carinhoso e eu, burra, não questionaria nada porque estava envolvida demais para enxergar com clareza os fatos.

Um banho quente e duas xícaras de café depois, não consigo dormir, rolando de um lado para o outro da cama, com o celular nas mãos esperando qualquer sinal seu. Entro no seu perfil do Facebook e a última postagem é uma marcação de uma foto em que ele aparece ao lado dos pais e de uma jovem morena. A mulher exibe um generoso decote e mantém as mãos por cima do seu ombro, abraçando-o. A legenda dela é: celebrando o amor.

Meus olhos ardem e as lágrimas surgem com força total. Eu não passaria por isso de novo, não deixaria que ele fizesse isso comigo. Como você é burra, Eva! Caiu mais uma vez nas armadilhas do amor. Enxugo as lágrimas, não irei sofrer mais uma vez por um amor falso. Desligo o aparelho e tento dormir, mas quando fecho os olhos é a imagem da mulher enroscada ao seu corpo que está fixada no meu cérebro.



— Surpresa! — Ricardo sorri quando abro a porta do apartamento. Ele se inclina para me beijar, mas eu recuo — eu senti tanto a sua falta que antecipei o voo — seus passos seguem os meus sala adentro — o que houve Eva?

— O que houve? Você acha que pode chegar aqui dizendo que senti a minha falta e esperar que eu te receba de braços abertos? — Digo, furiosa.

— Eu não estou entendendo... — ele aparenta confusão — o que aconteceu nas últimas horas?

— Me diga você o que aconteceu com a porra do seu celular! Aproveite e esclareça quem é Dafne e o motivo de ela estar enroscada em você. Foi com ela que você passou a noite toda?

— Com uma garota de dezessete anos? — ele arregala os olhos — claro que não Eva, que tipo de homem você acha que eu sou?

— Você não seria o primeiro a se envolver com uma menor de idade...

— Eu não sou esse tipo de homem — vocifera — e eu achei que você tivesse compreendido o homem que eu era.

— Realmente, o Senhor Perfeito, com toda certeza não iria ostentar nas redes sociais uma amante — sorrio sarcástica — é tão amador para alguém inteligente como você se deixar ser marcado numa foto, chega a ser ridículo.

— Ridícula é essa sua acusação! Se tivesse checado um pouco mais descobriria o nosso grau de parentesco. A tal Dafne é filha da minha tia e estava acompanhada do seu namorado na festa.

— Eu não tinha como saber...

— E preferiu seguir o caminho da desconfiança? — ele me acusa.

— Você não atendeu as minhas ligações, eu criei os piores cenários...

— E em todos eles e eu te traía com a Dafne ou qualquer outra mulher?

— Você fala como se isso fosse algo impossível de acontecer. Você é um homem bonito e...

— Um homem que te ama. Um imbecil que conseguiu antecipar o seu voo esperando te surpreender e quando chega aqui é bombardeado de acusações, baseadas em suposições.

— E as ligações, qual a sua desculpa? Vai dizer que o celular descarregou e não tinha um carregador perto? Essa desculpa já está batida.

— Eu não acredito que essa conversa está seguindo esse rumo, Eva, por favor.

— E qual rumo você gostaria que ela seguisse? Na primeira oportunidade você já mostrou que é igual...

— Ao Maurício — ele completa e eu me dou conta da besteira que acabei de fazer.

A expressão do Ricardo se altera e noto sua tristeza absoluta. Os olhos estão marejados e ele os mantêm fixo em mim por muito tempo até que eu desvio, sem suportar encará-lo. Se eu pudesse voltar atrás engoliria as minhas palavras.

— Acho melhor você ir para sua casa. Estou exausta, trabalhei muito ontem, vamos ter essa conversa outro dia.

— Eu vou, mas antes preciso esclarecer algumas coisas.

— Ricardo, por favor... — Peço, mas ele ignora o meu pedido e começa a falar.

— Ontem eu deveria estar feliz, afinal era o aniversário da minha mãe e estava rodeado de amigos e familiares. Mas tudo o que eu conseguia pensar era o quanto eu queria que você estivesse ali comigo. No quanto ia adorar apresentá-la a todos como a minha namorada e ouvir das minhas tias que formávamos um belo casal. Queria dançar com você a canção brega romântica que foi tocada pela banda ao vivo e pisar no seu pé, porque sim, sou um péssimo dançarino. Eu sorria e conversava assuntos aleatórios, mas estava incompleto porque uma parte minha havia ficado para trás e Deus, como eu sentia a falta dela.

Ricardo para e respira fundo, controlando as emoções, enquanto eu me derramo em lágrimas.

— Não sei como funciona para as outras pessoas, mas na minha casa aprendemos a viver o momento e não apenas registrá-lo em fotos e vídeos. Damos valor ao presente e não aquele instante de felicidade registrado. Por isso, eu não retornei para a casa dos meus pais quando percebi que havia esquecido o celular. Eu estava ali para celebrar a felicidade deles e fiz isso até o momento que a saudade de você se tornou forte demais...

— E quando você viu as ligações perdidas não pensou em retornar?

— Na verdade eu só notei as chamadas perdidas a caminho do aeroporto, na hora eu pensei que era ligações bobas, talvez a minha namorada estivesse

morrendo de saudades e me ligou para dizer isso. E que ela ficaria imensamente feliz quando eu aparecesse antes do previsto para surpreendê-la. Mas, eu estava enganado...

— Eu me senti insegura quando você não retornou as chamadas e pirei quando vi aquela mulher ao seu lado. Me desculpa!

— Se eu soubesse que a ausência de respostas desencadearia em você lembranças ruins, eu teria retornado no primeiro segundo, desculpe, Eva.

— Tudo bem agora. Eu acredito em você, sei que agiu na melhor intenção.

— Acredita mesmo? Eu sei de toda a merda que você passou e o quanto deve ser difícil confiar em alguém plenamente. Mas eu não sou ele. Não busque em mim resquícios do Maurício. Não é justo comigo, muito menos com nós dois, que a nossa relação seja pautada nos relacionamentos passado.

Ricardo tirou os óculos e piscou para afastar as lágrimas. As minhas estavam livres desde o início desse confronto. Estávamos em lados opostos, ele próximo a porta e eu no meio da sala, um hiato imenso nos distanciava, mas é apenas a distância física porque toda parte do meu ser queria acabar com esse conflito.

— Eu provavelmente pisarei na bola e te magoarei, mesmo sem ter intenção, porque eu sou humano e erro, mas quando esse dia chegar resolveremos conversando, sendo sinceros um com o outro.

— Eu sinto muito — lamento, abraçando o meu próprio corpo.

— Eu sei que sente — ele rompe a nossa distância e substitui os meus braços pelos seus. Encosto a cabeça no seu peito sentindo as batidas do seu coração. — E é por isso que estou aqui. Para te mostrar que o amor não segue um roteiro pré-estabelecido, que nossos relacionamentos anteriores não definem o atual, construiremos juntos o script do nosso amor, ele provavelmente terá inúmeros momentos felizes e muitas rodadas de sexo — ele sorri — mas também momentos de tristeza e lágrimas. Seria utopia imaginar a nossa relação como um conto de fadas. Amar é encontrar o equilíbrio entre os bons e maus momentos, mas sobretudo é decidir permanecer juntos em meio aos altos e baixos de um relacionamento. É olhar para a mulher ao seu lado e desejar encerrar a discussão com um beijo de tirar o fôlego...

— Tivemos a nossa primeira DR. Somos oficialmente um casal agora — sorrio.

— Ainda não, precisamos experimentar esse tal sexo de reconciliação.

— Não seja por isso — mordo seu lábio inferior — eu também estou ansiosa por esse momento — me esfrego nele, que aperta a minha bunda com força.

Ele cola as nossas bocas enquanto as nossas mãos se livram das incômodas peças de roupa. Quando ele me penetra com força, no meio da sala e sem preliminares, descobrimos que há mesmo um lado positivo na nossa discussão. Relembramos esse bom motivo diversas vezes, em diferentes cômodos da casa, até que apagamos exaustos na minha cama.

Antes de ser levada para o mundo dos sonhos, eu olho para o homem adormecido ao meu lado e sei que fiz a escolha certa.

— Eu te amo — sussurro recostada ao seu peito.



Capítulo 28



Os preparativos para o Natal estão a todo vapor. O apartamento já está no clima, com direito a árvore de Natal, guirlanda na porta e itens natalinos, como bandejas temáticas, guardanapos e toalha de mesa. Passei o dia organizando os últimos detalhes da decoração e preparando a ceia que seria completa: rabanada, peru, arroz com passas, arroz branco, frutas cristalizadas,

farofa, salpicão, lombo recheado e Chester. Para a sobremesa, uma torta gelada de limão e outra de chocolate, além de alguns cupcakes e brigadeiros dos que vendo na loja. A minha intenção era agradar, por isso a infinidade de pratos, todavia não parecia o suficiente.

Eu estou nervosa, na verdade completamente aflita e desesperada. O motivo? A família do Ricardo passaria o natal conosco, o nosso primeiro natal como casal, com direito a um combo família. Todos eles invadiriam a minha casa daqui a muito pouco tempo e o frio na minha barriga aumenta a cada segundo.

A ideia foi minha, preciso confessar. Todos eles se reúnem religiosamente nessa data, mas por causa das minhas lojas, cujos pedidos triplicaram nesse período, eu não poderia me juntar a eles, então tive a brilhante ideia de convidá-los. Agora, minutos antes de recebê-los, eu começo a duvidar se fiz a escolha certa. É a primeira vez que verei os meus sogros e eu temo não os agradar. E se eu não fosse a nora tão sonhada e eles me destetassem, Ricardo continuaria me amando ainda assim? E se o meu tempero não agradasse os demais, e em determinado momento alguém comparasse a minha comida com a da minha sogra e a dela fosse infinitamente melhor? Sim, nesse momento eu duvidava até da minha capacidade de cozinhar e apelava para a nossa senhora da gastronomia, par que todos amassem a minha comida e permanecessem de boca cheia por bastante tempo, para evitar a interação.

O relógio indica que são dezenove e trinta, e a última mensagem do Ricardo informava que eles já estavam a caminho. Eu bloqueio e desbloqueio o celular na esperança de haver uma nova mensagem indicando que eles haviam desistido... Eu fingiria tristeza e respiraria mais aliviada, confesso.

Meu celular toca e eu olho para cima, quase agradecendo aos céus, achando que o universo tivesse atendido meu pedido rápido demais. Mas é a Lorena quem aparece numa chamada de vídeo.

— *Merry Christmas* — ela deseja, eufórica e em inglês, Feliz Natal.

— Feliz Natal, Lore! — Respondo com a mesma euforia.

— Liguei apara agradecer o meu presente — eu havia enviado um vale presente da *Victoria's Secret* — veja esse conjunto de lingerie *maravigold* que comprei! — Abre o roupão e a câmera foca na lingerie de renda vermelha.

— Que gata! — elogio e ela dá mais uma voltinha exibida — Já quero um modelo igual para mim!

— Venha me visitar e montaremos um arsenal de sedução que fará o gato do Ricardo lamber o chão que você pisa.

— Quem disse que ele não lambe? — Faço cara de esnobe.

— Que vadia! — gargalhamos — Meu cunhado precisa conhecer a

mulher por trás do sorriso doce.

— Cunhado? — Arqueio a sobrancelha.

— Claro, fofa, já nos tratamos assim há séculos — sorri — Falando nele, onde está? Não é hoje que definitivamente você será inserida na família dos Rodrigues Torres?

— É — lamento — estou praticamente surtando aqui. Será que eles gostarão de mim? E se ficarmos sem assunto durante o jantar? Será que os pais dele aprovaram nossa relação?

— Respira gata! — ela manda — Não há mínima possibilidade de não gostarem de você.

— Você fala isso por que é minha prima. Eu nunca os encontrei, não sei que tipo de ideia eles tem ao meu respeito.

— O Ricardo não é seu parente e te amou desde o primeiro momento. Assim, como nós vemos a mulher fantástica que você é, tenho certeza eles também verão.

— E a roupa? — levanto para que ela possa ver a roupa por completo. Eu uso um vestido vermelho com modelagem de manga japonesa e saia mais soltinha que vai até a altura do joelho. — Vi esse vestido na vitrine do Shopping e lá ele parecia perfeito, agora estou achando demais. Será que devo trocar por algo menos formal?

— Não! — Ela grita — o vestido é lindíssimo e adequado para a ocasião, você é a junção de uma moça de família e uma namorada sexy. Tenho certeza que Ricardo apreciará o raro momento das suas coxas expostas.

— Será? — Pergunto ainda um pouco desconfortável.

A campainha soa alto, eram eles. Eu havia autorizado a entrada na portaria e o Ricardo já subia sem precisar de autorização.

— Você descobrirá agora! — Ela sorri — respira fundo, põe o seu melhor sorriso e vai receber a nossa nova família. Estou ansiosa para retornar ao Brasil e conhecê-los, preciso descobrir as falhas do meu cunhado, para ter ele ao meu lado e contra você!

— O lado bom de você estar em outro continente. Eu não sei como seria esse jantar com você aqui querendo contar para todos que eu morria de medo do Papai Noel e não podia encontrar um homem de barba branca que começava a chorar.

— Não se preocupe prima, eu já compartilhei com o Ricardo esses e outros traumas seus de natal — ela sorri — eu precisava estar presente de alguma forma. Agora trate de atender a porta e aproveitar o seu natal. Estou saindo para estrear o meu presente, te amo muito!

— Também te amo! — Encerro a ligação e respiro fundo, antes de abrir a

porta e encontra-lo entre rostos desconhecidos, seu familiar sorriso que faz meu coração acelerar, me transmite segurança.

— Sejam muito bem-vindos ao meu lar! — Sorrio abertamente para todos.

— Finalmente estamos conhecendo a famosa Eva — o pai é o primeiro a me cumprimentar com um abraço apertado e aconchegante, retribuo o abraço e começo sentir toda a tensão se dissipar.

— Eu também estava ansiosa para conhecê-los — digo sorrindo.

— Só você? — Ele sorri — tem dois dias que a Silvia não dorme direito somente falando de você, atrasamos porque ela estava indecisa sobre qual roupa usar, como se uma roupa fosse torná-la ainda mais bonita — ele olha com admiração para a esposa.

O casal de sorriso fácil me olhava com carinho, não pude deixar de observar que eles estavam de mãos dadas, o que demonstra o que o Ricardo disse sobre eles exalarem amor. Paulo é alto e usa óculos de grau, assim como o filho. Ricardo é uma extensão do pai e envelheceria muito bem, pois a genética dos dois é perfeita. Silvia, minha sogra, é uma mulher de estrutura mediana, dona de cabelos castanho escuro e curtos, usava um elegante vestido vermelho e exibia um sorriso genuíno nos lábios quando se volta para mim.

— Então, já posso confessar que também estava insegura quanto a roupa? — olho para a mulher — A senhora está lindíssima!

— Sem “senhora”, por favor — ela sorri — você é ainda mais linda do que o meu filho falou.

— E olhe que ele repetiu isso umas vinte vezes somente no dia de hoje... — O pai completa a informação.

— Seu filho é um tanto quanto exagerado. — Sorrio envergonhada — Vamos entrar, espero que apreciem a comida.

Dou passagem e eles entraram, um a um, não sem antes me abraçar afetuosamente e revelar o quanto estavam felizes de me conhecer, eu esperava decorar o nome de todos ao fim da noite.

— Quer dizer que você estava ansiosa sobre a comida, Eva? Soube que você é a melhor *Chef* de São Paulo — quem fala é Simone, a irmã de Ricardo, ela veio com o marido e a filha de quatro anos.

— Já vi que o Ricardo depositou uma expectativa alta em relação a mim — Sorrio e ele me abraçou.

— Ela não é ainda mais linda que as fotos? — ele diz ao meu lado.

— Sim! — A mãe e a irmã concordam, sorrindo.

— Eu vou ficar da cor do meu vestido se continuar a me elogiar assim...

— Mas já? — Arqueia a sobrancelha — eu ainda nem comecei a falar o

quanto suas mãos produzem verdadeiras obras-primas e que quando você sorri o mundo ao redor paralisa somente para admirar o som da sua risada.

— Bobo — sorrio e ele deposita um selinho nos meus lábios — a senhora criou um filho muito galanteador.

— É genética do pai, aquele ali — aponta para o marido que já está sentado com os outros convidados — é uma fábrica ambulante de galanteios. Trate de ir se acostumando que é um mal dos Rodrigues — ela sorri.

— A gente já pode devorar essa mesa? — alguém, que ainda não lembro nome, grita.

— O que estão esperando? — incentivo.

— Acho melhor irmos comer, nunca esperamos dar meia-noite, eles sempre devoram tudo antes — minha sogra dá de ombros, como se pedisse desculpas.

— Esse sim é um mal dos Rodrigues — Ricardo sorri enquanto me acompanha para perto dos outros.

Treze pessoas e um bebê, contando comigo, ocupavam a sala do meu apartamento, e, por incrível que pareça, todos parecem confortáveis nos *puffs* que espalhei pelo lugar. As crianças brincam no tapete. E essa era apenas uma pequena parte da família, eles eram numerosos. Estavam aqui os irmãos dele, o mais velho com a namorada e filho de colo dela, a mais nova, casada. A sobrinha e o cunhado, os pais, dois dos sete irmãos do meu sogro com a esposa e um neto, e uma das três irmãs da minha sogra, que trouxe também a filha, Dafne.

O jantar supera as minhas expectativas, eles são engraçados e falantes, de modo que em nenhum momento me sinto deslocada. O carinho com que me trataram e a naturalidade com a qual a conversa flui, faz parecer que sou membro antigo daquela família.

Três garrafas de vinho depois, quase duas da manhã, eles começam a se organizar para ir embora, os homens vão para a cozinha lavar toda a louça enquanto nós, mulheres, tomamos café na sala.

— Eu quero a receita dessa farofa, Eva. Quero preparar no jantar. — A mãe de Dafne, tia Edite elogia.

— Manda no grupo da família, eu também quero! — Minha sogra pede.

— Claro! Mas, já adianto que ela é bem prática.

— Eu ainda não sei como o Ricardo não te alertou sobre o grupo da família, são mais de cinquenta pessoas desejando bom dia com *gifs* animados. Você pode sair quantas vezes forem possíveis, mas eles sempre te adicionarão novamente — Dafne lamenta.

— Somos família e família não se separa — a mãe da garota explica.

— Dessa forma, a Eva vai achar que somos as tias dos grupos — Silvia

sorri.

— E não são? — Dafne dá de ombros — se você quiser temos um grupo dos jovens da família e ele é bem mais divertido — pisca para mim.

— Obrigada — sorrio — Mas tenho certeza que meu grupo agora é daquelas que compartilham receitas e dicas de casa.

— Nós é que temos que aprender com você. Depois desse tanto de comida gostosa, o próximo natal terá que contar com a sua presença ou correrei o risco de todos falarem mal da minha comida — Minha sogra sorri.

— Mamãe, seu tempero é divino, mas o da Eva é de outro mundo — Simone elogia e eu sorrio.

— E a torta gelada? Eu poderia comer todos os dias e nunca enjoaria.

— O que você acha de abrir uma filial da *Paraíso* em Brasília? — sugere Simone.

— Seríamos clientes fiéis — Silvia concorda.

As mulheres falavam rápido e ao mesmo tempo e eu tentava acompanhá-las, por isso sorria na maior parte do tempo, a criança que foi depositada no meu colo após o jantar dormia serenamente e não me movia com medo de acordá-lo.

— Vamos conferir se eles estão fazendo tudo correto. E guardar a comida na geladeira, onde encontramos potes para armazenar, querida?

— Estava pensando, será que não poderíamos almoçar o que sobrou amanhã? O que acham? — Sugiro.

— Ela realmente amou vocês — Dafne sorri — eu tinha certeza que depois que ela olhasse para o teto com manchas de refrigerante e comida ela fosse nos jogar andar abaixo.

— Eu sempre quis ter uma família grande e me senti parte da família de vocês — confesso.

— Para ser mais família que isso só precisa casar e ter filhos, jeito com criança você já tem! — Silvia insinua e olho para o Mateus que dorme no meu colo, ele é tão gorduchinho e dorme feito um anjinho. — Seria legal, num futuro próximo, aumentar a minha família.

— Mãe — a voz do Ricardo a repreende, sorrindo. Eu nem havia notado que ele estava ali — a senhora me prometeu que não haveria pressão.

— Mas você não disse o quanto ela era adorável. Ela é a minha definição de nora perfeita e eu não aceito menos que dois netos correndo pela casa.

— Mãe! — Ele a repreende novamente.

— Sinto muito, mas é a verdade — minha sogra dá de ombros, sorrindo.

— Eu posso comer mais um pedaço de torta, tia Eva? — a filhinha da Simone pergunta, me livrando da situação constrangedora.

— Até dois! — Sorrio e ela puxou a mãe pela saia para que a servisse.

As mulheres se afastaram para apressar os homens que ainda estavam com a louça e Ricardo se senta ao meu lado.

— Não, não vem me dizer que eu levo jeito com criança — sussurro quando seu olhar se prolonga na criança aninhada ao meu corpo.

— Você lê pensamentos? — Ele sorri — Obrigada por recebe-los tão bem, estão todos apaixonados por você.

— Que bom, porque eu também — digo aliviada — sua mãe é um amor de pessoa e o seu pai, então? Ri tanto das histórias dele que as minhas bochechas ainda doem.

— Ele disse há pouco na cozinha que você é a nora perfeita, pois ri de todas as piadas dele, deixa só quando eu revelar o que você acabou de dizer que ele tentará convencer a minha mãe a morar em São Paulo, apenas para encontrar com você frequentemente.

— Seria uma boa! — Falo animada — Eu apoio se todos eles se mudarem para cá. Podemos alugar andares só para a família morar perto, já posso imaginar a Dafne correndo para cá para fugir dos encontros familiares...

— Depois você não quer que a minha mãe te peça netos. Você é uma mulher apaixonante e estou louco para desembulhar o meu presente de Natal.

— Quem disse que eu comprei presente? — Disfarço.

— Como não? Assim que você abriu a porta desejei desembulhar esse vestido e apreciar o meu presente — sussurra em meu ouvido — você é a própria mamãe Noel e eu fui um bom menino — Ri alto.

— Então trate de dispensar todos o mais rápido possível que estou ansiosa para descobrir o meu presente...

— Pessoal — ele grita — o porteiro acaba de informar que os carros solicitados chegaram.

A movimentação se intensifica e, em pouco segundos, eles estão se despedindo com promessas de voltarem amanhã para almoçar as sobras e antes mesmo de entrarem nos carros sou adicionada no grupo da família.

Quando estamos subindo as poucas escadas, de volta para o apartamento, meu sorriso é maior do que qualquer outro que eu já tenha dado na vida.

— Gostou, amor? — ele pergunta me abraçando pela cintura.

— Esse é o melhor natal da minha vida — sorrio — só faltou a Lorena para completar a festa, mas estou tão feliz, tão feliz em ser acolhida por eles.

— Não tinha como ser diferente, você é incrível — ele elogia, quando entramos no apartamento.

— Dizem que Deus escreve certo por linhas tortas, não havia linha mais torta do que a da minha vida — sorrio e ele me acompanha — mas Ele escreveu com perfeição o homem que amo.

— Eu não tenho dúvidas de que você foi feita para mim, eu te amo, Eva.
— Pode desembulhar seu presente — sussurro contra a boca dele.
— Isso sim é um feliz natal — ele faz graça quando leva as mãos para a barra do meu vestido.

Ele me carrega nos braços, como um precioso presente e me deposita na cama. Nós nos amamos, primeiro com paixão, depois lentamente e com carinho. Porque amor não precisa ser sempre uma tempestade e eu descobria isso a cada dia.

FIM



Epílogo

DOIS ANOS DEPOIS

Não sei se é o fuso horário ou a excitação em estar ao seu lado sem a pressão do relógio ou trabalho para nos manter separados, fato é que não consigo pregar os olhos depois que retornamos da boate da Lorena. Sim, a minha cunhada além de DJ é a mais nova sócia de uma casa noturna em New York. Nosso primeiro compromisso oficial, nas terras do tio Sã, foi conhecer a boate e, principalmente, surpreender a Lorena com a nossa presença.

Depois de muita conversa e concessões, finalmente conseguimos alinhar as nossas agendas para partimos em nossa primeira viagem juntos. A *Paraíso dos doces* é sucesso absoluto, o seu trabalho ganhou proporções astronômicas o que somente é reflexo da paixão que Eva dedica a cozinha. Hoje a *Paraíso* não é apenas uma loja, é a marca da Eva, tanto é que se tornou uma franquía e atualmente conta com lojas espalhadas pelo país. Eva Prado não é somente a *chef* conhecida pelas mãos de fada, é uma empresária bem-sucedida. A minha admiração e o meu amor por ela crescem cada dia mais, se é que isso é possível.

Eu amo todas as suas facetas. Amo a mulher viciada em café que me fez virar cliente assíduo de cafeterias, nada de flores ou chocolates, café é o melhor presente para ela. Quando eu surgia na sua frente com o copo de café seus olhos brilhavam como se eu tivesse em mãos um anel de diamantes. Amo ainda o seu lado cozinheira quando ela testa receitas durante a madrugada e me faz de cobaia. Amo o som da sua risada a cada vez que eu digo alguma bobagem, o sorriso largo que estampava o seu rosto faz os meus olhos brilharem de felicidade. E eu sempre tenho uma piada pronta para vê-la sorrir, a minha meta de vida é fazê-la feliz e eu espero estar no caminho certo.

Observo ela dormir ao meu lado, Eva exibe um sorriso, na verdade os cantos da sua boca estão apenas levemente elevados, mas eu interpreto isso como sorriso de felicidade. Ela está eufórica por reencontrar a prima e repete quanto ela estava feliz inúmeras vezes. Eu não canso de admirá-la, já havia contemplado tanto aquele rosto que eu sou capaz de dizer a quantidade de sardas exatas que ela possui na pele alva ou ainda, descrever o tom exato dos seus fios vermelhos, que parecem labaredas quando eles se espalham pelo travesseiro. Chamas que aquecem o meu coração e irradiam todo o ambiente ao seu redor.

— Bom dia — ela resmunga e se aninhou ao meu peito.

— Bom dia... — respondo acariciando o seu cabelo — dormiu bem?

— Como uma pedra — ela sorri — Qual o nosso programa hoje, senhor planejamento?

Eu havia ficado responsável em organizar a nossa viagem, desde as passagens até os roteiros turísticos, desde que incluísse a Lorena no trajeto, estava livre para fazer a escolha que eu bem entendesse.

— Um bar de stripper — digo naturalmente e sinto a sua respiração se

alterar — na verdade é um bar comum, com o atrativo de mulheres dançando sensualmente enquanto tomamos alguns drinks — explico, mas antes que eu conclua ela já está sentada de braços cruzados, me fitando com raiva.

— Espero que nesse bar também tenham homens dançando sensualmente — rebate.

— Não tem, a menos que você queira uma apresentação minha nesse bar. Há a possibilidade de eu me juntar as mulheres sensuais pagando trinta dólares — dou de ombros.

— Você não está falando sério, está?

— Está com ciúmes? — Sorrio.

— Claro que não, só acho sem cabimento gastarmos dinheiro com uma mulher dançando sensualmente quando eu posso fazer isso de graça.

— É uma contraproposta? — arqueio a sobrancelha — eu realmente estou interessado nas loiras siliconadas sensuais, mas posso mudar de ideia e me contentar com você. Vamos, Eva me seduza — ajeito os travesseiros embaixo do meu pescoço.

— Idiota — ela bate de leve contra o meu braço.

— Me agredindo assim você não fará eu mudar de ideia. Muito pelo contrário, tenho certeza que as loiras me tratarão com mais carinho — perturbo.

— Hahaha — emiti um falso sorriso — o senhor anda muito engraçadinho, Paulo Ricardo.

— Estou tentando ser um namorado mente aberta e apimentar a nossa relação.

— Apimentar a nossa relação? — Ergue a sobrancelha — se quer mesmo apimentar nossa relação, compre um chicote e terei enorme satisfação de bater em seu corpo cada vez que bancar o engraçadinho.

Gargalho alto e puxo seu corpo, para que caia sobre o meu.

— Amo quando você banca a namorada ciumenta.

— Eu não sou ciumenta — resmungo sorrindo.

— *Anhan* — sorrio — Vamos acrescentar o chicote nas nossas compras. Adorarei sentir todo o ardor provocado pela mulher de cabelos de fogo.

— Algemas e correntes também, quero manter você aprisionado na minha cama todos os dias enquanto eu saio para trabalhar. Seria o máximo, assim eu terei você sempre ao meu dispor.

— Você não precisa de nenhum desses artifícios, *baby*.

Baby é a nossa piada interna. Certa vez, enquanto assistíamos um filme pornô, não conseguimos nos excitar com o que passava na tela porque caíamos na gargalhada com os sons e gemidos. Eva teve crises incontrolláveis de risos quando a atriz bradava a plenos pulmões “Fuck, baby!”. A moça vestida de

estudante repetia “baby” a cada cinco gemidos. Depois desse dia, passamos a nos tratar pelo apelido.

— Não custa nada se precaver, *baby*. Já sei, quando tivermos a nossa casa podemos acrescentar um sótão com poucos metros quadrados, um local com espaço suficiente apenas para uma cama de solteiro. Lembre-se de pôr isso no projeto, arquiteto! — Ordena — é aí que manterei você longe dos olhos das loiras siliconadas e de qualquer espécie feminina.

— Sótão ou porão? Devo colocar abaixo do quarto das crianças? — Entro na sua brincadeira.

— Crianças, no plural? Não tínhamos conversado que seria apenas uma miniatura sua de óculos de grau e sorriso fácil? Um mini-Ricardo já me tornaria completa — ela me olha de um jeito doce e é sacanagem quando ela faz isso.

Eva sabe exatamente o que fazer para me convencer a mudar de ideia, basta me olhar como se eu fosse a coisa mais importante do seu mundo e sorrir. Sempre funciona.

— Dois é um número bom para o começarmos a conversar — respondo — já posso ver nossos pequenos ruivinhos correndo pela casa e abraçando você quando chegar do trabalho, cansada.

— Sou capaz de aceitar parir um time de futebol se você continuar sorrindo dessa forma.

— De que forma? — Sorrio de lado.

— Dessa maldita forma que faz meu coração bater freneticamente... — meus lábios tocam o seu ombro, depositando beijos molhados — Ricardo!

Ela geme o meu nome quando contorno o seu mamilo sob a camisola de seda preta, meus lábios se fecham sobre ele, mordendo de leve. Dedico a mesma atenção ao seio vizinho e ela arqueia o corpo. Continuo provocando-a, trilhando um caminho de beijos até o meio das suas pernas. Meu nariz desliza entre as suas coxas, inspirando o seu cheiro, enquanto as minhas mãos mantêm as suas pernas afastadas para a minha adoração.

O seu sabor tão conhecido meu, continua sendo o meu favorito. Por isso, deposito beijos molhados em sua boceta, provocando-a lentamente. Ela ergue o corpo indicando que deseja mais. Seu pedido mudo é uma ordem, e passo a beijá-la com mais veemência, do jeito que sei que fará ela gritar alto. Intensifico as lambidas longas e o ritmo, acariciando seu clitóris enquanto a minha língua, arrancando gemidos cada vez mais altos.

Eu pretendia amá-la lentamente até que nossos corpos fossem um só, mas é impossível manter a calma quando a vejo tão entregue. Todo o meu corpo anseia pelo dela que está pronto para me receber

— Eu quero gozar com você dentro de mim — ela pede

Ergo o rosto e ela exhibe um sorrisinho que faz o meu peito pulsar descontroladamente. Meu olhar vaga por seu corpo, até chegar às faces rosadas. Os cabelos estão bagunçados, mas é o seu olhar altivo que me faz pirar. Ela tem a personalidade de uma guerreira, nada de princesas ou rainhas, Eva nasceu para trilhar o seu próprio destino. Eu poderia passar a eternidade admirando-a e, no que dependesse de mim, é o que farei.

Estar dentro dela é sempre sensacional. Juntos descobrimos inúmeras maneiras de nos conectar e o sexo é apenas uma delas, uma parte importante, é bem verdade. À medida que nos movemos, mantemos os olhos atentos um a outro, por isso, vejo a emoção surgir. A cada estocada, os sentimentos crescem em meu peito. Não buscávamos apenas prazer, é algo maior. É o amor traduzido em gestos físicos que traz lágrimas aos meus olhos. Tudo que eu sinto e sou, naquele momento é ela. Com toda a sua força e esplendor, Eva domina os meus sentidos. E quando ela grita, cravando as unhas nos meus ombros, eu sigo em sua explosão e me derramo por completo dentro dela.

Quando nossos corpos se abraçam sinto nossos corações batendo no mesmo ritmo intenso. Ofegante, rolo para o lado trazendo-a comigo. Acaricio as suas costas nuas enquanto controlo a respiração. Ela estica o pescoço e beija o meu peito, bem no ponto onde fica o coração.

— Seu coração é o bem mais precioso — ela me fita com os olhos marejados — fico feliz em ser a dona dele.

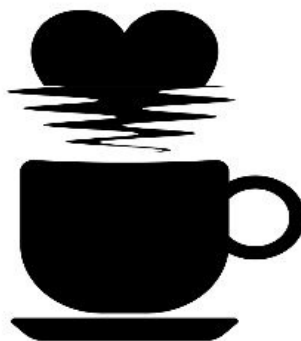
— Eu quem fico feliz em ser seu — ela volta a se aninhar em meu peito — eu não poderia ter encontrado uma melhor locatária.

— E sobre os filhos... A gente pode tentar um casal — ela sorri — podemos começar a praticar bastante — sua mão busca o meu pau.

— Dizem que a prática leva a perfeição — respondo quando já sinto ele dar sinais de vida.

— Então não vamos perder tempo — ela diz, escorregando para ajudar a minha ereção a surgir... Com a boca — queremos filhos perfeitos — ela diz antes de me engolir.

— Nada menos que isso — sorrio e fecho os olhos, começando a me perder em sensações.



— Cunhadinho, eu te amo. Mas eu terei que roubar a Eva para mim, *sorry* mas ela não volta para o Brasil — Lorena diz, abraçando a prima. Hoje é o nosso último dia em New York e as duas estavam emotivas.

— Eu também te amo cunhada, mas lamento, ela vai comigo.

— Por favor — implora sorrindo — eu te dou o vídeo game mais moderno do mercado.

— Hum... — Finjo ponderar — tentador, mas não.

— Eva — volta-se para a prima — eu posso pagar seu curso de confeitaria com a estrela dos bolos de Hollywood, que tal?

— Lembre-se que sou eu quem faço massagens nas suas pernas e compro seu café.

— E eu sou a sua prima e sei todos os seus podres!

— Querem parar os dois — Eva sorri — eu queria ser duas para ficar perto dos amores da minha vida. Eu sinto tanto a sua falta, Lore.

— Eu também, principalmente da sua organização e comida. Tipo, um dia desses eu esqueci de pagar a água e adivinha? Tive que tomar banho no meu vizinho de andar.

— Que surpreendente — Eva ironiza, sorrindo.

— Pelo menos o vizinho é gato e eu tenho a desculpa perfeita para bater na sua porta.

Desligo-me por um segundo da conversa entre as duas e me perco no meu conflito interno. Hoje pela manhã Lorena nos levou até o centro comercial e enquanto elas entravam e saíam das lojas carregando inúmeras sacolas, eu me dediquei a minha lista pessoal, que inclui presentes para a afilhada e sobrinhos, cremes para minha mãe, um canivete importado para o meu pai e produtos eletrônicos para mim. Estava a caminho de encontrá-las para almoçarmos quando me deparei com uma loja da Tiffany, famosa pelas alianças. A vitrine é

um atrativo a parte e me fez perceber que já havia passado da hora. Há muito tempo eu queria ter feito o pedido e essa loja me atraiu ao ponto de entrar e adquirir o anel de noivado. Eu iria trabalhar feito um condenado para pagar as inúmeras parcelas, mas desde que ela diga sim, valerá a pena. A minha dúvida era entre fazer o pedido agora por causa da Lorena ou esperar chegar ao Brasil e fazer algo mais simbólico e preparado, como enfiar o anel em um cupcake, por exemplo.

— Você nem mexeu na comida, amor. Está tudo bem? — Eva pergunta, preocupada.

— Claro — sorrio.

— Ele já está sentindo a minha falta, né cunhadinho? — Lorena pisca sorrindo.

Bebi um grande gole de água e respiro fundo antes de falar, não haveria momento melhor.

— Estaremos de volta no Brasil em algumas horas e eu não posso embarcar com essa coisa martelando na minha cabeça — as duas me olham sem compreender o rumo da conversa — o meu amor pela Eva é algo que transcende as palavras, nada do que eu diga agora será o suficiente para transmitir todo o sentimento. Sou um homem à moda antiga, daqueles que mandam flores e compram anéis de noivado — Coço a cabeça sorrindo, antes de pegar a caixinha.

— Aí meu Deus! É uma caixa da Tiffany! — Lorena diz animada.

— Vo... Vo... Você — Eva gagueja.

— Lorena, você é a família da Eva e eu queria que você estivesse ao seu lado nesse momento — os olhos da minha cunhada estão repletos de emoção — Eva Prado, você aceita ser a minha companheira, a futura mãe dos meus filhos e a minha eterna namorada?

— Você tem alguma dúvida? — ela sorri — Siiiiim! — responde eufórica e eu deslizo o solitário de diamantes pelo seu dedo.

Eva se inclina sobre a mesa e me beija apaixonadamente.

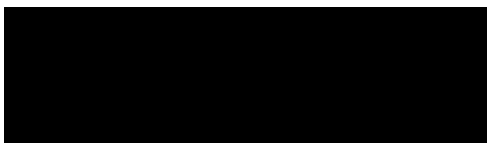
— Finalmente! — Lorena bate palmas. — Vocês já podiam casar em Las Vegas!

— Ah, não. Vou casar no Brasil com a família maravilhosa do meu noivo e você entrará comigo — ela avisa.

— Não sei o que dizer — a prima responde.

— Registre, amor, esse é um raro momento em que a Lorena fica calada — todos nós gargalhamos e pedimos um champanhe para comemorar.

Ali, brindando a vida e ao nosso noivado, me sinto o homem mais feliz do universo.

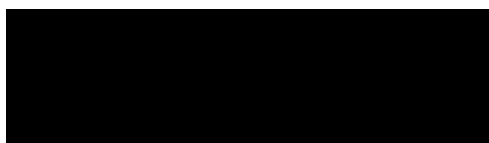


“Amor não é uma vez, são várias vezes, até encontrar a pessoa predileta. A pessoa necessária. A pessoa fundamental. A pessoa que supera a idealização, que lhe devolve a vontade de atravessar as suas idades e tempo” quando li as palavras de Fabricio Carpinejar, escritor brasileiro, eu concordei plenamente. Tanto que as incluí nos meus votos de casamento. Casei com Ricardo em um dia ensolarado e lindo, na Catedral Metropolitana de Nossa Senhora Aparecida, mais conhecida como Catedral de Brasília. Lembro como se fosse hoje, foi tudo maravilhoso. De lá para cá, já se passaram cinco anos, o tempo realmente voa.

Somos felizes morando em São Paulo, ele com sua empresa de arquitetura e eu, com minha rede de lojas. Vivemos felizes, dosando paixão, amor e companheirismo. Temos um filho de três anos, Rafael, que puxou cor dos meus cabelos e o sorriso do pai e estou grávida de uma menina, mas ainda não escolhemos o nome. Agradeço muito a Lorena por ter me “obrigado” a ir até o dr. Yuri naquela época, me ajudou a ser a mulher bem resolvida que sou hoje. Procuro pôr em prática tudo que aprendi anos atrás, vivendo um dia de cada vez e me deixando surpreender pela vida. Tem dado certo, lido bem com as pressões do trabalho, da maternidade e o sentimento de culpa que, às vezes, aparece quando vejo a Natalie nas raras festas de família em que ela comparece.

Enquanto preparo um bolo, olho pela parede de vidro da cozinha os dois homens da minha vida correndo no quintal da nossa casa. A balança da minha vida é equilibrada.

Eu sou uma mulher feliz e realizada e se você me perguntar se valeu a pena, eu vou te responder que sim.



Eu me apaixonei aos dezesseis anos. Acho que quase todas as mulheres

tiveram um amor nessa idade, mas nem todas engravidam com menos de um ano de namoro e pouco mais de três meses depois de perderem a virgindade. O fogo que me consumia era insano naquela época, eu não podia ver o meu namorado que queria experimentar uma coisa nova.

Ele era o garoto mais bonito do terceiro ano. Os olhos dele eram tão claros que certa vez, à noite, depois de deixa-lo entrar pela janela, eu pedi que ele abrisse os olhos no escuro, pois tinha certeza que eles se acenderiam e iluminariam tudo ao nosso redor. Claro que isso não aconteceu, mas nós rimos bastante daquela teoria.

Minha gravidez pegou todo mundo de surpresa. Você consegue imaginar o que é acordar e descobrir que toda a sua vida não será mais igual? Em nove meses tudo mudaria... Era assustador. O Maurício não fugiu da sua responsabilidade e quando os meus pais indicaram o casamento como remédio para o nosso problema, nós aceitamos. Nossa Maria Júlia já nasceu em um lar regido pelo sacramento religioso.

Não é fácil viver a dois, ainda mais quando o casamento acontece quando somos adolescentes. Eu e o Maurício passamos por muita coisa juntos, crescemos enquanto pessoas e aprendemos bastante durante todos esses anos.

Eu abri mão de tantos sonhos por minha família... Demorei mais que as minhas amigas para terminar o ensino médio, não curti shows das minhas bandas favoritas, tampouco baladas. Ao invés disso, troquei fraldas, fui a parquinhos e passei noites acordada.

Mas no fim das contas, valeu a pena. Minha princesa, Maria Julia, é uma das pessoas mais importantes da minha vida. É realmente um pedaço do meu coração fora do meu corpo.

Nosso segundo filho, Gael, veio mais por minha causa do que do meu esposo. Eu queria ser mãe novamente e já estava com mais de trinta anos de idade, sempre achei que as coisas fossem ser mais fáceis com um segundo filho, já que eu não seria mais uma adolescente e tinha toda a experiência adquirida com a Jú. Mas o Maurício não concordava tanto com essa teoria, é bem verdade. Ele amava a nossa filha e por ele, ela seria filha única, mas um dia sem tomar anticoncepcional e *tcharan*, nossa segunda benção estava concebida. Foi a decisão mais acertada da minha vida, meu marido se apaixonou pelo nosso filho desde a ultrassonografia.

Manter a chama da paixão acesa é tão difícil quando vocês leem por aí. Teve dias em que desejei dormir sozinha, apagar por horas ou dias e acordar renovada, e foram nesses dias em que praticamente fui passiva, deixando todo o “serviço” por conta dele enquanto eu apenas o abraçava e sentia as sensações. Em outros dias era ele quem estava exausto do estresse na construtora e nem o

meu melhor toque conseguia fazer com que ele reagisse. E claro, houve dias em que incendiávamos os lençóis da nossa cama. Por isso, eu não sei responder em que momento ele arrumou uma amante.

Eu fui dele desde o primeiro momento, nunca houve outro homem em minha vida. Eu não dividi com o Maurício apenas o meu corpo, compartilhei os meus sonhos, meus desejos inconfessáveis. Eu estive ao seu lado quando ele não passava de um estudante de engenharia e estagiava na empresa dos meus pais. Nessa época, ele não tinha dinheiro suficiente para me levar a um bom restaurante, mas ainda assim me fazia a mulher mais feliz do mundo quando me levava para comer churros na barraquinha da praça. Éramos felizes por que tínhamos um a outro, foi sempre assim e eu boba acreditei que seria para todo sempre.

“Ah, mas você facilitou deixando que ele andasse sem aliança, Natalie”, ouvirei isso de muitas pessoas, assim como passei alguns anos do nosso casamento tendo que responder à questão: por que em todos esses anos vocês nunca usaram aliança? Eu sempre usei duas respostas para isso. A racional e a biológica. Maurício possui um tipo de alergia rara, comprovada por dermatologista, dermatite de contato (ou eczema de contato) é uma reação inflamatória na pele decorrente da exposição a um agente capaz de causar irritação ou alergia. Nós até insistimos no uso inicialmente, tentamos da mais barata a mais cara aliança, mas todas elas provocavam o mesmo efeito nele. A reação alérgica que ia de vermelhidão, coceira e descamação a erupções cutâneas. Esse tipo de alergia não tem cura. Era doloroso além de esteticamente feio, por isso em consenso abrimos mãos do uso. A resposta emocional, vem dos pais do Maurício, eles nunca haviam formalizado a união perante Deus ou aos homens e eram felizes. A primeira coisa que percebi quando os conheci foi a ausência da aliança, muito tempo depois questioneei a ausência do anel de compromisso. A sua mãe olhou para mim e sorriu e me disse que elo de duas pessoas não é feita por um aro que usamos no dedo, pois o elo mais importante é o próprio coração. Se o seu coração é residência de alguém e esse alguém habita o seu coração não há símbolo mais representativo. As palavras da minha sogra ainda fazem sentido para mim, não acho que a ausência da aliança possa ter contribuído para sua traição.

Às vezes me pergunto como não notei sua mudança desde que se iniciou a construção de um novo prédio nosso, dessa vez em São Paulo. Talvez entre voltar a estudar, me preocupar com a Jú e com o Gael e cuidar de mim mesma eu deva ter deixado nossa relação de lado e acabei não percebendo os indícios. Ele passou a ligar menos para casa enquanto estava fora e quando estava em Brasília ficava mais na empresa e com o nosso filho do que comigo... Fora isso não tinha

mais o que me chamasse atenção. Maurício nunca gostou de redes sociais, sempre foi mais reservado, desde a nossa adolescência. Não ostentava marca de batom ou coisas do tipo e nunca me maltratou. Mantive-me tão acostumada com nossas relações sexuais moderadas que não senti a diminuição de vezes.

Não dá para descrever o quanto eu fiquei chocada quando ele me pediu um tempo. Tínhamos acabado de chegar da festa da nossa filha. Não notei nada diferente naquela noite, ele sorriu e conversou com todos animadamente, foi carinhoso comigo e com as crianças. Eu não conseguia entender o motivo. Até receber a maldita mensagem... Eu achava que tinha perdido o meu chão quando ele pediu um tempo, mas estava demasiadamente enganada. Na ocasião, fiquei tão transtornada que não suportei ficar para ver ele sair de casa. Eu não podia ficar ali e quando abri a porta para sair, meu filho se agarrou em minhas pernas. Peguei meu filho e entrei no carro, alguns empregados tentaram me conter dizendo que eu não estava em condições de dirigir, mas os ignorei, pisando firme no acelerador. As lágrimas nublavam o meu campo de visão. O meu filho chorava alto. E o meu marido ficava para trás. Quando eu bati o carro, senti a minha vida em câmara lenta.

Aquele maldito dia parecia infinito. Graças a Deus meu filho não se machucou de maneira grave, todo o sangue na cabeça era do corte no supercílio, depois de algumas horas eu precisei voltar para casa e para minha felicidade ele estava ao meu lado. Mas era cedo demais para comemorar.

Abri o Facebook para me distrair e evitar retomar a conversa, me atendo as muitas notificações da rede. Lembro como se fosse hoje, a cozinheira de que simpatizei havia mandado algumas mensagens. Quando cliquei no meu *inbox*, senti o peso do mundo cair sobre as minhas costas. Eu vi a minha vida desmoronar sem que eu pudesse fazer nada.

As fotos do meu marido na cama com outra mulher me causaram surpresa, horror e desespero. Passei alguns segundos olhando para a cena, antes de descobrir que havia um vídeo. Chame-me de masoquista, mas cliquei para reproduzir e enquanto os segundos passavam, eu me sentia expectadora de um vídeo pornô caseiro. Ela estava louca de prazer, ele sentia algo mais do que isso, e eu era a corna otária da situação. Até hoje não sei se o que mais me afetou foi ver o homem que eu amava sendo desmascarado ou saber que, em algum lugar, outra mulher estava se divertindo com tudo aquilo.

Ao contrário do que muitas mulheres que eu conhecia, eu não pretendia odiar a mulher que estava fodendo com o cara casado, era ele quem me devia explicações... Mas ali o contexto era outro, a filha da puta teve a audácia de me enviar as provas do caso que tinha com ele. Eu senti vontade de matá-la, da maneira mais cruel que existisse e quis mata-lo também. Na verdade, cheguei a

cogitar essa hipótese. Seria fácil fingir que nada aconteceu e cortar a garganta dele enquanto dormia ao meu lado? Claro que isso não passou de um pensamento rápido, porque eu não suportaria nem um segundo a mais sem gritar na cara dele que eu sabia de tudo.

Saio correndo do quarto do Gael com o celular nas mãos e o encontro no escritório. Ele está sentado na cadeira escura, olhando para o celular na mesa, ao lado do aparelho está uma garrafa de Whisky e um copo com metade do líquido. Assim que passo pela porta aberta, arremesso o celular contra ele, que consegue desviar e deixa o meu aparelho bater forte contra a parede.

— Como você teve coragem? — ele me olha com surpresa.

— Natalie, eu sinto muito... — Maurício levanta e dá alguns passos hesitantes em minha direção.

— Pelo menos não vai fingir que não sabe sobre o que estou falando — ando depressa até ele. — Há quanto tempo você mente para mim?

— Pouco mais de um ano, mas... — Minha mão estala contra o seu rosto — desculpe.

— Você estava me deixando para ficar com aquela vagabunda? — por mais que eu quisesse me manter forte, as lágrimas caem dos meus olhos.

— Ela não é uma vagabunda.

— Não? Como devo chamar a santa que me manda fotos e vídeos fodendo com você? Madre Tereza?

— Não sei do que você está falando...

— Não sabe mesmo, seu ator de quinta categoria! — grito — Vocês foderam para uma câmera para deixar claro para a idiota aqui o quanto se desejam e agora faz essa cara de sonso? Eu quero matar você! — grito alto, ele se afasta para fechar a porta.

— Não fiz nada disso e, por favor, lembre que temos filhos e que eles estão em casa.

— Por que você não lembrou disso antes de destruir essa família? Eu ia cortar a sua cabeça, você tem noção disso? Tem ideia do monstro que eu me tornaria por sua causa?

— Eu erreí e não tenho como justificar isso, sinto muito.

— Não, você não sente, mas vai. Quero você fora dessa casa agora! — grito e ele assente, andando em direção a porta — não ouse chegar perto dos meus filhos.

Ele se vira como se eu tivesse dado uma chicotada em suas costas.

— Eles não têm nada a ver com isso, Natalie.

— Agradeça a sua putinha por me mandar as provas de que preciso para

acabar com você.

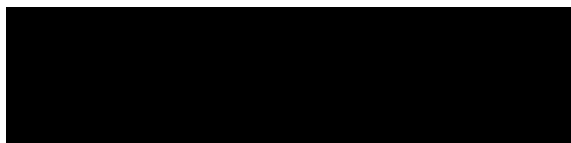
— Não vou ficar sem os meus filhos... — ele repete, abrindo a porta.

— Vai embora agora — grito mais alto, tentando convencer a mim que aquilo era o melhor a ser feito.

Com o tempo oscilei sobre ser a melhor decisão. Ponderei sobre os anos de relação, nossos filhos e tudo que tínhamos construído juntos e pesei, junto com traição, em uma balança. Desejando que ele viesse atrás de mim, se arrastando e pedindo perdão, mas isso sumiu da minha mente quando confrontei a Eva. Apesar de detestá-la por ter jogado a verdade na minha cara daquela maneira, fui até ela para saber como uma mulher poderia ser tão cruel com a outra. Ao saber que ela tinha sido vítima, tentei imaginar que a sua dor tivesse sido semelhante a minha, mas o pior disso tudo foi ter a certeza que ele havia se apaixonado e que não viria se ajoelhar aos meus pés, pois era ela quem ele queria.



Quando um castelo de cartas cai, você precisa reconstruí-lo, por mais que dê vontade de jogar todo o baralho no chão e pisar em cima. Foi o que eu fiz, depois de chorar e respirar fundo, retomei o controle da minha vida. Dei entrada no divórcio e tratei de me inteirar sobre a empresa, eu amava ser mãe e ter uma família para chamar de minha, mas sempre quis ser uma mulher bem-sucedida, que trabalha fora. Eu tive o espelho em casa, a minha mãe conseguiu conciliar a mulher de negócios com a maternidade e eu cresci passando algumas tardes na empresa da família. Esse é o momento ideal para canalizar as minhas energias em um sonho antigo, chegou a hora de assumir a empresa da minha família.



É difícil aceitar, mas toda ação realmente causa uma reação igual ou

contrária. Sou a prova viva disso. Eu errei e pagarei pelo meu erro enquanto a minha vida existir. Não consigo imaginar outra forma de dizer, mas não tenho como me arrepender de tudo que eu fiz, por mais que me acusem de ser o vilão da história.

Não posso me arrepender de ter estado com a Natalie por causa dos meus filhos, sou completamente louco pelos dois e minha vida não teria o menor sentido sem eles. Maria Júlia e Gael são os responsáveis por eu ainda querer viver.

E quanto a Eva... Bem, jamais me arrependerei de ter me envolvido com ela. Eva Prado é e continuará sendo a grande paixão da minha vida, as coisas entre nós, infelizmente, chegaram ao fim e eu precisei deixá-la ir, mas isso não muda os meus sentimentos.

Quando eu a vi pela primeira vez, em um jantar com pessoas envolvidas na realização do novo prédio da Construtora na família, me apaixonei. Foi como se eu tivesse acabado de nascer naquele momento, nada do que aconteceu antes parecia existir. Enquanto todos cumprimentavam-na pelo jantar, eu me perdia tentando adivinhar em quais outros locais ela possuía sardas e se ela era realmente ruiva. Admirei seus olhos e percebi quando ela reparou nos meus, por isso agi rapidamente tentando ser discreto ao escrever o meu número no guardanapo... Mas ela o descartou. Subornei um garçom, minutos depois, para saber mais sobre ela e consegui o número do telefone.

Minha sucessão de erros começou quando eu mandei a primeira mensagem, ali eu já estava envolvido, por mais que eu tentasse me convencer de que poderia parar a hora que bem entendesse. Quando nos encontramos pessoalmente na cafeteria, eu estava ansioso e quando eu me enterrei dentro dela naquela noite, estava completamente fodido.

Eu tentei fugir dos sentimentos, mas eles me perseguiram. Quando voltei para casa e olhei para a minha esposa, me senti o pior homem do mundo... Por sorte – ou falta de saudade, chame como quiser – ela não me procurou para transar mesmo eu estando há quinze dias longe de casa. Concentrei as minhas atenções no meu filho mais novo e no trabalho durante os dias que estive em Brasília. E tentei enumerar as mil razões para não procurar a *Chef* novamente quando voltasse a São Paulo, se fosse apenas uma transa dava para pedir perdão e seguir a vida. Mas a paixão é irracional e assim que desci do avião eu soube que a procuraria.

Seria bem mais fácil se ela me enxotasse por ter sumido por duas semanas, mas ela também já estava apaixonada e aí foi só seguir o roteiro. Nos dias que eu estava em São Paulo eu era o mais realizado dos homens, apaixonado e correspondido, iniciando uma relação maravilhosa... Era o

Maurício que eu queria ser. Quando eu voltava para Brasília me dividia entre ser empresário atarefado, pai amoroso e marido razoável... Eu não conseguia machucar a Natalie. Fui levando a situação enquanto pude, ensaiando maneiras de dizer para a minha esposa que a nossa relação não poderia continuar, para poder finalmente ficar em São Paulo de uma vez, ou trazer Eva para Brasília. Mas a verdade sempre aparece, é o que dizem e foi o que aconteceu.

Eu também sofri. Por vê-la sofrer e me odiar, por não conseguir controlar os problemas que surgiram em minha vida e me impediram de pedir perdão e explicar pessoalmente que eu era um filho da puta, mas que realmente a amava. E, principalmente, sofri por perdê-la.

Eu perdi a Eva três vezes. Nas duas primeiras, o destino me sacaneou, talvez o universo conspirasse contra mim porque eu fui um mentiroso. Na primeira vez o meu filho ficou doente e eu não pude me explicar a tempo. Na segunda, quando eu realmente tentei me separar, a Natalie bateu o carro e eu atrasei para estar no aeroporto, o que resultou na vingança final da Eva que desencadeou uma série de problemas. E por fim, eu a perdi para o Ricardo.

Se fosse para qualquer outra mulher no mundo, eu o acharia o cara ideal, mas não para Eva. O homem da vida dela sou eu, assim como ela é a mulher da minha vida. Quando eu lembro que ele a tem, sinto vontade de soca-lo até não existir mais nenhum resquício daquela cara de pau.

Se ainda houvesse algo que eu pudesse fazer para reconquistá-la, eu faria sem pensar duas vezes. Mas eu não podia mais fazê-la sofrer, as minhas decisões já tinham afeitado a vida da Eva de maneira catastrófica. Era impossível impor o meu amor e a minha presença, ou força-la a ficar comigo, a decisão cabia a Eva e ela o escolheu e não a mim.

Hoje ela está feliz e eu tenho que me contentar de que essa felicidade depende da minha distância, é difícil, mas estou aprendendo. O que me resta é esperar o tempo passar e seguir em frente, tentando reconstruir os outros aspectos da minha vida.

Depois do impacto inicial eu e a Natalie voltamos a conversar como adultos e responsáveis por nossos atos. Ela chegou a acertada conclusão que o Maurício pai era diferente do Maurício marido e a minha relação com meus filhos continua forte, nós só não moramos na mesma casa. Meu divórcio está para sair, moro sozinho em um apartamento em Brasília e estou me ocupando com trabalho.

Não, eu não continuo na construtora, apesar de ter trabalhado toda a minha vida adulta ali e ajudar a expandir os negócios, a empresa pertence à família Torres. Conversei com um amigo da área e estou trabalhando em outra empresa, ganhando muito menos, mas não me orgulho de precisar ouvir piadas

sobre ter dado o golpe na minha ex-esposa.

Enquanto dirijo para casa, depois de mais um dia de trabalho, me perco na canção que vive tocando no meu celular: *Primeiros erros*, da banda Capital Inicial.

*Se um dia eu pudesse ver
Meu passado inteiro
E fizesse parar de chover
Nos primeiros erros
Meu corpo viraria sol
Minha mente viraria ar
Mas só chove, chove
Chove, chove*

Aquele que nunca errou que atire a primeira pedra.

NOTAS DAS AUTORAS

Fim da leitura e nós queremos saber: para quem foi a sua torcida? Tivemos mais #TeamMaurício ou #TeamRicardo? Compartilha com a gente todas as emoções que sentiram lendo. Estamos ansiosas para ler todos os comentários nas redes sociais, bem como sua avaliação aqui na Amazon. Sigam-nos para não perder nenhuma novidade:

Instagram: [@autoraanepimentel](#)

Perfil Facebook: [Ane Pientel](#)

Fanpage: [Autora Ane Pimentel](#)

Wattpad: [@AnePimentel](#)

Grupo no Facebook: Autora Ane Pimentel

AGRADECIMENTOS

Não podemos deixar de agradecer as nossas leitoras do Wattpad que nos bombardearam de mensagens e pedidos de novos capítulos. Vocês foram as responsáveis por darmos início a uma corrida maluca para concluir a história o quanto antes e acalmar os corações ansiosos rsrsrs Nosso agradecimento especial vai para a nossa amiga e escritora favorita: Karen Dorothy. Ela é a responsável por abrilhantar o livro com essa diagramação linda. Te amamos Karen. Por fim, nosso muito obrigada a todos os nossos leitores que nos incentivam diariamente a escrever. Amamos vocês.

Table of Contents

SINOPSE:

Um

Dois

Três

Quatro

Cinco

Seis

Sete

Oito

Nove

Dez

Onze

Doze

Treze

Quatorze

Quinze

Dezesseis

Dezessete

Dezoito

Dezenove

Vinte

Vinte e um

Vinte e dois

Vinte e três

Vinte e quatro

Vinte e cinco

Vinte e seis

Vinte e sete

Vinte e oito

Epílogo

Bônus - Natalie

Bônus - Maurício

NOTAS DAS AUTORAS

AGRADECIMENTOS